

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS

PRISCILLA HARUMI SHIOZAWA

**A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA DO PROFESSOR DE
MÚSICA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE
MÚSICA - LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE GOIÁS (2009-2016)**

Goiânia
2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E
DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo à Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem resarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: Priscilla Harumi Shiozawa

Título do trabalho: A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA DO PROFESSOR DE MÚSICA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (2009-2016)

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Priscilla Harumi Shiozawa

Data: 13 / 05 / 2017

Assinatura do (a) autor (a)²

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

²A assinatura deve ser escaneada.

PRISCILLA HARUMI SHIOZAWA

**A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA DO PROFESSOR DE
MÚSICA: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE
MÚSICA - LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE GOIÁS (2009-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Música *Strictu Sensu* Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás para a obtenção do título de MESTRE EM MÚSICA.

Área de Concentração: Música na Contemporaneidade

Linha de Pesquisa: Música, Educação e Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nilceia Protásio Campos.

Goiânia
2017

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.**

Shiozawa, Priscilla Harumi
A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA DO PROFESSOR DE MÚSICA
[manuscrito] : O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE
MÚSICA- LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
(2009-2016) / Priscilla Harumi Shiozawa. - 2017.
CCXXV, 225 f.

Orientador: Prof. Dr. Nilceia da Silveira Protásio Campos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Escola
de Música e Artes Cênicas (Emac), Programa de Pós-Graduação em
Música, Goiânia, 2017.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui abreviaturas.

1. Estágio Supervisionado. 2. Professor de Música. 3.
Profissional Autônomo. I. Campos, Nilceia da Silveira Protásio, orient.
II. Título.



Programa de Pós-graduação Stricto-Sensu - Mestrado em Música

Ata da banca examinadora referente à defesa de trabalho final da candidata Priscilla Harumi Shiozawa para a obtenção do título de Mestre em Música.

Aos treze dias do mês de abril de dois mil e dezessete, às nove horas na sala de webconferências do CIAR/UFG – Campus II, reuniu-se a banca examinadora da prova em epígrafe, indicada pela Coordenadoria de Pos-Graduação, aprovada pelo Conselho Diretor e designada pela Diretora da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, composta pelos professores doutores Nicéa da Silveira Protásio Campos (orientadora e presidente da mesa), Roberaldo Linhares Rosa (EMAC/UFG) e, via videoconferência, Claudia Ribeiro Bellochio (UFSM) na qualidade de convidada do Programa de Pós-Graduação, para julgar o trabalho final da candidata Priscilla Harumi Shiozawa intitulado "A Construção da Docência do Professor de Música: O Estágio Supervisionado no Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal de Goiás (2009 – 2016)". A Presidente da mesa declara abertos os trabalhos agradecendo a presença de todos. Assim, dá prosseguimento aos trabalhos passando a palavra à candidata para expor o seu trabalho escrito. Depois das arguções e respectivas respostas da candidata, a banca procede ao julgamento final anunciando o seguinte resultado:

Profa. Dra. Nicéa da Silveira Protásio Campos Nicéa Protásio Campos - Presidente
Prof. Dr. Roberaldo Linhares Rosa Roberaldo Linhares Rosa - Membro
Profa. Dra. Claudia Ribeiro Bellochio Claudia Ribeiro Bellochio

Priscilla Harumi Shiozawa faz jus ao título de MESTRE EM MÚSICA, área de concentração Música na Contemporaneidade, a ser concedido após a devida homologação do resultado pela Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação da UFG. Os integrantes da banca examinadora cumprimentam a candidata e nada mais havendo a tratar, a Senhora Presidente declara encerrada a sessão cujos trabalhos são objeto desta ata, a qual depois de lida e aprovada, será assinada pelo Coordenador do Programa de Pós-graduação stricto-sensu - Mestrado em Música – EMAC/UFG e pelos membros da banca examinadora.

Goiânia, 13 de abril de 2017

Nicéa da Silveira Protásio Campos
Profa. Dra. Nicéa da Silveira Protásio Campos

Presidente

Roberaldo Linhares Rosa
Prof. Dr. Roberaldo Linhares Rosa
Membro

Claudia Ribeiro Bellochio
Profa. Dra. Claudia Ribeiro Bellochio
Membro

CHC

Prof. Dr. Carlos Henrique Coutinho Rodrigues Costa
Coordenador de Pós-Graduação Stricto-Sensu - Mestrado em Música - EMAC/UFG

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Lhofei Shiozawa (*in memoriam*) e Margarida Maria Mota Shiozawa,
por serem meus exemplos de vida e dignidade, pelo carinho, apoio e incentivo.

À família que tanto me auxiliou neste estudo e se fizeram presente.
A todos os que amam a música e lutam pela sua existência.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus criador da música, por seu grande amor, sustento diário e pela graça da vida concedida todos os dias.

À prof^a. Dra. Nilcéia Protásio Campos, pelo rico aprendizado e orientações, pela paciência e grandes conselhos ao longo da minha formação musical.

À prof^a. Dra. Ana Guiomar Rêgo Souza, pelas contribuições ao trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação que muito acrescentaram a minha formação docente.

À Escola de Música e Artes Cênicas da UFG, pelos anos de conhecimento outorgado.

Às Professoras Orientadoras de Estágio, pela amizade, exemplo de profissionalismo e por consentirem participar da entrevista enriquecendo esta pesquisa.

Aos estagiários do Curso de Licenciatura que me concederam a oportunidade de entrevistá-los mesmo na rotina de suas atividades.

Aos estagiários do Curso de Licenciatura que disponibilizaram o acesso aos Relatórios Finais da Disciplina de Estágio contendo grandes contribuições para esta pesquisa.

Aos membros da banca de qualificação, professor Dr. Robervaldo Linhares Rosa e professora Dra. Gilka Martins, pelas valiosas observações, correções e sugestões.

Aos membros da banca examinadora representada pelos professores Doutores Robervaldo Linhares Rosa e Cláudia Ribeiro Bellochio por aceitarem o convite, contribuindo para o desenvolvimento desta pesquisa, possibilitando o seu aprimoramento.

À Prof^a. Dra. Maria Helena Jaime Borges por ter me incentivado a ingressar na universidade como professora substituta pela segunda vez, e por ter me convidado ao Estágio Docência que tanto me acrescentou academicamente.

Ao amigo José Antônio Silva pelo apoio e ajuda nos momentos de grandes desafios.

Aos amigos queridos, Maria Helena Garrido Saddi e Luiz Fernandes Dourado, pelo encorajamento para que eu fizesse a prova de seleção do mestrado, pelas palavras gentis de incentivo e orientação para dar início ao projeto e encaminhamento do mesmo.

À professora Ivana Bontempo, por ser um grande exemplo profissional, pela amizade, compreensão e apoio neste período de formação.

À minha família que sempre está presente me incentivando às novas conquistas, pessoas as quais tanto amo.

“Porquanto a sabedoria entrará no teu coração, e o conhecimento será agradável à tua alma”. Pv. 2: 10

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar as contribuições do Estágio Supervisionado na formação do professor de música. Como o componente curricular do estágio leva o discente a vivenciar paradigmas sociais e educacionais da atualidade, vê-se este campo como gerador de conhecimentos para o desenvolvimento humano e conquista da autonomia. A partir desse pressuposto, os questionamentos se dirigem no sentido de refletir sobre as relações entre as experiências proporcionadas pelo estágio e a atuação pedagógica nos diversos campos de atuação. A pesquisa configura-se como um estudo de caso, tomando especificamente o Curso de Música-Licenciatura da Universidade Federal de Goiás, e tem como objetivos: a) Analisar a importância do Estágio Supervisionado para a formação dos professores de Música da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC/UFG); b) Conhecer a estrutura do estágio no referido Curso, buscando compreender as funções desempenhadas pelos Professores Supervisores e Orientadores no processo de formação; c) Analisar o processo de atuação do estagiário, considerando as experiências adquiridas nos diferentes espaços: educação básica/formal, espaço específico de música e espaço alternativo; d) Identificar como as experiências de estágio contribuem para a autonomia do professor de música. Os dados foram coletados considerando o Projeto Pedagógico de Curso e o Regulamento do Estágio da EMAC/UFG, e por meio de entrevistas com professores e acadêmicos. Os resultados indicaram algumas fragilidades no âmbito do estágio supervisionado. Os estagiários reconhecem a importância das experiências que decorrem da prática do estágio, porém ressaltam que é necessário haver objetivos mais claros em relação ao conteúdo abordado para que possa trazer mais significado para o ambiente social onde atuam. Sobre o desenvolvimento da autonomia, tanto estagiários quanto orientadores acreditam que não depende somente de uma das partes envolvidas, mas é resultado do constante diálogo e das trocas de experiências, na busca de um professor de música que tenha conhecimentos musicais e pedagógicos suficientes para atuar em diferentes contextos.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Professor de Música. Profissional autônomo.

ABSTRACT

This present work aims to analyze the contributions of the supervised practice in the formation of music teacher. As the internship curricular component leads the student to experience current social and educational paradigms, this field is regarded as generating knowledge for human development and autonomy achievement. Following this assumption, the questions are directed to reflect about the relationships between the experiences provided by the internship and the pedagogical performance in the various fields of activity. Adopting the case study perspective of analysis, taking specifically the Course of Music-Licenciatura of the Federal University of Goiás, the research has as objectives: a) To analyze the importance of the supervised internship to training Music School and Performing Arts (EMA/UFG); b) To know the Course structure, trying to understand the supervisors roles in the training process; c) To analyze the trainee's performance process, considering the experiences acquired in different spaces: basic education, formal space and alternative space; d) To Identify how the internship experiences contributes to the music teacher's autonomy. The data were collected considering the Pedagogical Project of the Course and the EMAC/UFG Internship Regulations, and through interviews with teachers and academics. The results indicate a possible pedagogical failure that interferes with the classroom experience revealed by the absence of the supervising teacher in the field. The trainees recognize the importance of the experiences that emerge from the practice of the internship, but emphasize that it is necessary to have clearer objectives in relation to the content addressed so that it can bring more meaning to the social environment where they work. On the development of autonomy, both trainees and mentors believe that it does not depend only on one of the involved parties, but on the result of constant dialogue and exchange of experiences in the music teacher's search for musical and pedagogical knowledge to act in Different contexts.

Keywords: Supervised Internship. Music teacher. Self-employed.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEM: Associação Brasileira de Educação Musical

CP: Conselho Pleno

CEP: Comitê de Ética e Pesquisa

CEPEC: Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura

CES: Câmara de Educação Superior

CH: Carga Horária

CNE: Conselho Nacional de Educação

DCN: Diretrizes Curriculares Nacionais

EMAC: Escola de Música e Artes Cênicas

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC: Ministério da Educação

ONGs: Organizações Não Governamentais

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE: Plano Nacional de Educação

PPC: Projeto Pedagógico de Curso

SESu: Secretaria de Educação Superior

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFG: Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	21
1.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS	21
1.2 O ESTÁGIO NO CURSO DE LICENCIATURA DE MÚSICA DA UFG.....	25
1.3 ESTRUTURA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	32
1.4 CAMPOS DE ESTÁGIO	35
1.4.1 <i>Espaços Alternativos</i>	36
1.4.2 <i>Educação Básica/Espaços Formais</i>	38
1.4.3 <i>Espaços Especializados de Ensino Musical.....</i>	41
2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MÚSICA: O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA.....	44
2.1 A AUTONOMIA E A TOMADA DE DECISÃO	45
2.2 A AUTONOMIA NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE	46
3 ANÁLISE DOS DADOS	52
3.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	54
3.1.1 <i>Professores Orientadores</i>	54
3.1.2 <i>Acadêmicos.....</i>	62
3.1.2.1 <i>Disciplinas referentes ao Estágio.....</i>	65
3.1.2.2 <i>Greves no período letivo.....</i>	73
3.1.2.3 <i>Organização Pedagógica</i>	74
3.1.2.4 <i>Supervisão em Campo</i>	80
3.1.2.5 <i>Elaboração dos Relatórios</i>	84
3.1.2.6 <i>O estágio como oportunizador da práxis</i>	88
3.1.2.7 <i>Autonomia profissional</i>	90
3.2 ANÁLISE DOS RELATÓRIOS.....	95
3.2.1 <i>Planejamento</i>	98
3.2.2 <i>Considerações sobre o material inserido nos anexos</i>	101
3.2.3 <i>Sobre as greves: prejuízos e alterações no calendário</i>	107
3.2.5 <i>Autonomia e capacidade de reflexão sobre a prática</i>	121
3.3 O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NAS ATIVIDADES DO ESTÁGIO	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICES	141
Apêndice A_ <i>Roteiro de entrevistas Professor Orientador _ EMAC/UFG.....</i>	141
Apêndice B_ <i>Roteiro de Entrevistas Aluno Estagiário_ EMAC/UFG</i>	142
Apêndice C_ <i>Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIO: A</i>	143
Apêndice D_ <i>Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIO: B.....</i>	147
Apêndice E_ <i>Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIO: C</i>	149
Apêndice F_ <i>Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIO: D.....</i>	155
Apêndice G_ <i>Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIA: E</i>	159
Apêndice H_ <i>Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIA: F</i>	171
Apêndice I_ <i>Transcrição da entrevista Professora Licenciada: G</i>	177

<i>Apêndice J_ Transcrição da entrevista Professor Licenciado: H.....</i>	180
<i>Apêndice L_ Transcrição da entrevista Professora Licenciada: I.....</i>	183
<i>Apêndice M_ Transcrição da entrevista Professora Licenciada: J</i>	187
<i>Apêndice N_ Professora Orientadora DR. X</i>	191
<i>Apêndice O_ Professora Orientadora MS. Y</i>	198
<i>Apêndice P_ Termo de Anuênciâa da Pesquisa_ EMAC/UFG.....</i>	209
<i>Apêndice Q_ Termo de Compromisso.....</i>	210
<i>Apêndice R_ Termo de Consentimento dos professores Orientadores_ EMAC/UFG ...</i>	211
ANEXO	215
<i>Regulamento do Estágio Supervisionado dos Cursos de Música</i>	215

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o Estágio Supervisionado na formação do professor de música, considerando as experiências adquiridas nos diferentes espaços de atuação, e identificar como as experiências de estágio contribuem para a autonomia.

Para analisar o papel que o estágio desempenha na formação docente do licenciando em Música, é importante uma investigação que busque evidenciar as influências que ocorrem na ação pedagógica do acadêmico enquanto estagiário. No entanto, é oportuno compreender que o estágio não se trata de uma “aplicação de teorias”, mas de um momento de aproximação do licenciando com a realidade em que irá atuar (PIMENTA, 1995).

A educação superior no Brasil passou por alterações significativas, com destaque para a Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 aprovada em dezembro de 1996. Esta legislação propõe valorizar os profissionais da educação, vislumbrando um novo conceito e uma nova visão sobre o ensino das artes em geral, dentre eles a Educação Musical. Como decorrência desta LDB muitas reformas curriculares foram estabelecidas nos cursos superiores de música para formação de professores (OLIVEIRA, 2011).

Entretanto, nesta lei consta que é de responsabilidade das universidades a elaboração dos currículos e programas dos cursos de licenciatura, pois como não existem mais os currículos mínimos obrigatórios, confere um caráter flexível aos cursos superiores. (CAMPOS, 2015). Com o advento da LDB, o Conselho Nacional de Educação promoveu a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de graduação em Música, Dança, Teatro e Design. As DCN's foram encaminhadas ao Ministério de Educação e Cultura (MEC) em junho de 1999, passando por revogações e vários processos, sendo oficialmente aceita em março de 2004 através da Resolução CNE/CES 2/2004 (MATEIRO, 2009, p. 23).

No caso dos cursos de Música é ressaltada a importância do estágio como aporte da consolidação profissional da área:

Art. 7º O Estágio Supervisionado é um componente curricular direcionado à consolidação dos desempenhos profissionais desejados, inerentes ao perfil do formando, devendo cada Instituição, por seus colegiados superiores acadêmicos, aprovar o correspondente regulamento de estágio, com suas diferentes modalidades de operacionalização (DCN, 2004).

Nesse contexto, a Universidade Federal de Goiás (UFG) estabeleceu sua proposta curricular em cujo bojo instalou-se a estrutura política do Estágio visando o desenvolvimento

dessa atividade, conforme explica Denardi (2007, p. 46): “Pela primeira vez na história da educação brasileira, [...] existe uma política educacional que salienta a necessidade de um projeto de curso próprio para a formação superior de professores de Música”.

Tomando como objeto de estudo a experiência de estágio no Curso de Música – Licenciatura da EMAC (2009 a 2016), o foco desta pesquisa se direciona no sentido de conhecer a estrutura do estágio após a nova reformulação, e como se encontra atualmente na matriz curricular do referido curso analisando a articulação entre o conhecimento adquirido no curso e a construção da identidade do futuro professor no desenvolvimento de sua autonomia profissional. A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) as universidades rediscutiram seus currículos para atenderem às orientações e demandas profissionais de cada área.

O Curso de Música – Licenciatura da UFG passou por reformulações, possuindo, atualmente, uma carga horária de 3.072 a 3.104 horas¹, conforme a habilitação, das quais 416 horas são destinadas ao Estágio Supervisionado. A disciplina de Estágio se propõe abranger 3 áreas de atuação: educação básica, espaços alternativos e escolas de ensino específico de música, desenvolvido em quatro semestres, tendo em conta os paradigmas de vinculação entre a teoria e a prática que norteiam as práticas formativas.

Perrenoud (1999, p. 39, grifo do autor) considera de suma importância o desenvolvimento do profissional em seu campo de atuação, por meio da prática no seu processo de formação:

Se as competências serão formadas *pela prática*, isso deve ocorrer necessariamente, em situações concretas, com conteúdos, contextos e riscos identificados. Quando o programa [de formação] não propõe nenhum contexto, entrega aos professores a *responsabilidade*, isto é, o poder e o *risco* de determiná-lo.

Há um interesse pessoal de entender a prática de campo devido à minha experiência de atuação docente. Iniciei minha carreira como professora aos 16 anos de idade. Nesse período, já ingressada no curso de magistério, eu lecionava Jardim I em escola particular e passei pelas séries iniciais como professora de educação básica. Posteriormente, quando ingressei no Curso de Música da UFG, atuei como professora específica de música em escola de educação básica e como professora de piano clássico e popular – atividades que realizei até o momento. Ao analisar todo meu percurso de formação posso afirmar que as experiências relacionadas ao

¹ A definição da carga horária do curso dependerá da habilitação: Educação Musical CH. 3.072 horas, Ensino do Instrumento Musical CH. 3.008 horas, Ensino do Canto CH. 3.104 horas.

Estágio Supervisionado adquiridas no Curso de Magistério foram determinantes na minha escolha profissional como descrevo nos próximos parágrafos.

No primeiro ano de Magistério, na função de estagiária, tinha como responsabilidade a observação do campo de estágio, porém, isso não acontecia de forma a acrescentar algo de significativo. Nas idas aos campos era observado o tamanho da área física e a quantidade de alunos, sendo que no decorrer do semestre as atividades eram desenvolvidas em prol de enfeites para o espaço das festas, preparando lembrancinhas e brincadeiras. Durante o estágio em nenhum momento obtive acesso ao desenvolvimento pedagógico de sala de aula, às metodologias utilizadas pelos professores, cartilhas ou planos de aula, nem tão pouco a algum tipo de reflexão sobre as atividades desenvolvidas e o contexto sócio-econômico daquele campo. No final do semestre, a experiência pedagógica de campo se resumia a uma única regência de sala de aula. Ao término do magistério estava bastante envolvida com a música e desgostosa com a sala de aula.

Iniciei assim um curso de música sacra em Brasília e atuei como pianista do coral de uma faculdade de Brasília. No decorrer do curso prestei um novo vestibular que me levou a retornar à Goiânia decidindo pelo Bacharelado em Piano. Durante o curso de bacharelado, obtive gratas experiências como monitora de disciplina. Ao fim do curso desejei retornar à sala de aula, agora como professora de música em escola específica, em escola de educação básica particular e algumas aulas em instituições religiosas.

Por estar trabalhando na área da educação há 20 anos, tendo ingressado no Curso de Magistério e iniciado minha carreira profissional na sala de aula da educação básica, percebo com clareza que muitas adversidades poderiam ter sido evitadas ou minimizadas se o estágio pelo qual passei tivesse sido uma experiência significativa na minha formação.

O trabalho integrado de professora e musicista acabou por levar-me novamente à sala de aula e em 2011, oportunamente, à condição de professora substituta no Curso de Música da UFG, onde atuei na área de Estágio Supervisionado – nesta nova oportunidade profissional pude ter um contato mais próximo com os campos de estágio me despertando a desenvolver um forte interesse de pesquisa sobre o tema.

Ao considerar as inquietações advindas da minha experiência pessoal e a relevância das contribuições do Estágio Supervisionado para a formação dos professores de música, levanto as questões norteadoras da presente pesquisa: Como se configura o Estágio Curricular do Curso de Licenciatura da EMAC/UFG? Quais os papéis desempenhados pelos Professores Supervisores e Orientadores no processo de formação? Qual a relevância do Estágio Supervisionado para formação pedagógica dos professores de música? Como se dá o

planejamento, a atuação em campo e a reflexão sobre a prática? Na perspectiva dos estagiários, quais as contribuições do estágio, como disciplina? Como o estágio contribui para o desenvolvimento da autonomia?

Fialho (2009), Loureiro (2009), Azevedo, Grossi e Montandon (2009) discorrem sobre o compromisso na relação entre: Professor Orientador, Professor Supervisor, os campos de estágio e do próprio estagiário durante a sua formação. As autoras ressaltam que é de suma importância que neste processo o acadêmico inicie o diálogo da teoria com a prática de modo que consiga elaborar uma correlação entre as particularidades e complexidades, pessoais e do campo de atuação envolvido; que ao final do processo o acadêmico possa estar consciente dos processos pedagógicos que ele for utilizar. Desta forma, a orientação do Estágio Supervisionado possui a finalidade de levar o estagiário a gerir novos conhecimentos de maneira que forme um profissional prático-reflexivo com autonomia para lidar com situações emergentes do dia a dia.

Segundo Perrenoud (2000), é importante que os futuros professores passem por experiências pessoais para que a formação continuada seja desenvolvida de modo a fazer com que o acadêmico adquira a capacidade crítica e reflexiva de seus atos profissionais². Hentschke (2000) defende que a instituição de ensino superior proporcione oportunidade aos acadêmicos de ter um contato direto com o campo de atuação durante seu processo formativo, pois a atividade de atuação docente orientada torna-se essencial para o desenvolvimento de competências dos futuros professores. Por sua vez, Azevedo (2007) aborda a importância da concepção prático-reflexiva que o estágio possui por integrar a teoria e a prática mediante a ação investigativa do licenciando. Cruvinel e Aguiar (2008) e Kleber (2014) ressaltam que para atuar no campo de espaço alternativo o profissional deve ter características específicas. Desse modo, é importante que a universidade apresente ferramentas necessárias para que o educador musical se torne um profissional versátil diante da diversidade e das possibilidades de atuação.

Ao analisar os respectivos autores, percebe-se que a prática educacional não é mera reprodução de práticas institucionalizadas, é importante que o professor seja capaz de dimensionar o alcance de suas ações a partir da análise e compreensão da gestão escolar, confrontos de práticas e teorias e produções de novos conhecimentos (BARREIRO, GEBRAN, 2006; SILVA, LUIZ, 2012). Sendo assim, é necessária uma constante

²CERESER (2003) menciona diversos estudiosos (ARROYO, 2000; HENTSCHKE, 2000; SOUZA, 1997, 2000), que discutem a responsabilidade dos cursos de Licenciatura de trabalhar, de forma que desenvolvam nos licenciandos a capacidade crítica e reflexiva, deixando de lado a atitude de meros consumidores de saberes.

reflexão/crítica da realidade em que ele irá atuar profissionalmente identificando as melhores ações sobre sua prática pedagógica (ALARÇÃO, 1996).

Considerando o exposto, esta pesquisa tem como objetivos: a) Analisar a importância do Estágio Supervisionado para a formação dos professores de Música da Escola de música e Artes Cênicas (EMAC/UFG); b) Conhecer a estrutura do Estágio Curricular no Curso de Música-Licenciatura da UFG, buscando conhecer as funções desempenhadas pelos Professores Supervisores e Orientadores no processo de formação; c) Analisar o processo de atuação do estagiário, considerando as experiências adquiridas nos diferentes espaços: educação básica/formal, espaço específico de música e espaço alterativo; d) Identificar como as experiências de estágio contribuem para a autonomia do professor de música.

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, tendo como procedimentos metodológicos o emprego de técnicas de verificação documental. As fontes documentais e bibliográficas contribuem para esclarecimento da formação e a estruturação do Estágio Supervisionado na EMAC/UFG³ (BRASIL, 1996, 2005), assim como estudos realizados sobre a formação profissional do professor e a prática pedagógica do educador musical (DENARDI, 2007; AGUIAR, CRUVINEL, 2008; KLEBER, 2014). Por consequência das contribuições documentais e bibliográficas é de importância analisar as DCNs para os cursos de Licenciatura em Música e especificamente o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música da EMAC/ UFG, da mesma forma a análise dos relatórios de estágio.

Pretende-se por meio desta análise confrontar a proposta presente no Projeto Pedagógico de Curso com o que é realizado em campo, e as percepções dos acadêmicos com relação às experiências adquiridas.

Os dados em campo foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas⁴, entendendo que esse procedimento nos permite investigar de forma mais abrangente questões que surgem no decorrer da entrevista. A entrevista semiestruturada é um dos principais instrumentos para a captação imediata de informações que elucidarão a interpretação dos dados obtidos pelas fontes documentais buscando conhecer suas concepções sobre os aspectos que envolvem a prática pedagógica. Foram aplicadas entrevistas a dois professores orientadores, seis estagiários e quatro professores que passaram pela experiência do Estágio. Dentre os estagiários entrevistados: dois estagiários Licenciatura – Habilitação: Educação Musical (Integral), dois estagiários Licenciatura – Habilitação: Instrumento Musical

³ Ver Apêndices P e Q: Termo de Anuência e Termo de Compromisso

⁴ Ver Apêndices A e B: Roteiro das entrevistas

(Noturno⁵) e dois estagiários Licenciatura – Habilitação: Canto (Integral e Noturno). Dos professores que atuaram no estágio: dois Licenciados – Habilitação: Educação Musical (Integral), um Licenciado – Habilitação: Canto (Noturno) e um Licenciado – Habilitação: Instrumento (Noturno).

Os critérios de participação dos Professores Orientadores é que tivessem atuado diretamente na orientação dos campos de estágio e fossem professores efetivos da instituição EMAC/UFG. Foi enviado a cada professor o Termo de Consentimento⁶, onde foram devidamente orientados e esclarecidos sobre o modo de sua participação. Juntamente com o termo, foi anexado o roteiro de entrevista para que eles pudessem ter o contato prévio sobre o assunto que seria abordado.

Em relação aos estagiários, era necessário que estes fossem maiores de 18 anos ou emancipados, obedecendo às normas do Comitê de Ética, e que tivessem concluído pelo menos quatro dos seis estágios inseridos na matriz curricular, para que pudessem responder com maior propriedade às questões levantadas. Quanto aos Professores Licenciados, era necessário que estes tivessem concluído o curso e seus relatórios finais de estágio entregues e arquivados na EMAC. No Termo de Consentimento⁷, o sujeito foi orientado sobre a pesquisa, sendo preservada sua identidade. Em anexo a este, foi enviado o roteiro da entrevista para uma leitura prévia, para que o entrevistado tivesse conhecimento do conteúdo abordado.

Os dados coletados por meio das entrevistas foram transcritos e analisados⁸. Com base nos resultados, foram levantados pontos que eram pertinentes para elucidação de questionamentos que norteiam à formação de professores, a estruturação do estágio, a experiência de campo e as atividades que são desenvolvidas nas diferentes disciplinas de estágio.

O primeiro capítulo contempla o Estágio Supervisionado, pontuando aspectos importantes que norteiam a experiência em campo, bem como as concepções de estágio e a estrutura do estágio na EMAC/UFG.

O segundo capítulo intitulado Formação do Professor de Música apresenta revisão de literatura sobre os conhecimentos necessários que a instituição formadora pode contribuir para a elaboração do perfil profissional do professor de música, destacando um aspecto do tema da

⁵Aos alunos do turno noturno se refere ao curso predominantemente Noturno.

⁶ Ver Apêndice R: Comitê de Ética e Pesquisa: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

⁷ Ver Apêndice S: Comitê de Ética e Pesquisa: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido _Para maiores de 18 anos ou emancipado- Resolução 466/12.

⁸ Ver Apêndice: Transcrição das entrevistas (Apêndices C-O)

dissertação, que é a autonomia, tão necessária à prática docente. Nesse capítulo, discute-se o conceito de autonomia – tendo como base os aportes teóricos de Paulo Freire.

O terceiro capítulo descreve o perfil dos entrevistados: Professores orientadores, acadêmicos estagiários e os Professores Licenciados, apresentando a coleta de dados, que se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas. São apresentados também o cruzamento das informações obtidas por meio dos relatórios, análise e discussão dos resultados obtidos. Nesse ponto do trabalho foi analisado como as experiências nas disciplinas de estágio contribuem para o desenvolvimento da autonomia do licenciando.

As Considerações Finais apresentam as reflexões sobre os aspectos relevantes na análise, reafirmando as contribuições do estágio na formação dos professores de música e colocando em evidência os aspectos que necessitam de novas reflexões e possíveis reformulações. O presente trabalho almeja identificar quais as experiências que norteiam a prática de estágio e como estas experiências colaboram para a formação da autonomia do licenciando, abrindo assim, espaço para debater, propor alternativas e apresentar contribuições para a área de formação de professores.

1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio Supervisionado vem a ser um dos elementos constitutivos da prática docente, que possui como características ser um articulador da ação e do processo de reflexão dessas ações contribuindo para a construção do perfil docente. Isso pressupõe que a identidade do professor é desenvolvida por meio de práticas na realidade profissional e por meio desse exercício os conhecimentos são sedimentados (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 20).

O processo de reflexão requer ação direta da universidade para que os conceitos da prática e da teoria possam superar a fragmentação que possa existir entre elas, resultando na articulação entre conhecimentos teóricos e práticos. Compreender que a teoria se constitui um elemento indissociável da prática se faz necessário para quebrar as dicotomias existentes entre elas; dicotomias que podem gerar equívocos graves no processo de formação profissional (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 37).

Nessa perspectiva, o estágio se apresenta como uma atividade que coloca em evidência um diálogo aberto para as críticas e reflexão orientadas sobre a realidade do ensino musical, podendo favorecer a integração entre ensino, pesquisa e extensão, configurando um espaço formativo do licenciando. Mediante a necessidade de esclarecer os objetivos propostos nas atividades realizadas pela disciplina do estágio da EMAC, abordaremos primeiramente as concepções e os fundamentos que norteiam o Estágio Supervisionado.

1.1 O Estágio Supervisionado: concepções e fundamentos

O Estágio Supervisionado vem a ser um dos eixos principais na formação do futuro professor de Música. É um dos elementos que contribui para identificar e aproximar o licenciando de música de seu campo profissional. De acordo com Fialho (2009, p. 53), é por meio desta prática pedagógica que ocorre um diálogo claro entre a teoria e a prática:

É no estágio que o acadêmico coloca em prática os saberes musicais e pedagógicos - musicais aprendidos durante sua licenciatura, analisando e comprovando as informações assimiladas teoricamente. É quando a teoria começa a dialogar com a prática, envolvendo o acadêmico, o espaço onde o estágio se realizará - com todas suas particularidades e complexidades - e a universidade, representada pelo Professor Orientador.

Para que a contribuição do Estágio Supervisionado possa atender a pluralidade profissional do educador musical contemporâneo, é interessante que ele tenha uma estrutura bem sedimentada, onde todos os envolvidos possam contribuir de forma significativa no processo de formação. De acordo com Henstschke (apud MACHADO, 2003, p. 72), a universidade deve proporcionar experiências significativas de ensino musical no decorrer da formação acadêmica:

Para a autora, isso se torna relevante porque é através da prática de ensino escolar que os acadêmicos terão a oportunidade de estabelecer uma reflexão crítica entre as vivências, não só teóricas realizadas na universidade e as da realidade de ensino na qual o estudante se insere ou irá se inserir.

Dentro desse contexto, o aluno pode desenvolver o pensamento reflexivo e compreender os problemas que norteiam a prática docente. Para isso, ele procura valer-se dos conhecimentos teóricos buscando alternativas para submeter esse conhecimento à realidade de uma *práxis*⁹ na qual intencionalmente consiga mediar o conhecimento e transformá-lo em uma ação viável. Isso significa que o estágio deve levar em consideração a investigação da realidade e pôr em prática de forma intencional os conhecimentos teóricos para desenvolver processos reflexivos de modo que o aluno examina, questiona e avalia criticamente a sua forma de aplicação, o seu pensamento e a sua ação/prática (BARREIRO, GEBRAN, 2006, p. 21).

De acordo com Perrenoud e Thurley (2002 p. 17), o curso de formação deve elaborar um plano de ensino baseado na realidade da profissão, pois um dos maiores equívocos dos novos programas é a não aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos, provocando, assim, inúmeras desilusões. Com isso, é indispensável a observação da prática e da profissão do ensino que ofereça uma visão realista dos problemas e dos dilemas que serão enfrentados no dia a dia.

⁹Iremos basear o conceito de Práxis citado por Azevedo (2007): O termo *práxis*, na perspectiva educacional atual, se fundamenta no pensamento de Aristóteles. Para o filósofo grego em *Ética a Nicómaco* (ARISTÓTELES, 1985, 1987), *práxis* não é uma ação dirigida à produção de um artefato, de um produto, o que é próprio da *techne* (técnica), mas uma ação que inclui algumas qualidades intrínsecas guiadas pela *phronésis* (prudência). O termo *phronésis*, para os gregos, é o julgamento prático, de deliberação, isto é, se refere a uma atitude reflexiva e deliberativa em relação ao que é bom para os seres humanos e como realizá-lo na prática (CONTRERAS, 2002, p. 124). Nesse sentido, a *práxis* como ação docente se insere nos atos do professor de julgar e deliberar antes, durante e após a ação sobre os fins e os meios do que é considerado o “bom” para a formação de seus alunos.

Uma dicotomia que deve ser combatida é a ideia de que existe uma formação prática e uma formação teórica completamente desvinculada uma da outra. Esta visão tecnicista foi predominante durante a década de 80, quando os formadores começaram a criticar esta racionalidade técnica, e a partir desta mudança de mentalidade "o estágio passa a ser concebido e reformulado a partir do conceito de práxis", de modo que na ação "o estagiário aprende a ser professor num processo de aprender a refletir sobre as suas ações pedagógicas e os fins do processo educativo" (AZEVEDO, 2007, p. 20).

É preciso entender que a formação do conhecimento acontece em toda parte e em todo momento; nas aulas teóricas, nos seminários e nos campos de atuação. Esses diversos tipos de atividades proporciona aos discentes a oportunidade de construir ativamente seu perfil profissional, capacitando-os para a docência (PERRENOUD, THURLER, 2002, p. 22).

Opondo-se a essa dicotomia, as instituições que estabelecem parcerias entre os docentes, faz com que todos percebam que são responsáveis pela articulação da teoria e da prática e assim trabalham a favor dela, tendo sempre em mente a contribuição para construção dos saberes desses alunos estagiários. É importante não perder de vista que durante o processo formativo o estágio é condição necessária, porém, ele não é suficiente. Os saberes teóricos e metodológicos contribuem também para esta formação de um profissional autônomo capaz de construir conhecimentos e ações significativas em sua prática docente (PERRENOUD, THURLER, 2002, p. 23). Sendo assim, é preciso entender que o estágio é uma parte integrante no desenvolvimento do profissional docente, e por isso é importante a análise de sua contribuição para o pensamento reflexivo da prática e para a identidade de um profissional autônomo.

O Estágio Supervisionado, muitas vezes, se torna objeto de questionamentos e insatisfações devido à demanda burocrática de preenchimento de fichas, da valorização de atividades em forma de relatórios semanais, e participação e regência em sala de aula, principalmente se considerarmos a carga horária – mínimo de 400h – para sua realização. Tais características podem evidenciar problemas existentes na estruturação da prática do estágio, podendo até mesmo devido às exigências, as metas e aos próprios prazos reforçar um ensino por imitação de modelos não privilegiando a parte crítica e reflexiva.

Além disso, eles tinham que elaborar planos de aulas e relatórios, que eram vistos como trabalho extra e, portanto, mal recebidos. Diante deste contexto, os estagiários acabaram repetindo modelos pedagógicos vivenciados como alunos, sem reflexão, e que se apresentavam úteis e funcionais na prática. Assim, as orientações se tornaram uma arena de conflitos e de incertezas, em que as teorias eram isentas de vivências práticas, e as vivências práticas eram

muito pessoais e isenta de teoria e reflexão. Essas dicotomias acentuavam o distanciamento dialógico entre formador e formandos [...] (AZEVEDO, 2007, p.17).

Portanto, é necessária a relação entre a teoria e a prática no campo de atuação e entender que a ação contempla questões éticas, e que o trabalho coletivo contempla uma visão mais ampla e apreensão de uma realidade não objetiva. O estágio trabalha com essas representações e ressignificações do conhecimento legitimando-o no espaço em que se está.

Atuar em contextos de ensinos diferentes em cada estágio nos permite conhecer, dialogar e refletir sobre muitas metodologias que funcionam e não funcionam, a fim de nos dar um vasto conhecimento quando estivermos em nossa própria sala de aula. (LEANDRO; SILVA, 2015, p. 03).

O mais importante nesse processo de aprendizagem é que o aluno observe as relações estabelecidas entre a teoria e a prática no campo de estágio, e perceba que existe singularidades em cada campo. Para que possa haver uma produção de conhecimento significativo, é necessário que essas experiências transcendam a reprodução de conhecimento e ressignifiquem a sua prática.

A compreensão de situações do contexto profissional será potencializada na atividade de Estágio Supervisionado, considerando que neste componente curricular o formando irá experienciar o contato com a escola no papel de professor sem, no entanto, abandonar sua condição de aluno. Isso é positivo por trazer para o espaço acadêmico dúvidas, questionamentos, dilemas e propostas que poderão ser discutidos com professores (como orientadores de estágio) e colegas que também estão na escola (BUCHMANN, 2008, p.28).

Esse processo de reflexão das ações e atuações no campo de estágio, de acordo com Gómez (apud MACHADO, 2003, p. 40), exige do profissional a não limitação de aplicação técnicas aprendidas por ele, aprender a elaborar e a comparar novas estratégias de ações, fórmulas de pesquisas, teorias e categorias de compreensão, modos de enfrentar e decidir os problemas encontrados no decorrer de sua prática pedagógica. Isto é, ser um professor que reflete e toma decisões recriando suas ações constantemente.

1.2 O Estágio no Curso de Licenciatura de Música da UFG

A disciplina de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura da EMAC passou por diversas transformações no decorrer dos anos, sendo assim para análise mais completa do histórico do estágio, esta pesquisa se propôs iniciar a partir da estruturação Curricular do Curso estabelecida pela Resolução – CEPEC nº 687/2004¹⁰, contemplando as turmas que concluíram o curso do ano 2007 em diante. Além destas turmas, a análise contemplará as atuais turmas que ingressaram após a reformulação, em 2008, do Projeto Pedagógico. Esta visão mais ampla deseja abordar aspectos da demanda profissional e adequação da universidade a esta realidade social que exige um profissional cada vez mais qualificado para exercer sua função. Devido às alterações que ocorreram no passar dos anos, é importante entender quais foram as questões que levaram o estágio a possuir a sua atual estrutura.

Em 1996, foi elaborada a Lei de Diretrizes Básica 9.394, que estruturou um Plano Nacional de Educação (PNE) apresentado pelo Ministério de Educação (MEC) juntamente com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) (CAMPOS, 2015, p. 85). A partir desta LDB e deste PNE as universidades foram compelidas a elaborar e estruturar um curso que pudesse atender a formação de professores.

Mediante a estas reformas educacionais os currículos de graduação ganham uma certa notoriedade iniciando um processo de reformulações criando a partir da nova LDB a oportunidade da criação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e um padrão de qualidade para os cursos de graduação por parte da Secretaria de Educação Superior (SESu). Desta maneira as DCNs são estruturadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) de forma a orientar os cursos:

Dentro deste quadro de reformulação curricular e elaboração das DCNs e visando a garantia da flexibilização curricular, o Parecer nº 776/97 do CNE propôs orientações para as Diretrizes dos cursos de graduação, posicionando-se favoravelmente à eliminação dos currículos mínimos, entendidos como excessivamente rígidos e ultrapassados, além de ampliarem muito o tempo de integralização dos cursos em função do elevado número de disciplinas obrigatórias. Em maio de 2000, o MEC encaminhou uma proposta de Diretriz ao CNE, que resultou nos pareceres CNE/CP nº 9/2001 e nº 27/2001 e nas resoluções CNE/CP nº 1 e nº 2/2002, as quais instituem as DCNs para a Formação de Professores para a Educação Básica e são hoje os

¹⁰ Resolução realizada no dia 23 de novembro de 2004 que aprova o Currículo Pleno do Curso de Educação Musical Licenciatura- habilitações em Instrumento Musical, Canto e Ensino Musical Escolar, para os alunos ingressos a partir de ano letivo de 2004.

documentos oficiais que norteiam a formação docente no Brasil (CAMPOS, 2015, p. 87).

Em 1999, a Escola de Música e Artes Cênicas da UFG cria o curso de Educação Musical, buscando formar professores de música que possuam competências para atuar no ensino de música na educação básica (pública ou particular), assim como o ensino de Instrumento e Canto em diversos campos de atuação.

Como as DCNs prevêm que o curso superior seja capaz de elaborar a sua própria estrutura Curricular de modo que atenda as questões da educação, no ano de 2003, o currículo passa por reformulações em sua proposta pedagógica, fazendo-se necessária a reestruturação do Curso de Educação Musical. Tal reestruturação baseia-se por meio da implantação de um novo Regime Geral dos Cursos de Graduação, e da definição da política da UFG para a Formação de Professores da Educação Básica, tornando-se semestral.

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e Cultura da UFG estrutura por meio da resolução nº 687 o currículo Pleno do Curso de Educação Musical Licenciatura – Habilidades em Instrumento Musical, Canto e Ensino Musical Escolar que passa a vigorar no ano de 2004.

O curso de Educação Musical, que possui como característica a licenciatura plena¹¹, tinha por objetivo a “formação de um profissional com competência musical e pedagógica para atuar de forma articulada na rede de ensino fundamental e médio, bem como em instituições de ensino específico de música” (CEPEC, 2004, p. 01). Ele era em turno Integral e possuía a duração mínima de oito semestres, deixando de ser um regime anual para semestral e contendo em sua grade curricular o Estágio Supervisionado com 416 horas de atividades para o curso de Ensino Musical Escolar e 400 horas¹² de atividades para os cursos de Instrumento Musical e Canto.

É importante ressaltar que em 2004 o Estágio Supervisionado, aparece como “Didática e Prática” e sua estrutura atende de forma específica a habilitação escolhida em curso. Para o curso de Licenciatura em Educação Musical – Ensino Escolar o estágio denominado “Didática e Prática da Educação Musical” se iniciava no quinto período do curso contendo dois campos: Didática e Prática da Educação Musical em Espaços Alternativos I (48h) e Didática e Prática da Educação Musical I (64h). No sexto período Didática e Prática da Educação Musical em Espaços Alternativos II (48h) e Didática e Prática da Educação Musical

¹¹Os cursos de licenciatura plena: são cursos oferecidos por universidade estruturadas para a formação de professores da Educação Básica e Infantil no Brasil.

¹²Carga horária estabelecida pela Resolução CNE/CP2

II (64h), no sétimo período e no oitavo período Didática e Prática da Educação Musical III (96h) e IV (96h) consecutivamente.

Nas Habilidades em Instrumento Musical e Canto, o estágio que se inicia também no quinto período se configura da seguinte forma: Didática e Prática do Ensino do Instrumento/Canto I (96h), Didática e Prática do Ensino do Instrumento/Canto II (96h) no sexto período, Didática e Prática do Ensino do Instrumento/Canto III (96h) no sétimo período e Didática e Prática do Ensino do Instrumento/Canto IV (112h) no oitavo período. Neste período o Curso de habilitação em Instrumento Musical contemplava os referentes instrumentos: piano, violão, violino, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta transversal, trombone, clarineta e fagote.

Atualmente, o Curso de Música – Licenciatura propõe formar professores de música que atuem prioritariamente em escolas de educação básica, pública ou particular e em espaços alternativos de educação como ONG's, igrejas, empresas, creches dentre outros, enquanto as Habilidades Ensino do Instrumento e Canto visam formar professores de instrumento ou canto que atuem em escolas de ensino específico de música, em escolas de educação básica e em espaços alternativos, com capacitação de elaborar propostas pedagógicas referentes ao instrumento musical. Ele é oferecido em 2 turnos: Integral, com aulas ministradas predominantemente pela manhã, e Predominantemente Noturno, com aulas ministradas predominantemente à noite, com duração mínima de oito semestres. O curso passa a ser oferecido no período noturno para que possa atender outros perfis de aluno, como por exemplo, alunos que atuam na área possuindo uma carga horária de trabalho, mas que necessitam de uma maior qualificação para continuar a desenvolver suas atividades inerentes ao espaço profissional. A disciplina passa então a se chamar “Estágio Curricular Obrigatório” possuindo 416 horas de atividades para todas as licenciaturas se iniciando no quarto período do Curso.

O Projeto Pedagógico prevê a partir do quarto período o seguinte fluxo comum, para as três habilitações, na disciplina de estágio o Eixo 2 então compreende: Estágio Curricular Obrigatório 1: Campos de Estágio e Aspectos Ético- Profissionais (32h), Estágio Curricular Obrigatório 2: Espaços Alternativos (64h); Estágio Curricular Obrigatório 3: Espaços Alternativos (64h); Estágio Curricular 4: Espaços Formais (64h); a partir do Estágio Curricular Obrigatório 5 os estágios passam a ser específicos de cada curso. Na habilitação em Educação Musical o Estágio Curricular Obrigatório 5 e 6 passa a ser em Espaço Escolar contendo cada um 96 horas de atividades. E para os cursos de Instrumento Musical e Canto o

Estágio Curricular Obrigatório 5 e 6 passa a ser em Espaços Específicos contendo cada um 96 horas de atividades.

Na Habilitação em Ensino do Instrumento Musical, a partir de 2008 são oferecidas habilitações em: Clarineta, Contrabaixo Acústico, Flauta Transversal, Flauta Doce, Piano, Trombone, Trompete, Violão, Viola, Violino, Violoncelo, Saxofone, Bateria, Guitarra Elétrica e Percussão.

O curso de Música – Licenciatura se propõe a oferecer uma formação sólida onde busca ter uma articulação entre a teoria e a prática. O seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) 2008 elabora uma estrutura que contemple uma formação didático-pedagógica geral e específica em música, por meio de disciplinas ligadas à linguagem musical, práticas interpretativas, musicologia, didática, iniciação à pesquisa e Estágio Supervisionado. Além de atender a especificidade da habilitação que cada perfil profissional exige e entende a necessidade de formar professores éticos, críticos, reflexivos e investigadores (PPC, 2008, p. 35).

Os princípios do PPC/2008 têm como “eixo norteador central a formação para a vida, o que significa favorecer a inclusão do indivíduo na sociedade” (PPC, 2008, p. 13). Pela perspectiva de que no estagiário tenha a oportunidade de obter experiências nos diferentes contextos educativos, relacionando o conhecimento aos diferentes dilemas presentes na realidade social, articulando desta forma a teoria e a prática; a Matriz Curricular do Curso de Música UFG – Licenciatura busca fornecer bases para habilitar o licenciando como um profissional autônomo, sabendo que a autonomia não é conquistada exclusivamente por meio da Licenciatura (PPC, 2008, p. 15).

A Matriz Curricular articula o conhecimento de forma que possibilite o desenvolvimento das habilidades necessárias para o profissional de música, tendo ainda como um de seus objetivos elaborar atividades científicas e artísticas. Esta Matriz não se encontra engessada pelo sistema e contempla “possibilidades de flexibilização” onde o aluno se torna co-participante na produção de seu conhecimento e de seu caráter formativo no sentido profissional (PPC, 2008, p. 25).

Para atender a estrutura e funcionamento do Estágio, é necessário um corpo docente empenhado coletivamente, de forma a contribuir para formação da autonomia do profissional em formação, assim como conteúdos que levem o aluno a compreender sua função social e que consigam relacionar os nexos do conhecimento com a prática, atentando-se para a importância do relacionamento humano no processo de aprendizagem (PPC, 2008, p. 35).

Para estabelecer uma estrutura organizacional, o PPC prevê a elaboração de um Regulamento específico do Estágio. Este Regulamento foi elaborado em 2006 por uma comissão de professores e Coordenadores do Curso de Musicoterapia, de Artes Cênicas e de Música Educação Musical – Habilidades em Instrumento Musical, Canto e Ensino Musical Escolar e nele constam todas as normas necessárias para atuação de todos os envolvidos responsáveis de cada unidade. Foi reformulado em 2013, com a inclusão das normas para o Curso de Música – Licenciatura – Habilidades em Instrumento Musical, Canto e Educação Musical.

O Regulamento de 2013 prevê certas especificações referentes a cada área de formação, e sua estrutura se mantém da seguinte forma: O Estágio Curricular Obrigatório 1: Campos de Estágio e Aspectos Ético-Profissionais prepara o aluno para atuar nos campos de estágios que irão ser contemplados durante o decorrer do curso de formação. Tratando de questões éticas que envolvem o educador musical e esclarecendo suas dúvidas por meio da observação e atuação por intermédio de Oficinas. Os Estágios Curriculares Obrigatórios 2 e 3 oportunizam o aluno a conhecer o espaço de ensino não formal, isto é, espaços alternativos de educação. Por não haver um currículo pedagógico pré-estabelecido o discente atua com maior liberdade onde o ensino musical tem a oportunidade de proporcionar a inclusão social como fator importante no decorrer do aprendizado. O Estágio Curricular Obrigatório 4 prepara o discente para compreensão da estrutura e funcionamento de espaços formais de ensino onde a música faz parte das disciplinas escolares.

É importante ressaltar que a estrutura dos Estágios 1 ao 4 atende as habilitações de Educação Musical, Instrumento Musical e Ensino do Canto, visando abordar conteúdos ligados a todas as áreas de formação, no entanto, a partir do Estágio 5 há uma preocupação em atender as especificidades de cada habilitação, onde o discente poderá ter a oportunidade de obter experiências vinculadas especificamente a sua área de atuação. Nos Estágios 5 e 6 os alunos atuarão no Espaço de Educação Básica, sendo estes destinados aos alunos com Habilidade em Educação Musical. Está estruturado da seguinte forma: observação, planejamento e intervenção. Na etapa de observação, os estagiários baseiam suas reflexões no planejamento e aplicação deste pelo Professor Supervisor, podendo atuar juntamente com este Professor por intermédio da semi-regência. Nas etapas de planejamento e intervenção, os estagiários atuam em sala de aula com mais autonomia, de modo que o Professor Supervisor irá assessorá-los quando necessário. Os Estágios 5 e 6 da Habilidade em Ensino do Instrumento Musical e Ensino do Canto encaminham os discentes para Escolas Especializadas de Ensino Musical públicos ou privados (REGULAMENTO, 2013, p. 4; 5).

Além da experiência e contato com o campo de atuação profissional, o Estágio Supervisionado busca proporcionar ao acadêmico a oportunidade de estabelecer a prática pedagógica, à pesquisa na qual poderá traçar reflexões sobre as características de cada campo, como o dia a dia da vida da escola, compreender a atuação dos professores e o resultado de sua intervenção como profissional na sociedade.

A estrutura da disciplina do Estágio Supervisionado Obrigatório favorece um contato gradual com a realidade profissional, equipada com apoio e orientação de um docente capacitado para fornecer conteúdos que o auxiliarão durante o processo. Desta forma, pretende estabelecer um diálogo consistente entre a teoria e a prática e mediante a essas experiências traçar um pensamento de ação/reflexão/ação.

O conhecimento da realidade educacional contribui no processo reflexivo sobre a prática educativa, promovendo a compreensão, reelaboração e problematização do conteúdo a ser ensinado, vinculando-os com as peculiaridades sociais do universo escolar. Sabe-se que para atuar na área de ensino não basta ser um professor conteudista, pelo contrário, cabe hoje ao professor tomar decisões que nortearão sua autonomia didático-pedagógica, através do processo de uma educação continuada, contemplando sempre a articulação entre conhecimentos de formação ampliada e específica, estimulando não somente a si mesmo, mas também, aos seus alunos como possibilidade de crescimento e transformação. (PPC, 2008, p. 15).

O Estágio Supervisionado se encontra estruturado de modo que forneça subsídios suficientes para que o discente possa considerar os percalços, as oportunidades, os acertos e desacertos de seu campo profissional e associar o processo da prática pedagógica à pesquisa, de forma a contribuir para a formação de seu perfil profissional, sobretudo em um profissional ético, reflexivo, questionador e autônomo. Mediante essa organização, o Estágio contempla cada Habilitação proposta pelo Curso de Licenciatura.

Existe uma preocupação pelo regulamento em favorecer o estagiário caso ele possua vínculo empregatício podendo sua carga horária ser reduzida em até 200 (duzentas) horas. O estágio deverá ser cumprido em um horário que não interfira nas horas produtivas de estudo do acadêmico e que não coincida com o horário de trabalho, caso o mesmo possua vínculos empregatícios.

Em relação à parte burocrática relacionada com o funcionamento do estágio, o Regulamento de Estágio consta quatro pontos que estabelecem suas documentações, que se encontra no capítulo IV nas seções de I a IV. Em cada seção desse capítulo possui a

discriminação do desenvolvimento do estágio como se pode averiguar: a seção I o Termo de Compromisso, Seção II Plano de Estágio, Seção III Relatórios e na Seção IV a Avaliação.

O Termo de Compromisso estabelece a vinculação do aluno estagiário com a Concedente, que foi previamente conveniada a UFG através da documentação e pré-requisitos necessários. No referido documento constam as devidas assinaturas do estagiário, do coordenador de estágio da EMAC, e da pessoa responsável que representa a concedente. O estagiário é a pessoa responsável por organizar estas documentações, obter as devidas assinaturas e entregar no prazo hábil de 15 dias úteis estabelecidos assim pelo regulamento às Unidades interessadas.

O plano de Estágio é elaborado a partir das determinações do Regulamento de estágio, onde constam objetivos, metodologias e cronograma a ser desenvolvido. Após sua elaboração, será submetido à análise e aprovação do Professor Orientador e/ou Coordenador de Estágio. O relatório de estágio consiste na descrição detalhada das atividades realizadas em campo, contendo em seu corpo textual o anexo dos planejamentos. A estrutura do relatório se encontra pré-determinada pelo regulamento contendo assim: capa, folha de rosto, índice, introdução, desenvolvimento, conclusão e/ou considerações finais, referências bibliográficas, anexos e outros. Ao final de seu curso, o aluno prepara todos os seus relatórios para encadernação e entrega este trabalho a coordenação como Relatório Final de Estágio.

[...] deve obedecer a um roteiro previamente aprovado pelo Professor Orientador e ser fundamentado na redação com os conhecimentos adquiridos e construídos durante o curso, nas vivências e pesquisas nos campos de estágio, nas referências bibliográficas das disciplinas de Estágio ou em bibliografias que vêm motivando as ações pedagógicas e educativas do estágio nos campos conveniados (REGULAMENTO, 2013, p. 10).

Todas as atividades realizadas, como: a entrega do termo de compromisso, os planejamentos e relatórios das disciplinas em forma de texto ou seminário, bem como a apresentação de recitais realizados no campo de estágio, podem ser avaliados pelos Professores Supervisores e Orientadores. Esta avaliação se estabelece mediante a qualidade, eficácia e responsabilidade do que foi executado em campo, da capacidade de ser um profissional competente, assiduidade e pontualidade, relacionamento social e adaptação em cada campo de atuação. A seguir, aspectos referentes à estrutura e funcionamento do Estágio Supervisionado.

1.3 Estrutura do Estágio Supervisionado

O estágio possui uma estrutura organizacional que envolve pessoas que elaboram o diálogo educacional como: os coordenadores, orientadores, supervisores e o próprio estagiário por meio das unidades concedentes¹³. Essas unidades devem estabelecer convênios prévios com o Setor de Estágio da UFG, atendendo a necessidade de conhecer a estrutura de cada campo de atuação profissional.

O coordenador de estágio é encarregado de tratar os assuntos de estágio diretamente com a unidade concedente através da organização documental do convênio, por meio de intervenção e suspensão, caso necessário. Por isso, ele coordenará as atividades no transcorrer do estágio como: conveniar ou suspender campos de estágio, solicitar os cadastramentos, apoiar e programar ações das atividades do campo de estágio, realizar avaliações dos campos, promover debates e trocas de experiências nos locais de estágio, manter registros do estágio atualizados.

O Professor Orientador é diretamente responsável pelo estagiário, realizando sua preparação e avaliação no decorrer do curso vinculado à disciplina Estágio. Avalia o campo em sua estrutura física, pedagógico-musical e segurança para que o estagiário possa ser recebido da melhor forma naquele determinado campo, assim como orienta o discente sobre as regras, posturas éticas, respeito entre os colegas de estágio, direciona o relacionamento entre a escola e o professor que irá supervisioná-lo. É importante que o Professor Orientador saiba inserir o aluno na realidade que se pretende investigar e como ele atuará como profissional mediante as situações que estarão sendo desenvolvidas em campo de estágio.

O referido professor acompanha o estagiário orientando-o nas atividades e elaborações de planos de aulas, dos relatórios de observação, reuniões, avaliação das atividades concernentes às apresentações de resultados e relatório final da conclusão do curso. Caso perceba que o campo não está atendendo as necessidades referentes à proposta da disciplina, poderá propor ou pedir a suspensão dos referidos campos.

O Professor Supervisor, por ser o professor diretamente responsável pela estrutura e desenvolvimento das atividades no campo, tem como atribuição orientar o estagiário para que ele entenda a proposta de ensino e consiga interagir com o ambiente, além de fornecer ao

¹³Ver Anexo A: Regulamento do Estágio Supervisionado dos cursos de Música - Licenciatura - Habilidades Educação Musical, Ensino do Instrumento e Ensino do Canto da Escola de Música e Artes Cênicas - UFG

estagiário informações necessárias como: planejamentos, atividades, esclarecimento técnico e pedagógico.

Durante o decorrer do semestre, o supervisor tem como responsabilidade coordenar a frequência dos estagiários que estiverem vinculados ao campo, e avaliar o desempenho deles durante as funções que lhe forem atribuídas, como observação, semi-regência e regência.

Uma de suas atribuições para o melhor desenvolvimento das atividades é que esteja presente durante as realizações dos estágios e das reuniões pedagógicas, nas elaborações de recitais, e seminários que contribuirão na parceria estabelecida com a UFG. O diálogo com o coordenador de estágio ou o Professor Orientador pode ser feito sempre que necessário motivado por imprevistos e, por consequências, a não execução das atividades no dia estabelecido, assim como, por dificuldades referentes ao estagiário ou ao estágio durante o período de atividade.

Temos ainda, a figura do estagiário, que deve cumprir com suas devidas obrigações – dentre elas, comparecer 75% de presença relacionada à carga horária das disciplinas teóricas referentes ao campo de estágio e 100% de presença em campo prático. Sua participação será direcionada às orientações, a providência das documentações no prazo máximo de 15 dias úteis, firmando assim compromisso com a unidade concedente. O Estagiário deve elaborar planos de aula, relatórios, projetos, recitais, relatórios finais devidamente encadernados, assim como apresentar atividades solicitadas pelo Professor Supervisor e Orientador acatando as normas gerais. É na prática docente que o estagiário começa a compreender que as ações executadas em sala de aula se constituem de saberes que vão além de conhecimentos teóricos.

Ele deve ter uma conduta ilibada e ética, respeitando as determinações e normas do campo, cumprindo prazos e metas estabelecidas. Mas para que todos possam ter seus trabalhos estruturados e em pleno funcionamento, é de grande importância que os vínculos de cada unidade concedente estejam estabelecidos e suas documentações normatizadas. O estagiário pode solicitar mudança do campo de estágio, caso constate que o campo não seja adequado.

As unidades concedentes são aquelas instituições que desenvolverão as atividades musicais após firmarem convênio com o Setor de Estágio da UFG. Elas podem ser escolas de educação básica, escolas de ensino específico de música, e instituições ligadas ao Terceiro Setor – Espaços Alternativos e Projetos que desenvolvem atividades específicas de música.

Existem algumas competências que devem ser seguidas pela unidade concedente, que se encontra no artigo 24º do Regimento de Estágio incisos I ao IX. Tais incisos discorrem sobre a importância do vínculo documental com o Setor de Estágios da UFG, necessário para

a atividade, ou seja: a) estabelecer termos de compromisso que contenha a interveniência obrigatória da EMAC; b) designar o Supervisor que irá orientar o estagiário em campo, assim como, nas normas institucionais, planejamentos, atividades pedagógicas ou artísticas extraclasse, apresentações de recitais; c) assegurar a viabilização da execução producente do estagiário em campo e; d) viabilizar meios de pesquisa para fins acadêmicos, e) comunicar a coordenação qualquer impossibilidade de funcionamento dos estágios. Por meio dessas unidades concedentes é que o estagiário pode estabelecer o conhecimento direto de cada campo de atuação, e assim distinguir de forma clara o processo educacional e estrutural de cada um deles.

Cada disciplina de Estágio intenta vincular o discente a uma experiência prática proveitosa, determinando campos específicos de atuação. No estágio 1: Campos de Estágio e Aspectos Ético-Profissionais o discente tem a oportunidade de ver questões ética-profissionais do educador musical, assim como visitar campos de estágio podendo realizar atividades de observação e intervenção em forma de Oficinas.

Os Estágios Supervisionados 2 e 3 têm vínculos com espaços alternativos de atuação, onde tratarão de peculiaridades do ensino musical por meio da inclusão social, fornecendo assim, a possibilidade de experiências metodológicas pelas atividades diferenciadas por meio de oficinas musicais. Por não existir currículos pré-estabelecidos e pela falta de supervisores na maioria destes campos, o estagiário atuará juntamente com o Professor Orientador elaborando planos de ações e conteúdos que se adequarão ao espaço em questão.

O Estágio Supervisionado 4 compreende conhecer as metodologias aplicadas em espaço de ensino formal, os estagiários acompanharão professores supervisores já habilitados a atuarem neste espaço. Os estagiários desenvolverão planos de ensino e irão estruturar sua intervenção/regência por meio da observação direcionada no supervisor do campo.

Os últimos estágios da matriz curricular destinarão a desenvolver as habilidades referentes a área de formação daquele discente. Os alunos que fazem habilitação em Educação Musical são direcionados as escolas de educação básica, no caso dos alunos da EMAC, este estágio se realizará obrigatoriamente no Espaço de Educação Básica pré determinado pelo Regulamento. As atividades serão realizadas juntamente com o Professor Supervisor do campo que o orienta inicialmente, fazendo as devidas reflexões sobre cada aula assistida, acrescentando críticas reflexivas sobre as atividades, e posteriormente, preparando seu planejamento para executar a regência da sala de aula. Os alunos de Instrumento e Canto são direcionados a espaços específicos do Ensino Musical, tais como Escolas ou conservatórios de música.

É importante o estagiário passar pelo processo de observação do campo e da atuação do Professor Supervisor para desenvolver as devidas reflexões. Ele será orientado a refletir sobre as metodologias e atividades desenvolvidas em campo, de modo que essa reflexão o auxiliará no desenvolvimento de seu planejamento, e conteúdo previamente discutido para sua regência de sala de aula.

1.4 Campos de estágio

O ensino de música emergente do séc. XXI tem passado por diversas transformações e os diferentes campos de atuação profissional, seja na Educação Básica, Escolas Especializadas ou Projetos Sociais, têm exigido um profissional que possa se adequar a realidade de um mundo em constante transformação. Este profissional deve ser capacitado a intervir em diversas realidades atendendo as propostas de ensino pertinentes à realidade social, onde possa atuar de forma a auxiliar o aluno a gerenciar conhecimentos que irá favorecer-ló no decorrer da vida (MACHADO, 2003, p. 34). A formação da docência tem a possibilidade de ser construída apoiando-se em pilares fundamentais, dentre eles: aprender a conhecer, o que pressupõe aprender a aprender; aprender a fazer, ter a capacidade de resolver conflitos no ambiente que há relacionamentos dinâmicos; aprender a conviver compreendendo a si mesmo e aos outros; aprender a ser, isto é, ter um pensamento autônomo e crítico (NATERA, 2015, p. 03).

Em decorrência destas transformações e expansão da área da Educação Musical, não somente as discussões e pensamentos focam sobre a formação deste profissional, mas pesquisas da área se fundamentam ao ponto de querer atender essa demanda profissional.

O que a literatura tem apontado é a necessidade de formar profissionais que consigam dar conta de atender a uma diversidade de contextos e demandas, contemplando valores, atitudes, gostos e as experiências trazidas pelos estudantes, valorizando o processo de ensino sem desconsiderar os conhecimentos, que também são fundamentais para o processo de formação dos indivíduos (SANTOS, 2015, p.02).

Tradicionalmente, os cursos de música possuíam o papel de formar músicos profissionais, instrumentistas ou cantores e regentes. Nas últimas décadas, essa concepção foi-se alterando devido as possibilidades de atuação profissional terem se ampliado (SOUZA, 2013, p. 14). Nessa perspectiva, o curso de música da EMAC se vê compelido a atender as

pluralidades dos perfis profissionais da contemporaneidade, reformulando as Disciplinas de Didática e Prática Docente, dentre elas o Estágio Supervisionado (PPC, 2008, p. 10).

Um dos componentes curriculares importantes que norteiam o Estágio Supervisionado é a prática na realidade do campo profissional. O Estágio oferece o devido espaço para que os estagiários coloquem em execução os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de licenciatura, construindo o seu perfil didático pedagógico a partir das diferentes experiências vivenciadas. Como este componente curricular possui um papel importante para o desenvolvimento da ação/reflexão/ação sobre as intervenções elaboradas no cotidiano de ensino, é necessário que o curso viabilize o contato deste aluno estagiário na inserção do universo profissional, abarcando os ambientes onde pode ser desenvolvido o ensino musical (PPC, 2008, p. 14).

O Estágio Curricular Obrigatório da EMAC propõe que cada disciplina de estágio forneça a oportunidade para o estagiário vivenciar campos de trabalho vinculados a área, cujas experiências envolvem sua atuação em espaços específicos visando a preparação de um profissional qualificado para exercer suas competências (REGULAMENTO, 2013, p. 4). Por se tratar da parte prática do curso, a atuação deverá ser exercida em campos de estágio conveniados a UFG, determinados assim pelo regulamento como Unidades Concedentes. Estas Unidades deverão se estruturar em Espaços Alternativos de Educação, Educação Básica/Espaços Formais e Espaços Especializados de Ensino Musical (REGULAMENTO, 2013, p. 6).

1.4.1 Espaços Alternativos¹⁴

Espaços Alternativos de Ensino denominados também como Terceiro Setor são organizações sem fins lucrativos e não governamentais como Fundações, Ong's, entidades benéficas dentre outras. No Brasil estas organizações têm se tornado um fenômeno emergente nas últimas décadas canalizando recursos e elaborando conhecimentos culturais (KLEBER, 2014, p. 25).

Por se tratar de um espaço onde os processos educacionais não se encontram regulamentados ou estabelecidos, é necessário que o professor seja capaz de elaborá-los de acordo com aquele ambiente social. A aprendizagem que ali ocorre pode não possuir uma

¹⁴ Campo de Estágio vinculado à Disciplina dos Estágios Curriculares Obrigatórios 2 e 3, compreendendo 64 horas cada. Este campo destina-se ao ensino da música em Ong's, Fundações, Projetos sociais ou escolares e Instituições Religiosas.

convenção linear de ensino, porém, ele não é destituído de uma organização. Há uma sistematização baseado na troca de conhecimento entre os indivíduos, de modo que esta interação entre professor, alunos mais experientes e alunos menos experientes, promovem motivação para o estudo individual. Por meio desta interação os indivíduos desenvolvem um processo dialógico de modo que outras relações sociais são estabelecidas além do fazer musical. Desta forma, há uma compreensão maior do ambiente cultural, das relações interpessoais como a generosidade e o respeito ao próximo (FIORUSSI, 2016).

Sendo assim, a elaboração de um conteúdo que seja direcionado a um ambiente em específico pode ser considerado como um *Fato Social*. De acordo com Kleber o *Fato Social* não se reduz a um simples processo de ensino e aprendizagem teórico musical, apesar deste ser considerado, é preciso que no processo de ensino seja visto a partir do ponto de vista individual passando a observar o comportamento de seres totais conectando aspectos físicos, fisiológicos, psíquicos e sociológicos de cada sujeito (KLEBER, 2014, p. 37).

De acordo com Weiland (2010, p. 62) um dos fatores que afastam o público alvo dos Espaços Alternativos é a inadequação do conteúdo aplicado e sua metodologia, podendo gerar preguiça e apatia ao conhecimento musical transmitido. A criança ou adolescente em um primeiro momento é atraído pelo fazer musical, e por poder tocar um instrumento, entretanto estas não podem ser as únicas motivações.

Conscientes de que a música não é uma linguagem universal, é importante ter a consciência de que os seus processos de transmissão – ensino e aprendizagem – também não são. Da mesma forma, sabendo e reconhecendo a existência de diferentes mundos musicais dentro de uma cultura, cada um com a sua importância e significado próprio, é preciso que a educação musical tenha processos de ensino e aprendizagem – dentro de qualquer contexto que vise a formação musical do indivíduo – que contemplam diferentes abordagens educacionais. Abordagens que devem ser adequadas a cada situação cultural e que consigam dialogar com os múltiplos contextos em que se ensina, aprende e vive música (QUEIROZ, 2004, p. 104).

Para que o fazer musical possa ser realmente produtivo é necessário que o professor possua um perfil profissional que vai além das competências especificamente musicais. Este professor precisa ser consciente de que a abordagem metodológica se adeque corretamente ao contexto.

Para isto é importante ter como objetivo três aspectos: o primeiro aspecto é levar a música como um conhecimento cultural para que os integrantes dos projetos possam conhecer outros contextos musicais, além dos que eles já possuem, adquirindo o gosto pela arte. O

segundo aspecto é que o professor tenha como meta uma educação humanizadora, estimulando a construção de novos conceitos e pensamentos. E o terceiro aspecto se refere à formação da cidadania isto é, formar valores, respeito e a capacidade de criatividade em grupo (WEILAND, 2010, p. 63).

No Espaço Alternativo onde o público, muitas vezes, se encontra em situação de risco pessoal e social, localizados à margem da sociedade, é fundamental que a abordagem de ensino seja ampla. Os conhecimentos sempre serão referentes à formação musical, cultural e especialmente na formação de um indivíduo tendo como objetivo a integração social. As relações interpessoais entre professor e aluno, professor e instituição garantem um equilíbrio saudável determinante no processo de ensino e aprendizagem. (KATER, 2004, p. 46)

Os Espaços Alternativos possuem uma natureza comunitária, onde todos participam e colaboram para o desenvolvimento das atividades, e de maneira geral os responsáveis pelas atividades musicais são voluntários. Sendo assim, na medida em que as atividades musicais destes espaços se ampliam e crescem estruturalmente, muitos dos alunos que antes eram monitores ou bolsistas passam a assumir a posição de professores. Estes alunos agora no papel de professor entendem e se identificam com a didática do local, podendo muitas vezes acabar estabelecendo uma estrutura de um espaço profissionalizante para os que estão vinculados ao projeto (KLEBER, 2014, p. 81).

Sendo assim, o Espaço Alternativo se torna um local de grande possibilidade de trabalho para os licenciandos em música, mas pra isto é necessário que a universidade possa proporcionar uma formação específica que aborde conhecimentos éticos-políticos-pedagógicos para que saibam trabalhar com as especificidades do ambiente. (MÜLLER, 2004, p. 55)

1.4.2 Educação Básica/Espaços Formais¹⁵

O ensino da música começa a retornar a sala de aula a partir da promulgação da LDB nº 9.394/96 quando ela se propõe em colocar o ensino da Arte como componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica. Assim vários documentos foram elaborados pelo MEC para atender as questões pedagógicas especificando as modalidades

¹⁵ Campo de Estágio vinculado à disciplina de Estágio Curricular Obrigatório 4 para as Habilidades de Educação Musical, Instrumento e Canto, contendo 64 horas. E na disciplina de Estágio Curricular Obrigatório 5 e 6 destinado especificamente à Habilidade Educação Musical, contendo 96 horas cada estágio. Sendo o Curso de Licenciatura um dos pré requisitos para atuação docente no Ensino de Educação Básica.

desse ensino das artes. Os PCNs iniciam o detalhamento sendo recomendado a cada escola decidir qual a melhor adequação para que este conteúdo seja inserido de forma significativa em seu projeto pedagógico (SANTOS, 2012, p. 199).

No ano 2000 ocorre a intensificação do debate sobre a música como conteúdo na escola, resultando posteriormente a elaboração da Lei 11.769, em 2008, alterando o artigo 26 da LDB 9.394/96 que institui a música como conteúdo obrigatório, porém não exclusivo (*Ibid.*, p. 203). Não há exigência sobre a formação específica da área para a atuação docente, entretanto, a lei oportuniza abertura para professores de música concursarem e atuarem em qualquer etapa da educação básica (*Ibid.*, p. 207).

As escolas brasileiras, ao longo dos anos, valorizavam muito a predominância do ensino das Artes Visuais, fazendo com que a prática da educação musical fosse utilizada como forma de diversão servindo unicamente às festas comemorativas. Desta forma, a Música era uma atividade de entretenimento, ou até como recurso de aprendizagem de outras disciplinas, sendo desvinculada do ensino e aprendizagens de conteúdos musicais. O ensino musical ficava à margem dos currículos escolares, ou mesmo ausente deste espaço (DALLABRIDA, SOUZA, BELLOCHIO, 2014, p. 146, 147).

De acordo com Santos (2012), a música na escola contribui para a formação do indivíduo devendo ser uma garantia, mesmo que a escola não seja definidora de um processo inicial ou final:

Não é na escola que a educação musical começa ou acaba, mas onde deve se fazer com a participação de especialistas e em íntima conexão com outros campos de saberes e práticas. Música na escola contribui para o desenvolvimento de um potencial de que todo sujeito é capaz. Sua presença deve ser garantida na escola, contrastando com as ações casuais e pontuais já praticadas no Brasil e contrastando com o seu oferecimento exclusivamente em classes com alunos da mesma série, como ocorre ainda hoje (SANTOS, 2012, p. 210).

A escola pode proporcionar o acesso ao conhecimento musical. Por ser parte de uma disciplina escolar as propostas das atividades devem se adequar ao cotidiano sem se apresentar unicamente como forma de entretenimento, tornando-se uma disciplina menos importante que as demais, ou até mesmo dispensável. A música não pode adentrar na instituição como mais um conhecimento a se armazenar, memorizar, de forma estática e descontextualizada apresentando-se numa visão distorcida da realidade que lhe implica. A

educação musical é voltada para um equilíbrio didático e artístico conforme expõe Loureiro (2012, p. 128):

No contexto de uma educação voltada para a transformação social, a educação musical centra-se na busca do equilíbrio entre o didático e o artístico, propiciando ao aluno a aquisição do conhecimento musical organizado e sistematizado, ao mesmo tempo que favorece o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da sensibilidade. Uma educação musical inserida na formação integral do indivíduo.

Observa-se que o conhecimento musical no ambiente escolar promove o desenvolvimento humano e colabora ao pensamento contemporâneo da sociedade retirando do “adestramento e da alienação”. Nesta interação entre o ser humano e a música há um espaço para a liberdade de criação e recriação por meio da própria ação do sujeito (LOUREIRO, 2012, p. 142).

Segundo SOUZA *et al.* (2002, p. 47, apud WOLFFENBÜTTEL, 2014, p. 26) a música tem estado presente “nas escolas basicamente em três formas: como atividade extracurricular, como disciplina obrigatória na grade curricular e como parte das atividades desenvolvidas pelos professores regentes das séries iniciais”. Apesar da área de educação musical estar ganhando seu espaço como disciplina escolar, existem inúmeros fatores que se tornam desafiadores para o professor: [...] *os desafios da escola básica para a educação musical são reais – turmas grandes, falta de condições materiais, baixos salários, desvalorização do professor, indisciplina ou violência etc.* Além destas dificuldades inerentes à área, outro motivo que afasta os docentes deste ambiente é a dificuldade metodológica de conduzir uma sala de aula com grande número de alunos preferindo a prática do ensino musical em pequenos grupos que é corrente das escolas especializadas (PENNA, 2015, p. 152).

Um dos focos primordiais na área da música é que os docentes da universidade consigam adequar os conhecimentos do curso de licenciatura para as práticas musicais que acontecem no cotidiano escolar, isto é, que os cursos de formação atendam às reais necessidades dos professores de música para a Educação Básica.

Desta forma, desafiamo-nos, como professora formadora, a pensar neste espaço a partir de sua complexidade, sem perder de vista suas contradições, mas, ao mesmo tempo, sendo real no quadro social posto em nossa sociedade. Buscamos pensar, no presente espaço, no entrelaçamento da formação de professores com a qual estou envolvida no ensino superior (BELLOCHIO, 2013, p. 77).

É de grande importância que, além do desenvolvimento musical o professor adquira o conhecimento pedagógico e consiga trabalhar com a realidade social e cultural da sala de aula. Esta formação pode acontecer em Cursos de Licenciatura em Música no sentido de considerar a música como um componente significativo na cultura da escola e na formação humana (CAMPOS, 2015, p. 157).

1.4.3 Espaços Especializados de Ensino Musical¹⁶

A prática de se ensinar um instrumento musical estava diretamente ligado ao músico instrumentista profissional onde a aplicação do conteúdo a ser ensinado era baseado na performance do professor, subtendendo-se que se ele tocasse bem saberia ensinar bem. Essa técnica de ensino era reconhecida como método tradicional, onde havia a reprodução do mesmo modelo de ensino que foi vivenciado enquanto aluno (GLASER; FONTERRADA 2007, p. 34). Este modelo implicava um padrão “conservatorial” que tem por base “um repertório que segmenta e hierarquiza o popular e erudito, priorizando as partituras e selecionando os conhecimentos a serem considerados válidos” (SANTOS; DIDIER; VIEIRA; ALONZO, 2012, p. 238). Embora muitos instrumentistas desejem realizar mudanças significativas e estruturais no processo de ensino aprendizagem, não conseguem efetivar o seu desejo apesar de terem a disposição de querer fazê-lo. Na prática do dia a dia recaem na mesma didática e pressupostos pedagógicos vivenciados por eles.

É sabido que atualmente não se pode desconsiderar a formação pedagógica deste professor, pois nem sempre o instrumentista está qualificado para uma aplicação metodológica do conteúdo que ele domina na prática. Em relação do processo formativo para o exercício da docência, Tardif (2012) considera que esta construção ocorre ao longo da vida “de modo que se está continuamente aprendendo a ser professor, aprendendo os saberes necessários à prática pedagógica” (apud WEBER; GARBOSA, 2015, p. 91). Baseado nestes conjuntos de informações que decorrem no dia a dia é que o instrumentista elabora e configura a identidade profissional e os saberes necessários para a ação docente conforme explana Weber e Garbosa:

Assim, a aprendizagem relacionada ao que é ser professor e os processos formativos para a docência iniciam-se antes mesmo da formação acadêmico profissional, ocorrendo desde a infância, junto à família, e no período da

¹⁶ Campo vinculado ao Estágio Curricular Obrigatório 5 e 6 das Habitações Instrumento Musical e Canto, contendo 96 horas cada estágio.

escolarização, momento em que se vivencia a escola como aprendiz. Neste sentido, não consideramos o ingresso na graduação como a fase inicial ou única da aprendizagem docente, mas que “os processos de aprender a ensinar e de aprender a ser professor são lentos, pois se iniciam antes do espaço formativo dos cursos de licenciatura e se prolongam por toda a vida profissional” (Mizukami, 2008, p. 389). Em face disso, compreendemos que a aprendizagem da docência, denominada nesta pesquisa como construção da docência, ocorre por meio de um conjunto de processos formativos que se configuram como experiências com as quais os professores constroem sua identidade profissional e adquirem saberes voltados à ação docente. Desta forma, entendemos que o processo de aprender a ser professor não pode ser generalizado, visto que os caminhos percorridos durante a trajetória formativa e a aprendizagem da docência são distintos a cada profissional. (WEBER; GARBOSA, 2015, p. 91, 92)

O curso preparatório que aborda as metodologias específicas do ensino do instrumento torna-se necessário para que o instrumentista, agora na função de professor, adquira a partir da sua vivência, do seu repertório interno, intelectual e emocional conhecimentos que o levem a administrar os conteúdos pedagógicos. É importante que o professor de instrumento entenda, estruture e aplique os melhores recursos didáticos daquele referente instrumento estabelecendo sua metodologia própria (GLASER; FONTERRADA, 2007, p. 28).

Um dos pontos importantes da reflexão metodológica e da didática pessoal neste campo de estágio é que os alunos possam estruturar uma nova forma de ensino a partir de sua experiência pessoal e dos conceitos adquiridos na academia, para assim aplicar em sua aula selecionando os melhores recursos para cada aluno. Muitas vezes, as escolas especializadas possuem falta de profissionais capacitados para o ensino do instrumento como afirma Glaser e Fonterrada.

Essas dificuldades são detectadas por muitas escolas de música, que pedem por mudanças e têm solicitado a seus professores de instrumento musical que adotem pressupostos pedagógicos diferentes daqueles que vivenciaram como alunos. No entanto, pela ausência de subsídios e informações que os levem a refletir a respeito da prática pedagógica de seu instrumento e das mudanças conceituais em termos de questões psicopedagógicas que os ajudem a compreender melhor o processo de ensino aprendizagem, a tendência predominante continua a ser a reprodução do mesmo modelo de ensino que experenciaram quando alunos, conscientes ou não de estar procedendo desta maneira. (GLASER; FONTERRADA, 2007, p. 29)

O curso de licenciatura fornece a experiência docente no Espaço de Ensino Especializado com o intuito de oportunizar a reflexão didático-pedagógica por meio da experiência de sala de aula. No decorrer das ações metodológicas o discente poderá

estabelecer metas a serem atingidas e métodos apropriados e atualizados com a realidade pessoal de cada aluno, respeitando assim a individualidade. Para Glaser e Fonterrada, a “não existência de um processo reflexivo dificulta a adaptação do professor às novas contingências” (GLASER; FONTERRADA, 207, p. 38), significando que se não há esta reflexão provavelmente o professor não conseguirá que seu aluno mantenha sempre interessado em aprender e desenvolver o seu potencial pessoal.

Sendo assim, é importante que o curso, além da formação técnica de um instrumento específico, forneça a oportunidade de vivenciar as questões didático-pedagógicas que envolvem o ensino e aprendizagem do instrumento musical.

2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MÚSICA: O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Após a exposição dos aspectos que delineiam o Estágio Supervisionado como disciplina, abordaremos o papel da universidade na formação de professores de música. Tratar dos conhecimentos sobre a prática de ensino no processo de formação nos esclarecerá de que forma o curso de graduação tem orientado o desenvolvimento da autonomia do futuro profissional.

De acordo com Barreiro e Gebran (2006), ao definir os paradigmas formativos de professores na universidade, estabelecemos as concepções do projeto pedagógico, assegurando ações que constroem a identidade de um professor reflexivo e crítico. A instituição de ensino constitui, atualmente, um dos principais elementos que contribuem para a formação, sendo necessária uma constante adequação às novas exigências educacionais sobre a realidade social:

O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias (LIBÂNEO, 2011, p. 12).

Isso exige uma busca constante de planos estruturais que fomentem a integração teoria e prática, na busca de romper uma ação puramente tecnicista. Sabe-se que teoria e prática são interdependentes, onde a *práxis* é norteada pela teoria e de que a *práxis* é um ponto fundamental na contribuição e na legitimação da teoria.

Perrenoud (2002, p. 51) defende uma prática instigadora e reflexiva, que propicia diversos benefícios, dentre eles, “um ajuste dos esquemas de ação que permita uma intervenção mais rápida, mais direcionada ou mais segura” durante sua atuação profissional. No decorrer da estruturação da prática reflexiva, é importante que esta seja fecundada “por meio de leituras, formações e saberes acadêmicos ou profissionais construídos por outros, seja pesquisadores seja profissionais” para que este profissional possa tecer vínculos reais e experiências significativas (Ibid., p.52).

O autor afirma que a formação de profissionais reflexivos constitui ser um dos objetivos prioritários em um currículo de formação de professores. O ponto maior é que o curso de formação seja estruturado de modo que em todo o seu percurso, incluindo o Estágio

Supervisionado, proporcione experiências vinculadas e contextualizadas para permitir o desenvolvimento das competências necessárias para a formação do profissional (*Ibid.*, p. 104).

2.1 A autonomia e a tomada de decisão

Por considerar a autonomia um fator importante para a gestão da aprendizagem, o objetivo é ressaltar alguns aspectos relativos à sua construção e compreender que ela se estende durante toda a formação continuada do exercício na prática docente. Como a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade, o ensino superior vem a ser um dos veículos de conscientização de que este processo de desenvolvimento autônomo não será conquistado somente por meio do curso de licenciatura, mas, seria o primeiro passo importante na formação profissional do educador.

A autonomia é contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática, definida por Paulo Freire (1996) como “educação bancária”. Por meio desta “educação bancária”, o aprendizado não contribui para a formação de um indivíduo autônomo pois ele deve estar preparado para um bom desempenho social onde as ações se tornam complexas e variáveis (MARTINS, SILVA, 2014, p. 1146). Então, o que viria a ser a autonomia na educação contemporânea?

Há tempos atrás, ao nos referirmos aos professores, constatávamos o pensamento de que estes detinham o conhecimento de uma área em específico, tendo sob sua responsabilidade o dever de passar os conhecimentos adquiridos academicamente para os alunos em sala de aula. Eram os professores especialistas, que nos informavam sobre os conhecimentos objetivos e fragmentados que seriam aplicados nas atividades de treinamento referente à matéria lecionada, não havendo relação alguma com a realidade do aluno e o seu contexto social (PIMENTA, 2002, p.30).

A autonomia não trata somente de acumulação de conhecimento. O currículo escolar deve proporcionar aos profissionais de cada área conhecimentos aplicáveis no futuro incerto da docência que advém das rápidas transformações que observamos na sociedade contemporânea, como afirma Fontoura (Apud CARPIM, 2014, p.174):

O ritmo rápido de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais das sociedades contemporâneas traduz-se no quadro escolar pela complexidade crescente das funções atribuídas ao professor e pela exigência cada vez mais sentida de abrir a escola ao mundo e à modernidade.

A realidade da globalização leva a questionar o mundo como um todo. Desse modo, a aprendizagem tem como objetivo fornecer subsídios para que o professor possa compreender a complexidade da sua realidade e saber atuar nela, por meio da reflexão crítica sobre a prática (FREIRE, 1996, p. 22). Mediante o paradigma contemporâneo em que o mundo permanece em constantes transformações, o docente deve procurar desenvolver a sua formação profissional continuamente e sua prática educativa deve ser baseada numa postura crítica da realidade e aplicabilidade do conteúdo dado, tendo como objetivo proporcionar um conhecimento significativo que lhe possibilite a construção de uma identidade profissional.

Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva, nos alunos, conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem, permanentemente, irem construindo seus saberes fazeres docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social, lhes coloca no cotidiano. Espera-se, pois, que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática, necessários à compreensão do ensino como realidade social e, que desenvolva neles, a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores (PIMENTA, 1997, p. 6).

A construção da identidade profissional vai sendo conquistada a partir do desenvolvimento da autonomia. Para que este docente consiga estabelecer a autonomia em sua prática, de acordo com as considerações de Freire (1996, p.18), é necessário que o conhecimento possa ser adquirido de uma forma mais abrangente em relação ao ensino tecnicista, passando a ser parte integrante da formação moral do educando.

Percebe-se que para exercer a docência, é fundamental que este indivíduo desenvolva sua autonomia, ou seja, a capacidade de tomada de decisão. Sendo assim, abordaremos a autonomia no processo de formação, sendo esta questão tratada na perspectiva de Paulo Freire.

2.2 A autonomia na perspectiva de Paulo Freire

A fundamentação teórica deste trabalho se norteia pelo desenvolvimento da Autonomia de Paulo Freire. A teoria de Freire se baseia em aspectos pedagógicos do processo educacional, cujo objetivo é o desenvolvimento humano. Por isso, o ser humano está inserido em uma realidade social que precisa ser entendida e criticada na busca de transformá-la para o objetivo de sua humanização com a apropriação de sua cultura. É nessa interação que Freire

entende que o sujeito produz conhecimento para estabelecer relações com outras pessoas, e por meio desta relação que se constrói novas possibilidades de relações sociais. Além disso, se estabelece e se apropria de uma comunicação que expresse opiniões, estruturando assim o processo de ensino e aprendizagem em via de mão dupla, onde se ensina e se aprende promovendo a consciência crítica (PETRONIA; SOUZA, 2009, p. 354-355).

Freire entende que a educação feita por meio da acumulação de conhecimento sem relações sociais, denominada de “educação bancária”, é vista como a inadequação do conhecimento. Este conhecimento adquirido sem relações interpessoais não leva em conta o sujeito como um ser culturalmente inserido em uma sociedade. Um dos pensamentos que Freire considera, sem duvidar em nenhum momento de sua prática educativo-crítica, é de que “a educação é uma forma de intervenção no mundo” de modo que, esta intervenção passa pela liberdade de escolha, pela responsabilidade na tomada de decisões, isto é, a conquista da autonomia (FREIRE, 1996, p. 63).

Interessante perceber que tanto Freire como Piaget entendem que para haver o desenvolvimento correto da aprendizagem é preciso haver consciência dos atos; consciência da ação do sujeito. Sendo assim, tanto para Piaget como para Freire, o fator central situa-se na ação em todos os níveis do desenvolvimento. Retirar a ação do sujeito é o mesmo que retirar o fato central da aprendizagem (BECKER, 2010, p. 143).

Baseado nesse pensamento, Freire desenvolveu sua obra “Pedagogia da Autonomia” (1996), da qual tiraremos alguns pontos importantes no contexto do Estágio, acreditando ser por meio do espaço que se atua que as tomadas de decisões irão influenciar na constituição da autonomia (PETRONIA, SOUZA, 2009, p. 358).

Não há a intenção de discorrer sobre este assunto de forma que ele se estabeleça como regra para obtenção da autonomia, pois este processo possui em si mesmo uma complexidade onde se estabelece e se modifica de acordo com as relações que irão ser vivenciadas no decorrer da prática docente. O importante é ter sempre em foco a questão da autonomia no decorrer da prática docente, por ser fundamental para o professor.

A educação requer responsabilidade e não se pode ser responsável se não é capaz de decidir, seja por impedimentos legais ou por falta de capacidades intelectuais e morais. Autonomia, responsabilidade, capacitação são característica tradicionalmente associadas a valores profissionais que deveriam ser indiscutíveis na profissão docente (CONTRERAS, 2002, p. 72-73).

Para Contreras (2002), a docência implica compromisso e responsabilidade nos aspectos educativos, que envolvem a capacidade de enfrentar situações inusitadas, a integridade pessoal, sendo necessário, para isso, o desenvolvimento da autonomia. Freire considera que a construção da autonomia se dá mediante ao contexto educacional, no qual o docente ensina e aprende por meio da relação professor/aluno. Sendo assim, a relação com o conhecimento e a construção deste, é estabelecida desde o princípio de sua experiência formadora.

[...] as técnicas analítico-sintéticas, “de decomposição e retotalização mentais”, conferem ao método de Freire um caráter peculiar na medida em que educador e educando juntos buscam a raiz, os fundamentos, a causalidade verdadeira dos acontecimentos vividos por ambos; e o fazem na convicção metodológica de que só a totalidade desaliena, liberta; pois não é simplesmente transformando as partes que se transforma o todo, nem o inverso; mas por uma dialética parte-todo (BECKER, 2010, p. 144).

O docente técnico é conhecido pela falta de questionamento das pretensões do ensino tendo como o dever maior somente o cumprimento de sua metodologia de forma eficaz (WELKER, 1991 apud CONTRERAS, 2002, p. 102). Na docência, deve-se aprender a aprender, ou seja, conhecer e compreender os saberes necessários para desenvolver a prática de ser professor. Desse modo, podemos perceber que para fundamentar a prática desenvolvida em sala de aula o professor dispõe de um pré-conhecimento teórico, que passa pelo processo de ressignificação social, onde a teoria é transformada em uma nova visão da prática escolar.

Freire reconhece que cada ambiente escolar irá proporcionar uma reflexão e experiências contextualizadas e significativas. O diálogo estabelecido pelo estágio proporciona um ambiente favorável para que o discente possua uma visão ampliada do papel do docente, pois ele exerce tanto o papel de discente quanto o de docente. Becker (2010) entende que durante o processo de reflexão não há passividade, existe um sujeito atuando de forma consciente durante a sua ação em campo e comprometido com aquela realidade: “Conscientizar-se é, pois, testar o ambiente, desvelar a realidade, analisar o objeto penetrando na essência do fenômeno. Não se trata de um conhecer passivo, portanto falso, intelectualista, mas ativo, comprometido com a transformação da realidade” (BECKER, 2010, p. 177).

Esta postura de adaptação à realidade permite um movimento que favorece a construção dos saberes e conhecimentos necessários no trabalho educativo e ao passo que este processo se estabelece, ele possui a compreensão da experiência por auxílio de um professor

formador e a construção de sua prática reflexiva e autonomia profissional (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 22).

Dessa forma, a experiência passa a ser um processo de construção de conhecimento onde existem trocas e experiências, observações, reflexões da ação de si mesmo e dos outros, recriação e apropriação do conhecimento:

Não temo dizer que inexiste validade do ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 1996, p. 12-13).

A troca de experiências será estruturada por meio do diálogo do educador e do educando, onde ambos promovem a construção do conhecimento. Durante essa construção não pode se perder de vista que ambos possuem diferentes experiências e graus de apreensão crítica da realidade, e baseados nessa troca elaborarão o conhecimento (BECKER, 2010, p. 138). Por sua vez, Freire (1996, p. 137) condiciona este diálogo com algumas características que devem ser predominantes:

Freire caracteriza o diálogo como amoroso, humilde, crítico, esperançoso, confiante, criador, indicando, assim, as condições prévias do verdadeiro diálogo e a direção que ele deverá seguir. A condição básica deste diálogo é que se trata de uma relação de sujeitos. (...) Sem amor é impossível o diálogo. Por isso não pode haver diálogo entre opressores e oprimidos.

Para o autor, o objetivo maior é entender que o educador está no papel de orientador da descoberta, de uma educação libertadora e conscientizadora. Ele não deve oferecer as informações desvinculadas de uma realidade vivida, deixando esta teorização destituída de significados pertinentes a uma prática de aprendizagem. Conhecer o aluno e suas dificuldades, assim como percebê-lo como um sujeito atuante contendo suas próprias experiências, lhe dará a oportunidade de expressão, o direito de compreender e comunicar o seu conhecimento e transformar o seu próprio modo de pensar.

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado (Ibid., 1996, p. 21).

A reflexão de si mesmo e de sua própria ação é o que Freire considera como *práxis*, e baseada nesta *práxis* educacional, há o desenvolvimento da autonomia pessoal. De acordo com Becker (2010) a *práxis* envolve a ação, reflexão e consciência:

[...] ação cria o elo, o ponto que permite o confronto contínuo da realidade com a reflexão, com a consciência; a ação transporta a realidade até a consciência, produzindo-a; a consciência, assim produzida, retroage sobre a ação modificando-a; esta ação assim modificada, transforma a realidade; a realidade transformada produz, mediante a ação, uma nova consciência... e assim, numa espiral sem fim (BECKER, 2010, p.180).

A *práxis* só poderá ser realizada caso o docente esteja em exercício permanente assumindo assim uma posição de sujeito sócio-histórico-cultural, isto é, precisa da vivência em sala de aula para que se possa aprender a fazer a sua auto-reflexão. É nesse contexto cheio de variáveis e de possibilidades, é que o docente pode vir a entender sua função social e adquirir ferramentas necessárias para uma leitura crítica contra a prática da degradação da aprendizagem.

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire indica algumas ações, às quais ele denomina como “saberes necessários à prática educativa transformadora”, onde esta espiral se transmuta continuamente em conhecimento e transformação social. Segundo Freire (1996, p. 12), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Quando o discente se torna o sujeito principal da construção do conhecimento ocorre a deflagração do que se chama “curiosidade epistemológica”, isto é, uma curiosidade de criticar positivamente; o discente torna-se capaz de criar e de aprender. Há uma recusa inevitável ao ensino “bancário” e a submissão injustificada, o educando passa a gerir uma força criadora de aprender a todo instante onde ele é estimulado a se arriscar e aventurar-se a cada conhecimento adquirido (Ibid., p.13).

O desafio maior é que, juntamente com o professor formador, o discente possa aprender a pensar corretamente, e para isso há a exigência de uma prática reflexiva durante todas as ações tomadas no decorrer de sua prática. É pensando criticamente que ocorre a melhora da “curiosidade epistemológica” e o amadurecimento da mesma, fazendo com que o conhecimento deixe de ser um discurso teórico e resulte em uma ação crítica-reflexiva.

A prática reflexiva requer um posicionamento ético, pois é por meio da postura ética que irá se respeitar as opiniões dos alunos e do gosto estético envolvido. Com respeito à relação entre professor aluno, algumas posturas devem ser evitadas:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia: o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exige do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 1996, p. 35).

Tanto o professor autoritário quanto o professor licencioso rompem com a eticidade da sala de aula, onde deveria ser um local de respeito à autonomia e identidade do educando, na busca de uma prática educativa coerente com o saber transmitido.

Paulo Freire nos instiga constantemente a analisarmos a prática docente e nunca nos acomodarmos em relação à aquisição de conhecimentos. O respeito à individualidade, à busca da integração humana e à troca de experiências, assim como a valorização da “curiosidade epistemológica” do aluno, deixa para trás um pensamento raso de que o conhecimento se estrutura em conteúdos, a educação bancária. Baseado nessa fundamentação teórica que será analisada a relação entre o Estágio Supervisionado e as experiências advindas de sua prática.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Como exposto até aqui, as atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado envolvem aspectos amplos e complexos, diversificados de acordo com os contextos, a história e a singularidade de vida de cada um (GUIMARÃES, 2005, p. 56). Sendo assim, é interessante analisar a visão que os estagiários possuem desta disciplina e quais consideram importante para sua formação, de forma que contribua para seu pensamento crítico-reflexivo e autônomo.

Neste tópico, apresentaremos mais detalhadamente a metodologia utilizada para a coleta de dados, assim como o perfil de cada entrevistado e as questões que foram norteadas para alcançar o objetivo de conhecer os processos que envolvem a prática do Estágio Supervisionado nos Cursos de Licenciatura de Música da EMAC/UFG. Como entendemos que o Estágio Supervisionado contribui para a identidade docente e constitui um elemento articulador de um indivíduo que atuará em determinado contexto social, optamos por utilizar da abordagem qualitativa, pois esta nos permite verificar com maior veracidade as relações sociais que ali ocorrem.

Numa abordagem qualitativa, o pesquisador coloca interrogações que vão sendo discutidas durante o próprio curso da investigação. Ele formula e reformula hipóteses, tentando compreender as mediações e correlações entre os múltiplos objetos de reflexão e análise. Assim, as hipóteses deixam de ter um papel comprobatório para servir de balizas no confronto com a realidade estudada (SUASSUNA, 2008, p. 349).

Compreendendo a importância de que precisamos responder questões particulares que envolvem o contexto social dos estágios da UFG, decidimos pela entrevista semiestruturada, investigando sobre como os conhecimentos e habilidades adquiridos durante a formação podem trazer significados; e como esses significados ampliam a visão do acadêmico sobre a prática pedagógica, favorecendo o desenvolvimento de sua autonomia.

De acordo com Suassuna (2008, p. 249), a análise pode ocorrer paralelamente à observação, podendo o pesquisador ter a liberdade de selecionar os aspectos mais pertinentes ao seu campo de pesquisa e direcioná-los. Sendo assim, as entrevistas foram reformuladas para responder a questões particulares de cada entrevistado.

Foram entrevistados dois professores orientadores, tendo como critério serem professores efetivos da instituição EMAC/ UFG e terem orientado os estagiários em pelo menos três disciplinas de estágio. Os alunos estagiários tinham que contemplar três características: a) serem maiores de 18 anos ou emancipados; b) terem vínculos com a EMAC/UFG; c) terem concluído quatro disciplinas de estágio, das seis impostas pelo curso. E os Professores Licenciados tinham que ser maiores de 18 anos ou emancipados, e terem concluído o curso no período de 2009 a 2016 na EMAC/UFG¹⁷.

Para cada entrevistado, foram esclarecidas as questões sobre possíveis riscos e benefícios decorrentes da sua participação na pesquisa, dando-lhe total liberdade de declinar a sua participação a qualquer momento, assim como os esclarecimentos necessários sobre o conteúdo que seria abordado pelo roteiro de entrevista. Os documentos foram enviados previamente para sanar qualquer tipo de questionamento que poderiam surgir, não constrangendo assim o entrevistado. Para que a realização das entrevistas fosse mais ágil e produtiva, os entrevistados consentiram o registro por meio de gravação de áudio, para posterior transcrição e análise.

Em relação aos roteiros das questões das entrevistas, foram elaborados dois roteiros, sendo um, direcionado especificamente para os orientadores, e outro, para os estagiários e Professores Licenciados. O roteiro¹⁸ dos professores orientadores constava de oito questões referentes ao Estágio Supervisionado. As questões envolviam aspectos como: a importância que a disciplina possui na formação do professor de música, o papel específico de cada indivíduo envolvido no processo de aprendizagem, além de contemplar a estrutura organizacional e de vinculação aos campos, as dificuldades enfrentadas, a realização das reflexões dos alunos estagiários e como se processa todo o conhecimento adquirido para o desenvolvimento da autonomia do aluno.

O roteiro¹⁹ da entrevista dos estagiários e dos Professores Licenciados coloca em evidência as atividades em campo, a relação do conhecimento teórico e orientações da prática para o desenvolvimento do pensamento reflexivo, e como essas experiências contribuem para a construção da autonomia profissional.

¹⁷ Apesar de 2009 ter sido o ano do estabelecimento da nova matriz curricular, o recorte temporal se deu pelo início do Curso de Música-Licenciatura Predominantemente Noturno, com a entrada de alguns instrumentos musicais e, consequentemente, a possibilidade de inserção de participantes oriundos do referido curso – o que enriqueceu a análise.

¹⁸ Apêndice A: Roteiro da entrevista Professores Orientadores.

¹⁹ Apêndice B: Roteiro da entrevista Estagiários.

As entrevistas foram transcritas²⁰, e a partir dos dados coletados, foram selecionados trechos relevantes para discussão no presente trabalho. Para preservar a identidade do participante, foram escolhidas letras do alfabeto de A ao F para representar os estagiários, G ao J para os Professores Licenciados e letras X e Y para se referir às professoras orientadoras. Os nomes dos professores supervisores de campo foram substituídos por cores, resguardando assim suas identidades, assim como os nomes dos espaços de atuação para se referir aos campos profissionais ficaram determinados Espaço Alternativo “A” e “B”, Espaço de Ensino Formal “A” e “B”, Espaço de Educação Básica e Espaço de Ensino Específico.

3.1 Análise das Entrevistas

3.1.1 Professores Orientadores

Conforme relatado anteriormente, os dois Professores Orientadores entrevistados fazem parte do quadro de professores efetivos. A entrevista tinha como objetivo esclarecer o processo de formação dos licenciandos e identificar quais os aspectos da disciplina de Estágio que contribuem para a formação da autonomia. Baseado nas respostas fornecidas por meio das entrevistas, foram selecionados os tópicos mais importantes para análise. Apresentaremos a seguir, dados obtidos por meio das entrevistas realizadas.

Uma das primeiras questões que foram levantadas foi sobre a importância do Estágio Supervisionado na vida acadêmica. De acordo com a professora orientadora X, o estágio tem ganhado notoriedade e se constitui como uma fase essencial na vida acadêmica dos estudantes de licenciatura.

E o que a gente tem acreditado como sendo mais fundamental, mais essencial do estágio, é que o aluno aprenda a profissão, e aprender no sentido de que ele precisa lidar com várias questões relacionadas a profissão então, se o objetivo do estágio tem a ver com o aprender ou apreender a profissão; no caso do estágio pra cursos de licenciatura em música, o objetivo maior seria apreender a ser um professor de música (Orientadora X- Questão 1).

Como já enfatizado o Estágio propõe fornecer uma etapa essencial na formação dos professores de música, ele incentiva o estudante de licenciatura a desenvolver e a aplicar os

²⁰ As transcrições das entrevistas dos Alunos cursantes, Professores Licenciados e Professores Orientadores se encontram nos Apêndices de C a O.

conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso, para que por meio das experiências em campo ele possa analisar seus referenciais teóricos e aplicá-los de acordo com a realidade social.

[...] é... o momento durante o curso onde o aluno vai poder pôr em prática todos os conhecimentos até então vistos. Alguns teóricos, outros já vivenciados, práticos, mas ao mesmo tempo ele vai poder colocar todos os conhecimentos até então vistos na docência, vamos dizer assim, na docência no sentido do exercício da prática docente (Orientadora Y- Questão 1).

A professora Y entende que o estágio é propiciador de trocas de experiências e direcionamentos práticos para os licenciandos. É possível por meio deste processo de ensino desenvolver uma relação de pesquisa de campo, onde o estagiário poderá analisar situações observadas por meio daquele contexto, identificando, dessa forma, que há uma necessidade de orientação e direcionamento específicos de situações peculiares da profissão.

Então se você me perguntar qual é a importância fundamental do estágio eu diria pra você que é apreender a profissão de ser professor de música e não é um aprendizado diretivo é um aprendizado baseado na troca, então nós temos vários profissionais envolvidos nessa estrutura de modo a possibilitar uma formação que potencializa o diálogo entre a teoria e prática, um pensamento crítico e que o aluno fique cada vez mais à vontade pra lidar com as diversas problemáticas de diversos Campos de estágio que nós oferecemos (Orientadora x- Questão 1).

Um dos pontos importantes desse aprendizado é que os conteúdos adquiridos no decorrer da vida, assim como anterior à própria disciplina, podem demonstrar articulações entre a teoria e a prática. É de grande valia que ao final dessa experiência o aluno aprenda a ser um professor de música capacitado para exercer a sua profissão com autonomia e capacidade crítica-reflexiva.

Mas como ocorre a orientação para que o licenciando aprenda a ser um professor reflexivo? Conforme afirma Barreiro e Gebran (2006, p. 24), é importante haver professores Orientadores que favoreçam e forneçam caminhos que levem à reconstrução de conhecimento, pois a universidade que possui docentes que somente reproduzem conhecimento sem a ressignificação torna-se um lugar obsoleto e desnecessário.

Cabe ao professor Orientador a responsabilidade de orientar, esclarecer e estabelecer um diálogo claro do que é abordado nos campos de estágio, conforme afirma a Orientadora X:

“No caso específico da música, o professor Orientador é o professor responsável pelas seis disciplinas que compõem, de um modo geral a nossa matriz curricular e que estabelece o diálogo com os campos estágio [...]” (Orientadora X- Questão 2).

Entende-se que as fronteiras entre a teoria e a prática tornam-se muito mais diluídas dentro do estágio, na medida em que não se pode separar a ação da reflexão. Sendo assim, os alunos são direcionados a campo onde se desenvolve a ação docente, relacionando-a com os conhecimentos teóricos apreendidos durante o curso e apoiados a todo instante pelo professor Orientador.

Só que embora didaticamente pareça interessante a gente dividir isso, teoria e prática, é claro que existe diferenças entre teoria e prática, no estágio essas fronteiras ficam muito mais diluídas. Porque à medida que o aluno está realizando as ações docentes ele está processando e trabalhando teoricamente enquanto ele está na disciplina teórica trabalhando com textos das disciplinas ou com questões mobilizadas por disciplinas anteriores, ele também está a todo tempo pensando em como isso se materializa no campo. Então no estágio essa relação entre teoria e prática ela é muito forte porque na própria estrutura da disciplina já há previsão pra que esses dois momentos aconteçam (Orientadora Y- Questão 6).

A professora Y nos leva a considerar a grande importância que o professor Orientador e Supervisor possuem na construção desta identidade do licenciando, para que ele possa obter a compreensão necessária para o desenvolvimento do pensamento reflexivo. Um dos apontamentos é que justamente o professor aproxime e retire as dicotomias entre a teoria e a prática dos conhecimentos acadêmicos, auxiliando no processo de se tornar um professor e pesquisador.

Bom, o orientador ele primeiro vai, exatamente dar as diretrizes teóricas, vai propiciar a discussão das experiências, fazendo o link com todas teorias, fazendo esse link com as disciplinas do curso [...]

Então assim, ainda a gente percebe que o estágio é esse; como eu disse anteriormente, é esse momento onde ele vai tentar integrar toda essa formação até então trabalhada e ao mesmo tempo, ele já entrar em contato com a realidade de sala de aula onde nós sempre deparamos com novos desafios, novos sujeitos, educandos, cada espaço, cada faixa etária, cada escola, cada objetivo, cada projeto pedagógico de cada escola tem um direcionamento. [...]

Mas é de fundamental importância que esse orientador prepare o planejamento e ao mesmo tempo as discussões, fazendo sentido as discussões teóricas. Assim como as discussões de buscar fazendo com que o aluno reflita é aqueles conhecimentos, que até então, ele trabalhou nas outras disciplinas devem ser usados.

Eu gosto muito do termo professor como intelectual, aquele pesquisador, aquele o famoso professor pesquisador, mas também um professor que é o interventor social. Então ele coloca o professor como intelectual, o professor como interventores sociais. No caso do interventor social é aquele professor que promove atividades, que também extrapolam um pouco o campo da sala de aula e promovendo também alguma atividade com a família, com a comunidade da escola, comentando, provocando também nos alunos das escolas que também pra eles façam sentido aquela aula de música né (Orientadora Y- Questão 2).

Pimenta e Lima (2004, p. 48) afirmam que as pesquisas que se abrem no caminho de entender a sala de aula, nos demonstram com clareza quais os saberes necessários que deverão ser adquiridos no exercício da docência. Tais pesquisas possibilitam esclarecer da melhor forma as situações que podem causar incerteza e indefinição.

A prática do estágio favorece um campo amplo no aspecto de pesquisa e produção, e devido à sua complexidade acaba enfrentando diversos problemas de ordem estrutural ou mesmo pedagógica; algumas destas são notórias durante a entrevista. Um dos pontos que foi evidenciado no desenvolvimento das entrevistas se refere às questões burocráticas. O preenchimento de formulários é um dos pontos citados pelas professoras orientadoras, assim como a vinculação ao campo que eles serão conduzidos.

A segunda dificuldade, diz respeito as dificuldades que nós já discutimos, que são as dificuldades de ordem burocrática: preenchimento de documento, adequação de horários de todos os envolvidos nos campos de Estágios, a exigência cumprimento da carga horária (Orientadora X- Questão 3).

As orientadoras entendem a necessidade de haver tais documentos, pois asseguram ao licenciando sua ida ao campo que, muitas vezes, pode estar em algum lugar distante de sua residência, e esta documentação lhe favorece algumas seguranças, caso ocorra o inesperado. Esse processo, muitas vezes, torna-se moroso e reflete nas aulas teóricas, consumindo tempo extra.

De certo modo a gente pode fazer uma crítica de que haja uma burocracia exacerbada, mas como nós já passamos por problemas no estágio quando o aluno sofreu acidente indo a campo de estágio, nós percebemos a importância dessa questão da documentação. [...]

Porque se os alunos preenchem devidamente essa documentação eles estão cobertos por um seguro oferecido pela própria Universidade Federal de Goiás, e esse seguro caso aconteça algum tipo de problema e de acidente os alunos podem se valer dele. Então essa questão burocrática relacionada a

documentação é uma questão muito importante mas, muito problemática porque os alunos tendem a ser arredios quanto a isso.

Mas de um modo geral a gente tem resolvido isso; [...] (Orientadora X- Questão 4).

Outro fator que demanda um tempo extra, refere-se às documentações de convênio com as instituições e adaptação ao calendário acadêmicos das mesmas. É importante, ao início de cada semestre, obter horários nos campos pré-estabelecidos, para viabilizar agilidade e eficiência nas diretrizes iniciais da disciplina, porém, muitas vezes, esse processo se torna vagaroso, devido aos imprevistos. A orientadora X afirma que, por haver muitas pessoas envolvidas, os encaminhamentos da documentação se tornam morosos.

Além dos problemas que envolvem o funcionamento para se iniciar a inserção no campo de estágio, há atenuantes, algo que ocorre fora de sua alçada, como as greves decorrentes das diversas crises políticas. Esse aspecto chama a atenção dos professores Orientadores, pois lhes acarreta inúmeros problemas que prejudicam o estágio como um todo.

Muitas greves acontecem no período letivo, forçando a universidade a adequar seu calendário após o retorno das aulas. Sendo assim, existe a possibilidade de que as aulas para os acadêmicos retornem em momento de férias escolares, impossibilitando os estagiários terem acesso a campos em funcionamento (Orientadora X- Questão 4). Os Orientadores podem buscar outras possibilidades de organização e adequação do estágio e seus devidos conteúdos.

Como os horários são alterados em relação ao calendário acadêmico da universidade, resultando em dificuldades de adequação e entrada no campo de estágio; isso acarreta prejuízo no cumprimento da carga horária do estágio, que aponta ser bem extensa no transcorrer do semestre.

Isso é uma exigência que ela é legal, então, ela está para além da vontade do Professor Orientador ou do Professor Supervisor ou mesmo das possibilidades do aluno. Essa exigência é uma exigência da matriz curricular do curso de música, que por sua vez está relacionada à exigência da Universidade Federal de Goiás, que por sua vez está relacionada à lei nacional do estágio. Então é uma exigência que vem de uma instância muito superior, e que de alguma forma a gente tem que cumprir (Orientadora X- Questão 4).

Entretanto, é importante ressaltar que as greves possuem um aspecto importante sobre as questões políticas-sociais. Há uma clareza sobre a necessidade desse movimento social existir, pois ele evidencia aspectos falhos na gestão orçamentária da área da educação.

Retomando os aspectos pedagógicos, pudemos perceber pelos relatos das professoras, a preocupação dos estagiários em obter apoio de um Professor Orientador no decorrer da experiência de campo, onde as questões que norteiam a ação docente serão refletidas e ressignificadas, culminando na produção escrita, ou seja, os relatórios de estágio. Tais relatórios podem ser elaborados semanalmente ou ao final do semestre, podendo ser um relato de experiência A decisão fica a critério do Professor Orientador, conforme exposto no regimento de estágio.

Em relação a essas produções escritas, foi questionado às professoras quais as principais críticas observadas nos relatórios finais. As queixas que mais chamaram a atenção, referiu-se às insatisfações de ordem burocrática, assim como às estruturais dos campos, envolvendo a distância e o horário dos mesmos. A professora Orientadora X e a professora Orientadora Y ressaltam os mesmos pontos:

Então até 2012, nós víamos assim, dois eixos de críticas principais, primeiro de problemáticas relacionadas ao próprio estágio; problemáticas de ordem burocrática mesmo, então, de dificuldades de acesso à escola, da distância da escola campo, ou muitas vezes dos horários que são incompatíveis, certo? (Orientador X- Questão 7).

Muitos nos auxiliavam a diagnosticar o problema, sugerir tanto estruturas, organizações, outros ficavam no campo da crítica mas as vezes uma crítica que as vezes não condizia com o espaço. (*Essas críticas eram mais metodológicas?*) Não, no estágio do espaço alternativo na verdade, a grande parte dos alunos criticava a parte da distância, a distância dos campos isso era notório, e também da falta de estrutura do campo do espaço alternativo (Orientador Y- Questão 7).

Reconhecemos que tais questões sejam procedentes e estão relacionadas ao eixo pedagógico do próprio estágio, pois por meio dos relatórios, os professores orientadores começaram a se preocupar com a estrutura da escola que iria vincular-se ao estágio. Porém, como ressaltado anteriormente pelas professoras orientadoras, o objetivo do estágio é proporcionar uma experiência que resulte em uma análise crítica, onde o resultado pode se concretizar em produções acadêmicas que representassem os conhecimentos adquiridos no decorrer do semestre letivo, podendo até mesmo se tornar em um artigo publicável.

Acrescente-se a possibilidade de escrita de um artigo para os anais de eventos que, sob a orientação do professor formador, legitime a construção de conhecimento que aconteceu no percurso do estágio. Tanto a apresentação como a publicação de um artigo científico podem constituir uma atividade do estágio na forma de um *seminário de encerramento* e com a presença da comunidade, de egressos e também de estudantes dos cursos de formação de professores (SILVA, 2014, 147).

Se o relatório se encontra em meio da produção do estágio, desconstituído de uma reflexão mais aprofundada da experiência vivenciada em campo, há que se questionar se as orientações estão em conformidade com a proposta desta atividade. Caso necessário, reformular as propostas ou averiguar se o diálogo esclarece coerentemente os objetivos da construção do material escrito.

A professora Orientadora X entende que a partir do diálogo traçado entre professor/aluno estagiário, e supervisor/aluno estagiário, o aluno é encorajado ao desenvolvimento da autonomia e a tomada de decisão. O ato de atuar em campo não somente contribui para o pensamento autônomo quanto para uma postura autônoma. A Orientadora deixa claro que há uma limitação em relação ao aluno, por ser uma ação de construção, depende também da disposição do licenciando.

É claro que de um modo geral, autonomia ela tem sido um dos motivos da nossa educação. Seja educação básica, seja em outros ambientes educativos como espaço específico, conservatórios de músicas no caso específico da educação musical, então se a gente for pensar especialmente, a educação busca o desenvolvimento da Autonomia dos alunos. A gente tenta ao longo dos estágios fazer com que essa autonomia se desenvolva novamente principalmente pela via do diálogo (Orientadora X- Questão 8).

Um ponto a ser destacado é que a autonomia vai além da sala de aula, não se traduzindo somente no perfil profissional, mas sim, numa forma de agir. "Olha isso é uma chave pra vida, isso nunca está, assim como qualquer tipo de conhecimento e de, vamos dizer assim, de competência, habilidade e competência está sempre em construção e desenvolvimento" (Orientadora Y- Questão 8). Se a orientadora considera a autonomia uma filosofia de vida e em constante construção, há que se considerar que todas as experiências permearão no perfil autônomo, podendo ser elas boas ou ruins.

A universidade pode ser um meio de se adquirir essas experiências, principalmente no âmbito profissional. De acordo com o pensamento de Paulo Freire, existe um grande

comprometimento para que o ato de educar possa ser um meio de contribuição social e isto envolve os formadores de professores.

O profissional ele tem que ter consciência de que a tarefa não é fácil, então você ter em mente a educação como um meio para transformação da sociedade, isso significa algo muito, vamos dizer assim, ambicioso. Lógico que a gente sabe que a educação sozinha não transforma, mas que a gente como professor puder provocar esse aluno, esse educando para uma nova visão de mundo, uma nova maneira de viver o mundo, de pronunciará mundo e de viver o mundo (Orientadora Y- Questão 8).

O estágio precisa se apresentar como uma disciplina significativa que procura se adequar as realidades atuais, contextualizando os questionamentos que serão levantados no decorrer do seu curso, que serão referentes aquele momento histórico vivenciado. A Orientadora Y aponta que apesar do estágio possuir práticas estruturadas, institucionalmente constituídas, não significa que o estagiário irá apresentá-las de forma reprodutiva em campo. É importante que o aluno possa enxergar o mundo como algo dinâmico, isto quer dizer, que contextualmente este estagiário deverá adequar suas ações a partir das culturas existentes, das realizações sociais e dos conhecimentos individuais de cada integrante daquele espaço educacional.

Durante o processo das atividades em campo de estágio, o professor Orientador tem como atribuição ser um instigador de questionamentos que incitarão os estagiários à prática reflexiva das suas ações. Por isso, a Orientadora Y afirma que este professor precisa estar presente durante o processo experiencial de campo, pois ele provocará seu aluno à "curiosidade epistemológica", citada por Freire (1996, p. 13). E a curiosidade despertará a vontade de ser um diferencial na educação como um professor motivador e desejoso pelo crescimento pessoal.

Todas as experiências deverão se voltar para a formação do profissional. De forma não opressiva, o professor deve se tornar um exemplo, um referencial.

E também é um processo extremamente rico porque o professor também tem que estar sempre reconstruindo o seu planejamento, reconstruindo o seu percurso porque também a gente também a gente queria enquanto docente, expectativas em relação aos alunos. Às vezes uma turma extrapolam os nossos planejamentos e vai além das discussões de uma forma com mais textos, e outros mal conseguem trabalhar o que foi planejado, então esse pensamento autônomo e crítico ele vem com todo esse entorno, não é uma coisa estanque, é uma atitude complexa que tem haver com uma forma de pensamento (Orientadora Y- Questão 8).

Mas toda essa estrutura acadêmica, metodológica e disciplinar, no pensamento das professoras orientadoras, acarreta um bem maior, que é justamente a promoção de um ensino que contribua para o desenvolvimento do *habitus* individual, assim como contribuir para a educação do país como um todo.

Mas é uma autonomia que é basicamente fomentada pelo diálogo pela atuação prática do estagiário no campo de estágio e também pelas relações entre todos os atores que estão em envolvidos para que o estágio curricular supervisionado tenha de fato um sentido, uma significação pra todos que estão ali trabalhando juntos e acreditando em melhorar de alguma forma a educação em nosso país (Orientadora X- Questão 8).

É um paradigma que se segue e às vezes inconscientemente mas com certeza faz parte do *habitus*²¹ que é essa história de vida de cada um (Orientadora Y- Questão 8).

O Estágio é um meio "catalizador" de reflexões acadêmicas, um ambiente favorável onde os professores se encontram capacitados a discussões sociais, metodológicas e educacionais da área de formação. Para que isso ocorra, conforme as professoras entrevistadas, o sistema educacional deve visar um objetivo que vai além da conquista pessoal fazendo com que o profissional realmente intervenha de forma positiva na sociedade em que está inserido.

3.1.2 Acadêmicos

É fundamental perceber a visão daqueles que experienciam essa contraposição entre teoria e prática, assim como a visão dos professores que estão exercendo a orientação nesse processo. Para que houvesse um maior esclarecimento sobre essas trocas de experiências, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os estagiários dos dois turnos do curso

²¹Habitus é uma noção filosófica antiga, originária no pensamento de Aristóteles e na escolástica medieval, que foi recuperada e retrabalhada depois da década de 1960, pelo sociólogo Pierre Bourdieu, para forjar uma teoria disposicional da ação capaz de reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes, sem com isso retroceder ao intelectualismo cartesiano que enviesa as abordagens subjetivistas da conduta social, do behaviorismo ao interacionismo simbólico, passando pela teoria da ação racional.

O habitus é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente (WACQUANT, 2007, p. 64-65).

Integral e Predominantemente Noturno, que cursaram a maior parte dos seis semestres de campo. Nesse sentido, buscou-se conhecer a percepção de cada um com relação às experiências adquiridas e aos problemas enfrentados, culminando no desenvolvimento de sua autonomia. Estas entrevistas se ampliaram para os Professores Licenciados, contemplando os formandos que ingressaram a partir de 2008, que possuem além da experiência do estágio, a visão do curso e o quanto essa experiência contribuiu para que pudessem ser profissionais mais qualificados e capacitados por meio de sua autonomia exercer suas atividades no campo profissional. Por meio das entrevistas, houve o desejo de que as respostas contribuíssem para a obtenção de uma visão mais ampla do que ocorre durante a ação em campo.

Foram entrevistados seis estagiários e 4 Professores Licenciados²², contemplando as habilitações do Curso de Música da UFG e os dois turnos oferecidos pelo curso. O perfil dos seis estagiários que ainda estão cursando a licenciatura: 1) O estagiário A é aluno do Curso de Licenciatura Habilitação Educação Musical período integral, estando no 9º período do curso, e no momento da entrevista ele já havia concluído cinco das seis disciplinas de estágio. 2) O estagiário B é aluno do Curso de Licenciatura Habilitação Educação Musical período integral, estando no 8º período do curso, e ele já havia concluído cinco das seis disciplinas do estágio. 3) O estagiário C é aluno do Curso de Licenciatura Habilitação Instrumento Musical período noturno, estando no 7º período do curso, tendo concluído quatro, das seis disciplinas de estágio. 4) O estagiário D é aluno do Curso de Licenciatura Habilitação Instrumento Musical período noturno, estando no 9º período do curso, tendo cursado quatro das seis disciplinas do estágio. 5) A estagiária E é aluno do Curso de Licenciatura Habilitação em Canto período noturno, estando no 10º período do curso tendo finalizado todas as disciplinas de estágio. 6) A estagiária F é aluna do Curso de Licenciatura Habilitação em Canto período noturno, estando no 7º período do curso, tendo concluído cinco, das seis disciplinas de estágio.

Foram quatro Professores Licenciados que participaram desta pesquisa: 1) A licenciada G, formada em Educação Musical (2014); 2) O licenciado H, formado em Instrumento Musical (2014); 3) A licenciada I, formada em Canto (2015); 4) A licenciada J, formada em Educação Musical (2015).

Como explicado anteriormente, para salvaguardar a identidade dos Professores Supervisores de cada campo foram escolhidos nomes de cores para os referentes professores e

²² Para uma amostra diversificada, considerou-se oportuno entrevistar os alunos que se formaram no período estabelecido para a pesquisa, pois possuem uma visão mais crítica sobre a experiência do estágio.

os campos foram substituídos pelos espaços, ficando Espaço Alternativo “A”, Espaço Alternativo “B”, Espaço de Educação Básica, Espaço de Ensino Formal “A”, Espaço de Ensino Formal “B” e Espaço de Ensino Específico.

De posse dos dados coletados, pudemos conhecer a atual estrutura da disciplina do estágio na EMAC e sua importância no processo de formação do licenciando. As questões levantadas por meio da entrevista tinham como objetivo investigar a estrutura do estágio, as funções de cada participante envolvido, assim como analisar os processos de atuações dos estagiários nos diversos campos, principalmente identificar como estas experiências e orientações contribuíram para o desenvolvimento da autonomia.

Apesar do foco de interesse desta pesquisa estar voltado à experiência de campo como meio de desenvolvimento da autonomia, diversos outros fatores foram expostos durante as entrevistas. Pontos importantes que integram as atividades práticas nos campos de estágio que contribuem ou prejudicam o desenvolvimento do mesmo. Sendo assim, dividimos em blocos temáticos para uma melhor análise e discussão.

O primeiro tópico: *Disciplinas referentes ao Estágio* apresenta as disciplinas de estágio e como elas se encontram estruturadas apontando os aspectos positivos e negativos. O segundo tópico *Greves no período letivo* aborda as questões da greve e como ela prejudica as atividades ou suscita oportunidades que favorecem a aprendizagem dos licenciandos em relação ao conhecimento extra-classe. O terceiro tópico *Direcionamentos e abordagem do conteúdo*, explana sobre a visão dos acadêmicos referente ao conteúdo teórico da disciplina e aos temas de interesse de cada habilitação. A partir deste discurso, ressaltam-se questões concernente aos participantes e de toda estrutura envolvendo principalmente Professores Supervisores e suas devidas abordagens metodológicas, desta forma, desenvolvemos o quarto tópico *Supervisão em campo*. O quinto tópico *Elaboração dos Relatórios* evidenciamos a reflexão dos conhecimentos adquiridos durante o período do estágio, demonstrados nos relatórios, identificando sua estrutura e importância, na visão dos estagiários. Para finalizar, na seção, *O estágio como oportunizador da práxis* discorre sobre o estágio como sendo a oportunidade para a prática, podendo o estagiário obter sua primeira experiência docente por meio da disciplina, ou se por acaso ele possua experiência, possa fornecer a este estagiário a oportunidade de ampliar seus conhecimentos didáticos pedagógicos na diversidade de campo, culminando na *Autonomia profissional*.

3.1.2.1 Disciplinas referentes ao Estágio

Iniciaremos nossa análise sobre as Disciplinas referentes ao Estágio, pois, no decorrer das entrevistas foi um dos assuntos colocado em foco. Em relação à estrutura das disciplinas dos estágios, os acadêmicos entrevistados levantaram questões que dificultavam o processo de aprendizagem, assim como, sobre a falta que possuem em determinadas situações em campo de orientação e supervisão do mesmo. O primeiro aspecto que iremos tratar é se a estrutura das disciplinas de estágio da EMAC atende as necessidades do professor de música, não se reduzindo meramente a um campo de reprodução técnica ou de observação, sem o processo de “análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 36).

A proposta das disciplinas do estágio visa contemplar os diferentes campos de estágio e oportunidades de atuação no decorrer do curso. Entretanto, os alunos estagiários questionam a forma que foi estruturada para questões referentes à observação e regências de campo. Os estagiários perceberam que o primeiro contato que possuem com o campo de estágio, no caso o Espaço Alternativo (Estágios 2 e 3), eles assumem a regência da turma, muitas vezes, gerando alguma ansiedade e temor, porque em diversas circunstâncias o campo não contém um cronograma de curso estipulado para as aulas que irão lecionar, uma boa estrutura física contendo recursos materiais e nem mesmo um Professor Supervisor que os oriente e os conduza no decorrer das atividades.

Eles afirmam que estas primeiras experiências dos Estágios 2 e 3 se encontram totalmente equivocadas, pois não se consideram preparados para assumir uma classe sem uma prévia preparação de observação e semi-regência. Admitem a necessidade de conhecer as características de cada campo, porém, que nestes espaços haja uma estrutura pedagógica e uma supervisão adequada para a elaboração das referentes aulas. Essas críticas sobre a estrutura dos Estágios 2 e 3 giram em torno da falta de orientação, direcionamento metodológico e acompanhamento em campo de estágio de cada habilitação.

O estagiário A percebeu que a falta de orientação de um professor qualificado ou um acompanhamento pedagógico estruturado durante as aulas em campo e em relação ao domínio da classe ficou a desejar apesar dos alunos estagiários terem executado e cumprido as atividades propostas: “Os primeiros estágios... foram estágio de Regência; o 2 e o 3, é..., a gente regeu, mas assim, ficou assim, aquela coisa meia solta, como eu já disse” (Estagiário A- Questão 1).

O estagiário B ressalta que, apesar da experiência ter sido boa, lhe possibilitando o primeiro contato com a sala de aula, sentiu-se desamparado pela instituição que lhe impôs responsabilidades docentes sem nenhuma referência de plano pedagógico estruturado e que o seu auxílio foi baseado em colegas que faziam mestrado, e não em professores supervisores, como era esperado.

[...] 2 e 3 na verdade que é o alternativo; foi aqui no Espaço Alternativo “B” com musicalização infantil. Foi uma experiência muito boa porque nunca tinha atuado mas em um primeiro momento, foi bem um “tiro no escuro”, porque a professora que era encarregada ... *“Oh você vai ficar na musicalização”* então foi um momento assim, de ter que correr atrás. No primeiro momento eu tive ajuda de algumas mestrandas que inclusive atuaram comigo e isso me ajudou bastante. Foi ruim por um lado porque eu fiquei muito jogado assim, por conta da Coordenação, a gente não tinha um plano pedagógico no curso, a gente não tinha, [...] (Estagiário B- Questão 2).

A questão referente a estar em um campo que não se obtém inicialmente a orientação de um Professor Supervisor para observação e semi-regência e por considerarem docentes inexperientes nos primeiros estágios, os licenciandos D e F indagaram quais seriam os critérios da disciplina de estágio para estruturar as primeiras experiências desta forma. Na visão destes estagiários, esta proposta de trabalho dos Estágios 2 e 3 se encontra de forma equivocada e falha, pois a observação aconteceria somente no Estágio 4:

Mas o jeito que foi colocado, eu participei de cinco Estágios, os cinco Estágios que me foram ofertados aqui eu achei que foram de maneira equivocada, eu falo isso porque o Estágio 1 ele demonstrou mais uma leitura e um exemplo de como deveríamos nos comportar perante a sala de aula. No Estágio 2 e no Estágio 3, no Estágio 2 foi designado que a gente já deveria ir pra sala de aula e a gente tipo assim sem nenhuma orientação do que deveria ser ministrado nas aulas; o Estágio 2 e o Estágio 3 foram dessa maneira. O Estágio 4 é que foi um estágio em que a gente teve que ficar observando, observando o campo, observando uma professora e como ela iria fazer a aula e o trabalho dela juntamente com os alunos e no Estágio 5 a gente ficou responsável lá no Espaço de Ensino Básico.

Eu achei um tanto quanto complicado por conta disso porque no Estágio 4 lá no final do Estágio 4 é que a gente começou a observar. A universidade ela tinha que organizar isso para que esta questão de observar fosse no início do estágio e não no final do estágio, ser orientado no que vai trabalhar e não um aluno do Estágio 2 entrar na sala de aula *“Olha aqui está os seus alunos”*, e meio que com todo respeito *“Se vira”*; sem falar o que vai ser abordado.

Isso foi um equívoco da faculdade, isso foi uma coisa que eu percebi, não posso dizer pras outras turmas, mas para minha turma foi dessa maneira (Estagiário D- Questão 1).

Em questão do estágio, até a gente comentou, no Estágio 2 eles já colocam a gente na sala pra dar aula aí chega no 4 quer que observa, e deveria ser pela lógica, não deveria ser ao contrário? Vai que quer que a gente tenha experiência, não sei o que é né. Uma coisa que a gente ficou meio no ar de saber o porquê. Porquê é desse jeito? Porque primeiro eles colocam a gente na sala sem orientação, entre aspas, e depois querem orientar, querem falar alguma coisa? (Estagiária F- Questão 3).

A estagiária I remete ao curso de musicoterapia e sua estrutura de estágio como referência positiva, direcionando à mesma problemática em questão. Ela afirma que a estrutura de campo de estágio que se inicia na observação, passando para a atuação sendo amparado por professores da área se torna uma experiência muito mais positiva.

Eu já tinha começado uma graduação antes e nesta outra graduação antes, que foi a musicoterapia. No primeiro estágio a gente ficou observando e nos outros dois foi atuando como profissional, pra você sair de uma universidade sendo formado, sendo um profissional. Você precisa atuar enquanto estagiário e ser amparado por professores que estão ali pra te dar apoio e pra te direcionar, que é o que acontecia no curso de musicoterapia e não aconteceu na licenciatura (Estagiária I- Questão 1).

Baseados nos relatos, é interessante reavaliar as propostas de cada estágio para que os alunos possam entender qual o critério metodológico que está sendo utilizado para que as abordagens de observação, semi-regência e regência se encontram disponibilizadas desta forma pelo estágio da EMAC. Embora haja o entendimento de que os cursos de formação inicial possuam limitações no processo formativo, não se pode esquecer a potencialidade da aquisição dos conhecimentos específicos que se darão mediante as ações e situações do contexto profissional, e que durante o processo, não se perca o foco de que o estagiário não abandona a sua condição de aluno (BUCHMANN, 2008, p. 28).

Um dos pontos positivos referentes ao estágio no Espaço Alternativo, é que apesar dos alunos se sentirem desamparados pela academia durante as regências, eles puderam aprender a trabalhar em grupo e a depender de outros estagiários, fornecendo assim uma certa segurança na aplicação das atividades.

E eu fiquei assim, no início como é tudo muito bagunçado a gente fica assim “*Meu Deus do céu, a gente sozinho com esse tanto de criança*”. Aí depois que você vai saber que tem mais uns colegas com você, depois você vê quem que é. Não é uma coisa organizada, bem estruturada, tudo clarinho que você vai saber, a gente passa muito sufoco até saber que você vai ter companhia, quando fiquei sabendo que ia ter companhia eu fiquei um pouco mais

tranquila. Mas mesmo assim, eu fiquei muito nervosa, diante que era algo novo pra mim, eu nunca havia trabalhado antes, eu não tinha repertório, não tinha material e eu fiquei muito preocupada, do que eu poderia fazer ali com mais seis estagiários (Estagiária E- Questão 3).

É importante que ele saiba trabalhar em grupo, e no estágio isso me ajudou muito, trabalhar juntamente com os colegas. Tem muitos que conseguem trabalhar sozinho, mas quando junta o grupo para poder fazer uma aula juntos não conseguem administrar a dinâmica de como proceder, então é bom no sentido do estagiário conseguir trabalhar em grupo e conseguir como trabalhar com os alunos em sala de aula (Estagiária F- Questão 1).

Além do aspecto de colaboração e planejamento em grupo das atividades no campo, aprender a trabalhar o conteúdo musical em sala com grupos de alunos se torna um aspecto importante a ser aprendido no Espaço Alternativo:

Eu acho que o estágio proporciona você ver as condições do trabalho e de saber trabalhar em grupo, também ter a dinâmica para poder trabalhar porque cada aluno é diferente do outro e o professor de canto deve ter a consciência de que muitas vezes ele não vai ficar só com um aluno individual [...] (Estagiária F- Questão 1).

O Professor Licenciado H (Questão 1) também ressalta a importância de dar aula em grupo mesmo com sua experiência na docência: “Mas na verdade eu sempre dei aula, antes mesmo de entrar na faculdade eu já tinha experiência mas, eu vi muitas coisas interessantes do um ao quatro por exemplo sobre dar aula em grupo [...]”.

Há que se destacar que a estrutura do Estágio de música é bastante complexa, visto que busca atender cursos como Educação Musical, Instrumento Musical e Canto, contendo cada um suas especificidades no campo de conhecimento. Diante disso, os discentes das áreas de Instrumento e Canto ainda apontam uma segunda deficiência em seu curso de formação. Esta visão destacada percorre também o pensamento do Professor Licenciado H, do curso de Licenciatura Instrumento, afirmando que o curso atualmente atende de forma mais estruturada aos alunos de Educação Musical e que os alunos de instrumento possuem pouco acesso a metodologias e conteúdos voltados para aplicação do ensino de seu instrumento, em específico.

Os alunos que ainda estão em campo constatam que apesar da proposta das disciplinas serem interessante elas acabam não atendendo a sua real necessidade do curso escolhido e que as didáticas do instrumento acabam não sendo contempladas pelo curso como vemos nas afirmações do estagiário C e do Professor Licenciado H:

E na questão da dinâmica de trabalho, acho interessante sim, só que acho que, pra instrumento tinha que ser formal e informal e ter mais campos de instrumento específico, no meu caso que é licenciatura em instrumento [...] Porque às vezes a área do instrumento fica meio assim, sei lá, fica meio perdida ainda [...] É no meu caso de instrumento não atende isso não. Eu acho que se fosse educação musical, sim. Aí já atenderia no caso, mas no meu caso que é instrumento fica um pouco a desejar sim (Estagiário C - Questão 1).

[...] seria interessante ter alguma mudança na questão dos estágios para que durante todos os quatro anos de curso ser focado no ensino individual para quem faz licenciatura em instrumento porque é bem diferente a perspectiva de quem faz instrumento [...] E eu senti muita falta nessa questão (Professor Licenciado H, Questão 5).

As estagiárias E e F, alunas do curso de Canto, consideram seu curso muito genérico e não específico: “o foco está muito genérico e não especificado para cada curso, então na minha opinião, acho que seria interessante haver várias turmas de Estágio 1” (Estagiária E - Questão 1) e que “a orientação que a gente tinha era na sala de aula, [...] mas dava uma orientação assim pra nós por cima [...] era bem feito só que não era específico, não resolia muita coisa” (Estagiária F - Questão 2)

Nesse sentido, é interessante haver uma reflexão sobre a estrutura do estágio para que possa atender a cada área da licenciatura de forma mais específica, ampliando principalmente os conhecimentos na área de Instrumento e Canto, já que na visão dos licenciandos, estes cursos se encontram deficientes e não tão bem estruturados como o curso de Educação Musical. Bellochio (2003, p. 18) entende que não existe uma relação simplista de modo que o curso de formação fornecerá uma estrutura sedimentada e os problemas referente a educação musical passam a ser resolvidos automaticamente; isto não ocorrerá devido “às particularidades que permeiam e complexificam as relações socioeducacionais”. É importante haver maior crítica sobre o que ocorre nas atuações de campo e juntamente com os estagiários averiguar as necessidades das áreas, em específico.

É necessário que o curso formador, como um todo, veja o processo de tornar-se professor de um modo diferenciado. Dessa forma, devemos entender que o curso não é uma entidade abstrata, e seu projeto de formação profissional não pode ser algo apartado das pessoas que o constituem. Nesse contexto, é preciso levar em conta que cada área do conhecimento possui particularidades que devem ser encaradas na elaboração de matrizes formadoras (BELLOCHIO, 2003, p. 19).

No decorrer das entrevistas os estagiários consideraram importante a disciplina proporcionar o contato com os diversos campos de atuação: Espaço Alternativo, Ensino Básico/Formal e Espaço Específico de Música. Os estagiários enfocaram a importância do contato com os campos propostos, sabendo que eles realmente fazem "vivenciar experiências profissionais múltiplas buscando um perfil profissional mais afinado com a contemporaneidade" (PPC. 2008, p. 36).

O estagiário B (Questão 3) achou interessante estar em contato com os diferentes aspectos e campos; "Com certeza, me permitiu vivenciar os diferentes espaços... as diferentes perspectivas onde o Educador Musical pode atuar..." mesmo com a dificuldade de ajustamento de calendário causado pela greve ocorrida durante o seu curso.

O estagiário C (Questão 3) conseguiu perceber que a experiência em cada campo de estágio pode lhe fornecer novas posturas e uma visão mais ampla de que é possível realizar aulas produtivas em qualquer espaço de atuação, em diversas faixa etárias. Durante a sua prática, ele esteve com uma turma de teoria musical, lidando com aproximadamente quinze alunos, de forma que no processo de aprendizagem cada um destes quinze integrantes possuía um ritmo diferente de aprendizagem.

Achei um pouco lento o processo, tinha que ser algo mais acelerado por ser Espaço Específico de Música. Seria uma coisa assim... até pelo prazo mesmo, por ser um semestre né? Seria uma coisa mais rápida. Só que eu gostei muito, foi uma experiência muito boa pra mim e aprendi bastante durante que eu estive nesse estágio! (Estagiário C- Questão 3).

Na prática do estágio, local onde o estagiário C estava ministrando aulas de seu instrumento, ele sentia-se à vontade, pois estava ministrando aulas na área que dominava; o ensino do instrumento. Mas o campo que mais lhe chamou atenção no desenvolvimento da sua formação foi justamente o Espaço de Ensino Formal A, superando suas expectativas e contribuindo na sua formação pedagógica.

A vivência que mais contribuiu foi essa até agora. Mesmo que eu dê aula de instrumento lá no Espaço Específico de Música, só que essa marcou um pouco mais. Porque a primeira coisa que eu estava receoso, foi com as crianças, será que elas vão me ouvir, vai virar uma bagunça, mas cheguei lá e eles obedeceram, [...] (Estagiário C- Questão 3).

O estagiário D achou cada processo gratificante, pelo fato de estar inserido em contexto de ensino musical variados. O ponto que ele ressalta é que talvez a universidade

tenha que abranger um pouco mais os campos, atendendo também aos colégios estaduais por ter um outro tipo de vivência educacional.

Bem, as experiências nos Espaços foram gratificantes, gratificante pelo que eu falo, de ver, vivenciar várias experiências diferentes. O Espaço de Ensino Formal “A” é uma escola municipal de tempo integral onde as crianças era de uma maneira, lá no Espaço de Ensino Básico já era ensino médio, já possui outra vivência é um espaço totalmente diferente. Só que uma coisa que falta pra universidade seria o contato com as escolas estaduais, que é uma coisa que eu já tenho contato desde 2002. Porque a vivência nas escolas estaduais é totalmente diferente do Espaço de Ensino Básico, o ensino médio lá é totalmente diferente, eu tive a experiência de participar em três escolas estaduais onde é totalmente diferente, o ambiente, a mentalidade dos alunos, do que no Espaço de Ensino Básico (Estagiário D- Questão 3).

Para a estagiária E (Questão 3), estar inserido em cada campo foi realmente uma boa proposta, apesar das experiências terem sido turbulentas e com apontamentos problemáticos relacionado aos campos. Mas referente a conhecer as realidades, de estar em contato com diversos setores de ensino do canto e diversas faixas etárias, ela percebeu que existe uma dedicação e um estudo específico e direcionado para se atuar corretamente em cada situação proposta. A estagiária E ressalta que toda esta experiência a inseriu de forma consciente a realidade social do ensino de música discursada pelos seus colegas concursados na área e se esse era, de fato, o objetivo central do estágio, ele contribuiu.

Nesse ponto dessa pergunta foi bem interessante, eu gostei muito. O primeiro campo foi o alternativo que foi o projeto no Espaço Alternativo “A” do Itatiaia, que foi esse trabalho com sete estagiários e foram crianças. [...]

Mas foi interessante porque puder ver como seria a realidade, como que é uma escola com uma sala de crianças, como funciona, porque eu sozinha não seria capaz. [...]

Depois eu fui pro Espaço de Ensino Básico, no outro estágio fazer regência de adolescente. [...]

Terminei no Espaço Específico de Música que também não foi diferente. Só que aí a autonomia foi toda minha que eu fiquei muito mais agradecida. [...] Essas experiências contribuíram porque como foi tudo muito difícil, deu pra encaixar um pouco com essa realidade que os colegas estão concursando e falam as mesmas coisas. [...]

Voltando a pergunta se contribuiu, contribuiu porque eu fui exposta a situações que eu nunca tive e realmente o objetivo do estágio é esse (Estagiária E- Questão 3).

Para a estagiária F (Questão 3), o estágio oportunizou o conhecimento das áreas de atuação e as características de cada campo pois, por meio desta experiência ela pode perceber as necessidades dos alunos em específico, e passou a ter o conhecimento do que é uma sala de aula. A Professora Licenciada G (Questão 3) afirma que esta experiência contribuiu positivamente dando-lhe clareza sobre a abordagem metodológica de cada ambiente, e o entendimento de que a música passa a ressignificar em cada momento, no cotidiano de cada espaço escolar.

O Professor Licenciado H (Questão 3) diz que ter a visão dos campos de atuação foi somente um meio de reafirmar a área de trabalho que desejava, e que além de sua atuação como concertista e músico de eventos, ele seria professor de instrumento individual. A Professora Licenciada I (Questão 3) expõe que se ela não tivesse tido experiências anteriores nas áreas de atuação ela acharia muito interessante obter esta visão por meio do estágio, considerando assim a parte mais importante. E por fim, a Professora Licenciada J considerou muito importante este conhecimento dos campos de trabalho de modo que a fez compreender a especificidade de cada ambiente e as reais situações que se pode esperar de cada espaço. Hoje ela atua de uma forma mais madura por ter entendido a estrutura educacional do ambiente em que ela se encontra no mercado de trabalho.

Eu acho que a principal contribuição foi compreender um pouco a especificidade de cada espaço. A gente não passou pelo espaço específico de música, não era nossa habilitação, mas o espaço alternativo e o ensino formal isso a gente passou e conheceu bem. Então hoje que trabalho num projeto social eu comproendo qual é a função do projeto social e já não crio expectativas que a gente criaria num espaço específico ou numa educação formal que a gente tem os alunos o ano inteiro (Professora Licenciada J - Questão 3).

Sendo assim, a avaliação sobre a atuação nos diferentes espaços: Alternativo, Educação Básica/Formal e Ensino Específico foram positivas, essas vivências, de fato, contribuem para a formação dos discentes.

Alguns pontos negativos foram ressaltados dentro de cada disciplina do Estágio, dentre eles: o conteúdo na disciplina do Estágio 1 que não corresponde às necessidades reais dos alunos, a estrutura deficiente e/ou a ausência do Professor Supervisor em alguns campos, a falta de finalidade e estrutura dos relatórios pedidos a cada período, e a ocorrência de greves que levaram a um desajuste no calendário acadêmico, foram situações que interferiram no desenvolvimento das atividades. Seguimos com a discussão destes pontos levantados.

3.1.2.2 Greves no período letivo

Pontuaremos aqui a questão da greve, que embora não tenha sido um dos enfoques da entrevista, foi bastante mencionada pela maioria dos entrevistados. Sendo assim, consideramos oportuno trazer essa questão à tona para que possamos analisar pontualmente como a greve interfere nas atividades de estágio.

É notório que a greve altera o calendário acadêmico, resultando numa defasagem da carga horária, tanto quanto das produções reflexivas às ações de campo, pois se a greve ocorre na própria universidade os alunos não podem ser direcionados a campo mesmo que eles estejam em funcionamento, assim como se a greve ocorre nas instituições de atuação, nos campos de estágio, os alunos não possuem o acompanhamento que deveria acontecer pelo Professor Supervisor.

Outra coisa também é a questão da greve, e do tempo que tem pro estágio sempre eu achei; no período que eu entrei até agora tiveram duas greves e isso refletiu muito nos estágios porque a gente chega; nos dois estágios que eu fiz no espaço alternativo A, a gente chegou com pouquíssimo tempo e precisava apresentar alguma coisa [...] (Estagiário A- Questão 1).

Mas eu não sei se é porque eu peguei algumas circunstâncias atenuantes, greves e tudo mais, eu achei que essa dinâmica ficou meio prejudicada. Então, por exemplo, eu estou no estágio 6 mas eu não tive a oportunidade de atuar no campo escolar ainda, só foi no espaço alternativo. Então não sei, parece que a greve atrapalhou o processo e acaba perdendo, pois, a escola possui outro ritmo, calendário, então a gente acabou meio que atrapalhando é..., a dinâmica (*A dinâmica do trabalho?*) é...não funcionou muito bem (Estagiário B- Questão 1).

[...] as propostas que são realizadas no estágio pela Universidade Federal de Goiás pela licenciatura em música elas; pelo menos comigo e com minha turma, elas foram um tanto quanto complicadas porque nesse período que eu estou aqui passamos por duas greves e isso acarretou alguns problemas na questão de compatibilidade no campo de estágio [...] (Estagiário C- Questão 1).

O problema mencionado é proveniente de fatores externos em que pouco se pode fazer para evitá-los. Nota-se que devido à paralisação, tanto da Universidade, quanto das unidades concedentes, o fato acarreta prejuízo de carga horária e desajustes de calendário, porém, destaca-se a importância de que ela possui alguns benefícios para os acadêmicos. Em entrevista, o estagiário D destacou um ponto positivo que ocorreu durante o período de greve.

Importante ressaltar esta observação feita por ele, pois remete à condução da coordenadora pedagógica, que soube lidar com as adversidades provenientes da greve.

De acordo com o estagiário D no período em que a greve ocorria, a professora Coordenadora pedagógica do estágio buscou diversos profissionais que forneceriam palestras referentes às suas áreas, onde os alunos puderam ter acesso a conteúdos diversos que abordassem assuntos pertinentes à área da docência, o que foi considerado produtivo e muito válido. Este estagiário lamenta a não continuidade desta proposta de trabalho no decorrer de seu curso e afirma ter sentido falta de outras possíveis palestras.

No semestre passado ocorreu vários problemas devido às greves a minha turma e as outras turmas ficariam prejudicadas decorrentes dessa questão do campo de estágio, qual foi a porta de escape que a professora fez juntamente com os outros professores de estágio. Foi trazer palestras, e foi o único semestre que teve palestras, foi um pensamento certeiro dela mas que não se repetiu neste semestre, e nem nos outros semestres e eu senti falta disso. Ajudou muito porque no semestre passado ela trouxe psicólogos, trouxe duas professoras, trouxe outro psicólogo, foram palestras que ajudaram, houve filósofos também. Foram palestras que ajudaram a gente ter um pensamento novo de trabalhar com os alunos e eu senti muita falta disso nesse semestre (Estagiário D- Questão 5).

Neste caso, é importante notar que o estagiário constatou a necessidade de continuar com um projeto que poderia ser estruturado de forma que pudesse amenizar as questões referentes às greves e paralisações recorrentes e que, de certa forma, acrescentaria positivamente conhecimentos de assuntos sociais e educacionais emergentes, reciclando os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. O segundo ponto a ser destacado condiz com o fato de os acadêmicos adquirirem a consciência política e econômica da classe em questão, entendendo que muitas condições que agregam hoje à carreira docente se deram em decorrência das exigências defendidas por meio da greve.

3.1.2.3 Organização Pedagógica

Um dos problemas ressaltados nas respostas durante as entrevistas sobre a disciplina do Estágio 1 se referia ao conteúdo abordado. Na opinião de alguns, o conteúdo programático do Estágio 1 não é necessário e nem produtivo para formação docente, tornando assim um conhecimento sem significado acadêmico. Alguns aceitam e até mesmo citam a importância dos conteúdos sobre ética que são abordados neste Estágio, porém, há um questionamento se

as visitas aos campos são funcionais, lhes acrescentando algum conhecimento específico para a área docente, principalmente por serem campos nos quais eles não atuarão.

Bom primeiramente, Estágio 1, eu vi assim, eu acho que não vi nada de tão interessante pra ser assim realista. Porque nós só fizemos umas visitas nas unidades onde estavam havendo um link com a universidade. Conhecemos o local, a sala onde acontecia as aulas de música... O um eu achei meio que vazio, um pouco. Passou pouco texto também, não sei se foi o professor que estava meio que iniciando na disciplina (Estagiário C- Questão 3).

[...] eu participei de cinco estágios, os cinco estágios que me foram ofertados aqui eu achei que foram de maneira equivocada, eu falo isso porque o Estágio 1 ele demonstrou mais uma leitura e um exemplo de como deveríamos nos comportar perante a sala de aula [...]mas é uma coisa que deve ser observada[...] (Estagiário D- Questão 1).

Os primeiros estágios basicamente foram em vão. Realmente a gente só visitava campo e participávamos de discussão sobre grupos coletivos de instrumento musical sendo que a turma era heterogênea e havia cantores e tinha instrumentos de sopro; e quem não fosse da área de cordas tinha que ficar lendo artigos de cordas, que a gente tinha que ler e tinha que fazer um trabalhinho, uma discussão, a gente tinha que xerocar (Estagiária E- Questão 1).

Os alunos consideraram importante aproveitar o tempo de forma produtiva, com conhecimentos que agreguem valores pertinentes à sua área de atuação como textos ligados aos seus temas de interesse.

Alguns colegas nossos, alguns colegas meus inclusive, sempre discutiam de uma forma assim, meio irônica, mas a gente ficava se perguntando; será que esses autores, inclusive os professores, será que eles estavam lá na prática? Será que testaram isso pra ver se dá certo? (Estagiário A- Questão 5).

Claro que acrescenta, mas utilizar leituras de textos onde a disciplina era Européia, que é uma coisa maravilhosa, não condiz com a nossa realidade que aqui do Brasil, e aqui em Goiânia (Estagiário D- Questão 2).

[...] introdução para mim que faço licenciatura em canto, introdução ao canto coral, introdução ao ensino coletivo de vozes infantis, de vozes adolescentes, de vozes adultas. Ou já que é pra ler tanto pesquisar sobre corais de idosos, corais de deficientes, coisas que realmente que a gente vai ver lá depois que sair da faculdade. [...] ali no estágio não foi passado nada específico pra gente sobre trabalhar com alguém que possui necessidade especial [...] (Estagiária E- Questão 1).

É importante ter em vista quais os objetivos que as atividades do estágio pretendem alcançar, para que não caia no equívoco de se reduzir a uma prática destituída de significado, como vemos nas afirmações. Pimenta e Lima (2004, p. 43) consideram que o papel do conhecimento teórico é iluminar, oferecer meio, e subsídios para esquematizar e analisar a prática; ao considerar que nem sempre os professores no momento da ação possuem clareza dos objetivos que os orientam, o processo de reflexão nas ações pedagógicas realizada em cada atividade, se faz necessário.

Certamente, haveria de ter maiores esclarecimentos sobre a necessidade de se visitar estes campos e o que acrescentaria em suas vidas acadêmicas, pois durante a entrevista um dos estagiários questionou qual seria a verdadeira utilidade da visita ao campo. Para a Estagiária E, não ficou claro o propósito de se conhecer a realidade daquele campo pois não houve nenhum esclarecimento posterior sobre a atuação do referido professor da disciplina.

Segundo Bellochio (2000, p. 221), ocorre uma perda significativa quando a universidade não empreende esforços para que esse espaço forneça significação suficiente para demandar o fluxo e refluxo da formação acadêmica, isto é, passa a ser uma prática assumidamente dicotômica, onde a teoria e a prática não dialogam. Nesse caso, é necessário que os alunos entendam a necessidade de passar pelo processo de visitação aos campos, para que eles não julguem esta experiência como uma atividade sem finalidade e/ou significado para sua formação.

Sabe-se que o ensino da música possui alguns desafios a serem vencidos, dentre eles, o planejamento no ambiente escolar. Ao entrar no ambiente educacional, o docente de música deve desenvolver um cronograma de ensino de modo que a linguagem musical não tenha um caráter recreativo, e apresente diretrizes claras de objetivos, conteúdos, procedimentos metodológicos relacionando com a realidade dos alunos (ROMANELI, 2009, p. 126).

Diante disso, a disciplina de Estágio orienta para sanar as dificuldades dos alunos e atender as questões específicas do planejamento, pois diferentemente de outras disciplinas, a área de música não possui um cronograma estruturado. Os estagiários, num primeiro momento, necessitam de orientações específicas e de discussões relacionadas aos processos educacionais, além de indicações de métodos e bibliografias referentes às aulas ministradas em campos. E a partir desta experiência desenvolver e adaptar os conteúdos e metodologias próprias (*Ibid*, p. 127).

Para alguns dos Professores Licenciados, os textos trabalhados na parte teórica e as orientações dos professores de sala de aula foram experiências que os auxiliaram durante todo

o processo de ensino no campo de estágio. Eles possuíram textos de apoio que contribuíram para as atividades práticas e o adequado acompanhamento, de forma que o conteúdo abordado era relacionado com a realidade vivida.

No meu caso a ajuda dos professores que estavam junto com a gente dentro da sala de aula desde o Espaço Alternativo “C” com as crianças até chegar no estágio mesmo que a gente teria que dar aula é..., eu acho que foi muito bem organizado porque eles deram assistência total. Os professores eles deram realmente aquele apoio que a gente precisava e com relação ao conteúdo tinha haver com as faixas etárias, realmente com o dia a dia da música na escola. [...]

No estágio, pelo menos nos estágio que eu fiz o conteúdo foi bem de acordo realmente com a realidade da criança e do aluno em si. [...]

Com relação às aulas da EMAC, eu acho muito importante os textos como foi citado no começo porque isso vai dar uma base pra gente realmente entrar no mundo do ensino musical. Como é que a gente tem que abordar o ensino musical, por nossa parte a partir da gente e a partir dos alunos também (Professora Licenciada G- Questão 2).

Ele me ajudou bastante, ele me deu algumas dicas mas foi algo bem informal. As dicas mais formais de esquema de planejamento foram durante as aulas na faculdade os professores orientadores davam as dicas mais formais.

Foi com a professora X, foi parecido, ela dava as orientações durante as aulas que ela ministrava na faculdade e teve um ou dois dias se não me engano uns locais que fazem trabalhos voluntários pra crianças carentes, que não tem condição de ir pra uma escola de música. Quanto à orientação de fazer o plano de curso foi a X que deu uma orientação bastante interessante, na época eu lembro que achei bastante interessante, não vou lembrar os detalhes agora porque tem muito tempo mas na hora que a gente pôs em prática devido a essa orientação dela foi bem mais fácil (Professor Licenciado H- Questão 2).

Teve uma professora da matéria de Estágio 1 ou 2 ela passou um cronograma e tudo mas achei assim, vi o cronogramas e tudo mas como eu sou muito prática procurava levar tudo muito na prática então no campo a gente tinha um formato de aula para dar tipo aquecimento, alongamento , exercício de respiração então já tem um formato quase pré estabelecido e é o formato que a gente já tem então é assim já é esse formato que a gente tem que a gente procura seguir e teve esse professor que deu esse respaldo e no estágio também a professora falou um pouco nas matérias de estágio (Professora Licenciada I- Questão 2).

Contrária a esta visão dos Professores Licenciados, os estagiários atuais ressaltaram situações sobre os aspectos pedagógicos do campo prejudicando o andamento das atividades assim como a falta de orientação específica dos aspectos metodológicos de sua habilitação, como podemos ver na afirmação do estagiário A:

"Ah vai ser ensinado pra alunos de violão primeiro, um exemplo, exercício de articulação e depois melodia simples pra depois partir para acordes" esse é um exemplo, mas seria mais fácil porque se eu chegassem depois, eu ia saber que ia ter um padrão pra seguir e a algo a ser ensinado. Por conta disso eu acredito que não foi tão proveitoso quanto poderia ser, porque os alunos ficavam meio que soltos assim. Na questão de outra falta que eu senti, na questão foi a falta de acompanhamento, porque..., o acompanhamento do supervisor, porque eram muitas turmas então, acho que teve um dia só que teve acompanhamento do professor daqui que acompanhava a gente (Estagiário A- Questão 1).

A mesma falta de direcionamento no tratamento do conteúdo ocorreu aos estagiários B e D. Para a estagiária E os planos eram somente cumprimento de normas e, muitas vezes, não continham o conteúdo abordado em campo. A estagiária F afirma que por conta da falta de orientação do conteúdo que deveria ter sido abordado em campo, as atividades do coro não tiveram o resultado esperado:

A gente tinha também as questões dos recursos então, o planejamento ficou muito por minha própria conta sabe... o que eu considerava legal trazer para os alunos... Então acho que ficou prejudicado sim não teve nenhuma orientação do Professor Orientador da sala e nem da coordenação de estágio (Estagiário B- Questão 2).

Específica não, infelizmente não; falou somente teoria musical. Aí falar tipo assim teoria musical e falar uma coisa muito abrangente, uma coisa muito ampla. Tinha que ser uma coisa mais específica, bem mais específica e bem mais sinalizada, falar vai ser teoria musical mais abordar leitura de notas ou então escalas, nesta turma e nesse semestre. Aí sim seria uma orientação e a gente iria trabalhar aqui, mas não falou; vai ser só teoria, ponto final (Estagiário D- Questão 2).

Então os planos de aula foram corridos. *"Ah não, coloca qualquer coisa."* Vai colocando, colocando, colocando. Tinha dias que eram realmente o que a gente fez? Sim, tinha dia que foi, mas tinha dia que foi só encheção de linguiça no plano porque esses planos de aula valem pontos tem que ser entregues depois, e depois no final serem anexados no "livrão". Acaba sendo muito mais obrigação de que a gente tem que fazer esse plano de aula e se não deu tempo, se esqueceu, se a pessoa faltou, e ficou doente e não avisou, se qualquer coisa que aconteceu copia da aula anterior e só muda alguma coisa aí. Fica mais uma coisa fake (Estagiária E- Questão 2).

"Olha a aula é de vocês, vocês planejam e vão dar aula". No coral é diferente de você dar uma aula individual ou aula de canto em grupo porque técnica pra coral é uma e pra canto em grupo é outro. Coral você, dependendo das vozes nem todos são afinados e até você encaixar tudo ali, e as vezes não tem, no Espaço Alternativo "B" pelo menos eu não vi tanto desenvolvimento ali do coral porque a gente não sabia como trabalhar, então ficou meio assim (Estagiária F- Questão 2).

A Professora Licenciada J (Questão 2) sentiu falta de orientações específicas da disciplina de Estágio sobre a elaboração do planejamento de curso e de aula. No decorrer das atividades em campo, os planejamentos foram desenvolvidos por ela e pelos colegas de turma, baseados nos conhecimentos individuais de cada estagiário e no que eles acreditavam. Pela falta desta orientação ao assumir o espaço profissional, sua maior dificuldade se encontrava justamente em desenvolver um plano estruturado e objetivo que conseguisse contemplar os conhecimentos necessários a serem desenvolvidos naquela instituição. Além das questões sobre a falta de orientação sobre os planejamentos e conteúdos a serem aplicados aos campos, a estagiária E afirma que não houve acesso a indicações e orientações sobre os repertórios que deveriam ser trabalhados, recorrendo de repertórios anteriormente trabalhados por outros estagiários.

Não teve no estágio um banco de acesso, algo que disponibilizasse material, que fomentasse, é tipo 'se vira', [...] pegue com alguém. [...]
 [...] eu consegui reger o coro, foi bem legal, mas foram as minhas idéias, do meu jeito e a música que eu levei, que eu lembrei, que reproveitei do estágio que eu fiz quando cursei educação musical a mais de dez anos. Não sei se posso falar que foi sorte, porque eu gostei muito da música que a menina tocou no estágio e eu gravei. Aquelas músicas infantis que gravam, e lembrei, pesquise novamente e usei. Mas repertório, repertório mesmo, partitura de coro infantil eu não tenho e foi tudo de ouvido mesmo (Estagiária E- Questão 3).

Algo repassado durante o curso da Professora Licenciada J é que não existe receita pronta para questões que referencia o planejamento de aula, apesar de avaliar os laboratórios de aula como proveitosos, ela considera importante entender os planejamentos a partir de um padrão estabelecido e baseado nessa estrutura o próprio estagiário modificá-la por meio de sua autonomia e amadurecimento profissional. De acordo com a estagiária essa orientação não se dará no campo de trabalho, pois muitas vezes o coordenador ou diretor da escola podem não possuir o conhecimento da área para conduzir os conteúdos que serão desenvolvidos por aquele docente em início de carreira (Questão 2).

Percebe-se uma dificuldade sobre a continuidade de conteúdo a ser ensinado dentro dos campos de estágio, planejamento de curso e planejamento de aula visto que alguns campos de estágio estão vinculados à própria universidade. Havia uma expectativa de direcionamento sobre o quê ensinar, para quem, de que forma ensinar o que era pedido.

A gente chegou lá e já era uma turma vinda de outros Estagiários e daí eu falo da padronização, do que ensinar. [...] A gente chegou lá e ficou mais difícil de ensinar do que se fosse para ensinar alguém que não sabia nada, então ia sofrer uma dificuldade ruim, bem ruim pra gente, pra mim especial, porque a gente ia ensinar alguma coisa e eles já sabiam de um jeito, um pouco com vício e a coisa não desenvolvia então eu acho que essa falta de padronização; se houvesse... (Estagiário A- Questão 1).

Pela falta de sistematização do conteúdo, ou até mesmo de um cronograma de atividades, houve uma sensação de abandono por parte dos Professores Orientadores o que gerou insegurança. Os alunos não desconsideraram as tentativas de orientação sobre as atividades, porém, o que ocorria em relação aos textos abordados era que os conteúdos não solucionavam os problemas específicos que os estagiários necessitavam no momento.

No decorrer da entrevista, a Professora Licenciada G destaca a importância de possuir conhecimentos por meio de textos e no dia a dia do campo receber orientações de como agir, tendo como apoio o Professor Supervisor para trazer a segurança necessária no desenvolvimento da atuação.

Ah sim, em relação aos textos... claro. Eles foram muito, assim... eles ajudaram bastante pra gente pode atuar depois no dia a dia. Eu acho que o que mais ajuda no estágio é realmente o supervisor a presença do supervisor dando aquela segurança pra gente, ou não, dando toda aquela estrutura que a gente vai ter que montar na verdade, pra quando a gente chegar no final ter aquela avaliação que eu acho que é a parte crucial para o aluno e também pro coordenador de estágio, professor que está auxiliando a gente na sala de aula. Eu acho que o supervisor de estágio, o professor de música no caso na escola eu acho que é, não acho que não é nem cinquenta por cento não, eu acho que é oitenta por cento de importância (Professora Licenciada G - Questão 1).

No próximo tópico a análise se dará em aspectos que os entrevistados consideraram importante destacar em entrevista sobre a importância e funções inerentes ao Professor Supervisor.

3.1.2.4 Supervisão em Campo

A Supervisão é definida por Mello como um modelo que se aplica a vários campos de atividades: “É um processo pelo qual uma pessoa possuidora de conhecimento e experiência, assume a responsabilidade de fazer com que outras pessoas que possuem menos recursos executem determinado trabalho” (MELLO apud, ANDRADE 1976, p. 09). A autora

caracteriza a supervisão em três aspectos compreendendo os tipos de ação que a envolve: o filosófico, político e pedagógico.

Filosófica – quando orienta a finalidade da Educação, determinando objetivos e métodos de atuação, segundo concepções básicas de pessoa humana, bem-comum e processo educativo.

Política – quando compatibiliza a finalidade da Educação com os verdadeiros interesses nacionais, atendendo a uma específica concepção de Estado.

Pedagógica – quando equaciona, através de métodos e processos adequados dentro das coordenadas filosóficas de uma determinada política educacional, todos os problemas práticos do agir educativo: *a quem ensinar; o que ensinar; quando ensinar; como ensinar; quem vai ensinar* (ANDRADE, 1976, p. 12).

A abordagem sobre o Professor Supervisor em campo se dá pelo fato de ter sido um dos assuntos mais mencionados pela maioria dos entrevistados. No decorrer das entrevistas foram perceptíveis os atenuantes negativos da falta deste professor em campo, assim como a produção positiva quando ele atuava juntamente com os estagiários. Foi constatado em entrevistas que em alguns campos houve a falta dos Professores Supervisores para as devidas orientações específicas e necessárias referentes às diferentes habilitações.

Como no Estágio 1 ocorre somente as visitas aos campos, tendo como atuação uma única oficina proposta pelo Professor Orientador, as regências se iniciam, de fato, a partir do Estágio 2. Neste Estágio, por ser um dos primeiros campos de atuação; os discentes esperavam que houvesse um supervisor qualificado para sua habilitação escolhida, que estaria acompanhando em suas atividades na sala de aula e orientando-os, dando-lhes um *feedback* de suas atuações e intervenções. Vale ressaltar que o regulamento de estágio prevê que a função do Professor Supervisor deve ser assumida pelo Orientador da turma, porém, a realidade na visão dos estagiários, se desenvolvia de outra maneira.

Na questão de outra falta que eu senti, na questão foi a falta de acompanhamento, porque..., o acompanhamento do supervisor, porque eram muitas turmas então, acho que teve um dia só que teve acompanhamento do professor daqui que acompanhava a gente (Estagiário A- Questão 1).

[...] o planejamento ficou muito por minha própria conta sabe... o que eu considerava legal trazer para os alunos... Então acho que ficou prejudicado sim não teve nenhuma orientação do Professor Orientador da sala e nem da coordenação de estágio (Estagiário B - Questão 2).

Olha, é... o Estágio 2 eu fiz ele no Espaço Alternativo “B”, eu fiz juntamente com outros dois colegas meus, na minha turma foi me passado que era teoria

musical mas não foi passado a maneira que deveríamos ter feito. A gente que sentou e organizou a maneira que deveria ser feito conforme o desenvolvimento dos alunos (Estagiário D – Questão 2).

Já vem outro ponto falho que foi essa questão da supervisão, a supervisão nunca funcionou, nunca. Essa professora supervisora, lembro que quando eu cheguei ela achou bom que eu era da área do canto e reconheceu que ela mesma não tinha conhecimento da área, não sabendo fazer muita coisa. Como que me põe diante de uma supervisora que não sabe, e que eu sei mais que ela e depois ela vem reclamar do que estou fazendo (Estagiária E- Questão 3).

Na visão de Alarcão e Tavares (1987 apud BUCHMANN, 2008, p. 33), a supervisão deve ser feita por um professor, que, a princípio, seja mais experiente que o candidato a professor. Pressupõe-se que este seria um dos primeiros aspectos, mas não o essencial, pois existem outros elementos necessários para a atividade de supervisão do estágio. Dentre eles, as autoras Pimenta e Lima (2004 apud BUCHMANN, 2008, p. 33) citam: “partilha de saberes, capacidade de complementação, avaliação, aconselhamento, implementação de hipóteses de solução de problemas que, coletivamente, são enfrentados pelos estagiários”.

A Professora Licenciada J explana que pelo fato de não ter sentido o apoio do supervisor e sua proximidade em campo, para que ela pudesse ter o entendimento de como era o processo pedagógico, bem como um maior esclarecimento sobre a visão da instituição, ela considerou o Estágio 2 monótono e com poucas contribuições. Como há um incentivo no estágio para uma produção acadêmica que leve à reflexão sobre as atividades de campo, entende-se que o Professor Supervisor e/ou Orientador é capacitado a orientar adequadamente o aluno, trazendo-lhe contribuições significativas no processo de aprendizagem.

Foi constatado isso do Estágio 4 em diante, que demonstra com clareza que a orientação por meio do Professor Supervisor se apresentou de forma positiva, pois este era um professor responsável e capacitado que atuava constantemente no campo, onde os alunos estagiários puderam observar a sua atuação e analisar questões importantes durante as intervenções pedagógicas. Dessa forma, os alunos se sentiram mais seguros para exercer suas funções e atuar de modo produtivo nos conteúdos que lhe eram exigidos.

Do espaço formal que foram, lá no Espaço de Ensino Formal “B”, é, uma coisa que eu levei pra mim de algo positivo foi o domínio com professor Verde tem como conteúdo e o domínio de como passar, eu achei muito interessante, e eu inclusive tinha comentado com ele que, se de fato eu for seguir a carreira de professor Educador Musical eu queria ter o estilo como

ele, porque ele, dá pra ver que ele tem o respeito dos alunos de acordo com possível porque eles são adolescentes e aquela agitação toda. Mas a forma dele ensinar ficou bastante marcada pra mim e ele também dava muito espaço pra gente regrer também. Às vezes ele falava: “Ah... preciso ir ali!” Talvez uma forma de pôr a gente em prova; “Eu preciso ir ali e vai dando continuidade” e até então nunca tinha trabalhado com aquele público-alvo, alunos de 10 a 13, 14 anos (Estagiário A- Questão 3).

O fato do Professor Supervisor ter proporcionado ao estagiário a oportunidade de atuar em campo, assim como ter demonstrado pelo seu exemplo a possibilidade de exercer a função docente de forma qualificada, tornou a experiência de campo importante. Foi um ponto positivo para seu aprendizado, de modo que esta experiência agregou significados necessários para a formação do estagiário A. Para os estagiários C e D, ter um Professor Supervisor em campo foi essencial para que eles pudessem ser orientados e tranquilizados sobre a abordagem do conteúdo da turma que eles iriam atuar. Isso os auxiliou pontualmente para o desenvolvimento de sua atividade em campo.

É... esse planejamento de aula que vou ministrar, a primeira coisa que vou olhar é o perfil da sala , dos alunos, igual no caso dos estágios iniciais foi de idade menor no caso, se fosse pra instrumento, seria, sei lá de 15 em diante. Agora educação básica mesmo, quando eu fui pra esses alunos lá eu fiquei meio assustado sabe, eu pensei assim: “Nossa nunca falei pra meninos tão pequenos!” Aí fiquei meio assim nervoso, mas conversei com a professora, e na orientação, “Qual aula que eles estão pegando com a professora lá no caso?” Não, eu falei eles estão pegando a musica tal, e ela falou então você pode trabalhar assim, você pode trabalhar, timbre, altura, essas coisas assim (Estagiário C- Questão 2).

Foi de maneira até mais de como deveria ter sido a orientação no Estágio 2. Lá como era observação no momento em que a professora no caso do Espaço de Ensino Formal A, a professora Amarela como no caso quando ela precisou da nossa ajuda ela falou: “Olha, necessito que vocês façam isso”. Tanto é que, quando eu fui ministrar uma aula, ela pediu, ela demonstrou o que estava trabalhando com os alunos e eu fiz um planejamento de aula em cima do que ela já estava planejando no semestre (Estagiário D- Questão 2).

É na troca de conhecimentos, assim como na investigação, que o licenciando começa a investir na sua formação pessoal e continuada. Sabe-se que é necessário que haja o conhecimento teórico, pois por meio deles que o discente adquire a capacidade crítica reflexiva sobre suas ações para análise e investigação das metodologias e conteúdos. O Estágio traça objetivos claros na sua forma estrutural para que ocorram essas relações,

possibilitando aos futuros professores a compreensão da complexidade da prática de ensino, por meio das aulas teóricas e aulas práticas que ocorrem concomitantemente.

3.1.2.5 Elaboração dos Relatórios

O relatório é um instrumento didático adotado para o desenvolvimento da autonomia pedagógica, mantendo o discente numa postura reflexiva e investigativa para o seu crescimento e transformação (PPC, 2008, p. 15).

Todos os estagiários entrevistados afirmaram que os relatórios possuem importância no decorrer do curso e até mesmo posterior a execução da atividade, mesmo que no momento em que se está cursando a licenciatura este trabalho seja considerado chato. Eles entendem que por meio desta atividade podem criar o costume de refletir sobre as atividades propostas e avaliarem os objetivos que foram traçados, se eles foram ou não alcançados no desenvolvimento das atividades planejadas.

Os relatórios contribuíram para minha formação porque eu sempre estou voltando nos textos, eu particularmente sempre volto nos registros que são importantes e obrigatórios, então os relatórios em si eles foram muitos importantes porque primeiro a gente está ali gravando na hora dentro da sala de aula o que está se passando, depois a gente vai fazer uma releitura e tem a lembrança das atividades que foram feitas, da metodologia e dos recursos que foram usados eu acho que eles ajudam bastante também no decorrer e depois quando a gente vai atuar, vai na busca desses relatórios (Professora Licenciada G- Questão 4).

Conforme a Professora Licenciada G, os relatórios possuem uma importante função que é a de retomada de ação, de resultados e registro do aprendizado no decorrer do semestre. A vantagem do relatório semanal é que o aluno pode ter um diário que o leve a compreender todo o processo da sua ação em campo, levando-o a avaliar e a reconsiderar seus planejamentos. Por outro lado, quando este relatório passa a ser semestral, ela afirma que o estagiário possui a oportunidade de se concentrar somente na atividade que ele está realizando não perdendo o foco da sala de aula (Questão 4).

Apesar da sua importância, esta prática se encontra desorganizada, sem um padrão estrutural e por conta destes problemas as reflexões registradas nos relatórios foram consideradas “perdidas” ou “sem sentido”. Os alunos, muitas vezes, não possuem o retorno esperado pela atividade escrita, e pela falta de uma organização não conseguem o acesso ao

mesmo relatório para elaboração do livro de conclusão da disciplina de Estágio conforme abordam as estagiárias:

Eu não entreguei o “livrão”. Ficou assim bagunçado do início ao final. Eu ainda não tenho esse “livrão” pronto, tenho que achar todas as documentações do estágio dentro de uma caixa que está na EMAC, que estava com a X que depois estava com a professora Y. Eu já fui lá uma vez e parece que eu não encontrei um do Estágio 3 se não me engano que eu já nem lembro mais o que foi que teve e que não teve. Eu consegui pegar do 4 e do 5; o 6 não tem nada (Estagiária E- Questão 4).

Eu acho que eles contribuiriam mais se eles fossem corrigidos, os primeiros alguns professores corrigem e devolvem, outros eles não corrigem e o livrão que eu acho que é a parte mais complicada não tem monitoramento então assim, uns entregaram o livrão de qualquer jeito eu acho um absurdo. Sem formatação, sem correção então se você for olhar a encadernação você vai encontrar muito erro (Professora Licenciada I- Questão 4).

O estagiário A afirmou que não sabia se realmente esses trabalhos escritos eram lidos, pois não recebeu nenhum retorno dos mesmos até o Estágio 5, como podemos ver: "E sobre a importância deles... é... e eu nunca recebi um *feedback* como X e a Y deram no último dia de estágio do último estágio passado". Sendo assim, para ele, os relatórios anteriores não cumpriram seus objetivos. O interessante é que para o Estagiário B e D, o relatório possuiu uma função importante na questão da sua formação profissional e na análise pessoal.

Ele é importante porque eu posso fazer uma reflexão de como foi todo o processo de estágio, mas para o curso eu não vejo o retorno, tipo assim, a gente faz a reflexão em cima do que a gente aprendeu das dificuldades encontradas do semestre (Estagiário B-Questão 4).

O relatório final sim, o relatório final é muito importante porque demonstra o que foi trabalhado, a gente pode recorrer como foi trabalhado o domínio do professor, e o que a gente trabalhou em cada sala de aula. Diria até que como fosse um plano de aula, como se fosse um mapa pra gente seguir, não a risca mas, seguir os mesmos caminhos que a gente trabalhou porque daria pra ver o que deu certo e o que deu errado (Estagiário D- Questão 4).

Segundo esses mesmos estagiários, os relatórios semanais não são produtivos, pois não abordam temas importantes do estágio e que esta parte escrita se desenvolve somente como uma tarefa de conclusão de estágio, isto é, mais um cumprimento burocrático da atividade de estágio.

[...] até conversando com outros alunos que estão nos estágios anteriores, a gente não tem retorno dos relatórios e parece que fica só pra finalizar disciplina mesmo, e não sei, parece que até mesmo por conta dos professores, eu não vejo eles comentando, nem trazendo esse *feedback* pra gente. O quê que a gente apontou, a nossa própria atuação mesmo né... então, é importante sim, mas parece que fica só pra disciplina mesmo, eu não vejo retorno; aonde esse relatório está sendo aproveitado para o curso, pros Estagiários que estão vindo (Estagiário B- Questão 4).

[...] eu na minha opinião acho mais proveitoso a questão do relatório final, porque o relatório semanal e a professora que pedia isso, ela pedia a ferro e fogo, quero um relatório com as normas da ABNT. Eu sei que ela estava ajudando a gente a ter a mentalidade pra gente ir pro TCC, mas isso já fazia com que demandasse de tempo pra gente fazer isso, a gente acabava perdendo muito tempo fazendo isso juntamente com as outras matérias. Acaba que a gente se sacrificava outras coisas pra poder fazer isso (Estagiário D- Questão 4).

Para o estagiário C, há uma importância documental descrevendo de forma sistemática o processo que foi passado e as experiências de campo, mas se encontra destituído de significado e de importância para a sua formação.

Eu acho importante esses relatórios porque não fica uma coisa abstrata, fica uma coisa mais oficializada, esta no papel, escrita, fui lá em tal lugar, em tal hora, o colégio que foi. Eu acho importante por causa disso, porque fica como se fosse um documento, fica arquivado e é importante para o estágio para... como se diz.?! Como se fosse algo de estatística, algo assim (Estagiário C- Questão 4).

Para os estagiários C e E os relatórios não são um meio de reflexão da prática em campo, e sim uma obrigação instituída por uma instância superior que tem como objetivo regulamentar as atividades do Estágio descrevendo-a. Porém não há uma organização por parte dos responsáveis sobre a atividade e sua forma de elaboração.

Acho que pra mim não existe uma função maior não, é só pra escrever todo o processo. Eu acho que é só isso mesmo pra mim. Não tem uma função específica, ou porque é uma obrigação da universidade mesmo, de documentação pelo ministério da educação para regulamentar, mas pelo que eu saiba desses relatórios até hoje, sinceramente é uma bagunça esses trem (Estagiário C- Questão 4).

E se eu te falar que isso foi um negócio bagunçado. Eu lembro que eu entreguei o relatório do Espaço de Ensino Básico, tanto que eles leram os dois professores do estágio leram e fizeram uma reunião comigo com a minha supervisora, pra ficar cara a cara mesmo ali. Eu não lembro de ter entregue relatórios nos anteriores, realmente eu não me lembro. Nos

anteriores no caso do Espaço Alternativo “A” com as crianças, e os primeiros que não teve campo, foi só a introdução. Não me lembro, sério mesmo, não me lembro (Estagiário E- Questão 4).

O que podemos constatar é que os acadêmicos não possuem clareza dos objetivos do relatório, fazendo com que a elaboração do mesmo fique sem sentido. A partir do momento em que não há reflexão crítica do que foi feito – seja por falta de direcionamento dos professores envolvidos nas ações de estágio, seja por parte da disposição e comprometimento do acadêmico que vivencia o estágio curricular obrigatório, a atividade perde a sua objetividade.

Para Freire (1996, p. 22), a reflexão crítica sobre a prática é um dos momentos fundamentais para que os aprendizes possam repensar e melhorar a próxima ação. É por meio dessa atividade que ocorre a superação de uma postura ingênua da docência para se tornar um profissional capacitado a lidar com a complexidade do ato de ensinar. A assunção ocorre com a consciência de que o novo sentido do conhecimento adquirido promove a certeza de que estou indo pelo caminho certo, o caminho do conhecimento apreendido.

Por sua vez, Perrenoud e Thurler (2002, p. 25) afirmam que, para que uma avaliação formativa possa ser produtiva, ela deve ser diferenciada, não assumindo a forma tradicional de teste, o qual a torna idêntica aos exames universitários clássicos. Ela deve passar por uma construção pessoal contribuindo para o desenvolvimento das competências pessoais, para utilização dos conhecimentos adquiridos disciplinarmente, e para a visualização de seus próprios erros por meio da auto-avaliação.

Os relatórios poderão cumprir seus objetivos se desviarem o foco da perspectiva burocrática, esvaziada de sentido, e receberem um novo significado, para estabelecer um diálogo com os alunos que os produzem. Caso contrário, constitui um problema, motivo de queixa e questionamento: “Eu acho que é uma obrigação que tem que universidade guardar, mas acho que extravia, todo mundo que eu conheço da universidade que já formou, reclama dessa parte, sabe?” (Estagiário C- Questão 4).

O que se percebe é que existe uma constante nos relatórios: que eles ainda continuam com o mesmo objetivo, conforme explanou a Professora Orientadora X (Questão 7). Pontuar unicamente problemas pertinentes aos campos e não conduzir a uma reflexão das atividades que o estágio propicia em seu cunho didático, ou até mesmo, de forma bem mais superficial,

ser conceituado como documentação obrigatória descharacteriza a função primordial do relatório como meio de produção e pesquisa do desenvolvimento da docência.

Nota-se que o direcionamento sobre a produção escrita tem sido um tanto problemática, ao ponto de refletir no próprio objetivo do relatório, que deveria ser utilizado como instrumento de reflexão da prática (PPC, 2008, p. 35). De forma que alguns dos estagiários utilizam desse meio como uma oportunidade de desabafar questões relativas ao estágio e mesmo mediante a isto, não obtém retornos satisfatórios, como afirma o estagiário A: "[...] mas, assim... era uma forma de desabafar e eu acredito que não foi tão proveitosa assim da questão do retorno, *feedback*".

3.1.2.6 O estágio como oportunizador da práxis

É de grande importância que a experiência do estágio atenda a visão que temos hoje, de que a sociedade possui uma estrutura muito complexa em que diversos conhecimentos, valores e relações interpessoais são considerados. Para lidar com estas diversidades, os discentes precisam desenvolver sua autonomia profissional e amadurecer o desenvolvimento de suas habilidades de ensino. O estágio precisa abordar com profundidade e clareza os aspectos importantes para a formação profissional, principalmente por ser um canal em que o discente pode ter sua primeira experiência e visão do campo de atuação, como afirma o estagiário B e a estagiária F:

Bom, por não ter atuado na área ainda, eu só me dedico à faculdade o estágio me proporciona então esse contato de conhecer a escola, de como é essa realidade ser professor; ainda mais ser um professor numa área de artes, né... [...] Então o estágio foi o contato, a experiência que eu tive com a docência, a primeira experiência que eu estou tendo da docência, e de refletir se realmente é o que eu quero (Estagiário B- Questão 1).

A primeira vez que eu dei aula na minha vida foi no estágio, então pra mim o estágio tem tido grande importância por causa disso porque eu tinha medo de dar aula (Estagiária F- Questão 1).

Em um curso como licenciatura, um dos maiores medos encontrados está relacionado ao medo de enfrentar a sala de aula. A estagiária F assume que o estágio oportunizou sua primeira experiência na docência e que existia um medo muito grande em estar na função de professora dentro da sala de aula. Ela possuía o conhecimento de sua área que era o canto,

mas seu questionamento era de como passar esse conhecimento para outra pessoa e qual seria a forma mais correta.

Há uma responsabilidade inerente no papel do professor de conseguir administrar o conhecimento para si e este conhecimento ser levado adiante para outras pessoas. Para que isto ocorra, é necessária uma boa orientação no processo de ensino aprendizagem, proporcionando ao aluno segurança para exercer o seu papel de estagiário. No caso desta estagiária, ela entendeu que com a experiência a segurança iria ser adquirida:

Então meu medo era esse, eu custei a começar a dar aula por medo de acontecer alguma coisa e com o estágio aos poucos eu fui perdendo o medo "*Ah às vezes não é tão ruim assim eu posso dar um jeito de não acabar prejudicando*" então nesse aspecto foi de extrema ajuda pra mim (Estagiária F - Questão 2).

Nota-se por meio das entrevistas que o medo era vinculado ao desconhecido ou à prática ainda não consolidada pelo estagiário. O estagiário A referiu-se ao medo que ele tinha de trabalhar com turmas de alunos entre 10 a 13 anos, pois ele não havia tido experiências com esta faixa etária até o momento do estágio. Porém, isso foi quebrado por meio da observação do Professor Supervisor de campo que lhe demonstrou como é o domínio de uma turma de adolescentes e como transportar o conteúdo necessário (Questão 3).

A estagiária E também referiu-se ao medo, pelo fato de nunca ter trabalhado com crianças e que por meio da experiência do estágio ela pôde ter o apoio dos colegas estagiários (Questão 3). Conforme mencionado anteriormente pelas Professoras Orientadoras, sobre a importância do estágio na formação dos licenciandos, os discentes reconhecem que há a necessidade de uma disciplina que venha realizar esse vínculo entre a teoria e a prática.

[...] eu acho que tem essa necessidade porque na verdade, tira aquela teoria que a gente já tem na sala de aula e começa a prática. Que é o que vamos fazer, ser professor na sala de aula. Então essa necessidade da licenciatura em música atende isso, tira essa teoria da sala de aula, e vou pra prática mesmo que é em campo, que é dar aula de instrumento (Estagiário C - Questão 1).

Os alunos entendem que precisam colocar em prática os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, ou até mesmo nas atividades anteriores à universidade. Porém, na visão pessoal de cada estagiário entrevistado, a estrutura do estágio pode promover estas atividades e aplicação deste conhecimento por meio da atuação em campo.

3.1.2.7 Autonomia profissional

Entender a disciplina de Estágio na perspectiva dos estagiários cursantes e Professores Licenciados nos permitiu ter uma noção do que eles consideram como importante para sua formação, assim como, os aspectos que precisam ser reconsiderados e reestruturados para sua melhoria. Embora compreendamos que estas atividades de estágio são necessárias para o desenvolvimento docente, elas não contemplam o processo de ensino como um todo (PIMENTA, LIMA, 2004, p. 38).

Sendo assim, cabe perguntar: Quais as concepções que os levam a refletir sobre sua prática e tomada de decisão? Quais os primeiros aspectos que os estagiários conseguem descrever como necessários para a prática da autonomia na disciplina de Estágio? A seguir, trataremos a autonomia profissional no discurso dos acadêmicos e como eles reconhecem que as decisões tomadas no curso de licenciatura e, em específico, no campo de estágio proporciona a formação autônoma.

Dos 10 entrevistados, os estagiários A, C, F, os Professores Licenciados G, H e I apontaram questões específicas de experiências de campo que propiciaram a construção de seu perfil profissional e o pensamento autônomo. Os estagiários A e C foram coincidentes em apontar que os campos que possuem melhores estruturas conseguem trazer experiências significativas ao ponto de contribuir sobre o seu desenvolvimento da autonomia. Os demais estagiários não deram este caráter especificamente para a disciplina de Estágio a capacidade de desenvolvimento da autonomia, mas, também para os professores no decorrer da vida escolar e referente professores da universidade que conseguem trabalhar na linha de pensamento de Paulo Freire.

O estagiário A reconhece que dois professores foram importantes para o desenvolvimento de sua autonomia e postura reflexiva, tirando-lhe de um mundo de utopias e de teorias distanciadas de sua realidade. Esses professores foram exemplos reais de que é possível ter uma prática educacional, produtiva e real dentro de um campo de trabalho.

Eu acredito que, algumas coisas em todo curso na faculdade contribuíram pra que tivesse esse pensamento autônomo e reflexivo outras coisas não... dentro do estágio eu acredito que isso aconteceu pelo menos pra mim, nos dois últimos porque, observando Professor Verde e principalmente a Professora Azul a gente consegue ter uma noção do que realmente funciona e do que talvez seria até utopia que a gente aprende aqui do que é passado; ou talvez a forma que é passado pra gente (Estagiário A- Questão 5).

Com relação às demais experiências de estágio, o estagiário A foi pontual ao dizer que não houve uma contribuição positiva nesse sentido, levando consigo a menor parte da experiência em campo.

Nos primeiros não... nos primeiros estágios que a gente regeu eu acredito que foi uma coisa frustrante pra mim, porque não dava pra aplicar devido às dificuldades já citadas aqui. Então eu quero levar inclusive da disciplina do estágio a parte menor, que me foi proveitosa que foram os estágios do Professor Verde e da Professora Azul (Estagiário A- Questão 5).

A proposta do professor reflexivo é de que a partir das situações incertas ele consiga agir corretamente, utilizando-se de aspectos éticos e morais que envolvem a ação, isto é, uma tomada de decisão autônoma (CONTRERAS, 2002, p. 168). O estagiário C conseguiu desenvolver essa visão de reflexão e autonomia no decorrer de sua experiência de estágio. Ele demonstrou uma visão preocupada em atender às necessidades de seus alunos inserindo-os socialmente, pois, o Espaço de Ensino Formal “A”, lhe deu a oportunidade de interagir pela primeira vez com alunos especiais.

Há um ponto importante, que indica que a leitura dos diversos textos, bibliografias direcionadas pelos seus professores para levá-los a reflexão sobre a sua prática, de fato, contribuiu para um maior embasamento teórico. Ele considerou o estágio como um espaço laboratorial dando oportunidade de refletir suas experiências, elaborar novas metodologias e, a partir das referências bibliográficas, fundamentar suas ações docentes:

O estágio tem proporcionado isso, e os textos reflexivos também, eles são muito interessantes às vezes, mesmo que eu acho chato fazer aquelas reflexão, eu gosto muito. As vezes ficamos reclamando na sala, é muito interessante porque ela passa uns textos que é bem..., praticamente aquilo que a gente vai precisar na hora da aula. Aí esses textos me ajudam, com orientação do professor em sala de aula e você mesmo, procurar aqui refletindo, lendo, como está indo o andamento, não então vou por outro lado, pegar outro método pra ver se funciona.

Praticamente isso que o estágio está sendo: um laboratório mesmo, esse é o principal fundamento, testando as coisas pra ver se funciona ou não funciona. Porque chega lá, pode ser muitas coisas diferente quando for atuar mesmo, ou pouca coisa. Mas acho que é isso! (Estagiário C – Questão 5).

Os demais estagiários atribuíram a conquista desta autonomia não restringindo à disciplina do Estágio, mas às diversas disciplinas da universidade, aos exemplos de bons e maus professores no decorrer da vida estudantil, bem como ao interesse e busca pessoal. O

estagiário B percebe que ele possui o poder de mudança por meio de uma capacidade crítica de atuação em sala de aula:

Favoreceu, porque me permitiu refletir que tipo de profissional que eu gostaria de ser e qual o poder que eu tenho nas mãos. Qual o poder de transformação, intervenção na realidade da sala de aula, acho que as experiências dos estágios boas ou ruins elas contribuem... Eu consigo me ver como profissional reflexivo sim, pelo processo de estágio, mas também por outras experiências não só dentro da faculdade mas fora também, até com a própria maneira que a gente vai se relacionando assim, se descobrimos durante o curso (Estagiário B- Questão 5).

O estagiário B considera que o estágio ainda possui muitos problemas que revelam dicotomia entre teoria e prática, dificultando o processo de reflexão. Mas que, apesar de todas essas dificuldades, o estágio pode acrescentar reflexão sobre o perfil profissional que ele deseja ter no exercício de sua docência.

Acho que não, porque justamente por conta de todas essas dificuldades, não sei, eu acho que está muito mais ligada a questão da prática e ir tentando colocar essa teoria junto com a prática. Há uma certa dicotomia em relação a prática e a teoria, elas são desvinculadas mas estão tentando dialogar...

(Então é mais uma postura pessoal sua de fazer esse diálogo?)

Um pouco dos dois, um pouco da minha postura e um pouco do que o estágio tem me oferecido (Estagiário B- Questão 5).

O estagiário D, a estagiária F, o Professor Licenciado H atribuíram essa conquista da autonomia por meio de diversos exemplos de professores que lhe foram importantes para o desenvolvimento desta prática, e que não era um aspecto exclusivo do estágio.

Tem muito professor aqui na universidade que eu vou lembrar pelo resto da minha vida e pelas aulas que eles deram, pela liberdade que eles deram e essa questão que foi colocada que não somente no estágio mas em relação as outras aulas essa autonomia que dá esse segmento de como lidar com o pensamento dos alunos (Estagiário D- Questão 5).

[...] eu gosto dos professores ruins porque eles me dão o exemplo de justamente o que eu não devo fazer como professor entendeu? E os bons são ótimos porque a gente leva pra toda a vida, mas podia melhorar alguma coisinha também. É válido sim nesse aspecto porque a gente acaba pegando exemplo então é muito válido eu gosto disso. Durante os meus anos de estudo eu peguei de exemplo os professores bons e os ruins, porque na época eu não sabia o que até então aprendi na faculdade, uma didática pra poder dar aula. O que não significa que eu não tenha aprendido alguma coisa com eles, de todos eles eu tirei exemplo (Estagiária F- Questão 5).

No meu caso eu acho que ajudou muito, essa auto-reflexão e autonomia ela é fundamental no meu trabalho hoje em dia e eu creio que a faculdade, a academia me influenciou muito nessa questão de autonomia profissional. [...] A academia como um todo, e eu tive sorte de pegar...de ter estudado com excelentes professores que me incentivaram a ter esse tipo de pensamento e outros locais por exemplo eu já teria uma experiência diferente mas ajudou e realmente o estágio e o Paulo Freire influenciam bastante o educador e no caso me influenciou bastante (Professor Licenciado H- Questão 5).

Como a estagiária E considerou suas experiências de campo pouco positivas, admitiu que a busca da autonomia se deu pela reflexão e pela leitura de textos referentes a outras disciplinas do curso.

Nessa construção da autonomia fica algo bem pessoal, e todos os textos que você leu lá sobre criatividade, psicologia da educação, você vai se virando, você vai catando o que você tem ali e se você não tem nada você corre atrás (Estagiário E- Questão 5).

A experiência reflexiva desta estagiária foi elaborada por meio das experiências de campo, nas quais seus alunos contribuíram para a troca de conhecimento e humanização da prática docente.

Os frutos que apareceram foram da minha parte. Talvez tenha sido isso que gerou conflito nos estágios, eu pensando bem hoje, porque não foi o que eles quiseram, não foi o que eles esperavam, foi o que teve que ser, o que apareceu, o que surgiu, foi o que foi adaptado e foi criado, foi o fruto que pra mim o que importa, foi a felicidade dos meus alunos. Porque eu vi na carinha de cada um quando houve recital, e quando não houve, dentro de cada aula as considerações, as ligações, as mensagens e os agradecimentos. Isso eu guardo pra mim como processo da criação da minha autonomia como professora e como ser humano, porque acho que não tem como separar, como eles fazem, eles separam lá (Estagiário E- Questão 5).

Na visão da Professora Licenciada G, uma das atividades que pode incentivar a autonomia seria aumentar a quantidade de regência de campo e a interação entre professor/aluno. De acordo com a sua experiência, as questões mais complexas são as relacionadas ao contexto de sala de aula como o nervosismo do professor diante da turma, o conteúdo que ele deve administrar durante 1 hora de aula, o controle da turma dentre outros. Se o aluno tivesse mais oportunidades de estar diante da sala de aula, auxiliaria no desenvolvimento da sua

autonomia profissional, e da forma que se encontra estruturado o estágio atualmente ele acaba contribuindo em 50% desta formação devendo o próprio aluno buscar maiores informações pedagógicas fora da universidade.

A Professora Licenciada I vê o estágio como uma forma de direcionar o aluno para a busca da autonomia lhe fornecendo experiências pertinentes ao campo de trabalho. Sendo que estas experiências são consideradas por ela como “rasas” e que o aluno precisa se vincular profissionalmente para que ele se sinta verdadeiramente instigado a procurar a sua autonomia profissional:

Você adquire muita experiência em campo de estágio, mas a autonomia você adquire com o patrão te exigindo aí sim isso vai te dar autonomia. Agora o curso não fomenta a autonomia porque nos estágios as experiências são muito rasas você tem contato mas as experiências são um pouco rasas. Eu acho que quando envolve dinheiro, quando envolve você sozinho, seu contrato, você ser contratado aí há uma existência de autonomia, até então é experiência confortável que você tem enquanto estudante amparado por uma universidade mas acho que a autonomia ela só vem depois mesmo.

(Com a experiência profissional mesmo?!)

É... eu acredito que a universidade ela te dá o caminho. Ótimo isso
(Estagiária I- Questão 5).

A Professora Licenciada J considera que o estágio faz parte de um todo, onde o Curso formador está estruturado de modo que desenvolva a questão da autonomia e do pensamento reflexivo. O estágio pode gerar questões que levem a discussões em outras disciplinas como “Cultura, Currículo e Avaliação em Música” e “Métodos Ativos” e que esta concepção a levou a uma maturidade completamente diferente de quando ela iniciou o curso (Questão 5).

Percebe-se que caminho da autonomia depende de diversos fatores externos da universidade assim como internos. Dentre estes fatores colocamos em evidência a experiência nos campos, o exemplo profissional dos docentes, o diálogo entre as pessoas envolvidas no processo educacional, referências de literaturas da área de formação e a didática aplicada em sala de aula.

No caso específico do estágio, todas as partes envolvidas devem assumir a sua responsabilidade e contribuição. Frases como a relatada pela Estagiária E: "A gente aprende lá o seguinte: faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço" são contrárias ao pensamento de Paulo Freire (2006, p. 19), a falta de exemplo acarreta em pouca contribuição e, muitas vezes, dá pouco incentivo ao futuro professor. Nesse processo, o Professor Orientador direciona o ambiente para favorecer a abertura desse diálogo, o aluno mantém uma postura de

disponibilidade assumindo suas responsabilidades, e o Professor Supervisor contribui para que a inserção aconteça produtivamente.

3.2 Análise dos relatórios

Como observado no decorrer do texto e das entrevistas a disciplina de Estágio da EMAC tem sido trabalhada com objetivo de promover nos licenciando a prática reflexiva de sua atuação e por meio do desenvolvimento desta reflexão a construção da sua autonomia profissional. Freire (1996, p. 18) nos esclarece que um dos pontos importantes que agrupa ao desenvolvimento da autonomia é a curiosidade crítica, e esta curiosidade é desenvolvida por meio de práticas educativas-progressista de modo que leva o docente a uma inquietação indagadora de suas ações encaminhando-o a um conhecimento mais amplo e mais rico.

Sendo assim um dos eixos fundamentais que promove a oportunidade de pensar na prática de campo se encontra nos relatórios de estágio pois, por meio desta atividade verificamos se o “projeto de estágio atingiu os objetivos propostos” (BARREIRO, GEBRAN, 2006, p. 105,106).

Os critérios estabelecidos para a seleção dos relatórios foram que a amostragem tivesse um equilíbrio de quantidade entre as três habilitações da licenciatura contemplando os dois turnos dos cursos do período de 2009 a 2016 e que os relatórios possuíssem um padrão de conteúdo contendo anexos, planos de aula, relatórios de visitas e de observação, principalmente reflexões referente as experiências de campo. Entretanto ao ter acesso aos livros de relatórios, que são entregues ao final de concluir todas as disciplinas de Estágio, encontrei algumas situações problemáticas. A primeira situação foi por não conter informações de turnos na encadernação. Por não conhecer os alunos, tive que pedir ajuda a professores da instituição para demonstrar quais relatórios pertenciam ao turno Integral e Predominantemente Noturno. O segundo ponto que pude perceber ao selecioná-los foi um déficit de arquivo para os licenciandos em canto, devido ao fato de haver poucos formandos para esta habilitação, contendo somente relatórios de alunos do curso Integral.

Sendo assim, foram selecionados 20 relatórios iniciais para uma primeira análise e dos 20 foram escolhidos 12 relatórios finais tentando contemplar os critérios estabelecidos. Os relatórios selecionados compreendem: Educação Musical Integral 2010²³, 2011, 2013, 2014 e

²³ Relatório desenvolvido pela estagiária Karliene Araujo e Silva que nos autorizou a utilização na condição de identificar a sua autoria.

2015, Noturno 2012. Instrumento Musical Integral 2014, Noturno 2013, 2015. Canto Integral 2014, 2015 e 2016.

Sabe-se que o regulamento do Estágio Supervisionado prevê uma estrutura de modo que os relatórios possam ter um padrão a ser seguido pela disciplina. Seu conteúdo deve conter “conhecimentos adquiridos e construídos durante o curso, nas vivências e pesquisas nos campos de estágio” (REGULAMENTO, 2013, p. 10).

Ao iniciar a análise dos relatórios, destaco a dificuldade de compreensão dos mesmos, pois percebi que não há uma padronização estrutural. O seu conteúdo consta de planos de aulas, relatórios de observação, relatos de experiências, folhas de frequências, e anexos, porém, todos estes arquivos não obedecem a uma ordem comum, que facilite a sua localização no livro de relatórios. Alguns dos livros de relatórios não constam de sumário e nos que possuem sumário, não há paginação; em outros as folhas do texto não possuem a paginação para auxiliar o processo de localização do referente capítulo. Outra dificuldade encontrada para análise, é que em alguns relatos de observação o plano de aula não identificava a qual Estágio ele estava vinculado, dificultando o processo de seleção da devida amostragem. Em outros relatórios foi observado o desinteresse do estagiário em considerar as correções assinaladas pelos Professores Orientadores, pois os arquivos foram encadernados sem as devidas correções e alterações pelo aluno. Todos estes fatores descritos revela desorganização²⁴.

Sobre a análise dos relatos de experiência e considerações finais da atuação em campo, apesar dos problemas detectados referentes as repetições, os pontos positivos se sobressaíram Sacristán (2002, p. 209) afirmam que a instituição escolar deve estabelecer um novo patamar de conhecimento ampliando as experiências vivenciadas pelo sujeito. A maior capacidade da educação escolar é que se torne “disponível o que sem ela ficaria velado, fora dos sujeitos”. Este conhecimento passa a ter um significado real quando o conteúdo passa a iluminar uma nova idéia ou a estruturar de uma forma diferente com uma compreensão mais aprofundada das experiências já adquiridas (SACRISTÀN, 2002, p. 211).

É notório que a construção destes relatórios demonstra uma análise reflexiva dos campos, das atividades de planejamento e das atuações. Os textos se apresentam com diálogos ricos de experiência, aprendizado abordando diversos aspectos que norteiam a formação de

²⁴ O Regulamento de Estágio (Anexo A) prevê um padrão estrutural dos planos e relatórios de campo, assim como, para o Relato de Experiência.

professores e as complexidades da atividade de Estágio Supervisionado agregando características de pesquisa e relatos de experiência.

No caso específico da educação musical, a formação e a prática musical do professor precisam ser constantemente realizadas junto à sua formação pedagógica. Trata-se do saber disciplinar correspondente ao campo da música e do saber pedagógico da educação sendo vividos e contextualizados por meio de experiências variadas. O educador musical precisa fazer/pensar música e ter condições de repensá-la com base em situações experienciadas e internalizadas no cotidiano de sua prática educativa. Particularmente, defendo que a formação de professores seja realizada em cursos de licenciatura envolvidos com trabalhos de ensino, pesquisa e extensão (BELLOCHIO, 2003, p. 20)

Mediante o exposto, foi necessário analisar de forma mais criteriosa cada um dos relatórios escolhidos para construir um panorama geral, visualizando com maior clareza quais foram os conteúdos e arquivos encontrados em cada relatório para uma melhor compreensão da análise realizada. Após a construção deste panorama, suscitaremos as percepções e práticas que os alunos conseguem descrever como ação de autonomia da docência.

No sentido de compreender a estrutura dos relatórios e o conteúdo reflexivo contido em cada um deles, selecionamos cinco critérios importantes para análise das experiências de campo. No primeiro tópico sobre Planejamento foi elaborado a análise dos planos de aula levantando questões importantes sobre a prática em campo que colaboraram para a autonomia profissional. Nas Considerações sobre o material inserido nos anexos, foram colocados em evidência os registros documentais utilizados, e listados os repertórios considerados importantes. Sobre as Greves: prejuízos e alterações no calendário foram analisados os aspectos que prejudicaram o desenvolvimento das atividades de campo e da disciplina, assim como o que ela pode proporcionar ao acadêmico em relação ao conhecimento político-social. E por fim, Autonomia e capacidade de reflexão sobre a prática foi elaborado que modo que demonstre como os estagiários analisam os conhecimentos e ações realizadas em campo, e como elas contribuíram na formação de sua autonomia profissional. Feitas essas observações, partiremos para a análise pontuando tópicos descritos iniciando assim pelos planejamentos.

3.2.1 Planejamento

É importante considerar o planejamento como uma parte benéfica para o desenvolvimento da docência. Ele pode auxiliar no processo de ensino aprendizagem de modo que consiga definir com clareza o que pretende fazer, como fazer, quando fazer e por quê fazer. O ato de planejar é um processo de decisão e construção, de modo que o professor consiga elaborar caminhos que facilitarão a construção do conhecimento do referido aluno. Refletir sobre as ações já vivenciadas e avaliá-las de forma crítica faz com que o docente se torne cada vez mais eficaz na aplicação da técnica educacional se tornando um profissional mais autônomo e capacitado.

Hartman (2015, p. 33) considera algumas questões práticas como princípios do ensino crítico e reflexivo, tais como o planejamento e a avaliação. Estas questões se associam com um ensino de sucesso, pois elas envolvem a reflexão sobre a ação e a reflexão na ação. Elas são interpretadas por ele como “considerações feitas antes, durante e depois do ensino”. Para Carr e Kemmis (apud BELLOCHIO, 2001, p. 43) esta construção investigativa é denominada como espiral auto-reflexiva, e esta espiral é composta por algumas ações como planejamento e reflexão.

O docente não pode esquecer que o planejamento é um “mapa experimental”, com características de flexibilidade e adaptação. Este processo auxilia e ajuda o docente em início de carreira a “ampliar e aprofundar seus conhecimentos e sua compreensão de como suprir melhor as necessidades de seus alunos” (HARTMAN, 2015, p. 33). Porém no decorrer da atuação o professor deve ser capaz de deliberar e adaptar o seu planejamento sempre que for necessário.

Ao elaborar o plano de ensino semestral me vieram algumas dúvidas que certamente todos os professores têm quanto a currículo: O que importa? O que é necessário? O que é mesmo relevante para um bom ensino de guitarra? Entre outras coisas. Tenho comigo que ensinar é algo difícil e experimental Ao longo da minha pequena carreira como professor já testei algumas coisas como começar passando escala maior, começar passando escala menor, etc. Hoje sigo uma ordem da onde começar para onde terminar devido a essa experiência, que de acordo com as aulas aqui relatadas e fora do estágio foi o cronograma que mais mostrou resultados positivos (Relatório Instrumento, 2014, p. 96).

O relato deste aluno demonstra que por meio de suas experiências e conhecimentos técnicos teóricos ele conseguiu elaborar o desenvolvimento metodológico no qual ele

considerou importante para o ensino de seu instrumento. Nota-se que a elaboração deste plano de ensino foi baseada em experiências adquiridas ao longo do curso e por outras advindas fora da universidade. Além da elaboração do desenvolvimento metodológico percebeu-se no decorrer de seu relato a constante reflexão sobre o que utilizar e para quê utilizar, como modo de alcançar seus objetivos.

Para executar com resultados positivos e clareza o plano de ensino, utilizei alguns livros como o do guitarrista Nelson Farias, Mozart Mello, e alguns internacionais como Joe Diorio, etc. Ambos materiais servem de base para questões como escalas, fraseado, ritmo, harmonia, digitações, entre outros. Como didática utilizei a transcrição de frases, através da leitura rítmica, e melódica para os avançados. Outro recurso utilizado é a repetição dos exercícios com a explicação da importância do mesmo [...] Quanto à avaliação, foi pensado em duas diferentes formas. A primeira de maneira integral, ou seja, aula por aula. [...] A segunda maneira avaliativa foi a apresentação ocorrida no final do período letivo. [...] (Relatório Instrumento, 2014, p. 135).

No entanto, se o planejamento não for visto como um meio de auxílio, tendo como característica a flexibilidade e adaptabilidade para suprir melhor as necessidades dos alunos, ele pode se estruturar em um programa rigoroso e improdutivo. A estrutura do planejamento não pode desqualificar a sua função, a de orientar o professor no desenvolvimento das atividades. No entanto o que foi constatado em alguns planos de aula que eles possuíam várias repetições no decorrer do semestre, repetições de conteúdos, metodologias e avaliações alterando-se somente a data da aula.

As experiências relacionadas a estes planos não foram analisadas pois não havia uma descrição posterior sobre o desenvolvimento do aluno, da aula e do próprio estagiário no exercício da docência. Já os planos que continham o conteúdo e comentários se demonstravam mais produtivos, pois os alunos refletiam sobre a recepção da aula, ao comportamento da turma e até mesmo ao desenvolvimento das aulas posteriores.

Conteúdo:

- Afinação dos instrumentos;
- Exercícios de pizzicato nas cordas soltas;
- Parâmetros de altura e duração;
- Apostila 1^a Parte;
- Introdução da cave e figuras musicais.

Descrição e comentário: A aula iniciou e os alunos presentes se interessaram pelo conteúdo, que envovia linguagem musical ainda desconhecida a maioria. Começamos a inserir as figuras rítmicas e explicar o funcionamento das mesmas. Os alunos têm interesse e muitas dúvidas, questionam bastante sobre o conteúdo e se mostraram receptivos as questões postas. Foi trabalhada a leitura da apostila, alguns alunos ainda tocam de ouvido (Relatório Ed. Musical, 2010, p. 22).

Lendo aos comentários dos planos decorrentes a este, percebe-se que a estagiária foi traçando objetivos, aula após aula, relacionando às dificuldades encontradas pelos alunos tentando solucioná-las no desenvolvimento dos planos, como podemos observar: “Não comprehendo ainda muito o projeto em si, mas imagino que devemos trabalhar leitura efetiva logo que será necessário mais adiante” (Relatório Ed. Musical, 2010, p. 26), na outra aula já abordando “Localização das cordas lá, ré, sol na pauta” (Relatório Ed. Musical, 2010, p. 27).

Desta forma, a prática em campo começa a estruturar informações capazes de atender as exigências do perfil do professor. As experiências, as elaborações e reflexões sobre as ações estabelecem caminhos e oportunidades do aprendizado docente. E a partir deste processo educativo da complexidade de relacionamento entre professor/aluno é que o sujeito tem a oportunidade de elaborar as relações entre a teoria e a prática, aprofundar seu conhecimento e entender o papel do educador no contexto sociohistórico (BARREIRO, GEBRAN, 2006, p.111).

[...] não pude deixar de investigar sobre a convivência familiar de cada aluno. Cada um possuía uma história pra contar; uns eram filhos de ex-presidiários, outros o pai estava preso, havia uma menina que a convivência familiar era muito agressiva [...] (Relatório Instrumento, 2013, s/p).

Constar no planejamento observações sociais como esta, demonstra a maturidade do aluno ao perceber que a prática musical vai além da demanda técnica do instrumento. O educador musical deve se preparar para lidar com questões sociais e políticas em determinados momentos de sua docência (KLEBER, 2014, p. 269). Além da avaliação social, é importante que o docente tenha a consciência da necessidade da autoavaliação; a análise e constatação de limites de si mesmo, o auxiliará na percepção do que precisa ser melhorado, favorecendo o alcance de seus objetivos.

Avaliação: A aula atingiu seus principais objetivos, que foi contextualizar a música trabalhada [...] Fiquei feliz em ter conseguido cantar o falsete para acompanhar os sopranos, pois pensei que não iria conseguir obter tal resultado. [...] Um fato interessante que serve de reflexão para nós estagiários, é de que devemos prestar mais atenção a fala dos alunos como também olhar mais para eles no intuito de ganhar a confiança dos mesmos (Relatório de Ed. Musical 2011)

Sendo assim, o planejamento além de auxiliar o professor no desenvolver das atividades ele promove a auto-reflexão e uma visão do que foi estabelecido. Neste momento é importante reconhecer o seu inacabamento, isto é, reconhecer que é um profissional em eterna construção (FREIRE, 1996, p. 29), superar seus limites e reconhecer o que precisa ser melhorado faz parte essencial do caráter docente.

3.2.2 Considerações sobre o material inserido nos anexos

Subsequente à análise dos planejamentos e das reflexões das ações em campo, analisaremos os anexos contidos nos relatórios da disciplina de Estágio. Como esta pesquisa envolve profissionais da área musical desejamos constatar quais os recursos metodológicos utilizados em cada espaço profissional, mapeando principalmente o repertório musical utilizado pelos estagiários e os aspectos de reflexão utilizados para recorrer aos mesmos.

Os arquivos considerados como anexos são aqueles inseridos ao texto de modo que o estagiário tenha assinalado com a nomenclatura “Anexos”. Estes arquivos podem estar localizados ao final dos relatórios, ao final dos planejamentos ou ao final da estrutura do livro. Durante a análise foi constatado que não há uma formatação pré-estabelecida, pois, alguns dos relatórios analisados possuíam os três ou dois tipos de anexos.

No tocante aos arquivos anexados, no decorrer dos relatórios de Estágio, que não possuem nenhuma descrição referenciando-os ao plano de aula, ao período ou campo que fora utilizado aquela atividade, simplesmente foram catalogados. Estes anexos não foram analisados, pois nada se pode concluir sobre algum tipo de prática reflexiva, metodologias ou análises pessoais.

Os Relatórios que possuem anexos ao final de cada relato de experiência, ou planos de aula, nos permitiu analisar e classificar os devidos arquivos. A lista dos anexos foi estruturada em forma de tópicos, separada por habilitação para uma visão geral dos materiais considerados importantes especificamente.

Os anexos dos Relatórios do Curso de Educação Musical foram classificados por títulos para uma melhor compreensão. Eles foram catalogados da seguinte forma: a) Documentações: todos os arquivos que documentam as atividades realizadas em campo; b) Planos de aula: atividades realizadas pelos alunos estagiários ou planos elaborados pelos Professores Supervisores; c) Métodos de ensino: fragmentos de métodos voltados ao ensino do instrumento; d) Atividades Teóricas: teoria musical aplicada em campo; e) Partituras; músicas cifradas e letras de músicas; g) Outros.

A relação dos Anexos dos Relatórios da Habilitação Educação Musical ficou estruturado da seguinte forma:

a) Documentações:

- Folha de frequência do estagiário,
- Folha de frequência aluno do campo;
- Programa de Recital de encerramento do Estágio,
- Certificado: participação do recital final do Estágio.

b) Planos de aula:

- Planos elaborados semanalmente pelos alunos para os campos de Espaço Alternativo;
- Plano elaborado semestralmente pelos alunos na Regência de Turma do Espaço de Educação Básica.

c) Métodos de ensino:

- Xilofone (fragmentos);
- O Passo (fragmentos)

d) Atividades Teóricas:

- Leitura de notas;
- Solfejos;
- Ritmos: leitura de figuras ritmicas;
- Jogos Rítmicos: brincadeiras elaboradas com ritmos corporais, com inserção de figuras ritmicas;
- Fragmentos de música para leitura métrica;

e) Partituras; músicas cifradas e letras de músicas:

- MPB;
- Músicas Folclóricas;
- Letras de músicas elaboradas pelo campo de estágio;

f) Outros:

- Diversos textos trabalhados no campo de estágio referente ao conteúdo abordado em sala de aula;
- Livro que descreve as ações pedagógicas do campo de estágio;
- Fotos das atividades realizadas em campo, ou instrumentos musicais elaborados em campo;
- Apresentações sobre metodologias e espaços musicais em power point.

No decorrer das análises, pode ser observado, que os relatórios de Educação Musical contemplam em sua grande maioria, anexos de letras de músicas, músicas cifradas e partituras. As partituras vão desde músicas folclóricas até grades arranjadas para grupo de instrumentos.

De acordo com Souza (2009. p. 8), nos últimos anos os avanços tecnológicos alteraram a relação dos adolescentes com a música, principalmente a forma de aprendizado e significação social. Estas mudanças foram refletidas nos diversos contextos de aprendizagem, em especial na escola, gerando novas e constantes reflexões por parte dos educadores (NEVES, 2013, p. 1422). Sendo assim, uma das funções dos professores de música é o de ampliar o repertório dos alunos para além daqueles já vivenciados e impostos pela mídia.

Acreditamos ser fundamental que o educador demonstre abertura às preferências de seus alunos, mas que também possa interferir na orientação e ampliação destas preferências, para não limitar o ensino de música a poucos artistas ditados pela mídia. A Escola é uma das organizações da sociedade onde o conhecimento científico fundamenta o saber humano. Cabe ao professor/acadêmico lançar mão de todas as disciplinas da licenciatura para elaborar sua proposta de trabalho de forma a conscientizar o aluno da importância social do seu papel enquanto educador (NEVES, 2013, p. 1423).

No levantamento dos dados, as músicas mais utilizadas pelo curso de Educação Musical foram: Músicas folclóricas e MPB. As músicas infantis utilizadas nos planejamentos tinham como foco o desenvolvimento da musicalização, tanto que o repertório era voltado para as turmas de Ensino Básico conforme é descrito em um dos relatórios.

A aula me chamou muito a atenção, pois desta vez senti que houve preocupação em trabalhar a percepção musical das crianças associando com animais e também dando ênfase em músicas folclóricas o que estimula bastante o caráter lúdico (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

As músicas, de acordo com o planejamento, tinham dois tipos de abordagens: o primeiro possibilita conhecer a história da música popular brasileira como choro, samba, bossa nova e canção de protesto. Este conteúdo musical foi aplicado para alunos de nono ano (9º ano) do ensino fundamental (Relatório Ed. Musical, 2012, p. 260). Segundo: as músicas foram apresentadas para reflexões sobre questões sociais, de formação de caráter ou questões morais.

Fazer uma reflexão escrita sobre a letra de “É preciso saber viver”, relacionando com seu cotidiano na escola.

Questões propostas para o tema de reflexão: Gostaram da música? Já conheciam? [...] Podemos pensar em alguns problemas da nossa turma, entre nós que pode melhorar? [...] Respeitar o espaço do colega pode ser útil em que sentido? (Relatório de Estágio, 2013, s/p).

Nota-se que a música possui várias abordagens que os professores da área podem se utilizar para alcançar os objetivos propostos, e adaptar aquele conhecimento para a faixa etária adequada. Para isso, é necessário que o professor possua o domínio do conteúdo, e esteja aberto para a inserção de novos conhecimentos como afirma Freire (1996, p. 15) “ensinar, aprender e pesquisar”.

Passaremos a explanar sobre os anexos encontrados nos relatórios dos alunos do curso de Canto. Foi uma experiência rica e esclarecedora ao perceber que os repertórios trabalhados se diferenciam qualitativamente uns dos outros demonstrando o perfil de cada curso. Os anexos dos Relatórios de Canto foram classificados da seguinte maneira: a) Documentos: todos os arquivos que documentam as atividades realizadas em campo; b) Métodos de ensino; c) Atividades Teóricas: teoria musical aplicada em campo; d) Partituras, músicas cifradas e letras de música.

A relação dos Anexos dos Relatórios da Habilitação Canto ficou estruturada da seguinte forma:

a) Documentos:

- Termo de Compromisso de Estágio;
- Plano de Atividades de Estágio²⁵;
- Folha de frequência do estagiário;

²⁵ É um documento elaborado pelo Regulamento de Estágio (Anexo A), objetivando descrever as atividades do semestre.

- Folha de frequência dos alunos do campo;
 - Avaliação do Estágio Supervisionado.
- b) Métodos de Ensino:
- Método de Teoria e Solfejo (com exercícios) – Completo
- c) Atividades Teóricas:
- Identificação das Claves;
 - Leitura de notas;
 - Figuras musicais e referentes pausas;
 - Compassos;
 - Ritmo: exercícios com figuras rítmicas.
- d) Partituras, músicas cifradas e letras de música:
- MPB (partituras, letras e cifras);
 - Músicas eruditas (partituras);
 - Músicas Religiosas (letras e cifras);
 - Músicas Folclóricas (letras).

Ao verificar a relação dos Anexos do curso, foi constatado uma redução em relação a diversidade predominando partituras e letras de música. Em todos os três relatórios analisados os anexos se encontram posteriores aos planos de aula referente a cada campo de estágio sem muita variação de conteúdos ou documentos.

O repertório abordado era bem diversificado contemplando músicas eruditas, MPB, repertório de musicalização infantil e religiosa. O repertório de músicas infantis trabalhou a musicalização tendo como objetivo desenvolver as habilidades sensoriais e psicomotoras (Relatório de Canto, 2014, s/p). Porém, havia um segundo repertório voltado para crianças na faixa etária Juvenil (7 a 12 anos) e este repertório constava de Chorinho- Maria Meron e Dùo em ré menor: Vejo dois mosquitos pelo ar – Deborah Kalm, descrito pelo estagiário como um repertório bem aceito pelos alunos e trabalhado de uma forma que o próprio estagiário desejava receber na sua infância, isto fica claro ao relato final daquele semestre.

O desempenho das crianças foi extremamente realizador e satisfatório. [...] Descobrimos talentos entre os meninos. Crianças tímidas que se reconheceram na música e tiveram uma grande motivação e incentivo para prosseguir estudando. O palco foi um momento sublime, onde vimos toda mágica acontecer. [...] Entreguei a elas aquilo que eu gostaria de ter recebido

musicalmente quando era criança. Acho que por isso a relação foi tão forte e tão emocionante pra mim (Relatório de Canto, 2014, s/p).

Freire (1996, p. 89) destaca como um dos pontos da autonomia o equilíbrio entre querer o bem dos educando e a transposição de conhecimento, em que a relação emocional não se sobrepõe à necessidade de ensinar com seriedade. Este relato demonstra que o quê foi ensinado desenvolveu o conhecimento e o aprendizado porém, as relações sociais e pessoais eram parte integrante do processo.

Os demais repertórios trabalhados, algumas vezes escolhidos pelos próprios alunos orientados pelos professores, objetivava questões técnicas de respiração, fraseados, impostação de voz levando o aluno a uma prática de canto saudável, não prejudicial.

Para finalizar esta etapa, passaremos a análise dos Anexos da Habilidade Instrumento Musical. A classificação dos anexos dos relatórios de Instrumento Musical estruturou-se da seguinte forma:

a) Plano de aula:

- Planos elaborados semanalmente para as atividades realizadas nos Espaços Alternativos de Ensino;
- Planos elaborados semanalmente para as atividades específicas dos alunos individuais de instrumento;

b) Métodos de ensino:

- Métodos de Bateria (completo);
- Métodos de guitarra (fragmentos).

c) Partituras:

- Músicas internacionais.

d) Outros:

- Fotos de atividades realizadas em campo.

Percebe-se, que das três habilitações os relatórios de Instrumento Musical é o que menos consta anexos, principalmente voltados ao repertório musical. O repertório utilizado no ano de 2014 era de músicas exclusivamente internacionais (americanas), referenciadas no plano de aula, porém, sem nenhum tipo de comentário ou conclusões referentes à técnica, desenvolvimento do aluno ou análise de aplicação do repertório.

Em geral, foi constatado que os anexos para o curso de Licenciatura Instrumento Musical não possuem importância de registro. Eles poderiam ter uma função importante se estes fossem relacionados às atividades desenvolvidas nos estágios de uma forma clara. Para que possamos entender a sua função era necessário ler os planos e relatos de atividades e posterior a isso procurar se havia algum tipo de anexo referente às atividades. Sendo assim, não há como afirmar a importância destes anexos no que se refere à observação e reflexão do campo.

3.2.3 Sobre as greves: prejuízos e alterações no calendário

Neste momento retornaremos ao tema das greves, pois foi uma das questões levantadas em entrevista e constatada novamente no decorrer da análise dos relatórios. Os alunos que passaram por este infortúnio durante o curso se demonstraram inquietos sobre a perda de experiência de campo. Mediante tal constatação, houve o interesse em evidenciar registros mencionados nos relatórios referente a carga horária, alteração de planejamento, ou coisa semelhante.

Consideraremos os aspectos relatados em relatório pelos estagiários e as devidas constatações sobre a os conteúdos ou de desenvolvimento de planejamento das atividades no período das paralisações decorrente das greves da universidade ou das unidades concedentes. Dependendo do tempo da paralisação, pode ocorrer o prejuízo da carga horária ou até mesmo das experiências advindas do campo.

As primeiras aulas foram reservadas para entrega e preenchimento das documentações necessárias. Apesar de todas as adversidades, como a greve na UFG que ocasionou no atraso das idas dos alunos ao campo de estágio, percebe-se que foi possível realizar a demanda de aulas necessárias para cumprimento das 32 horas no campo (Relatório Ed. Musical, 2014, p. 80).

Nem todas as vezes são possíveis reposições de aula. A greve pode gerar transtornos muito maiores para as questões da disciplina como, por exemplo, o estagiário não ter a oportunidade de entrar em campo para o desenvolvimento de suas ações.

Com relação aos documentos, tivemos um atraso de cerca de um mês na entrega destes por questões, mais uma vez, burocráticas, advindas da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD-UFG), segundo as poucas informações

que nos foram passadas. E por último, a não entrada em campo na XXX por conta da greve dos professores [...] (Relatório Ed. Musical, 2016, p. 29).

Vale salientar que os alunos que possuíram a oportunidade de adentrar ao campo após a greve no decorrer do semestre, constataram que as vivências em campo foram prejudicadas, não dando a oportunidade de reflexão e análise das atividades. Foi observado nos relatórios deste período de paralisação que as reflexões se tornaram mais incipientes e superficiais, baseando-se apenas na descrição física do espaço com uma constatação rápida do grupo docente que compõe o mesmo.

A experiência desse estágio em campo escolar foi completamente desestruturada, por conta da greve vivenciada por nós, alunos. [...] Uma pena não pudemos vivenciar melhor esse campo e tivemos tantas dificuldades nesse semestre de estágio (Relatório Canto, 2014, s/p).

Um outro aspecto que é gerado pelas paralisações é o não cumprimento do calendário acadêmico. No Estágio, existe uma complexidade de calendário entre o campo de estágio e a universidade, que não permite aos Professores Orientadores a capacidade de adequação no momento em que acontecem esses desencontros – o que traz transtornos de cunho acadêmico.

Infelizmente, em virtude de greve dos professores da UFG o calendário acadêmico não permitiu que fossem terminados ciclos que se iniciaram no início de cada semestre a partir do Estágio 3, não deixando que finalizássemos conteúdos iniciado e desenvolvido no decorrer dos estágios (Relatório Instrumento, 2013, s/p).

As greves também refletem negativamente nas unidades concedentes, de modo que as atividades planejadas não são executadas. Sabemos que além das atividades, os próprios alunos em campo acabam sendo prejudicados em suas experiências.

No entanto, o projeto não pôde ser realizado na escola devido a greve, colocando tanto os professores quanto os alunos em “saia justa”, pois não se tinha um parecer concreto se realmente as aulas iriam voltar neste ano de 2013 ou somente em 2014 (Relatório Ed. Musical, 2014, p. 105).

Muitos alunos são irrequietos (o que parece ser uma característica dos alunos desse tipo de formação instrumental), por vezes grosseiros e mal educados. Ofendem diversas vezes uns aos outros e estas características levaram ao grupo de estagiários a escolher “Vez de quem” como tema gerador a ser trabalhado com a escola, o que infelizmente não pôde ser realizado, devido os diversos problemas oriundos da greve universitária (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 50).

A estrutura da XXX teve uma leve melhora nas administrações das salas e horários, mas o problema maior desse semestre foi a greve do corpo docente, a aula na Universidade Federal de Goiás iniciou com atraso o tempo de curso ficou muito pequeno para trabalhar os conteúdos, a aula na XXX começou em janeiro de 2016, os alunos da academia tiveram 4 a 5 aulas no máximo, com todos esses fatos, percebi que os alunos foram muito prejudicados (Relatório Canto, 2016, s/p).

Um ponto importante no decorrer da análise, foi a postura da professora supervisora de campo, que foi dirigida para o aproveitamento do horário da sua orientação para esclarecer aos estagiários as motivações que levaram os docentes a apoiarem a greve. Além da estagiária relatar o fato exposto pela supervisora de campo em seu relatório, ela discorre um texto sobre a realidade dos professor no país e o quanto é necessário que essa categoria profissional aprenda a exigir seus direitos baseado na lei e dos direitos adquiridos.

Após isso a Professora XXX falou um pouco sobre a greve que entrou em vigor no dia 24/09/2013. Cerca de 2.000 funcionários participaram da assembleia em frente a Catedral Metropolitana, no centro de Goiânia onde foi decidido pela greve para a universalização do auxílio transporte, no valor de R\$ 319,00, pois, atualmente apenas 40% dos professores recebem o benefício (Relatório Ed. Musical, 2014, p. 104).

Como foi dito anteriormente, a greve é um fato que envolve as questões docentes, pois por meio dela é que a categoria profissional adquire direitos. É importante que os estagiários tenham a oportunidade de discutir as referentes causas voltadas à paralisação, conforme a Professora Supervisora explanou. Adquirir o conhecimento político-econômico no decorrer do processo de formação se faz necessário, pois por meio das discussões os futuros docentes poderão entender quais são os seus direitos, caso ingressem no campo de trabalho.

Sobre as atividades, novas propostas vão sendo agregadas à disciplina como meio de amenizar a perda considerável que ocorre em campo. Para isso, os Professores Orientadores possuem a autonomia de procurar meios que os alunos possam continuar desenvolvendo suas atividades de estágio durante a greve ou posterior a mesma. Dentre as atividades propostas temos: trabalhos, replanejamento das aulas e laboratórios (caso a greve ocorra no campo de estágio).

Devido a greve da UFG houve um atraso considerável quanto a ida dos alunos ao campo de estágio, então para compensação de carga horária referente ao mês de abril/2013 passou-se para os alunos como possibilidade

de reposição dessas cargas horárias por meio de atividade escrita, um pedido de resenhas de 4 textos, com 500 palavras cada, ligados ao campo de estágio, podendo ser entregues por e-mail conforme as datas preditas pelos professores (Relatório Ed. Musical, 2014, p. 41).

Então as aulas foram replanejadas. Para que os estagiários não se prejudicassem muito pela greve foi feito uma proposta pela professora XXX para que continuássemos a pensar nos planos de aulas e o fizemos independente da greve, mesmo que estes não fossem aplicados este ano e de qualquer forma os alunos/estagiários já estariam se preparando para a hipótese da greve acabar a qualquer momento (Relatório Ed. Musical, 2014, p. 106).

É notório que a profissão de professor vem sendo desvalorizada ao longo dos anos e que a greve passa a ser um meio necessário para a conquista dos direitos educacionais. Porém, a paralisação pode acarretar diversos transtornos acadêmicos que refletem no curso formador dos licenciandos.

Sobre as questões didático-pedagógicas das disciplinas de estágio, os professores da universidade entendem que as atividades desenvolvidas posteriormente a greve não podem trazer os conteúdos que seriam trabalhados na sua inteireza de experiência de campo. Porém, eles tentam minimizar esta perda acadêmica no processo de paralisação por meio de outras atividades compensando a carga horária e a falta de acesso ao campo de estágio. Desta forma os alunos podem continuar com a sua caminhada acadêmica aprendendo também a serem professores que conseguem desenvolver recursos e conhecimentos específicos que os auxiliem nos dilemas da profissão.

3.2.4 Relato de Experiência

Diante dos relatos das ações e reflexões pontuaremos questões relacionadas à sua prática no intento de elucidar alguns aspectos da relação complexa entre a teoria e a prática dos cursos de formação de professores assim como, conhecimentos que corroboram para o desenvolvimento da autonomia.

Exercer qualquer profissão exige o ato da prática, assim como a profissão de professor. O curso formador tem como responsabilidade levar o seu acadêmico para um ambiente que forneça a oportunidade de praticar suas funções, sabendo que não é possível que esta experiência sobrepuja a prática profissional (que o aluno exercerá quando for realmente

um profissional), a sua responsabilidade é possibilitar uma noção inicial da prática dentro do currículo do curso (PIMENTA, 2012, p. 35).

Guimarães (2005, p.110) afirma que por meio dos dilemas profissionais que surgem mediante a prática, existe a possibilidade da construção de melhores entrelaces entre a teoria e a prática. A estruturação em forma de pesquisa, como é o caso do Relato de Experiência, exige que o professor atuante encontre melhores formas de ensinar os conteúdos, assim como avaliar o contexto e a tomar decisões importantes referentes à aprendizagem de seu aluno promovendo um rico registro de informações (GUIMARÃES, 2005, p. 109).

A formação inicial contribui para que este professor aprenda a se aperfeiçoar, e na medida em que se vai acrescentando novos conhecimentos ele passa a aplicá-los sistematicamente de modo que intervenham e avaliem sua própria atuação. A fragmentação do trabalho docente e da pesquisa, assim como a teoria da prática afeta a área da educação de modo negativo, por isso a prática do estágio tem como objetivo efetivar e incentivar a reflexão e a crítica das ações vivenciadas pelos alunos (FERREIRA, 2014, p. 34).

O curso de formação deve se preocupar com os futuros profissionais, capacitando-os em relação aos conhecimentos teóricos sobre diversos aspectos educacionais. Estes conhecimentos irão favorecer uma prática de novas ações na realidade profissional e criar conexões que incrementarão o aporte teórico (Ibid., 2014, p. 39). Sendo assim, os conhecimentos que serão adquiridos precisam estar em consonância com a prática de campo para favorecer a intervenção na realidade. Este foi um dos pontos indagados pelos alunos que muitas vezes, os conteúdos trabalhados em campo não acrescentaram relações com a realidade do campo.

[...] acredito ser fundamental maior diálogo entre o Espaço de Ensino Formal XXX e a disciplina de Estágio da universidade. Os conteúdos trabalhados na carga prevista em sala na EMAC muitas vezes não abarcavam a atuação docente no espaço. Acredito que muito tempo foi desviado dessa reflexão, com leituras que não cabiam à disciplina, ou atividades que não acrescentaram tanto ao crescimento de nós estagiários [...] (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 51).

Quanto a afirmar se aproximou-nos da realidade contemporânea, tenho minhas dúvidas, pois várias vezes, a parte teórica não se adaptou à realidade do dia a dia, fazendo com que nossas opções de intervenção fossem “atropeladas” por outras questões, mais realistas. A(s) realidade(s), às vezes é (são) diferente(s) (Relatório Instrumento, 2013, s/p).

Além dos aportes teóricos que os discentes necessitam ter para o embasamento de suas ações em campo, há uma série de fatores determinantes para uma boa atuação. Dentre eles, podemos destacar o conhecimento da matriz curricular ou do projeto pedagógico, ou mesmo do conteúdo que atenda a cada espaço. Sabe-se que hoje os conteúdos da educação musical devem ser importantes e significativos para os alunos, não oferecendo somente aquilo que eles gostam (LOUREIRO, 2012, p. 148).

O currículo depende de fatores como a vivência cotidiana na escola e na sala de aula, e compreende saberes, competências, habilidades, valores, atitudes, que podem ser trabalhado de forma explícita ou implícita pelos professores para sua elaboração. Já o projeto pedagógico tem a possibilidade de ser estruturado de modo que viabilize aprendizagens reais.

[...] o projeto deve dar respostas consistentes a esta pergunta: quais objetivos devem ser formulados e quais ações concretas devem ser empreendidas para que a escola melhore seu funcionamento, no sentido de propiciar aprendizagens mais eficazes, sólidas e duradouras dos alunos? (LIBÂNEO, 2013, p 236).

Sendo assim, os estagiários percebem a necessidade de entender qual o processo de escolha do conteúdo, de como estruturá-lo, qual o conhecimento aplicar, para quem, quando ensinar e de que forma. Mas, muitas vezes, este acesso lhes é negado no estágio:

[...] não tive acesso ao projeto pedagógico, o qual pedi diversas vezes, mas que nunca se encontrava no local. Pra mim pareceu má vontade, já que vivemos a era da comunicação via internet (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 50).

Para suprir a dificuldade gerada pela inacessibilidade ao conteúdo programático do campo de estágio os discentes recorreram ao apoio e orientação de outros alunos que possuíam experiências com aquele determinado grupo e ensino.

[...] contamos também com o auxílio de XXX com todas as suas experiências com educação musical infantil, nos ajudaram a estabelecer um norte, principalmente, quanto ao que ensinar, pois não tínhamos um conteúdo programático (Relatório Ed. Musical, 2016, p. 18).

A universidade contribui para que o profissional desenvolva um perfil que atenda a realidade, sendo assim, as práticas pedagógicas precisam pautar-se em ações que proporcionem ao aluno o entendimento da complexidade e dos desafios postos pelos

movimentos sociais em constante mudança (CARPIM, 2014, p. 73). Para isso, o curso, como um todo, deve trazer novas concepções por meio da interdisciplinaridade.

Outra questão muito relevante foi trabalhar a interdisciplinaridade juntamente com a matéria currículo e avaliação, com a professora responsável XXX, onde nos foram passados orientações relevantes de como avaliarmos nossos alunos. Isso foi colocado em prática no campo de estágio, especialmente com a colaboração de nosso Professor Supervisor que nos expunha a situações de avaliações sobre os alunos e isto foi muito válido e enriquecedor para a nossa vida enquanto acadêmicos (Relatório Ed. Musical, 2014, p. 131).

O diálogo incoerente entre a universidade e a instituição conveniada pode acarretar em algum prejuízo pedagógico ou até mesmo constrangimento para as pessoas que estão envolvidas nas decisões dos fatos como podemos perceber na fala do estagiário:

A maior problemática acontecida em campo foi que, em virtude das correções do plano de aula forem feitas um pouco antes da aula, acabei atrasando para aula tentando corrigir o que foi pedido pela professora orientadora, em razão disso a aula acabou sendo prejudicada no sentido de não dar tempo de desenvolver completamente a última atividade. Houve uma certa contradição de opiniões quanto ao feedback feito no final da aula no sentido e que a professora orientadora não gostou da organização do solfejo escrito no quadro, enquanto a professora supervisora elogiou a organização (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

Enfrentar os dilemas sociais contidos nos ambientes educacionais se torna um desafio para os educadores em exercício. Em função deste aspecto, é necessário que o docente entenda que cada situação escolar, cada ambiente, cada fator educacional, cada atividade necessitam de uma análise muito mais ampla, que demanda de diversos aspectos institucionais. Reconhecer que o ambiente educacional é parte de um todo social, leva o docente a entender com maior clareza quais as melhores determinações pedagógicas para aquele ambiente (LIBÂNEO, 2013, p. 18). Nota-se claramente que os estagiários vivenciaram situações que os levaram a uma reflexão mais ampla.

Vejo que a participação dos responsáveis em conjunto com os educadores é indispensável para uma melhor educação. A gestão democrática da escola permite que os pais, educadores e alunos trabalhem cooperativamente para a qualidade do processo ensino-aprendizagem (Relatório Ed. Musical, 2010, p. 46).

Aprendi que realmente a educação não depende de aspectos isolados, havendo a necessidade de que diferentes áreas sociais de se dediquem pela

melhora. Existe uma parte de responsabilidade no professor, nos alunos, na escola, nas políticas educacionais e na família (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 56).

Voltando nossos olhos para a educação musical em específico, pode-se dizer que ela é praticada em diversos contextos sociais. Entretanto, assegurar um lugar da música na escola demanda esforços constantes. Um dos desafios é que os próprios educadores entendam a música como uma disciplina escolar que pode contribuir de forma significativa para conhecimentos além dos artísticos (LOUREIRO, 2012, p 156).

Outro problema que me salta aos olhos na escola é a falta de diálogo pedagógico entre os professores de música, pois cada um trabalha em completa independência um do outro, sacrificando uma das maiores potencialidades da educação, que é a interdisciplinaridade (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 50).

Um outro aspecto que foi ressaltado pelos estagiários é a constatação de que o profissional deverá estar preparado a compreender as concepções pedagógicos musicais em cada campo, isto é, incorporar os conhecimentos musicais, sociais, pedagógicos e didáticos reelaborando-os a cada contexto de atuação.

De acordo com Kleber (2014, p. 267), é importante que a universidade entenda, problematize e contemple a questão da diversidade cultural inerente aos contextos sociais contemporâneos e que os alunos neste processo de formação adquiram um olhar atento para as competências que vão além das musicais. As especificidades dos campos, das faixas etárias do público-alvo e da didática aplicada, torna-se um desafio para o professor, tornando-se necessário que ele contextualize o conhecimento a partir de uma análise mais aprofundada das questões sociais, políticas e metodológicas.

Estagiar na XXX foi um desafio não só por ser meu primeiro contato com a docência mas também por ter sido designado a trabalhar com a turmas de musicalização infantil. A inexperiência com esse perfil de aluno mais os desafios e percalços encontrados durante as aulas ajudaram-me a dar início a construção de minha identidade profissional docente (Relatório Ed. Musical, 2016, p. 17).

Podemos atribuir este sucesso pedagógico não somente ao aspecto visual e vocabular próximo à identificação circunstancial do grupo, mas também por ser ele a representação docente da atividade, movimento e brincadeira, que tanto são atrativas à terna idade, ainda mais em se tratando de círcense. A

efetividade de um ensino musical ativo é latente, como nos ensina o mestre Dalcroze (1988) (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 15).

A constatação de que o processo de ensino e aprendizagem varia muito na realidade social fez com que os estagiários percebessem a necessidade de reexaminar as relações de conhecimento e métodos tentando articulá-los com o contexto sociocultural que o espaço de Ensino Alternativo propõe. Um público heterogêneo de caráter volúvel onde existe a grande rotatividade de alunos, métodos de ensino em grupo e uma comunicação clara dos conteúdos são questões importantes a serem levadas em consideração:

Uma problemática que encontramos no grupo é a evasão ou os alunos que faltam por vários motivos, deixando assim o grupo muito heterogêneo no sentido que uns já começaram a entender como tocar (principalmente em conjunto) e outros começaram naquele dia e não tem noção nenhuma. Temos que trabalhar com esta perspectiva de aluno para tentar não desestimular nem aquele que entrou hoje ou aquele que já tem uma maior vivência e experiência com os instrumentos de percussão (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

Dava sempre a sensação de improviso e não domínio de competências básicas para o ensino coletivo, como fala clara, simples e direta, planejamento prévio da aula, e o *felling* para perceber quando determinadas atividades já haviam chegado num nível de desgaste muito alto (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 29).

Além das qualificações dos espaços e metodologias próprias que devem ser aplicadas, considerar o grupo de pessoas que estão inseridas nestes espaços se faz necessário. Sendo assim, para os profissionais de Instrumento é fundamental reconhecer a complexidade de dar aulas para grupos variados e aulas para alunos individuais sabendo adequar e aplicar os conteúdos de forma compreensível para o referente público.

Os planos de aula para esse tipo de aula, que geralmente é individual é elaborado depois de um diagnóstico prévio do aluno, onde o professor deverá verificar as necessidades desse aluno como chegar e um nível satisfatório de aprendizagem. Cada aluno de instrumento possui um nível diferente, facilidades e dificuldades peculiares e isso exige planos de aula diferentes no que se diz aos aspectos técnicos (Relatório de Instrumento, 2013, p.07).

O estagiário de Canto descreveu que foi de grande valia ter passado pela experiência de lidar com essa diversidade de alunos, pois ele pode compreender a necessidade de continuar procurando desenvolver-se metodologicamente.

Estive trabalhando de quatro maneiras diferentes esse semestre, o que foi de fato desafiador e de muito crescimento pessoal. Os quatro grupos foram os seguintes:

1. Uma mulher, musicista e que já têm alguma vivência com o canto erudito pelos ambientes em que frequenta e coros em que canta;
2. Um homem, sem nenhuma formação ou conhecimento musical e que não está acostumado com o canto erudito;
3. Uma turma de técnica vocal para vozes femininas;
4. Uma turma de técnica vocal para vozes masculinas (Relatório Canto, 2014, s/p).

Um dos maiores desafios no espaço de Educação Básica é esclarecer que a música não é um conhecimento elitista e excludente, nem tão pouco, destituído de significado e aprendizados ao ponto de ser reduzida a uma atividade de entretenimento e brincadeiras. Pelo contrário este conhecimento além de cultural é cheio de significados sociais, onde todos possuem acesso, experiências, aprendizados e significações. Um dos aspectos notados pelos alunos em campo é que muitas vezes a música era abordada como entretenimento, em que o conhecimento musical não era colocado em foco e nem prioritário.

Porém, não há nenhuma análise no conteúdo musical, não há educação referente a conteúdos pertinentes ao canto coral ou canto mesmo. [...] um educador musical tem como objetivo explanar aulas coerentes com os conteúdos trabalhados em música, se atentando ao desenvolvimento musical de cada aluno participante das aulas. O que será mostrado, apresentado, é somente o resultado de um trabalho desenvolvido (Relatório Ed. Musical, 2010, p. 63).

Percebo que as apresentações para os pais são importantes, porém o professor precisa preconizar a educação musical dos indivíduos que passa por todo um processo cognitivo e psicomotor que não pode ser desconsiderado principalmente na faixa etária em que se encontram os alunos, pois senão as aulas serão apenas ensaios para apresentações (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

Não se pode ignorar que no processo de formação os licenciandos obtenham uma ajuda orientada de professores qualificados na área; o fato dos estagiários observarem a atuação dos professores em campo propicia uma observação de aprendizado ao ponto de constatar fatores importantes referentes ao perfil do profissional e as metodologias aplicadas.

A maneira mais produtiva, segundo descrito em relatório, foi a presença do Professor Supervisor.

Andrade (1976, p. 14) considera quinze fatores importantes como princípios necessários ao perfil do Professor Supervisor, destes, utilizaremos de sete princípios evidenciados nos relatórios dos estagiários.

Primeiro princípio da supervisão: “Deve ser muito mais ação do que palavras”. O Professor Supervisor deve ser exemplo claro das ações realizadas em campo. A ação vale muito mais no aprendizado.

[...] admiro o respeito e a ética do supervisor de estágio do XXX no qual frequentamos, pela inteligência. De um modo ou de outro, ele segue adiante com respeito aos seus alunos e com muito cuidado de não melindrá-los [...] assim como com relação a nós estagiários e com demais colegas da escola (Relatório Instrumento, 2013, s/p).

Segundo princípio: “Deve ser cooperativa”. Todos colaboram com o processo onde o professor acrescenta na vida do aluno e vice-versa.

Alguns alunos respondiam aos questionamentos feitos pela estagiária W, porém a maioria não se manifestava. A linguagem utilizada com crianças de 2 anos é diferente da linguagem musical no ensino tradicional. Após a aula a estagiária recebeu orientações sobre o modo de expressar e agir com as crianças, que elas necessitam de incentivo visual para compreensão das palavras (Relatório Ed. Musical, 2010, p. 79).

Terceiro princípio: “Deve ser democrática”. Utilizar-se de princípios básicos de cooperação e respeito, valendo-se dos conhecimentos dos alunos supervisionados e de sua capacidade educacional.

A educadora W nos convocou para cada um falar a nota que achou que merecia a cada grupo. Todos os grupos ganharam a nota A com exceção dos educandos prejudicados por outros integrantes do grupo. A educadora W sugeriu a nota C, pois a apresentação foi fraca, enquanto perguntava para nós estagiários o que achávamos (Relatório Ed. Musical, 2010, p. 102).

Quarto princípio: “Deve ser contínua e progressiva”. Não esperar que os alunos supervisionados tenham todos os conhecimentos estruturados. O professor deve acompanhar sistematicamente o processo educacional e colaborar para que eles se tornem melhores.

O Professor Supervisor apontou as notas musicais que nós estagiários temos que ter mais atenção para não cantar e/ou tocar de forma errônea prejudicando o grupo. [...] No feedback foi dito que faltou mais esforço positivo para a turma e nos atentarmos com a apresentação de power point [...] pra não ficar lendo textos enormes no mesmo (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

Quinto princípio: “Deve ser organizada e planejada”. Os professores devem estar preparados para a sua atuação em campo, assim como na produção de conhecimento do próprio supervisionado.

Acredito que esse resultado positivo reflete o domínio de classe que a professora W adquiriu e sua criatividade ao escolher as atividades propostas. A intervenção feita pela professora traz sempre novas informações que acrescenta de forma positiva no aprendizado da turma (Relatório Ed. Musical, 2012, p. 180).

Sexto princípio: “Deve despertar a confiança e a cooperação das pessoas”. Criar um ambiente agradável a todos e um clima positivo baseado no relacionamento humano.

[...] a professora XXX tem o maior mérito de ser coerente como que acredita ser o melhor para o seu trabalho; o tempo todo eu tinha uma visão clara de sua filosofia educacional, e ela sempre demonstrava saber o que estava fazendo, onde estava e aonde queria chegar. Posso destacar outros méritos, como ser muito educada, compassiva, e solícita para conosco, nas críticas, conselhos ou elogios (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 53).

Sétimo princípio: “Deve ser concomitantemente individual e coletiva”. Um ambiente onde todos os envolvidos colaboram, visando o tratamento específico para cada membro do grupo, dando assim equilíbrio entre os dois tipos de participação.

As facilidades encontradas foram essas:

- Possuir admiração pelo conteúdo proposto
- Possuir interesse por ampliar meus conhecimentos para aplicação dos conteúdos
- Ter afinidade com adolescentes

- Poder contar com a orientadora, com a supervisora e com muitos dos estagiários envolvidos no estágio (Relatório Ed. Musical, 2012, p. 252).

Foi possível notar nos Relatos de experiência uma grande satisfação sobre os campos que possuíam bons professores supervisores, demonstrando dispostos sempre em referenciar a estas pessoas em seu trabalho. As contribuições dessas vivências coletivas entre Professor Supervisor e estagiário apontam para uma construção de afinidades e de um perfil profissional inicial.

Conclui-se então que, o campo de estágio este semestre contribuiu muito para a construção do perfil pretendido em cada aluno estagiário. Isto, pois estes tiveram a maior oportunidade de aprender através da vivência com as aulas do Professor Supervisor XXX, que demonstra ter uma responsabilidade enquanto educador para com seus alunos, primando o comportamento e aprendizado a partir de aulas abrangentes e prazerosas. Isso pode vir a refletir na nossa forma de lecionar enquanto educadores musicais, tendo o atual professor como referência para as aulas devidas até concretizarmos nosso próprio perfil enquanto educadores (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 132).

Já os pontos atenuantes que se mostraram deficitários em relação a estrutura do estágio e sobre a supervisão também foram alvos de comentários enfáticos nos Relatos de Experiência. Um dos primeiros fatores relacionado ao Campo de estágio é a morosidade de entrada na atuação devido a critérios burocráticos. Apesar de necessários, percebe-se que eles causam certo desalento no estagiário.

Neste semestre, assim como no Estágio 4, tivemos alguns problemas que inviabilizaram a nossa entrada imediata ao campo de atuação, a começo pelos documentos, que por questões burocráticas na Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD-UFG), nos foram disponibilizados com um mês de atraso (Relatório de Ed. Musical, 2016, p. 23).

Além das questões burocráticas, os campos que não possuem estruturas administrativas se demonstram desgastantes e desorganizadas na visão dos estagiários. Alguns se referem ao campo com um grande desgosto de atuação devido às problemáticas.

Ainda acho que o ambiente da XXX poderia ter sido melhor. Achei o projeto um pouco desorganizado e ainda sem direcionamentos administrativos. Nós, alunos e que ao mesmo tempo éramos professores, muitas vezes não

sabíamos responder perguntas administrativas simples pois ninguém entrava em contato conosco para nos direcionar e esclarecer dúvidas (Relatório Canto, 2014, s/p).

Mediante todas estas questões a pontuação mais pertinente e importante ainda se refere ao Professor Supervisor. Como foi relatado anteriormente este professor necessita de características pontuais para que ele consiga desenvolver um trabalho produtivo e de fato contribua na formação do licenciando. No entanto, quando esta atividade se encontra sem orientação da Academia para que este professor exerça sua função positivamente, vários atenuantes acontecem no decorrer do processo. Ressaltaremos alguns fatos discorridos pelos alunos.

A falta do supervisor em campo pode gerar a perda significativa de produção e também a falta de compromisso dos estagiários. Muitos deles não entendem que há uma responsabilidade além da acadêmica, a responsabilidade social, pois como relatado abaixo houve o questionamento dos alunos em campo sobre a não participação da atividade proposta pelo próprio estágio.

Algumas crianças, no momento do recital, me abordaram perguntando porque não iriam se apresentar, respondi que não conseguimos nos preparar ao longo do semestre. Porém, a falta de compromisso e de vontade de nós estagiários prejudicou a aprendizagem das crianças. Por outro lado cada estagiário queria trabalhar algo mais direcionado ao seu conhecimento em música, e por isso propiciou outras formas de aula e experimentação. Mas houver a falta de um direcionamento nas aulas que foram elaboradas, carecíamos de um “líder” que pudesse nos orientar quanto ao conteúdo e didática que estavam sendo utilizados (Relatório Ed. Musical, 2010, p. 20).

É importante que o Professor Supervisor mantenha uma postura ética e moral adequada, que não venha ofender ao seu aluno estagiário ou causar situações constrangedoras no desenvolvimento das atividades. Esse aluno que discorreu sobre o assunto explicou quais eram as condições que nortearam a atual estrutura da turma se sentindo injustiçado pela postura do supervisor e envergonhado perante a turma por ter que acolher a decisão final posta pelo mesmo. Há que se considerar que uma das atribuições do Professor Supervisor é de corrigir e orientar seus supervisionados. De acordo com Andrade (1976, p. 15), a correção deverá ser baseada no clima de estímulo partindo-se do que é válido e nunca em atos que

“provoque choques, dando ao lugar ao clima emocional negativo que bloqueia a comunicação”.

A aula foi interrompida com a chegada do W nos questionando por que os alunos eram aqueles e não os do último semestre. O que foi constrangedor pra mim e também ao R, pois o W nos responsabilizou pelo desmanche da turma, e o mais constrangedor foi à forma ignorante e desrespeitosa na qual ele nos abordou (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

Pela riqueza que se encontra os Relatos de Experiência do curso de licenciatura poderia pontuar muitas outras questões pertinentes aos campos e aos relacionamentos interpessoais, mas não intentamos questionar ou responder a todas as questões que estes relatórios nos remetem. A principal intenção é fazer uma amostragem de que há uma produção significativa em meio à experiência de campo, e que por meio desta experiência surge a oportunidade de reflexão das ações e ressignificações dos conhecimentos adquiridos no curso de formação.

Os problemas inerentes à formação dos professores são relacionados à complexidade do campo formativo, questões sociais, econômicas e estruturais são elementos constitutivos de todo esse ambiente educacional. De modo geral, as produções dos relatos de experiências levam a refletir sobre a autonomia e a capacidade de reflexão sobre a prática.

3.2.5 Autonomia e capacidade de reflexão sobre a prática

A experiência concreta da educação proporciona aos educadores a oportunidade de elaborar seus conceitos e concepções inerentes às decisões relacionadas à prática. Porém, alguns aspectos sobrepõem o conhecimento técnico levando o docente a determinados dilemas, incertezas e a situações de conflitos. É exatamente nesse momento que os conhecimentos teóricos isolados não conseguem responder e alcançar resultados nas complexidades da prática docente. Por isso, se faz necessário adquirir a capacidade reflexiva da atuação profissional, com o objetivo de entender a melhor forma em que se abordam as situações problemáticas da prática (CONTRERAS, 2002, p. 105).

Para Schön (2000, p. 128), existem duas condições iniciais para a promoção da reflexão. A primeira delas é um diálogo entre o instrutor e o estudante – diálogo baseado em ações, onde ocorre uma troca de informações gerando no estudante a busca pelo aprender, de

modo que revele o que foi compreendido, e no instrutor, a orientação por meio de conselhos, críticas, explicações e com o seu próprio exemplo. Quando ocorre essa troca surge o que o autor chama de “reflexão-na-ação”. A reflexão-na-ação é o ato de entender com clareza as ações tomadas no desenvolvimento das atividades e reconduzi-las de forma mais produtiva e adequada em situações parecidas com as já vivenciadas.

O ato de repensar as situações de conflitos para entendê-las e solucioná-las gera no profissional a capacidade de criar novas perspectivas, isto é, transforma o profissional em um pesquisador no contexto da prática, um profissional reflexivo (CONTRERAS, 2002, p. 108). No processo de reflexão, o docente não depende de teorias e técnicas fixas, mas reconstrói o conhecimento e uma nova forma de pensar de modo que as novas decisões permitam atender às peculiaridades do novo problema e a decidir qual o melhor resultado (CONTRERAS, 2002, p. 109).

Em relação à autonomia, entende-se que é uma exigência do perfil do professor, prezando pelo bem da própria educação, precisamente porque o profissional autônomo não é aquele que possui somente o conhecimento teórico adquirido em sua formação inicial, mas aquele que constrói e reconstrói o conhecimento ressignificando-o a todo tempo no contexto da prática de ensino atendendo à complexidade da vida na sala de aula (CONTRERAS, 2002, p. 193). Contreras (2002, p. 196) afirma que nenhuma outra pessoa pode assumir no lugar do professor o juízo e a decisão nas situações que requerem a sua atuação em sala de aula, e esta decisão é baseada na sua capacidade de julgar moralmente a partir de suas próprias interpretações, convicções e capacidades.

Com o objetivo de analisar as ações reflexivas e autônomas desenvolvidas no estágio da EMAC, foram selecionados trechos de diversas experiências adquiridas nos campos. Tais trechos revelam questões de confronto dos conhecimento teóricos, as tomadas de decisões e reflexões sobre as metodologias frente aos casos concretos da atuação em sala de aula – situações estas que buscam contribuir para a capacidade de reflexão e autonomia, habilitando o futuro professor a assumir o campo de trabalho de forma mais qualificada.

Uma característica da prática reflexiva consiste no pensamento de que, por meio das suas experiências profissionais, se descobre novas abordagens, novos conceitos e novas formas de ver a realidade social a fim de ir melhorando o seu ensino. Os relatórios suscitam muito esse assunto, de modo que os estagiários entendem que as experiências os elevam a um patamar de conclusões amplas e verdadeiras sobre o que realmente é o ato de educar na sociedade.

Foi uma experiência realmente divertida e desafiante, afinal nunca lecionei a alunos tão jovens. Acredito ter crescido muito e, numa segunda oportunidade, certamente obteria resultados ainda melhores, embora eu esteja muito satisfeito com os já alcançados (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 07).

Pessoalmente falando entendo que essa primeira experiência de aula para crianças (enquanto sou acostumado a ministrar aula para adolescentes) foi de fundamental importância para minha carreira enquanto educador musical, pois a partir dela como também dos estágios vivenciados esse ano, estão me dando base para entender como funciona o processo de educação musical em sala de aula o que antes pra mim significava frustração e desilusão por trabalhar apenas com os espaços alternativos e ter pré-conceitos estabelecidos (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

Aprendi diversas coisas sobre a sala de aula e sua complexidade. As relações interpessoais são marcadas pelo dinamismo emocional e incapacidade que alguém tem de ter controle sobre aspectos internos. Deixar a razão dominar talvez seja a melhor maneira de estar sempre em situação de análise numa aula, prevendo e reagindo a situações das melhores formas que o estudo e a experiências possam permitir, permitindo que a emoção enriqueça somente aquilo de bom que já se tenha conquistado, como uma boa realização musical (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 56)

Refletir sobre seu próprio desempenho consiste em admitir que as ações estão passíveis de erros e falhas, e que deve partir sempre do professor a disposição de assumir o risco destas ações, testando novas abordagens ou adaptando as antigas em prol do desenvolvimento dos alunos. Os professores reflexivos mantém sempre em mente que o ato de ensinar envolve valores sociais, tornando uma atividade complexa que requer a todo tempo “atenção, dedicação, superação de dificuldades, paciência e persistência” (HARTMAN, 2015, p. 18).

Minha própria atuação teve pontos positivos e negativos. Fui com um objetivo inteiramente musical [...] Porém a turma teve uma reação bastante repulsiva, e driblar esse problema foi um grande desafio. [...] No final das contas minhas orientações não foram claras, minha percepção da sala como um todo era minúscula, o arranjo era entediante, eu não mantive a temperança, não tive a sala sob controle, não obtive nenhum resultado musical que valesse a pena e não desenvolvi nenhuma empatia com meu alunos (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 55).

A prática reflexiva leva o educador a olhar a todo tempo para si por meio de uma postura de auto-observação. Esta auto-observação possui o propósito de levar o docente a indagar acerca da prática de ensino, valorizando as questões morais e sociais para assim

potencializar suas ações e consequências, tendo sempre uma mente aberta para entender o que está acontecendo. O docente que mantém esta prática entende melhor a si mesmo e aos seus alunos (HARTMAN, 2012, p. 20).

Partindo das minhas observações e tendo um olhar “pra dentro”, acredito que me falte essa postura de segurança e domínio. Isso ficou bem claro na oportunidade que eu tive de semiregência: eram muitas crianças a minha volta, todas bem enérgicas e empolgadas com a atividade (Relatório Ed. Musical, 2016, p. 39).

Essa experiência no estágio me fez refletir também no papel enquanto educadora e enquanto pessoa. Sei que quando me deparar com uma sala de aula, devo procurar sair do superficial e sempre ter e oferecer alternativas inovadoras aos alunos. [...] e, quem sabe minimizar ao máximo a influência da falta de estrutura física e musical no processo ensino/aprendizagem (Relatório Ed. Musical, 2014, p. 08).

Um fato interessante que serve de reflexão para nós estagiários, é de que devemos prestar mais atenção na fala dos alunos como também olhar mais para eles no intuito de ganhar a confiança dos mesmos (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

[...] acredito que no geral, houve uma fusão os aspectos positivos e negativos que contribuíram para minha formação profissional, pois alguns aspectos negativos exigiram que atitudes fossem refletidas e tomadas de imediato fazendo com que exercitássemos nossa criatividade e capacidade de modificar a situação imprevista. Por outro lado, verifiquei a importância da interação professor-aluno, tão primordial para um desenvolvimento natural do processo ensino-aprendizagem (Relatório Instrumento, 2013, s/p).

O ato da auto-observação desenvolve novas estratégias, motivações, posturas e comportamentos. Os docentes percebem que o fato de não se prender a estereótipos e fórmulas de sucesso referentes a uma única abordagem educacional transforma o ensino em uma atividade “desafiadora, dinâmica e empolgante”. Por isso, Hartman (2012) considera o ato de ensinar uma obra em progresso, que evolui a todo momento, entendendo que neste constante movimento é que ocorre a aproximação da teoria com a prática percebendo melhor os conflitos existente entre elas (HARTMAN, 2012, p. 20).

Sei também que falta muito que aprender, agora mais que nunca sinto a necessidade de aprimorar meus conhecimentos teóricos e minha vivência prática, um grande passo foi dado, é possível fazer muito mais (Relatório Ed. Musical, 2012, p. 46).

Nós estagiários estávamos mais seguros para fazer intervenções, o propósito é contribuirmos com a melhoria dos grupos, algumas sugestões foram feitas

por nós, todas foram atenciosamente analisadas pela supervisora e aplicadas com certos ajustes. Nossa participação não estava mais limitada a apenas observar, foi possível intervirmos, experimentando assim nossos conhecimentos pedagógicos e musicais (Relatório Ed. Musical, 2012, p. 193).

Ao término do semestre pude confirmar a mim mesmo que pedagogicamente há um impacto, um desafio em transpor o discurso teórico para a prática em sala de aula. A experiência aqui é então a melhor ferramenta e meio do aluno de licenciatura transformar-se em professor, em educador musical de fato. E deve ser esta experiência que o estágio deve buscar proporcionar ao máximo a estes acadêmicos, aproximando-os de seu objetivo final, torna-los grandes educadores, capazes de cativar e cultivar de forma crítica e reflexiva (Relatório Instrumento, 2015, p. 09).

[...] foi uma experiência fantástica, na medida em que pudemos vivenciar na prática aquela situação, desde sempre visível, de desafios e problemas para o professor [...] Em outro aspecto, nossa inteligência, improviso, criatividade e capacidade adaptativa foram testadas ao extremo, e até mesmo desenvolvidas, nos revelando um diagnóstico do que deve ser trabalhado em nosso processo formativo, deveras eterno (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 21).

O ato de refletir e questionar sobre as ações humanas, de modo que elas estabeleçam um novo significado consiste em estar permeado da ética e da moral, pois, a escolha entre aceitar ou rejeitar o novo conhecimento determina a autonomia pessoal. No Relatório de Ed. Musical (2013, p. 29), constatamos que o estagiário demonstra uma análise mais aprofundada em relação à formação de professores instrumentistas, e que eles consideram importante possuir melhores qualificações. O estagiário descreve que as metodologias aplicadas em campo pelo Professor Supervisor não atendia a demanda; isto ocorreu devido a falta de domínio do conteúdo, regras básica de respeito ao aluno e falta de compostura por meio de piadas indecorosas, assim descrita por ele.

Refletir criticamente leva o docente a adentrar um contexto social específico, historicamente situado. Sendo assim, as ações reflexivas possuem consequências públicas não sendo “neutra nem livre de valores; expressa e serve a particulares interesses humanos, sociais, culturais e políticos”. O ato de refletir criticamente liberta a quem o faz, pois “emancipa das visões acríticas, dos pressupostos, hábitos tradições das formas de coerção e dominação” (CONTRERAS, 2002, p. 163-164).

Entendo todo processo político que a escola é submetida, mas também entendo que o professor é um agente transformador que precisa modificar, através de sua ideologia, estruturas e pensamentos para que seu trabalho seja levado a sério e reconhecido como todas as outras matérias. (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

Em virtude desse entendimento, de que um profissional autônomo possui um papel social significativo que há o interesse do curso formador capacitá-lo a todo instante. Portanto, é necessário um espaço que fomente as ações, a parte prática de todo conhecimento adquirido. Entende-se que o Estágio é responsável por essa oportunidade e proporciona um ambiente propício à pesquisa e construção de uma identidade profissional.

Nesta perspectiva, o estágio deixou de ser considerado apenas com uma atividade “a mais” no curso de graduação e foi apreendido como campo do conhecimento que não se reduziu à mera atividade prática instrumental. Sendo assim, desenvolveu em minha formação enquanto licenciado em Música, os seguintes e importantes fazeres fundamentais ao docente: o planejamento, a metodologia didático- pedagógica e as avaliações/reflexões. Além do ato de ensinar, foi desenvolvido o ato de pesquisar e a importância da formação continuada do professor (Relatório Ed. Musical, 2011, s/p).

A análise dos Relatos de Experiência permitiu ampliarmos nossa visão sobre o que tem sido apreendido pelos estagiários no processo de ação em campo profissional. Observou-se que estas experiências levam o estagiário a avaliar e reconsiderar suas ações a todo instante estruturando seu registro em pesquisas com conteúdos necessários a formação docente.

3.3 O desenvolvimento da autonomia nas atividades do Estágio

O que foi exposto até o momento nos leva a ter uma visão da complexidade da estrutura do Estágio Supervisionado e como ele proporciona ao acadêmico a oportunidade de atuação nos diferentes campos vivenciando experiências de observação, semi-regência e regência da sala de aula. Neste momento, analisaremos todos os aspectos explanados ao ponto de refletirmos se o Estágio possui uma participação ativa no desenvolvimento da capacidade autônoma.

Uma das concepções que se deseja desenvolver durante a experiência de campo, é de que o aluno possa ser co-participante de cada etapa do processo. Se, durante este processo de formação, o discente entender que ele é participante ativo nas decisões e experiências na qual irá passar, o processo pode ser mais produtivo, pois de acordo com Freire (1996, p. 12) não há docência sem discência:

[...] as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

O aluno precisa perceber que está sendo direcionado ao desafio de se tornar um profissional reflexivo e autônomo, atento às diversas situações que a profissão de professor irá lhe proporcionar, e que durante o processo de construção de seu perfil profissional, ele consiga estabelecer uma base sólida de conhecimento capacitando-o a construir novas concepções educacionais e sociais, conforme expõe Kleber (2000, p. 155):

[...] os cursos de licenciatura na área de música devem formar um profissional que compreenda a diversidade cultural e que esteja preparado para trabalhar em diferentes situações, contemplando o saber sistematizado e o saber cotidianamente construído.

No decorrer de sua formação, é necessário que o acadêmico receba orientações sobre o campo de atuação, assim como tenha embasamento teórico. Para isso, o Professor Supervisor disponibiliza o apoio necessário, repassando-lhe instruções metodológicas do campo para que o estagiário se torne apto para sua atuação.

É não só interessante mas profundamente importante que os estudantes percebam as diferenças de compreensão dos fatos, as posições às vezes antagônicas entre professores na apreciação dos problemas e no equacionamento de soluções. Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros (FREIRE, 1996, p. 8).

É notório que com o apoio de uma supervisão orientada, o aluno tem a possibilidade de absorver melhor as considerações que poderão ser reestruturadas e melhoradas no decorrer de cada intervenção, semestre após semestre. Caso o aluno assuma o campo no exercício docente atuando diretamente no projeto pedagógico do campo e este campo não contenha a presença do Professor Supervisor; como no espaço alternativo, o auxílio e apoio serão realizados diretamente pelo Professor Orientador, que irá direcionar a estruturação do plano de curso e planos semanais.

Sendo assim, toda a configuração pedagógica do Estágio, do planejamento à atuação do acadêmico, foi estruturada para o desenvolvimento do discente, para que ele possa adquirir

conhecimentos para sua atuação profissional de forma producente nos diversos espaços, e saiba administrar os planejamentos de curso e de aula conforme a realidade do campo.

A vivência neste campo foi de grande crescimento profissional para os alunos estagiários, pois estes puderam conviver e viver o que é a realidade das escolas. Apesar de a escola ter uma boa estrutura, como um espaço físico condizente para as aulas de música, o grande desafio foi voltado à falta de comportamento dos alunos e controle da turma. Fato este complexo até mesmo para o Professor Supervisor. Apesar disso, as aulas foram enriquecedores e de grande valia para avaliarmos nossa postura enquanto educadores musicais (Relatório Ed Musical, 2014, p. 14).

O Professor Orientador, no decorrer do curso, precisa manter o acadêmico sempre no objetivo de ser um bom profissional, e que em todos os momentos em que ele se encontra em campo, atuando por meio da observação, semi-regência e regência, possa se sentir desafiado a analisar de forma ética e crítica os conteúdos musicais e metodológicos. Ele tem a oportunidade de sentir-se desafiado a se analisar como professor e a partir desta postura reflexiva ir construindo um perfil profissional sólido e bem estruturado:

Muitos professores respondem que desejam se esforçar para ajudar seus alunos a aprender/desenvolver todo o seu potencial. Para conseguir isso, é necessário observar seu desempenho como professor e estar aberto para descobrir seus próprios pontos fortes e fracos. Ser defensivo em relação às suas deficiências (ou negar a existência delas) é a antítese do ensino reflexivo. As limitações são oportunidades para o crescimento! (HARTMAN, 2015, p. 19).

Alguns questionamentos nortearão o percurso desta construção profissional, como, por exemplo: “meu método educacional está de acordo com a realidade?”, “alcançarei meus objetivos musicais, por meio deste planejamento de aula?”, “estou conseguindo ser claro em meus conteúdos?”, “os alunos estão interessados na minha aula?”. Independente de qual seja suas indagações e situações diversas, a verdade é que sempre escolhas terão que ser feitas, possibilitando a busca de uma solução mais adequada para as diversas situações.

A turma que regi foi a prova viva de que boas surpresas podem sempre acontecer na prática docente. Passamos diversos momentos difíceis, onde entrei em crise e refleti se seria capaz de conduzir alunos desse perfil escolar a lugares relevantes (remetendo ao significado etimológico da palavra educação: levar de um lugar a outro). Entretanto, quando eu chegava na sala, com violão nos braços, e ouvia as crianças aplaudirem, se animarem, dizendo: oba, o violão chegou!, me vinha um sentimento de dever em

cumprimento e de que afinal de contas eu estava caminhando pelos lugares certos (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 64).

A vida docente nos proporcionará ações corriqueiras e, de fato, já vivenciadas e aprendidas, porém, ela pode nos surpreender com uma realidade inédita onde a sua complexidade nos fará reexaminar, refletir e decidir sobre qual caminho tomar. Tais situações da vida docente colocam o professor em um caminho que exige ética, moral e autonomia.

Baseada nessa perspectiva, o Estágio tem como objetivo instigar uma postura de observação dos fatos e atitudes ocorridas em campo. Esta visão pode ser orientada para que o estagiário não exerça somente a constatação das ações tomadas pelo professor atuante, mas passe a analisar com maior profundidade todas as ações transcorridas naquele ambiente numa visão crítica/reflexiva.

Foi notório que o estágio contribuiu de forma significativa à minha vida enquanto acadêmico. Assim pude conhecer e vivenciar a verdadeira realidade das escolas. Pude ter um contato maior com os alunos, pude me preparar para o campo de forma mais coerente através da preparação prévia das aulas com planos de aula e planos de ensino, relatório, leituras de textos significativos etc. Isso me deu um suporte e uma bagagem que poderei levar à minha vida enquanto educador (Relatório Ed. Musical, 2014, p.08).

Baseado nesta visão, o Estágio tem produzido o desenvolvimento do pensamento autônomo, pois em seus campos e relacionamentos produzem oportunidades relevantes para tomadas de decisões e a construção do perfil deste professor.

Essa realidade me fez refletir bastante sobre o que realmente me espera lá fora e se estou apta a enfrentar tudo com muito êxito e muita cautela. Aprendi muito com o professor XXX acerca do que devo fazer para ter uma aula prazerosa e do que não devo. Mas ainda, tenho muito a aprender e sei que é a partir da prática que aprenderei mais ainda, ou seja, é ensinando que se aprende e é aprendendo que se ensina (Relatório Ed. Musical, 2014, p. 86).

É nessa interação entre Professor Supervisor / orientador e aluno estagiário que se dá o desenvolvimento e construção do perfil docente, e essas trocas de experiências motivam a procurar novas formas de transmitir os conhecimentos e ressignificar os conteúdos. Por esse motivo, o ensino não pode ser desvinculado da prática da pesquisa. De acordo com Freire (1996, p. 16), o fato de querer pensar corretamente é uma exigência inerente ao educador mas para isso é necessário que ele busque e indague a todo momento. “Pesquise para constatar,

constatando, intervenho, eduko e me eduko". Esta parte o Estágio tem cumprido o seu papel e dado oportunidade para que o estagiário cresça em conhecimento e se desenvolva criticamente.

Uma outra parte das disciplinas de Estágio ligada à parte desenvolvida na EMAC, foram as leituras e discussões dos textos. No geral, a maioria dos textos teve realmente muito a acrescentar na nossa formação e entendimento mais crítico dos mecanismos que flutuam na prática docente. Para mim foram extremamente úteis as discussões sobre políticas educacionais, afinal de contas, esse parece ser um assunto de que a maioria dos professores carecem. E quando digo política, me refiro não somente a leis e estatutos que possam representar e regular a profissão do mestre, como também noção de poderes políticos, responsabilidades políticas no sucesso ou insucesso da escola, luta de classes, representação social e impacto docente (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 60).

Além da oportunidade de vincular os conhecimentos e ampliá-los por meio de reflexão da parte teórica, o ambiente de estágio incentiva com muita avidez as práticas e experiências contextualizadas e significativas. O estagiário possui o papel de atuação em campo tentando desvelar a realidade e analisar o fenômeno contemplado (BECKER, 2010, p. 177). É nesse movimento de atuação que ocorre os paradigmas e por meio deles a construção dos saberes pela prática reflexiva, assim investigar a realidade pressupõe a articulação do conhecimento teórico com a ação em campo (BARREIRO, GEBRAN, 2006, p. 23).

Estes dois Estágios tiveram em comum uma grande liberdade de atuação dos estagiários que, ora esbarrava na irresponsabilidade de alguns, ora usufruía o que outros tinham de melhor a oferecer. Sem horas gastas em extensos planos de aula e desagradáveis reuniões avaliativas de atuação do estagiário. Quer tentar isso? Acredita que pode dar certo? Vá lá e faça. Errou? Aprenda com isso. Autonomia, tanto nas falhas quanto nos acertos (Relatório Ed. Musical, 2013, p. 58).

Interessante notar que existem vários vínculos de relacionamento que se estabelecem num ambiente educacional, dentre eles temos o vínculo entre professor e aluno. Freire considera que para o estabelecimento de uma prática libertadora e consciente desse aluno, é necessário que o diálogo estabelecido seja baseado na humildade, no amor, no sentimento de confiança (FREIRE, 1996, p. 137).

Com relação a afirmar o que mudou em mim, e como ser humano posso dizer que reafirmou o meu pensamento de acreditar na relação professor-aluno como fundamental para a possibilidade de inserção do conteúdo

musical (ou não). O professor não pode, a meu ver, simplesmente despejar o conteúdo de forma a cumprir o programa que lhe é exigido pela gestão ou currículo. Há que se ter a capacidade de saber como fazer com que conteúdo chegue ao aluno de modo que ele consiga assimilar de modo prático e tranquilo (Relatório Instrumento, 2013, s/p).

Há, portanto, um campo rico e repleto de situações que propicia a todo instante, conhecimentos necessários para um profissional autônomo que tem por capacidade a reflexão sobre sua ação e o pensamento crítico ao ponto de reconsiderar suas metodologias e os conhecimentos agregados a ela. Apesar de saber que o Estágio possui ainda muito a crescer e a modificar ele leva os estagiários a pensarem sobre sua atuação em campo e a constatarem os valores importantes que podem ser agregados no seu perfil profissional.

No entanto, não é o intuito do Estágio substituir a produção de conhecimento que é gerada na realidade profissional. Ele somente inicia o processo e contribui para que o estagiário perceba suas necessidades e procure desenvolvê-las a todo instante. Para que ocorra a ampliação dos conhecimentos é importante que este docente se aprofunde cada vez mais na realidade e envolva-se nos vários aspectos profissionais atuando no dia a dia (GUIMARÃES, 2005, p. 101).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a complexidade presente na formação dos professores, investigar especificamente a disciplina de Estágio Supervisionado nos esclarece quais aspectos são relevantes para os sujeitos envolvidos na estrutura deste processo formativo. Por meio da coleta de dados, foi possível destacar questões referentes ao estágio, visualizando os problemas enfrentados e acertos da instituição proporcionando a compreensão de como as experiências em campo podem promover o desenvolvimento autônomo do docente em formação.

Alguns elementos importantes do Estágio que contribuem para a autonomia foram destacados, dentre eles: a figura do Professor Orientador, considerando-o como de suma importância pois ele cria um diálogo aberto entre todas as partes que integrarão o sistema de funcionamento. É por meio deste diálogo que serão estabelecidas metas claras a serem alcançadas no decorrer do Estágio. Além desta responsabilidade, o Orientador sistematiza conhecimentos, entre as seis Disciplinas de Estágio, de modo que os conhecimentos abordados integralizem na elaboração dos planejamentos de curso e de aula nos campos de estágio, proporcionando aos discentes embasamentos necessários e suficientes para elaboração das atividades.

Na estrutura do estágio constatamos algumas fragilidades, como a falta de um referencial docente, sobretudo nos espaços alternativos, assim como as experiências relacionadas à regência, observação e semi-regência. Seria importante atentar para a necessidade de uma reformulação das regências de campo na primeira experiência de sala de aula, principalmente, por ser um espaço de ensino alternativo, que possui diversas variáveis e situações decorrentes às características do mesmo. Dentre as variáveis, podemos citar: a inconstância dos alunos em campo, assim como a inexistência de um projeto de ensino e a ausência do próprio supervisor de campo, o que resulta em dificuldades na atuação do estagiário. Fica em evidência a necessidade de o discente estar mais envolvido e melhor preparado para enfrentar a docência em um campo que requer mais da sua autonomia.

Além da presença do Professor Orientador, é fundamental que os campos tenham um Professor Supervisor capacitado a exercer sua função de professor de turma e de orientador dos estagiários que ali estarão. Estar em um campo onde o discente possui um referencial docente podendo ele observar as ações e metodologias, lhe proporciona melhores resultados. Não há como ignorar a importância de auxiliar o aluno no processo educativo, pois é

responsabilidade do curso elaborar planos que facilitam o processo, evitando prejuízos educacionais. Sabe-se que os estagiários ganharão mais se conviverem com professores que fundamentam seus conhecimentos e que, ao mesmo tempo, são modelos de aplicação prática (NATERA, 2015, p.10).

Outro aspecto interessante é a postura dos acadêmicos diante dos relatórios de estágio. Verifica-se uma falta de importância dos registros que são essenciais na construção do caráter reflexivo do profissional. O ato de refletir sobre as ações pessoais e de outros, em campo, coloca em prova as questões éticas e morais, questões interligadas a autonomia, pois determinam o reconhecimento dos próprios limites e inicia a compreensão do limite dos outros. É um momento em que a experiência se mantém em qualidade de pesquisa e análise, podendo o estagiário, no desenvolvimento desta atividade, conseguir estabelecer objetivos, metas e análises mais aprofundadas. Os relatórios poderiam ser um registro de grande relevância tanto institucional como para o próprio discente, de forma que as experiências anteriores se tornassem referências e meio de pesquisa para os novos estagiários, destacando assim questões teórico-metodológicas ligadas à formação profissional.

É possível perceber que os relatórios ganharam um *status* de documento que retrata somente um meio de expor suas dificuldades ou até mesmo relatar de forma descriptiva suas experiências sem a devida importância analítica, não condizendo com o que é proposto para o mesmo no decorrer do curso. Entretanto, para os Professores Licenciados, a visão dos relatórios se torna muito mais produtiva e eficiente, colaborando para as tomadas de decisões que norteiam a prática profissional. É um arquivo que os auxiliam, em todo momento, reformulações de métodos, conteúdos e práticas.

Para que estes arquivos se tornem mais producentes, é necessário que eles realmente sejam estruturados academicamente, isto é, que os livros finais de conclusão do estágio possam constar de um padrão organizacional, condizentes com as características de cada uma das habilidades e os devidos conteúdos. Estes conteúdos se encontram ricos de considerações, análises, experiências que de certa forma se encontram sub aproveitados pela própria disciplina de Estágio e pela atual formatação.

Outro aspecto que fragiliza o desenvolvimento das atividades do Estágio são as greves. As greves são fatores inerentes à docência, pois ela acarreta em exigências políticas e econômicas necessárias para a área da educação. Sendo assim, o curso pode estabelecer como um objetivo atividades integradas à prática do estágio como meio de sanar os prejuízos que dela decorre.

Em relação ao desenvolvimento da autonomia, não cabe somente à disciplina de Estágio desenvolver a capacidade de tomada de decisão, há muitas situações que serão importantes nesse processo, como a busca individual desta autonomia, a exemplificação por meio de professores referenciais que adotam os aportes de Paulo Freire, assim como a experiência da universidade por meio do curso de formação.

Porém, não podemos desconsiderar que existem pontos fundamentais e essenciais que o estágio fornece para contribuir para a autonomia profissional. O fato dos estagiários passarem por diversas instituições promove uma necessidade de compreender os aspectos referentes ao ensino de cada ambiente transformando, intervindo e recriando a cada momento (FREIRE, 1996, p. 41). Estas experiências vivenciadas pela *práxis* leva o estagiário ao amadurecimento de suas habilidades de ensino, abordando aspectos importantes para a formação profissional. O trabalho em grupo os ensina sobre questões de trocas de experiências onde as interferências agregam novos valores, conceitos e pensamentos sobre o ato de educar. A oportunidade de dar aula sob a supervisão e orientação de professores mais experientes fornece oportunidades significativas, levando-os a refletir sobre suas ações problematizando e discutindo, assim como avaliando não somente a sua prática pessoal mas a de outros discentes.

Por fim, constatamos que o Estágio, em suas diferentes disciplinas, é visto como fundamental para a identidade e formação profissional do professor. Conhecer e experienciar diversos ambientes educacionais contribui para o desenvolvimento da identidade de cada perfil profissional, colaborando para que os licenciandos possam estruturar melhor uma carreira profissional. É importante reavaliar a disciplina de Estágio para as Habilidades de Instrumento Musical e Canto, pois na visão dos estagiários os aspectos abordados no Estágio ainda não atendem as reais necessidades destes profissionais em formação. Reconhecemos que é um constante desafio: regulamentar, organizar e estabelecer todas as dinâmicas para seu funcionamento, mas é de suma importância não perder de vista o licenciando e suas experiências.

Considerando que o Estágio comprehende a realidade social e educacional, levando o discente à reflexão da *práxis* e ao desenvolvimento de sua autonomia, espera-se que este trabalho fomente discussões que levem não somente a universidade a ampliar as condições desta disciplina, como aprofundar reflexões referentes à formação de professores no campo de ação e prática profissional.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Adriana Oliveira. CRUVINEL, Flávia Maria. *O estágio curricular supervisionado do curso de educação musical – habilitação em ensino musical escolar: desafios na formação do professor de música.* In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, 8, 2008, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 344-347.
- ALARCÃO, Isabel. *Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão.* Porto: Porto Editora, 1996.
- ANDRADE, Narcisa Veloso de. *Supervisão em educação: um esforço para melhoria dos serviços educacionais.* Rio de Janeiro, FENAME, 1976.
- AZEVEDO, Maria Cristina de Carvalho Caselli. *Os saberes Docentes na Ação Pedagógica dos Estagiários de Música: Dois estudos de Caso.* Porto Alegre: 2007. Tese (Doutorado em Música) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- _____; GROSSI, Cristina; MONTANDON, Maria Isabel. *Formatos alternativos para a prática de ensino em música: a experiência da Universidade de Brasília.* In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (Orgs.) *Práticas de ensinar música.* Porto Alegre: Sulinas, 2009, p. 65-81.
- BARREIRO, Iraídes Marues de Freitas. GEBRAN, Raimunda Abou. *Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores.* – São Paulo: Avercamp, 2006.
- BECKER, Fernando. *O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: da operação.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. *A Educação Musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor.* Porto Alegre: URFGS, 2000. Dissertação (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, URFGS, 2000.
- _____. *Educação Musical: olhando e construindo na formação e ação de professores.* Revista da ABEM, v. 9, n 6, p. 41-47, set. 2001.
- _____. *A formação profissional do educador musical: algumas apostas.* Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 8, 17-24, mar. 2003.
- _____. *Educação Básica e Educação Musical: formação, contexto e experiências formativas.* In: INTERMEIO: Revista do Programa de Pós Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 19, n. 37, p. 76-94, jan/jun. 2013.
- BRASIL. *Projeto Pedagógico de Curso- Curso de Música- Licenciatura da Escola de Música e Artes Cênicas.* EMAC-UFG, Goiânia: 2008.

_____. *Regulamento do estágio curricular supervisionado dos cursos de música - Licenciatura - Habilidades Educação Musical, Ensino do Instrumento e Ensino do Canto da Escola de Música e Artes Cênicas.* EMAC-UFG, Goiânia: 2013.

_____. *Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.* Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.mec.gov.br/legislação> Acesso em 02 ago 2014.

_____. *RESOLUÇÃO CEPEC nº 687,* publicada no D.O.U. de 23/11/2004 – UFG: Goiânia, 2004.

_____. *RESOLUÇÃO CEPEC nº 766,* publicada no D.O.U. de 06/12/2005 – UFG: Goiânia, 2005.

_____. *RESOLUÇÃO CNE/CP2,* de 19 de fevereiro de 2002. Duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, de graduação plena, de formação de professores de educação básica em nível superior.

BUCHMANN, Letícia TAÍS. *A construção da docência em música no estágio supervisionado:* um estudo na UFSM. Santa Maria: 2008. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Santa Maria, RS. Santa Maria, 2008.

CARPIM, Lucymara. *Formação continuada e a prática pedagógica do professor universitário:* um fazer colaborativo. In: FERREIRA, Jacques de Lima. (orgs.) *Formação de Professores: Teoria e prática pedagógica.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CAMPOS, Gilka Martins de Castro. *A formação de professores de música para a educação básica na região centro-oeste.* Goiânia, 2015. Tese (Doutorado em Música) Universidade Federal de Goiás - UFG - Goiânia, 2015.

CERESER, Cristina Mie Ito. *A formação de professores de Música sob a ótica dos alunos de licenciatura.* Porto Alegre: 2003. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

CONTRERAS, José. *Autonomia de professores;* tradução de Sandra Trabucco Valenzuela; revisão técnica apresentação e notas à edição brasileira Selma Garrido Pimenta. São Paulo: Cortez, 2002.

CRUVINEL, Flávia Maria. AGUIAR, Adriana Oliveira. *Educação musical em espaços alternativos:* experiências desenvolvidas no estágio curricular supervisionado do curso de Educação Musical da EMAC-UFG. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, 8, 2008, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 348-350.

DALLABRIDA, Iara Cadore. Souza, Zelmielen Adornes de Souza. BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. “*Deu um tempinho, vamos fazer uma musiquinha!*”: A música nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. (Org.) *Educação musical e pedagogia: pesquisas, escutas e ações.* 1. Ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. P. 143-168.

DENARDI, Christiane. *Professores de Música: Histórias e Perspectivas*. 1^a Edição, Editora Juruá, 2007.

FERREIRA, Jacques de Lima. *A complexa relação entre teoria e prática pedagógica na formação de professores*. In: FERREIRA, Jacques de Lima (orgs.) *Formação de Professores: Teoria e prática pedagógica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FIALHO, Vania Malagutti. *A orientação do Estágio na formação de professores de música*. In: MATEIRO, Teresa. SOUZA, Jusamara (orgs.) *Práticas de Ensinar Música: Legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 53-64.

FIORUSSI, Eduardo. *A roda de choro como espaço de aprendizagem*. In: JOLY, Ilza Zenker Leme. SEVERINO, Natália Búrigo (orgs.) *Processos educativos e práticas sociais em música: um olhar para educação humanizadora: Pesquisas em educação musical*. Curitiba: CRV, 2016, p. 29-43.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.

GLASER, Scheilla; FONTERRADA, Marisa. *Músico-professor: uma questão complexa*. Música Hodie. Vol. 7 nº. 1 Ano: 2007. p. 27-49

GUIMARÃES, Valter Soares. *Formação de professores: Saberes, identidade e profissão*. Campinas, SP: Papirus, Coleção Entre nós professores, 2^a edição, 2005.

HARTMAN, Hope J. *Como ser um professor reflexivo em todas as áreas do conhecimento*; tradução: Alexadre Salvaterra; revisão técnica: Luciana Vellinho Corso. Porto Alegre: AMGH, 2015.

HENTSCHKE, Liane. OLIVEIRA, Alda. A Educação Musical no Brasil. In: HENTSCHKE, L. (Org.) *A educação musical em países de língua neolatina*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

KATER, Carlos. *O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, p. 43-51, mar. 2004.

KLEBER, Magali. *Grupo de trabalho: licenciaturas*. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, 9, 2000, Belém. Anais... Porto Alegre: ABEM, 2000. p. 155.

_____. *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. Curitiba: Appris, 2014.

LEANDRO, Anna Cristina da Silva Leandro. SILVA, Nayara Freire de Sousa. *O jovem, a educação básica e o processo colaborativo: um relato de experiências das disciplinas de Atividades Orientadas III e Estágio Supervisionado IV*. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal. Anais... Natal/Rn: ABEM, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Organização e Gestão da escola: teoria e prática*. 6 Edição. Revista Ampliada. São Paulo: Heccus Editora, 2013.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LOUREIRO, Helena Ester Munari Nicolau. *O Estágio em grupos multisseriais*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MACHADO, Daniela Dotto. *Competências docentes para a prática pedagógico-musical no ensino fundamental e médio: visão dos professores de música*. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

MARTINS, José Lauro. SILVA, Bento. *A construção da autonomia no processo educativo: o que pensam os participantes de um curso de especialização em coordenação pedagógica*. Revista e-Curriculum, São Paulo, n.12 v.02 maio/out. 2014, ISSN: 1809-3876. Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP.

MATEIRO, Teresa. *A prática de ensino na formação dos professores de música: aspectos da Legislação Brasileira*. In: MATEIRO, Teresa. SOUZA, Jusamara (Orgs.) *Práticas de Ensinar Música: Legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 15-29.

MÜLLER, Vânia. *Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo?* Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 53-58, mar. 2004.

NATERA, Gislene. *Formação de professores e as contribuições dos estagiários nas aulas de Música da Rede Municipal de Florianópolis*. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal. Anais... Natal/Rn: ABEM, 2015.

NEVES, Maria Teresa de Souza. *Música na cultura jovem contemporânea: um relato de experiência a partir de ações desenvolvidas no PIBID artes/música*. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 21, 2013, Pirenópolis. Anais... Pirenópolis: ABEM, 2013, p. 1417-1424.

OLIVEIRA, João Ferreira. *A educação superior no contexto atual e o PNE 2011-2010: avaliação e perspectivas*. Goiânia: Editora UFG; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 105.

PENNA, Maura. *Música (s) e seu Ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERRENOUD, Phillippe. *Construir competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

_____. THURLER, Mônica Gather. *As competências para ensinar no século XXI. A formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002

- PETRONIA, Ana Paula. SOUZA, Vera Lúcia. *Trevisan de Vigotski e Paulo Freire: contribuições para a autonomia do professor.* ISSN 1518-3483 Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 27, p. 351-361, maio/ago. 2009. Licenciado sob uma Licença Creative Commons.
- PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores.* São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Formação de Professores – Saberes da docência e identidade do Professor.* Nuances, vol. III. setembro de 1997.
- _____. LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência.* Revisão técnica José Cerchi Fusari, São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* 11 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. (Org). *Formação de Professores: identidade e saberes da docência.* In. Saberes Pedagógicos e Atividade Docente. São Paulo: Cortez, 2002, p. 15-34.
- QUEIROZ, Luis Ricardo da Silva. *Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música.* Revista da ABEM nº 10. Porto Alegre, 2004, p. 99-107.
- ROMANELLI, Guilherme G.B. *Planejamento de aulas de estágio.* In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (Orgs.) *Práticas de ensinar música.* Porto Alegre: Sulinas, 2009, p. 125-137.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. *Educar e conviver na cultura global: As exigências da cidadania.* Tradução Ernani Rosa – Porto Alegre: Artmed, 2002.
- _____. *Educação musical, educação artística, arte-educação e música na escola básica no Brasil: trajetórias de pensamento e prática.* In. SANTOS, Regina Marcia Simão. *Música, cultura e educação: os múltiplos espaços de educação musical.* Porto Alegre: Sulinas, 2012b. 2^a ed. p. 251-228.
- _____; DIDIER, Adriana Rodrigues; VIEIRA, Eliane Maria; ALFONZO, Neila Ruiz. *Pensar música, cultura e educação hoje.* In. SANTOS, Regina Marcia Simão. *Música, cultura e educação: os múltiplos espaços de educação musical.* Porto Alegre: Sulinas, 2012. 2^a ed. p. 229-250.
- SANTOS, Carla Pereira dos. *Desafios e perspectivas para a formação do licenciando através do estágio supervisionado em música.* In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, Natal. Anais... Natal/Rn: ABEM, 2015.
- _____. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- SILVA, Arlete Vieira da. *Universidade e escola: no espaço-tempo do estágio alternativas para a interação.* Dialogia, São Paulo, n. 20, p. 139-152, jul./dez.2014.

SILVA. Flávio Caetano da. LUIZ, Maria Cecília. *Gestão da Educação Básica: desafios, possibilidades e limites*. São Carlos: EdUFSCAR, 2012.

SOUZA, Jusamara. *Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões*. In: SOUZA, Jusamara. (Org.) Aprender e ensinar música no cotidiano. Porto Alegre: Sulina, Coleção Músicas - 2^a edição, 2009. p. 7-12

_____. *Cotidiano, sociologia e educação musical: experiências no ensino superior de música*. In: LOURO, Ana Lúcia. SOUZA, Jusamara. (Org.) *Educação Musical, cotidiano e ensino superior*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013. p. 11-30.

SUASSUNA, Lívia. *Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário*. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 26, n. 1, 341-377, jan./Jun. 2008. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Projeto Pedagógico de Curso da Escola de Música e Artes Cênicas. Goiânia, 2008.

WACQUANT, Loic. *Esclarecer o Habitus*. Educação e Linguagem, ano 10, nº 16, p. 63-71, jul.-dez. 2007.

WEBER, Vanessa. GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. *A construção da docência do professor de instrumento: um estudo com bacharéis*. Revista da ABEM, Londrina, v. 23, n 35, 89-104, jul./dez. 2005.

WEILAND, Renate Lizana. *Relações entre projetos comunitários e música na perspectiva de profissionais da área musical em Curitiba. Algumas contribuições da psicologia social comunitária e da educação*. Tese (Pós Graduação em Educação) Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. *A Inserção da Música em Projetos Políticos Pedagógicos da Educação Básica*. 1. Ed. Curitiba: Editora Primas, 2014.

APÊNDICES

Apêndice A_ Roteiro de entrevistas Professor Orientador _ EMAC/UFG



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Música**



ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSOR ORIENTADOR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

PROFESSOR ORIENTADOR: _____

DISCIPLINA: _____ CARGA HORÁRIA: _____

1. Para você, qual a importância do estágio na formação docente de um professor de música?
2. Qual o papel desempenhado pelo professor orientador e pelo supervisor nesse processo? Em que consiste a atuação de cada um?
3. Pela sua experiência, quais as principais dificuldades enfrentadas pelos licenciandos ao vivenciarem o estágio?
4. Como estrutura organizacional, o estágio supervisionado demanda de uma parte burocrática durante o processo de vinculação (documentações, vinculação e conciliação de horários nos devidos campos, exigência do cumprimento da carga horária). Como o professor orientador lida com todas essas exigências e variáveis?
5. Sabendo das condições sociais e das necessidades educativas próprias de cada espaço (ed. básica, espaço alternativo e específico), como ocorre o diálogo entre o professor orientador e o professor supervisor de forma a viabilizar um trabalho produtivo?
6. Como o professor orientador promove a articulação entre a teoria e a prática do que é aprendido no curso, com as necessidades dos diferentes campos de estágio? Como esta mediação é feita?
7. Considerando os relatórios dos estagiários quais são as principais críticas observadas nas reflexões descritas por eles?
8. Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência. Sendo assim, como você incentiva no estagiário, o pensamento autônomo e reflexivo?

Apêndice B_ Roteiro de Entrevistas Aluno Estagiário_ EMAC/UFG



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Música**



**ROTEIRO DE ENTREVISTA
ACADÊMICOS**

ESTAGIÁRIO: _____

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas de estágio supervisionado atendem às suas necessidades como licenciando em música? O que você acha mais interessante nas propostas das disciplinas e na dinâmica de trabalho?
2. Como se dá o planejamento das aulas que você vai ministrar? Que tipo de orientação você recebe para a elaboração desses planejamentos?
3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica, considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para sua formação?
4. Como são elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual a importância dos relatórios de estágio para você?
5. Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência. Sendo assim, como o estágio supervisionado contribui para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

**Apêndice C_ Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIO: A
Licenciatura Música: Educação Musical.**

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas de estágio supervisionado atendem às suas necessidades como licenciando em música? O que você acha mais interessante nas propostas das disciplinas e na dinâmica de trabalho?

Bom, eu queria ressaltar duas coisas primeiramente, que poderiam ser melhoradas. Eu acho que o estágio em si, do primeiro ao último ele tem dois problemas. Um é padronização. Quando eu digo a padronização é: o que vai ser ensinado e o outro problema é a questão, talvez da...; não entendo por que nesses seis estágios, que cada estágio é tratado de uma forma diferente eu falo na questão, eu falo em todas as questões, nas questões burocráticas, nas questões de campo, questão de presença, enfim. Primeiro eu quero falar da padronização o estágio não é só observação né, a gente fez uma observação no Espaço de Educação Básica, no Espaço de Ensino Formal “B” e teve uma outra observação que não me lembro qual é o lugar enfim, o estágio 2 eu fiz no Espaço Alternativo “B” o 2 e o 3. A gente chegou lá e já era uma turma vinda de outros Estagiários e daí eu falo da padronização, do que ensinar. Talvez seja difícil, mas pelo menos a turma que eu peguei, de maneira nenhuma, não é pondo defeito nos outros Estagiários, até porque eu os conhecia, e sei que são competentes, mas os alunos aprenderam de um modo talvez, não convencional, ou não direcionado pelo Espaço Alternativo “B”. A gente chegou lá e ficou mais difícil de ensinar do que se fosse para ensinar alguém que não sabia nada, então ia sofrer uma dificuldade ruim, bem ruim pra gente, pra mim especial, porque a gente ia ensinar alguma coisa e eles já sabiam de um jeito, um pouco com víncio e a coisa não desenvolvia então eu acho que essa falta de padronização; se houvesse... “Ah vai ser ensinado pra alunos...”; no caso dei aula de violão; “Ah vai ser ensinado pra alunos de violão primeiro, um exemplo, exercício de articulação e depois melodia simples pra depois partir para acordes” esse é um exemplo, mas seria mais fácil porque se eu chegassem depois, eu ia saber que ia ter um padrão pra seguir e algo a ser ensinado. Por conta disso eu acredito que não foi tão proveitoso quanto poderia ser, porque os alunos ficavam meio que soltos assim. Na questão de outra falta que eu senti, na questão foi a falta de acompanhamento, porque..., o acompanhamento do supervisor, porque eram muitas turmas então, acho que teve um dia só que teve acompanhamento do professor daqui que acompanhava a gente.

Diferente dos últimos estágios do 5 e do 6, que você estava presente sempre. E eu imagino que esse último estágio também, que a professora X vai estar sempre presente. E a questão que eu falo do segundo ponto que eu levantei é a questão da organização como um todo nos estágios. Cada estágio é pedido uma coisa, é pedido um tipo de relatório, é...; nos primeiros estágios que eu fiz nem precisava levar frequência, talvez seja por conta da pessoa que tava acolhendo a gente lá, no caso era uma funcionária do Espaço Alternativo “A” se não me engano. É, por exemplo, a frequência eu levei no último dia e ela assinou, não tinha essa cobrança. Até no estágio passado eu estava com esse pensamento de que não precisa levar frequência todas as aulas e eu fui um pouco prejudicado porque a professora Azul assinava todas as aulas.

Outra coisa também, é a questão da greve e do tempo que tem pro estágio sempre eu achei no período que eu entrei até agora tiveram duas greves e isso refletiu muito nos estágios porque a gente chega; nos dois estágios que eu fiz no Espaço Alternativo “A”, a gente chegou com pouquíssimo tempo e precisava apresentar alguma coisa, porque eles iam ter uma espécie de recital lá pra igreja, daí junto à falta de tempo e esses problemas e as dificuldades por não ter uma padronização de ensino semestre após semestre e acaba dificultando o trabalho legal.

Então levantado esses os dois pontos que eu acredito que podem ser melhorados no estágio, é..., a pergunta se refere ao que me atende nas necessidades como licenciado em música. Eu acredito que na minha vida eu sempre aprendi mais observando do que fazendo, eu gosto de observar pra não fazer tão errado ou errar menos na hora que eu for fazer. Os primeiros estágios foram estágio de Regência; o 2 e o 3, é..., a gente regeu, mas assim, ficou assim aquela coisa meia solta como eu já disse. E as observações que a gente fez no Estágio 4 que foi com Professor Verde lá no Espaço de Ensino Formal “B”, e no estágio 5 com a professora Azul; esses estágios me proporcionaram uma ligação entre um pouco do que a gente viu aqui no Espaço Alternativo “B” da parte teórica e da parte prática; serviu pra ver o que funciona na nossa realidade e o que não funciona. Tem alguns educadores que defendem algumas idéias que são lindas no papel, parecem ser muito válidas, mas quando a gente se depara com realidade de outro país, de outra cultura, de outra forma de educação, algumas coisas funcionam e outras não. Então eu acredito que eu fui atendido na necessidade de fazer uma ligação entre essa parte teórica e o que a gente vê na prática no estágio, é claro que com algumas ressalvas, aquelas ressalvas que eu fiz e acredito que ainda vou aprender mais pois eu tenho mais um estágio.

2. Como se dá o planejamento das aulas que você vai ministrar? Que tipo de orientação você recebe para a elaboração desses planejamentos?

O planejamento é... ele aconteceu como uma forma avaliativa uma única vez. A gente teve algumas orientações de como fazer um plano de aula e a gente fez e apresentou como forma de laboratório na parte teórica da disciplina de estágio, isto é, aqui no Espaço Alternativo “B” junto com todos os alunos a gente apresentava de uma forma de laboratório como seria feito em prática. Então foi essa única vez que eu me lembro que eu ensinei uma Cadêncie de dois acordes e o professor supervisor do Espaço Alternativo “B” ele foi esse único dia. É teve um certo proveito porque era uma atividade simples porque todos já tinham um certo contato com violão, então eram dois acordes, acorde de lá e acorde de ré; teve até um certo proveito assim e no restante não tinha um planejamento; chegava lá e a turma às vezes, uma aula tinha três alunos na outra aula ela tinha 10. Nos dois períodos que eu fiquei lá eram somente eu e outro aluno estagiário então, se tivesse 20 alunos a gente ia dividir esses 20 alunos por nós dois. Então a aula ficava meio que muito solta assim, tinha sempre um ou outro que tinha muita facilidade e chegou no final do semestre com esse que tinha muita facilidade ter aprendido alguma coisa e aqueles que tinham mais dificuldade mesmo, da minha parte eu tentava mais atenção pra esses que tinham mais dificuldades, e esse tipo de aluno não aprendia quase nada, então essa questão de planejamento de aula realmente aconteceu uma vez e a orientação que a gente recebeu na elaboração desses planejamentos foi de como fazer um plano de aula.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica, considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para sua formação?

É... eu já dava aula de violão em conjunto então isso no espaço alternativo no caso foi o Espaço Alternativo “A” era um ambiente que eu já conheci um pouco, inclusive eu dava aula em igrejas como o Espaço Alternativo “A” aqui perto da faculdade. Só que era menos alunos então a possibilidade de fazer uma atividade organizada era maior, claro né, eu acredito que essa parte no estágio do espaço alternativo me deixou um pouco frustrado porque eu me via um tanto impotente porque não dava pra fazer muita coisa, pela quantidade de

alunos, pela desorganização, pela falta de tempo, mas eu também seria hipócrita em dizer que foi de tudo um desperdício.

Eu acredito que a gente sempre aprende com os alunos, com o ambiente e até com a pessoa que acolhia a gente que não tinha conhecimento musical, mas ela sempre falava do modo que as crianças recebiam e do modo que elas estavam aceitando as aulas. A gente, eu aprendo sempre, tinha alunos que tinham muita vontade de aprender e conseguiam e tinha alunos com dificuldades financeiras, dificuldade de relacionamento em casa e aprendia então essa foi a parte que eu tirei de valia da parte do espaço alternativo.

Do espaço formal que foram lá no Espaço de Ensino Formal “B” é uma coisa que eu levei pra mim de algo positivo foi o domínio que o professor Verde tem com o conteúdo e o domínio de como passar eu achei muito interessante e eu inclusive tinha comentado com ele que, se de fato eu for seguir a carreira de professor Educador Musical eu queria ter o estilo como dele porque ele dá pra ver que ele tem o respeito dos alunos de acordo com possível porque eles são adolescentes e aquela agitação toda. Mas a forma dele ensinar ficou bastante marcada pra mim e ele também dava muito espaço pra gente regrer também. Às vezes ele falava: “Ah... preciso ir ali!” Talvez uma forma de pôr a gente em prova; “Eu preciso ir ali e vai dando continuidade” e até então nunca tinha trabalhado com aquele público-alvo, alunos de 10 a 13, 14 anos.

Até então pra mim aquilo era um “bicho de sete cabeças”, eu tinha medo inclusive. Porque às vezes eu desconcentro se tiver muita gente fazendo barulho e assim quebrou um tabu pra mim e me trouxe boas expectativas para esse assunto. E mais uma vez como eu sempre citei nos relatórios a vivência que eu tive lá com a professora Azul lá no Espaço de Ensino Básico, foi algo muito marcante, muito positivo porque ela além do domínio do conteúdo ela tem uma forma lúdica de passar o conteúdo como se ela fosse um deles; a linguagem, o pensamento, a forma de agir é como se ela fosse da mesma faixa etária e até então eu não tinha me atentado para isso, de que pra falar com crianças; que tem algumas que nem alfabetizadas foram precisa se fazer com uma delas mas ao mesmo tempo tendo a eloquência do conteúdo e o domínio de como passar esse conteúdo. Essas vivências contribuíram bastante pra mim.

4. Como são elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual a importância dos relatórios de estágio para você?

É... os primeiros relatórios até o quarto estágio foram feitos um único relatório ao final do estágio, também não tinha, não teve nenhum padrão de relatório, as vezes tinha um modelo e você poderia seguir ou não. No último estágio que você deu pra gente, no estágio 5 teve o modelo de relatório semanal por aula. Eles eram elaborados da seguinte forma; a gente pegava as partes mais relevantes que aconteciam durante a aula e descrevia sobre ela sempre se embasando em algum ou alguns autores. Como não tinha sido trabalhado isso anteriormente nos outros estágios eu acho que não só eu, mas a maioria dos alunos sentiram uma dificuldade, não pela escrita em si; mas acho que pela dinâmica da forma de trabalhar. Às vezes lembrava que tinha de fazer o relatório um dia antes; “Nossa... tem que fazer relatório” por conta dessa falta de continuidade e de conexão entre os estágios.

E sobre a importância deles... é... e eu nunca recebi um feedback como X e a Y deram no último dia de estágio do último estágio passado então pra mim até o quarto estágio a importância do relatório era tipo um pouco de desabafo, porque a gente passava muitas dificuldades e também passava algumas coisas boas, escrevíamos mas não tínhamos retorno desses relatórios... retorno ou pelo menos uma tentativa de melhorar alguns pontos ressaltados negativos e de afirmar alguns pontos positivos. Às vezes dá até uma sensação de “Será que realmente foi lido esse relatório?” Porque às vezes eu fazia algumas anotações e alguns

relatórios ficavam um pouco maiores do que o normal, não tão extenso, mas assim era uma forma de desabafar e eu acredito que não foi tão proveitosa assim na questão do retorno, feedback.

5. Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência. Sendo assim, como o estágio supervisionado contribui para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

Deixa ver se eu entendi bem a pergunta... como ele contribui para o meu pensamento autônomo e reflexivo diante da prática?

(Da prática profissional de música ou no espaço alternativo, ou no espaço formal, ou da educação básica)

Entendi... bem, é... eu acredito que o estágio ele contribuiu de uma certa forma porque até aqui mesmo no espaço específico de música a gente via as coisas de uma maneira que de repente, não se aplica tanto como a gente vê, por exemplo pra gente é ensinado que tem que ter sempre um pensamento crítico-reflexivo, mas de repente algumas disciplinas a maneira de ser passado pra gente é a maneira bancária.

Eu acredito que a comunhão entre a teoria que a gente aprende aqui e a prática de verdade onde a gente está sendo preparado para atuar não acontece verdadeiramente. Isto é, eu imagino que alguns professores aqui não tem a noção de como é a vivência lá no espaço formal, lá na Educação Básica, porque algumas coisas não se aplicam. Alguns colegas nossos alguns colegas meus inclusive sempre discutia de uma forma assim meio irônica mas a gente ficava se perguntando: “Será que esses autores, inclusive os professores, será que eles estavam lá na prática? Será que testaram isso pra ver se dá certo?”

E isso sempre me fez pensar, me fez refletir porque eu acredito que como educador meu trabalho é fazer com que o aluno seja um ser atuante, pensante naquilo que ele faz. Se é pra ele tocar o instrumento não apenas pelas fôrmas ou pelas formas de como tocar mas entender todo contexto musical, entender a sua função musical e a sua função social através daquela música. Eu acredito que algumas coisas em todo curso na faculdade contribuíram pra que tivesse esse pensamento autônomo e reflexivo outras coisas não. Dentro do estágio eu acredito que isso aconteceu pelo menos pra mim nos dois últimos porque observando Professor Verde e principalmente a Professora Azul a gente consegue ter uma noção do que realmente funciona e do que talvez seria até utopia que a gente aprende aqui do que é passado ou talvez a forma que é passado pra gente.

Nos primeiros não; nos primeiros estágios que a gente regeu eu acredito que foi uma coisa frustrante pra mim porque não dava pra aplicar devido às dificuldades já citadas aqui. Então eu quero levar inclusive da disciplina do estágio a parte menor que me foi proveitosa que foram os estágios do Professor Verde e da Professora Azul. Eu acredito que eles contribuíram para que eu tenha um pensamento autônomo e reflexivo e que isso se reflita nas minhas aulas e que os meus alunos tenham esse pensamento e essa ação e essa autonomia para refletir sobre a música e como a música funciona na sociedade, qual que é o papel e qual é a sua função.

Apêndice D_ Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIO: B
Licenciatura Música: Educação Musical.

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas de estágio supervisionado atendem às suas necessidades como licenciando em música? O que você acha mais interessante nas propostas das disciplinas e na dinâmica de trabalho?

Bom, por não ter atuado na área ainda eu só me dedico à faculdade, o estágio me proporciona então esse contato de conhecer a escola de como é essa realidade de ser professor; ainda mais ser um professor numa área de artes né. Conhecendo o papel que as artes tem no meu país, a desvalorização e tudo que a gente tem que lutar contra né, mídia, esse trem e tudo mais. Então o estágio foi o contato a experiência que eu tive com a docência, a primeira experiência que eu estou tendo da docência e de refletir se realmente é o que eu quero. E se for realmente, e se realmente eu entrar na sala de aula qual que é o meu poder de atuação, o que eu posso fazer... o que mais era a pergunta????

(Se você acha interessante a forma que foi proposta as disciplinas de estágio)

Eu acho interessante essa dinâmica de você conhecer os campos o momento de conhecer o espaço alternativo e o momento do espaço escolar. Mas eu não sei se é porque eu peguei algumas circunstâncias atenuantes, greves e tudo mais, eu achei que essa dinâmica ficou meio prejudicada. Então, por exemplo, eu estou no estágio 6 mas eu não tive a oportunidade de atuar no campo escolar ainda só foi no espaço alternativo. Então não sei, parece que a greve atrapalhou o processo e acaba perdendo, pois, a escola possui outro ritmo, calendário, então a gente acabou meio que atrapalhando é..., a dinâmica.

(A dinâmica do trabalho?)

é...não funcionou muito bem.

2. Como se dá o planejamento das aulas que você vai ministrar? Que tipo de orientação você recebe para a elaboração desses planejamentos?

Eu atuei no estágio 3 e 4...; 2 e 3 na verdade que é o alternativo; foi aqui no Espaço Alternativo “B” com musicalização infantil. Foi uma experiência muito boa porque nunca tinha atuado mas em um primeiro momento foi bem um “tiro no escuro” porque a professora que era encarregada “*Oh você vai ficar na musicalização*” então foi um momento, assim, de ter que correr atrás. No primeiro momento eu tive ajuda de algumas mestrandas que inclusive atuaram comigo e isso me ajudou bastante. Foi ruim por um lado porque eu fiquei muito jogado, assim por conta da Coordenação, a gente não tinha um plano pedagógico no curso, a gente não tinha, em questão da greve também atrapalhou então a gente não sabia quando é que as aulas iam terminar. A gente tinha também as questões dos recursos então, o planejamento ficou muito por minha própria conta sabe o que eu considerava legal trazer para os alunos. Então acho que ficou prejudicado sim não teve nenhuma orientação do professor orientador da sala e nem da coordenação de estágio.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica, considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para sua formação?(mesmo com a interferência da greve)

Com certeza, me permitiu vivenciar os diferentes espaços as diferentes perspectivas onde o Educador Musical pode atuar (ficou sem fala)...

(Então quais os espaços que você atuou?)

No espaço eu visitei a o Espaço Alterativo “B”, o Espaço de Educação Básica e o Espaço de Ensino Formal “A”. No estágio 2 e 3 foi o Espaço Alterativo “B”, no 4 seria o Espaço de Ensino Formal “A”, mas por conta da greve, a escola estava de greve aí eu não atuei. E o 5 e o 6 no Espaço de Ensino Básico.

4. Como são elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual a importância dos relatórios de estágio para você?

Ele é importante porque eu posso fazer uma reflexão de como foi todo o processo de estágio mas para o curso eu não vejo o retorno, tipo assim, a gente faz a reflexão em cima do que a gente aprendeu, das dificuldades encontradas do semestre. Até conversando com outros alunos que estão nos estágios anteriores a gente não tem retorno dos relatórios e parece que fica só pra finalizar disciplina mesmo, e não sei, parece que até mesmo por conta dos professores eu não vejo eles comentando, nem trazendo esse feedback pra gente. O quê que a gente apontou, a nossa própria atuação mesmo né; então, é importante sim, mas parece que fica só pra disciplina mesmo, eu não vejo retorno, aonde esse relatório está sendo aproveitado para o curso pros Estagiários que estão vindo.

5. Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência. Sendo assim, como o estágio supervisionado contribui para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

Favoreceu, porque me permitiu refletir que tipo de profissional que eu gostaria de ser e qual o poder que eu tenho nas mãos. Qual o poder de transformação, intervenção na realidade da sala de aula, acho que as experiências dos estágios boas ou ruins elas contribuem.

(Você se vê como um profissional reflexivo pelas experiências do estágio? Ou fora delas?)

Eu consigo me ver como profissional reflexivo sim pelo processo de estágio, mas também por outras experiências não só dentro da faculdade mas fora também até com a própria maneira que a gente vai se relacionando e se descobrindo durante o curso.

(E o estágio contribuiu para que você pudesse relacionar a teoria que você absorveu com a prática em campo?)

Acho que não, porque justamente por conta de todas essas dificuldades, não sei, eu acho que está muito mais ligada à questão da prática e ir tentando colocar essa teoria junto com a prática. Há uma certa dicotomia em relação a prática e a teoria, elas são desvinculadas mas estão tentando dialogar.

(Então é mais uma postura pessoal sua de fazer esse diálogo?)

Um pouco dos dois, um pouco da minha postura e um pouco do que o estágio tem me oferecido.

**Apêndice E_ Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIO: C
Licenciatura Música: Instrumento Musical.**

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas de estágio supervisionado atendem às suas necessidades como licenciando em música? O que você acha mais interessante nas propostas das disciplinas e na dinâmica de trabalho?

Então começando pela primeira pergunta eu acho que tem essa necessidade porque na verdade, tira aquela teoria que a gente ja tem na sala de aula e começa a prática. Que é o que vamos fazer, ser professor na sala de aula. Então essa necessidade da licenciatura em música atende isso, tira essa teoria da sala de aula, e vou pra prática mesmo que é em campo, que é dar aula de instrumento.

E na questão da dinâmica de trabalho, acho interessante sim, só que acho que, pra instrumento tinha que ser formal e informal e ter mais campos de instrumento específico, no meu caso que é licenciatura em instrumento. Eu achei legal de ir em colégio de rede municipal, só que acho que tinha que melhorar nesse caso, tinha que colocar mais instrumento mesmo, mais específico do instrumento. Porque as vezes a área do instrumento fica meio assim, sei lá, fica meio perdida ainda.

Mas achei muito importante essa dinâmica de trabalho, de especificar educação básica, espaço não formal, espaço formal, essas coisas assim. Achei interessante!

(*Você acha que elas atendem a sua necessidade como licenciando de instrumento musical?*)
É no meu caso de instrumento não atende isso não. Eu acho que se fosse educação musical, sim. Aí já atenderia no caso, mas no meu caso que é instrumento fica um pouco a desejar sim.
(*Você acha que é porque tem pouca orientação específica da sua área?*)

Também, um pouco orientação, um pouco da experiência. Porque as vezes a gente fica muito preso, igual o começo do estágio 1 até o 4, porque o 5 e 6 é específico. Do 1 até o 4 você fica meio assim , seu curso é instrumento e você fica quase educação musical, sabe, você fica naquele clima , nossa sala de aula, e você não pega instrumento...Igual na educação da escola mesmo, eu peguei meu instrumento pra pegar pra mostrar pros meninos, mas depois eu fui pra outro lado, pros métodos ativos. Eu peguei alguns exemplos do Orff, do Kodaly e algumas coisas assim, aí, eu achei interessante mas o meu instrumento mesmo que é o caso no que vou ser formado, ficou meio assim meio de escanteio no caso.

(*Até o quatro você acha que não te atende?*)

É eu acho que até o 4 no meu instrumento específico não atende tanto assim não...mas prá educação musical sim! Agora se fosse 1 e 2 espaço formal e a partir do 3 em diante seria mais interessante, é até que o 5 e o 6 tem a carga maior só que, eu acho que mesmo assim, tinha que ter uma vivência maior, no caso pra instrumento. Porque as vezes entro em algum lugar pra dar aula de instrumento fico meio perdido com que metodologia devo usar sabe, você pega assim, “Ah, vou pegar o método que aprendi!”, mas não debate com o professor. Vai mais pro 5 e 6 e está quase saindo da faculdade no caso. Aí o contato é muito pouco.

2. Como se dá o planejamento das aulas que você vai ministrar? Que tipo de orientação você recebe para a elaboração desses planejamentos?

É...esse planejamento de aula que vou ministrar, a primeira coisa que vou olhar é o perfil da sala , dos alunos, igual no caso dos estágios iniciais foi de idade menor no caso, se fosse pra instrumento, seria, sei lá de 15 em diante. Agora educação básica mesmo, quando eu fui pra esses alunos lá eu fiquei meio assustado sabe, eu pensei assim: “Nossa nunca falei pra meninos tão pequenos!” Aí fiquei meio assim nervoso mas conversei com a professora, e na

orientação, “qual aula que eles estão pegando com a professora lá no caso?” Não, eu falei eles estão pegando a musica tal, e ela falou então você pode trabalhar assim, você pode trabalhar, timbre, altura, essas coisas assim.

Ela foi me orientando a fazer isso. A observar como era a turma primeiro, né, como era a idade, essas coisa, o que eles já vinham pegando de “bagagem” até pra pegar uma continuação daquilo pra ir adiante no caso. E não começar uma coisa assim nada haver, não, vou falar sobre notas, sei lá. Eles nunca tinham visto, não, pegar a continuação e ir vendo o perfil de cada um no caso. Se já tinham uma vivência musical, se não tinha essas coisa assim. (*Então o planejamento vai sendo conversado individualmente?*)

Isso, individualmente, exatamente! E as dúvidas, vamos sempre procurando a professora.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica, considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para sua formação?

Bom primeiramente, estágio 1, eu vi assim, eu acho que não vi nada de tão interessante pra ser assim realista. Porque nós só fizemos umas visitas nas unidades onde estavam havendo um link com a universidade. Conhecemos o local, a sala onde acontecia as aulas de música...

(*Quais foram os espaços que vocês visitaram?*)

Visitamos na época o Espaço de Ensino Formal B, da mutirão, polivalente, o Espaço de Ensino Básico e Espaço de Ensino Específico de Música. É...no espaço específico de música já existia, foram esses três lugares. Aí em cada um pedia um relatório pra gente fazer, que que a gente achou da estrutura, o que deveria melhorar. O um eu achei meio que vazio, um pouco. Passou pouco texto também, não sei se foi o professor que estava meio que iniciando na disciplina. Mas do dois em diante começou a dar uma melhoradinha, do dois em diante que foi no espaço específico de música mesmo.

Eu fiquei na aula de teoria, aí eu já fiquei meio afastado do meu curso mesmo, mas achei muito interessante porque eu nunca tinha entrado numa sala de aula assim, de música mesmo, sabe?! É a primeira vez que eu entrei eu fiquei assim, achei muito interessante dá aula pros meninos lá.

Era uma turma menor e tinha uma outra turma de uma idade mais avançada. Só que eu esperava mais porque eu achava que , sei lá, eu ia entrar numa sala de aula e passar teoria e já ir começando, sabe?! Só que foi muito bem lento, passava o que era as notas, primeiro começou com as características dos parâmetros do som, altura, aquelas coisas lá...Achei, um pouco lento o processo, tinha que ser algo mais acelerado por ser um espaço específico de música. Seria uma coisa assim...até pelo prazo mesmo, por ser um semestre né? Seria uma coisa mais rápida. Só que eu gostei muito, foi uma experiência muito boa pra mim e aprendi bastante durante que eu estive nesse estágio!

(*Era uma turma de quantos alunos?*)

Tinha uma turma que tinha mais de vinte alunos , agora tinha outra que tinha uns dez. Só que faltava muito também, não tinha aquela frequência, aquele compromisso tão certo assim. As vezes numa sexta feira tinha muita gente e na outra tinha bem pouco. Acho que o povo ficava desanimado, porque era distante. Não era muito igual, ia muito, depois ia mais ou menos, depois ia pouco, depois ia muito de novo. Na verdade eles iam mais, assim mesmo, por causa da aula de instrumento, pegava teoria, depois ia pro instrumento. Tinha gente de violão, violino, guitarra, tinha muitos instrumentos juntos.

(*Então você achou mais produtivo?*)

Achei mais produtivo o 2 do que o 1 nesse caso. O 3 e o 4...o 3 primeiramente estou atuando no meu instrumento que é lá na praça universitária que é a parte da academia, mas só que separado, lá é só instrumento de sopro.

Eu achei melhor porque lá estou diretamente, eu toco trombone, só que..., eu toco trombone baixo, só que é um trabalho específico do trombone baixo, então não é outro, é específico do instrumento, e tem dois alunos. Aí foi bom demais, ai eu comecei a passar o básico mesmo do instrumento nas aulas, fui conhecendo os alunos que ja vem de bandas mesmo. Aí fui passando alguns métodos que trabalhei no começo, e alguns métodos meu professor passou também na universidade, que ele esta passando pra mim ainda. Só que assim é o começo de tudo sabe, na verdade...esse é o três, no espaço específico de música.

E o quatro é la no colégio municipal, Ensino Formal, esse foi o que mais me marcou até agora, foi esse, até semana passada foi minha prova de regência, e a professora X não pode ir, mas a professora Y estava lá.

O que eu achei interessante, porque entrei lá, quando fui dar aula, acho que era uma turma de dez alunos, pois dividiu a turma em dois, a outra turma foi fazer outras coisas, e esta turma foi pra sala de música, lá tem uma sala de música.

O interessante dessa escola é isso, tem uma sala específica pra música mesmo. E o que eu achei interessante lá, é que quando chegou os menininhos, chegou um menininho meio diferente que eu não sabia, aí a professora falou que ele era autista. Porque eu sempre tentava conversar com ele nas aulas, falando com ele lá e ele não me dava moral, ficava assim no canto dele. Tinha uma cuidadora dele que ficava junto, e quando eu vi a cuidadora, eu pensei que era aluno especial, alguma coisa assim. Aí dei xeque meio que à vontade, eu fala mais com os outros e deixava ele à vontade. E no final a professora..., foi legal a aula ela foi desenrolando e deu tudo certo, os alunos gostaram também da apresentação do instrumento, fiz uma dinâmica baseado em alguns educadores musicais...

A professora Amarela que era a professora do colégio, no final ela falou pra mim, ela bate palma no dia que ela conseguir uma pessoa que envolvesse essas crianças junto com as crianças “normais”. Ela me contou que tinha problemática assim. Aí fiquei depois pensando, se na aula eu poderia ter envolvido mais ele sabe, mas dei xeque ele meio assim, só que eu não sabia também ...sei lá tem algum problema, pensei assim.

Mas achei interessante porque eu nunca imaginava que os alunos prestassem tanto atenção assim na aula, os menininhos pequenos sabe?! Quando eu fiz a dinâmica lá na sala, nossa eles gostaram demais, fiz umas brincadeiras, tudo envolvido em relação a música, negócio de timbre, altura. A parte que eles gostaram mais foi a parte de quando eu dei meu instrumento pra eles tocarem, troquei o bocal e fiz uma filinha assim e... “*Vamos lá, agora cada um vai tentar dar uma soprada no meu instrumentos!*” Aí eu ensinava como soprava, o jeito...aí sim eles gostaram demais, foi a pior farra deles lá. Mas esse quatro pra mim foi o que mais, não sei o próximo, mas foi um espaço que é meio fora da realidade pra mim sabe?! Porque a primeira coisa é que aqueles meninos nunca irão pegar aula de instrumento direto, no caso instrumento de sopro. Vão pegar percussão, essas coisas assim... mas achei um espaço, assim, sei lá, muito prazeroso de trabalhar, principalmente porque tem uma sala de música, e poucos colégios que têm, essa realidade que tem o Espaço de Ensino Formal.

A vivência que mais contribuiu foi essa até agora. Mesmo que eu dê aula de instrumento lá na academia, só que essa marcou um pouco mais. Porque a primeira coisa que eu estava receoso, foi com as crianças, será que elas vão me ouvir, vai virar uma bagunça, mas cheguei lá e eles obedeceram, as professoras ficaram no fundo observando e no final falou bem assim: “ Não, você tem que ter mais pulso com eles, você não pode ficar muito assim, sabe?! Deixar eles à vontade, que vira aquela farra mesmo.”

Aí deu uma hora lá da aula que não sei que aconteceu que eles começaram a ficar assim meio dispersos, não estava prestando atenção mais... “*Não, você não pode deixar eles*

muito tempo... ” Porque fiz uma roda assim no chão e toquei junto com eles.... “Você não pode deixar eles assim, muito tempo sentados no chão, ou muito tempo sentado na cadeira, você tem que ficar movimentando, fica em pé porque senão eles cansam de ficar olhando”. Teve uma horas que o menino deitou no chão, acho que estava meio cansado sabe, só que eu não tinha essa prática. “*Como é a primeira aula pode melhorar sim*”. Ela até tirou uma foto, e chamou atenção de uns pontos, a professora Amarela, e no final ela me deu dica, foi bastante legal. O que eu achei mais interessante foi isso, porque além de eu dar aula, depois ela veio com todos os pontos, negativos e positivos.

(Ela te deu um feedback do que você fez?)

Ahān, ela disse assim, “*óh, não é nada não mas sua aula foi a melhor, porque os outros trouxe videos essas coisas assim, não...você ficou mais com o instrumento mais em contato direto mesmo*”. Ela parabenizou e falou alguns pontos que eu tinha que melhorar, aí eu gostei muito, pois foi o mais produtivo.

4) Como são elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual a importância dos relatórios de estágio para você?

Esses relatórios parciais desde do...deixa eu ver, do um?! Não, do um eu não fiz, fiz só o relatório de tudo. Não!!! O um fiz relatório de cada visita, e quando começa o estágio dois ...foi de cada aula mesmo. Tinha que fazer um plano de aula, fazer o relatório de cada aula. E o relatório final, quando fui fazer o relatório final do estagio dois eu li todos os relatório que fiz de cada aula e tentei abranger todos. Não a aula durante o percurso, eu fui dando uma lida e fui dando um feedback desses parciais pra fazer o final e o que me ajudou nesse relatórios final foram os textos passados em sala de aula, tipo Paulo Freire que a professora passou lá, e outros textos, porque ela passou bastante texto. Eu acho que o que me ajudou pra fazer esse relatório foi isso.

Eu acho importante esses relatórios porque não fica uma coisa abstrata, fica uma coisa mais oficializada, esta no papel, escrita, fui lá em tal lugar, em tal hora, o colégio que foi. Eu acho importante por causa disso, porque fica como se fosse um documento, fica arquivado e é importante para o estágio para....como se diz.?! Como se fosse algo de estatística, algo assim. (*Você acha importante só pelo fato de documentar como foi o estágio ou ele possui uma função maior?*)

Acho que pra mim não existe uma função maior não, é só pra escrever todo o processo. Eu acho que é só isso mesmo pra mim. Não tem uma função específica, ou porque é uma obrigação da universidade mesmo, de documentação pelo ministério da educação para regulamentar, mas pelo que eu saiba desses relatórios até hoje, sinceramente é uma bagunça esses trem.

Óh, nosso semestre passado, estágio 2, com a professora X e a Y, meio que os dois, aí fizemos aquele tanto de relatório, ela passou texto, lemos os textos, fizemos aquela reflexão, aí no final anexamos tudo, encadernou, entregou pra ela, aí ela disse que ia entregar depois pra corrigi, porque a gente tem que entregar tudo no final porque tem o livrão e até hoje...nem sei se já sumiu esse trem. Eu acho que é uma obrigação que tem que universidade guardar, mas acho que extravia, todo mundo que eu conheço da universidade que já formou, reclama dessa parte sabe. Entrega a documentação aí confiando que vai entregar de volta, porque o certo é a gente guardar né, as vezes não guardam, perdem o arquivo, aí vira maior confusão, aí tem que formar e não conseguem, e tem que procurar tudo de novo. Igual professor X mesmo ele falou, parece que foi no semestre passado, que uma menina ia que formar e ela tinha que entregar tudo, ela pensou que iria receber tudo de volta e parece que não guardou lá os arquivos, aí ela não achou mais nada lá que era dela, o povo não entregou nada de volta porque nem sabiam onde estava mais, aí ela ficou no pé dele falando que não ia formar, e ele

fez não sei o que lá...trás o que você tiver aí que a gente dá um jeito. E deu um jeito lá. Só que não sei o que aconteceu, que é o meu caso mesmo, eu entreguei e não sei onde está esse papel, não sei onde está, mas eu tenho tudo em arquivo, vou ter que imprimir tudo de novo pra entregar. Mas eu acho meio bagunçado esse negócio de relatório, tem que melhorar.

5) Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência. Sendo assim, como o estágio supervisionado contribui para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

Ah, com certeza, a experiência do estágio até agora pra mim foi autônomo entre aspas porque algumas coisas o professor vai encaminhando e você vai indo, você não é tão autônomo assim em algumas partes, mas a parte reflexiva pra mim funcionou e está funcionando ainda, igual no caso que eu citei, passado, igual no caso do colégio lá, eu fiquei meio que encabulado, meio que preocupado, pois no dia que eu for pra sala de aula, e eu encontrar uma criança igual aquela que havia citado anteriormente, como eu vou agir, assim..., fiquei pensando, eu vou deixar ele meio de escanteio? Se ele for junto com a turma bem, se ele não for...mas alguns problemas que eu enfrentei no estágio eu fico meio pensativo sabe, é..., igual no estágio do espaço específico de música quando eu vou pra aula de instrumento eu fico pensando será que ele está entendendo o que estou passando ou ele finge que está entendendo? As vezes passo alguma coisa falo, está entendendo, ele diz: entendi, mas quando ele vai executar alguma coisa eu vejo que ele não entendeu bem o que eu quis dizer. Quando acontece isso eu gosto de dar um exemplo, eu toco, falo alguma coisa que tem relacionada ao exemplo.

E nesta questão do estado de reflexão, eu nunca tinha parado pra pensar assim, pra mim não, ah vou passar o que eu sei, se ele quiser aprender o instrumento é isso aqui, tem certa posição, você sopra assim e se não aprender, porque sei lá, demora um tempo.

Mas não acho que é isso não, você tem que procurar as maneiras que mais adapta ao perfil do aluno mesmo, igual esse aluno meu lá, no espaço específico de música na praça universitária, ele mora longe do espaço específico e ele pega ônibus, e teve um dia que ele chegou com o instrumento até estragado, aí eu fiquei pensando, nossa já passei por tudo isso também, você fica observando, é tão interessante, e a pessoa está ali com aquela vontade. Então toda aula eu fico pensando em levar alguma coisa nova, sei lá, igual eu passei ontem pra ele uns vídeos pra ele assistir lá, pra ter algumas referências, pra na próxima aula ele falar alguns comentários pra mim.

Fico pensando que essa reflexão é muito importante porque as vezes a gente coloca só por causa da gente não; estou fazendo licenciatura, vou pra tal escola, isso funciona bem. É igual um texto que passamos lá, um texto da...ah....currículo e avaliação, aí tinha um texto que eu apresentei até sobre avaliação, na sexta-feira, ontem mesmo, estava falando lá o professor chega na sala de aula, e não tem estrutura, não tem instrumento, vou passar alguma coisa no quadro e fica por aquilo mesmo. Não tenta fazer que o que tiver funcione na sua aula. Eu acho interessante repensar mesmo através dessas mazelas que a gente pode enfrentar durante nosso percursos como professor e sempre refletir ao lado do aluno, não a instituição, a burocracia de conteúdo programático, voltando à academia. Desde que estou dando aula pra esse aluno meu, eu comecei 2 métodos só, melhor do que encher de tanta coisa, e tipo assim ficar meio perdido no caminho. Melhor duas coisinhas só e fazer ele caminhar nessas duas coisas. Do

que colocar quatro e ficar na metade de cada uma, eu acho que isso é parte planejamento e parte reflexão.

O estágio tem proporcionado isso, e os textos reflexivos também, eles são muito interessantes as vezes, mesmo que eu acho chato fazer aquelas reflexão, eu gosto muito. As vezes ficamos reclamando na sala, é muito interessante porque ela passa uns textos que é bem..., praticamente aquilo que a gente vai precisar na hora da aula. Ai esses textos me ajudam, com orientação do professor em sala de aula e você mesmo, procurar aqui refletindo, lendo, como está indo o andamento, não então vou por outro lado, pegar outro método pra ver se funciona.

Praticamente isso que o estágio está sendo, um laboratório mesmo, esse é o principal fundamento, testando as coisas pra ver se funciona ou não funciona, porque chega lá, pode ser muitas coisas diferente quando for atuar mesmo, ou pouca coisa. Mas acho que é isso!!

**Apêndice F_ Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIO: D
Licenciatura Música: Instrumento Musical.**

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas de estágio supervisionado atendem às suas necessidades como licenciando em música? O que você acha mais interessante nas propostas das disciplinas e na dinâmica de trabalho?

Bem, as propostas que são realizadas no estágio pela Universidade Federal de Goiás pela licenciatura em música, elas pelo menos comigo e com minha turma, elas foram um tanto quanto complicadas, porque nesse período que eu estou aqui passamos por duas greves e isso acarretou alguns problemas na questão de compatibilidade no campo de estágio, que nem esse semestre agora terminando o estágio que estava sendo realizada na escola municipal de Ensino Formal “A”. Lá teve um contratempo devido ao fato de que lá as aulas já tinham se iniciado e aqui demorou o ano letivo iniciar então no meio das aulas de estágio vamos colocar por exemplo, das salas de estar então na aula número 5, já haveria acabando as aulas da escola municipal de Ensino Formal “A”, isso acarretou problema no desenvolvimento da turma. Mas o jeito que foi colocado, eu participei de cinco estágios, os cinco estágios que me foram oferecidos aqui eu achei que foram de maneira equivocada, eu falo isso porque o estágio 1 ele demonstrou mais uma leitura e um exemplo de como deveríamos nos comportar perante a sala de aula no estágio 2 e no estágio 3, no estágio 2 foi designado que a gente já deveria ir pra sala de aula e a gente tipo assim sem nenhuma orientação do que deveria ser ministrado nas aulas o estágio 2 e o estágio 3 foram dessa maneira. O Estágio 4 é que foi um estágio em que a gente teve que fazer ficar observando, observando o campo, observando uma professora e como ela iria fazer a aula e o trabalho dela juntamente com os alunos e no estágio 5 a gente ficou responsável lá no aplicação no Espaço de Ensino Básico.

Eu achei um tanto quanto complicado por conta disso porque no Estágio 4 lá no final do Estágio 4 é que a gente começou a observar. a universidade ela tinha que organizar isso para que esta questão de observar fosse no início do estágio e não no final do estágio, ser orientado no que vai trabalhar e não um aluno do estágio 2 entrar na sala de aula “olha aqui está os seus alunos, e meio que com todo respeito “_ Se vira”; sem falar o que vai ser abordado.

Isso foi um equívoco da faculdade Isso foi uma coisa que eu percebi que ir não posso dizer pras outras turmas mas para minha turma foi dessa maneira.

(Então você acha que a observação deve ser a primeira ação do estágio e depois a semi-regência e terminar com a regência?)

Sim, sim pela orientação e como aluno ou estudante ou acadêmico vai comportar perante os alunos eu já tinha uma experiência como a questão da sala de aula uma questão de dar aulas eu não tive problema em relação a isso mas tem alunos que ingressam na universidade que eles não tiveram contato ainda e não sabem como se comportar como ter uma presença na presença de respeito perante os alunos que é uma coisa que deve ser trabalhada... foi uma coisa trabalhada no estágio 1. Mas é uma coisa que deve ser observada e aí sim que observando no estágio 2, o aluno vendo como professor se porta, isso é uma coisa que a que faltou pelo menos pra minha turma.

2. Como se dá o planejamento das aulas que você vai ministrar? Que tipo de orientação você recebe para a elaboração desses planejamentos?

Olha, é ...o estágio 2 eu fiz ele no Espaço Alternativo “B”, eu fiz juntamente com outros dois colegas meus, na minha turma, foi me passado que era o teoria musical mas não foi passado a maneira que deveríamos ter feito. A gente que sentou e organizou a maneira que deveria ser feito conforme o desenvolvimento dos alunos.

Pois tem várias metodologias como Suzuki, Kodály, Kölreuter, mas a gente achou por melhor ver está sendo o desenvolvimento dos alunos e só então partir pra outra área, outra coisa nova que o aluno estaria aprendendo. Dessa maneira gente se embasou muitos no que o Kölreuter afirmava além do aluno aprender e nós também aprenderíamos, isto é, o professor também aprende.

(Então vocês não tiveram uma orientação específica?)

Específica não, infelizmente não; falou somente teoria musical. Aí falar tipo assim teoria musical e falar uma coisa muito abrangente, uma coisa muito ampla. Tinha que ser uma coisa mais específica, bem mais específica e bem mais sinalizada, falar vai ser teoria musical mais abordar leitura de notas ou então escalas, nesta turma e nesse semestre. Aí sim seria uma orientação e a gente iria trabalhar aqui, mas não falou; vai ser só teoria, ponto final.

A gente teve até que perguntar para os alunos olha, alguém tem alguma experiência com música onde foi realizada essa experiência com música e a gente teve que modelar de como deveriam ser as aulas.

(Isso ocorreu no estágio 2 e 3 e foi no espaço Alternativo “B”?)

Isso.

(E no Estágio 4 como foi a orientação na atuação da regência?)

Foi de maneira até mais de como deveria ter sido a orientação no estágio 2. Lá como era observação no momento em que a professora no caso no caso no campo de ensino formal, a Professora Amarela como no caso quando ela precisou da nossa ajuda ela falou: _ “Olha necessito que vocês façam isso”... tanto é que quando eu fui ministrar uma aula Ela pediu que quando eu fosse ministrar a aula Ela demonstrou o que ela estava trabalhando os alunos e eu fiz um planejamento de aula em cima do que ela já estava planejando no semestre.

(Então a sua orientação foi realizada pela professora Amarela?)

Isso, a orientação da universidade ocorreu por meio de leitura de textos, com vídeos e se acrescenta? Claro que acrescenta, mas utilizar leituras de textos onde a disciplina era a Européia que é uma coisa maravilhosa não condiz com a nossa realidade que aqui do Brasil e aqui em Goiânia o interesse do aluno é totalmente diferente a disponibilidade e o respeito porque a educação vem de berço e muitas vezes esses meninos estão na escola eles não possuem a educação necessária eles faltam com respeito.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica, considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para sua formação?

Bem, as experiências nos Espaços foram gratificantes, gratificante pelo que eu falo, de ver, vivenciar várias experiências diferentes. O Campo de ensino formal é uma escola municipal de tempo integral onde as crianças era de uma maneira, lá no aplicação já era ensino médio, já possui outra vivência é um espaço totalmente diferente. Só que uma coisa que falta pra universidade seria o contato com as escolas estaduais, que é uma coisa que eu já tenho contato desde 2002. Porque a vivência nas escolas estaduais é totalmente diferente do aplicação, o ensino médio lá é totalmente diferente, eu tive a experiência de participar em três escolas estaduais onde é totalmente diferente, o ambiente, a mentalidade dos alunos, do que

no aplicação. A disponibilidade de sala de aula com ar-condicionado, por exemplo, disponibilidade de instrumentos, isso ajuda e muito o desenvolvimento da teoria musical; projetos de música isso também ajuda muito.

O Espaço de Ed. Básica os meninos possuem respeito e isso é imposto pelo espaço, os meninos tem por característica deles respeitar o professor. No Campo de ensino Formal eu presenciei isso também, um pouco menor, mas nas escolas estaduais onde eu tenho mais essa vivência, a universidade Federal pelo menos com a minha turma, ela não teve esta disponibilidade de campo de estágio, onde nesse espaço o aluno não tem respeito pelo professor muito pelo contrário. Eles desrespeitam o professor, ameaçam e desrespeitam de maneira grosseira; até meio que entendo porque a universidade não quer esse vínculo, pra não desestimular a gente e continuar o curso.

4. Como são elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual a importância dos relatórios de estágio para você?

Olha, como eu tive diferentes professores que pediram os relatórios eles foram de diferentes maneiras. Tive professores que pediram relatórios de cada aula toda semana que era feito por exemplo, eram duas aulas por semana, o estágio um dia no campo outro na universidade. Na universidade tinha toda semana que trazer um relatório de campo edo que foi realizado mas, já tive professor que não, não quero essa questão de relatório, eu quero um relatório final que conduz todas as aulas que você fez.

Por se tratar de ser uma universidade e ter outras matérias, muitas matérias que exigem muito tempo e questão de música que a gente tem que ter aquela vivência como instrumento que já exige um tempo, eu na minha opinião acho mais proveitoso a questão do relatório final, porque o relatório semanal e a professora que pedia isso, ela pedia a ferro e fogo, quero um relatório com as normas da ABNT. Eu sei que ela estava ajudando a gente a ter a mentalidade pra gente ir pro TCC, mas isso já fazia com que demandasse de tempo pra gente fazer isso, a gente acabava perdendo muito tempo fazendo isso juntamente com as outras matérias. Acaba que a gente se sacrificava outras coisas pra poder fazer isso.

É uma coisa que a universidade tinha que olhar, não é todo mundo que está na UFG que vive só por conta disso. A maioria das pessoas que estão na minha sala que se ingressaram juntamente comigo no ano de 2012, a maioria trabalha, são poucos, dois ou três no máximo, que não tem a preocupação de ter que trabalhar ou não ter o sustento da família, mas o restante, todos se preocupam com esta questão de trabalhar e muitas vezes eles trabalham com que não condiz com a música

Aí essa questão de que eles acabam sacrificando o horário deles de outras matérias pra poder fazer o relatório de estágio

(E os relatórios são importantes?)

O relatório final sim, o relatório final é muito importante porque demonstra o que foi trabalhado, a gente pode recorrer como foi trabalhado o domínio do professor, e o que a gente trabalhou em cada sala de aula. Diria até que como fosse um plano de aula, como se fosse um mapa há pra gente seguir, não a risca mas, seguir os mesmos caminhos que a gente trabalhou porque daria pra ver o que deu certo e o que deu errado.

5. Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva

no exercício da docência. Sendo assim, como o estágio supervisionado contribui para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

Essa questão da autonomia é muito válido para outros âmbitos, não só na questão da educação mas principalmente da educação, porque autonomia segundo Paulo Freire faz com que a gente possa sair de certas situações onde a gente teria que ficar preso a determinados conceitos. Se a gente tiver autonomia e a liberdade de conduzir certos pensamentos a condução dessas mentes, que no caso são os nossos alunos que agente irá trabalhar, fica até mais fácil, porque por exemplo, eu me baseio muito no jeito que eu dou aula porque eu já dou aula de tuba, muitas das vezes eu trabalho e a minha metodologia de trabalho eu falo pro aluno_ Olha aqui está essas notas mas, eu não quero que você decore essas notas, até porque é errado essa questão de decorar e ele não vai entender isso nunca. Aí eu falo, olha aqui está as notas e eu quero que você entenda essas notas, entenda como é que faz para alcançar essas notas. Então eu dou total autonomia pro aluno, pra ele entender como que faz essa questão do instrumento.

Essa autonomia, essa liberdade que eu dou pra esse aluno eu só tenho ela porque eu fui guiado assim pelo meu professor, que na época que eu pegava essa aula com meu professor, ele era aluno aqui da universidade. Hoje eu percebo isso nos professores aqui, e tem muitos professores aqui na universidade que dão muita autonomia pra gente trabalhar e eles fazem isso com os trabalhos, uma resenhas, com as discussões.

Tem muito professor aqui na universidade que eu vou lembrar pelo resto da minha vida e pelas aulas que eles deram, pela liberdade que eles deram e essa questão que foi colocada que não somente no estágio mas em relação as outras aulas essa autonomia que dá esse segmento de como lidar com o pensamento dos alunos.

(Existe mais alguma pontuação que você acha valido falar em relação ao estágio?)

No semestre passado ocorreu vários problemas devido às greves a minha turma e as outras turmas ficariam prejudicadas de correntes dessa questão do campo de estágio qual foi a porta de escape que a professora fez juntamente com os outros professores de estágio. Foi trazer palestras, e foi o único semestre que teve palestras, foi um pensamento certeiro dela mas que não se repetiu neste semestre , e nem nos outros semestres e eu senti falta disso. Ajudou muito porque no semestre passado ela trouxe psicólogos, trouxe duas professoras, trouxe outro psicólogo, foram palestras que ajudaram, houve filósofos também. Foram palestras e ajudaram a gente ter um pensamento novo de trabalhar com os alunos e eu senti muita falta disso nesse semestre.

Eu sei que é difícil achar palestrantes mas seria importante achar um palestrante que viesse no caso período noturno porque a maioria das coisas que ocorreu em que ocorre aqui na EMAC, acontecem no tempo diurno e muitos dos meus colegas não podem participar porque eles trabalham em outra área. Muitas das coisas ocorreram aqui durante o semestre eu não pude estar aqui presente por conta do meu trabalho porque eu trabalho pela manhã. Então tinha que ser ofertado em vários horários, nos que eram ofertados à tarde eu saia do serviço e vinha pra cá correndo e conseguia assistir essas palestras que me ajudaram muito... nem todas palestras (risos) Mas algumas me ajudou demais com o pensamento na sala de aula com os meninos os meus alunos. Essa questão das palestras acho que ajudaria demais mais do que os vídeos e muito mais do que os textos que é passado pra gente. porque tem muitos vídeos que mostra o ensino da música teórica no México, nos Estados Unidos, na Europa, não a gente em que ver o ensino da música aqui em Goiânia e não ensino da música Nem em São Paulo e nem no nordeste porque o Brasil é um país grande demais e tem várias diferenças culturais e o mesmo ensino que é dado no Rio Grande do Sul não vai acontecer com o ensino daqui de Goiânia e muito menos lá no nordeste no sertão cearense, vai dar errado tem que ser feito algo mais centralizado.

**Apêndice G_ Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIA: E
Licenciatura Música: Canto.**

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas de estágio supervisionado atendem às suas necessidades como licenciando em música? O que você acha mais interessante nas propostas das disciplinas e na dinâmica de trabalho?

Bom as disciplinas de estágio supervisionado elas não atenderam minhas necessidades como professor em formação da UFG. Os primeiros estágios basicamente foram em vão. Realmente a gente só visitava campo e participávamos de discussão sobre grupos coletivos de instrumento musical sendo que a turma era heterogênea e havia cantores e tinha instrumentos de sopro; e quem não fosse da área de cordas tinha que ficar lendo artigos de cordas, que a gente tinha que ler e tinha que fazer um trabalhinho, uma discussão, a gente tinha que xerocar. Então a professora abordava muito esse campo de estágio já nos primeiros estágios como leitura e como base pra gente, sendo que, por exemplo, como cantora não serviu de nada pra mim porque o que seria ensino coletivo pra mim era o coral, então a gente não viu nada e por exemplo, pra quem é da área de sopro seria uma banda então, fica muito dísparsa, fica muito aquém, parece que a professora focava no que ela sabia, no que era da área dela.

É, bom assim, eu não descarto porque fico sabendo mas e a minha área? Porque que eu estou aqui? Parece que teria que haver várias salas de estágio por exemplo, estágio 1 introdução, então, por exemplo, introdução para mim que faço licenciatura em canto, introdução ao canto coral, introdução ao ensino coletivo de vozes infantis, de vozes adolescentes, de vozes adultas. Ou já que é pra ler tanto pesquisar sobre Corais de idosos, corais de deficientes, coisas realmente que a gente vai ver lá, depois que sair da faculdade. Eu sou cantora, ali no estágio não foi passado nada específico pra gente sobre trabalhar com alguém que possui alguma necessidade especial, não tem, se surgir uma oportunidade agora, pra mim que estou formando e estou cursando, de ministrar aula em alguma escola, logo um projeto que tem necessidades especiais, cadê? Cadê minha formação, cadê o estágio, o que estágio me proporcionou, ensinou ? Exatamente nada nesta área.

O foco está muito genérico e não especificado pra cada curso, então na minha opinião, acho que seria interessante haver várias turmas de estágio 1, com vários professores, que aquele professor esteja capacitado pra aquela área de estágio que ele vai falar alguma coisa que ele vai oferecer, e não uma turma totalmente heterogênea aceitando um texto específico de apenas uma área. E tendo que basear aquilo depois de uma forma abstrata na cabeça entendeu?

A gente teve que fazer planos e ensino, não me lembro se foi no 1 ou no 2, já nos primeiros estágios tivemos que fazer plano de ensino e plano de curso, não aprendemos, eu confesso que estou no último semestre do meu curso, se você me pedir para fazer um plano de ensino ou plano de curso eu não sei fazer. Porque foi corrido, as nossas aulas começaram muito atrasadas e além dessas visitas de campo, que falam que “Vocês vão dar aula aqui, vocês vão dar aula ali.” E visitamos campos que depois eu não fui pra lá. Então a gente perde horas sendo que a gente podia estar aprendendo realmente coisas que seria da área de cada um, dentro daquela sugestão minha de dividir as áreas de estágio, estas aulas tudo bem começaram tarde por causa do calendário acadêmico, mas que começem direcionando pra onde a gente vai trabalhar. A gente fica visitando campo, e olha aqui esse projeto funciona assim, assado, mas depois nunca mais piso lá. Prá que ele me serviu? Pra nada ne! Perdi a linha de pensamento...

Bem...Que as experiências de campo possam ser melhores aproveitadas, por que eu lembro que nas primeiras aulas eu visitei um projeto que eu fiquei super animada com ele,

mas na horas que eles dividem por conta própria as turmas, eu fui pra outro lugar, eu até animei, porque quando a gente entra pro estágio, aluno como eu, que se preocupa, que quer planejar e fazer alguma coisa legal, aí você volta pra casa e pesquisa alguma coisa ali, já pensa nisso pra próxima aula, mas quando você chega na próxima aula e divide, você vai parar lá num lugar que você nem foi visitar.

Então acho uma perda de tempo esse negócio de visitar campo, eu acho que seria até melhor não visitar campo nenhum e já ir pra lá direto entendeu?! Já divide, já apresenta o que vai fazer, já que vai dividir a turma depois de qualquer jeito. E eu também nem sei que critérios são esses de divisão, eu lembro que deu muito problema questão de localização pros alunos porque as vezes o aluno mora no universitário e tem um campo lá perto no centro, mas na hora de distribuir manda o aluno pro garavelo. Lembro que isso deu muito problema, e as reclamações de pedido de troca e uma falta de flexibilidade, comunicação entre professores do estágio e nós alunos, ela causou alguns problemas.

Ah lembrei o que estava falando... Agora sobre a estrutura do plano de curso e plano de aula, não houve tempo e explicação suficiente para desenvolver. E um terceiro fator, foi exatamente uma colinha, olha o modelo “Eu quero que vocês façam um desse e entregam até tal dia”. Então fica um prazo, que na verdade, eu lembro que eu não soube fazer, eu procurei um outro grupo, porque assim, distribuiu grupos e temas e textos, ai você segundo aquele texto, segundo aquela bibliografia vocês façam esse plano de curso, e de ensino... e aí chegava um grupo “ou, você entendeu?” – “não, não entendi não!” – “ou, você já copiou?” Copiado!!! Tipo, deixa eu copiar e só trocava as bibliografias, quem não tinha bibliografia... “ou me dá um livro aí” pega e rouba uma bibliografia, tudo mentira. Eu posso começar a falar sobre uma falta substancial de conteúdo mesmo, estágio desde o 1 até o último, no curso inteiro. Até a gente entregou os planos de ensino, os planos de curso tiramos lá nossas notas, mas ninguém aprendeu a fazer.

Hoje já terminei todos os estágios e se eu precisar fazer pra entrar numa escola eu vou ter que consultar uma ajuda denovo, de um amigo meu que tenha aprendido a afazer de alguma forma, não sei de forma, pra eu poder fazer o meu porque realmente ali não deu suporte e com certeza não sou a única que está falando isso. Eu lembro que foi bagunçado, já começou bagunçado desde o primeiro.

2. Como se dá o planejamento das aulas que você vai ministrar? Que tipo de orientação você recebe para a elaboração desses planejamentos?

Nós aprendemos entre aspas a fazer o plano de aula, que também virou uma colinha a gente teve um textos pra ler, foi explicado que a gente tinha que ter uma metodologia, realmente foi falado, só que na prática mesmo... isso foi antes da prática, aí na prática mesmo, como os primeiros trabalhos de estágio são coletivos aí fica meio bagunçado vamos dizer assim. No meu primeiro estágio eu lembro que éramos sete, sete pra uma turma de coral de criança, é muito estagiário e aí fica assim, quem vai fazer o plano de aula hoje? Ah, é você! – Ah, não deu tempo, passa pra fulana, fulana liga pro fulano... então trabalho em grupo com esse tanto de gente dá muito trabalho.

Então os planos de aula foram corridos. “Ah não coloca qualquer coisa.” Vai colocando, colocando, colocando. Tinha dias que eram realmente o que a gente fez ? Sim, tinha dia que foi mas tinha dia que foi só encheção de linguiça no plano porque esses planos de aula valem pontos tem que ser entregues depois, e depois no final serem anexados no livrão. Acaba sendo muito mais obrigação, de que a gente tem que fazer esse plano de aula e se não deu tempo, se esqueceu, se a pessoa faltou, e ficou doente e não avisou, se qualquer coisa que aconteceu, copia da aula anterior e só muda alguma coisa aí. Fica mais uma coisa fake.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica, considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para sua formação?

Nesse ponto dessa pergunta foi bem interessante, eu gostei muito. O primeiro campo foi o alternativo que foi o projeto na Paróquia do Itatiaia, que foi esse trabalho com sete estagiários e foram crianças. Eu estava morrendo de medo porque nunca dei aula pra crianças, nunca. Porque sou cantora profissional, cantora lírica e cantora popular então canto em casamento, canto em orquestra como cantora solo. Na orquestra sou corista e sou solista também, em casamento corista, solista, professora particular na minha casa, professora em escola mas assim, aquele tanto de criança junto como um coral, eu nunca fiz isso e nem tenho repertório coral, não tenho material, não tinha nada. E eu fiquei assim, no início como é tudo muito bagunçado a gente fica assim “Meu Deus do céu, a gente sozinho com esse tanto de criança.” Aí depois que você vai saber que tem mais uns colegas com você, depois você vê quem que é. Não é uma coisa organizada, bem estruturada, tudo clarinho que você vai saber, a gente passa muito sufoco até saber que você vai ter companhia, quando fiquei sabendo que ia ter companhia eu fiquei um pouco mais tranquila. Mas mesmo assim eu fiquei muito nervosa diante que era algo novo pra mim, eu nunca havia trabalhado antes, eu não tinha repertório, não tinha material e eu fiquei muito preocupada, do que eu poderia fazer ali com mais seis estagiários.

Acabou que ficou assim, eu sou cantora e por mais que eu não tenha trabalhado eu gosto de criança então a gente foi adaptando, eu canto, o que você faz? Eu toco flauta. O que você faz? Eu toco piano. Então a gente foi se virando, e voltando ao plano de aula, era assim...o que você vai fazer aula que vem? Porque tinha que ter um regente e um vice regente em cada aula, então tinha sempre que estar trocando pra um fazer a aula, um outro apoiar e os outros só olharem, tinha que garantir que todo mundo fizesse seu trabalho. Só que tinha que um faltava e não avisava, tinha dia que um ficava doente ai tinha que pegar um que já foi, ou tinha que pegar um que não foi. Era muito “vamos ver o que vai ser”.

Mas foi interessante porque puder ver como seria a realidade, como que é uma escola com uma sala de crianças, como funciona, porque eu sozinha não seria capaz. Tá, seria...mas nossa eu ia ter que pegar aula de teclado rapidão e pegar repertório infantil e tirar aquilo e pensar em divisão de vozes, ia ser bem mais complicado pra mim. Então foi bom o trabalho em grupo mas achei que foi muita gente dentro de uma sala, foi basicamente um instrumento de cada, então foi legal porque teve uma pianista foi o que e deixou mais tranquila...Ah que bom tem! Como já dei aula em igreja que não tinha instrumento eu sei aquecer se ter um teclado, eu sei fazer um exercício sem um teclado, eu sei fazer um canto acapella, onde eu falo que me viraria do meu jeito, mas falar que o estágio me deu um suporte, não posso falar que deu, porque se eu estivesse sozinha lá eu ia ficar desesperada, muito desesperada nas primeiras aulas, mas ia acabar pegando meu ritmo sozinha. Mas como foi com um grupo eu achei legal porque a gente se ajudou se apoiou e teve muito problema por ter muita gente, cada um com uma cabeça diferente então as vezes uma aula que um regente preparou ai chega outra pessoa não quer daquele jeito, ou no meio da aula discorda, aí começa a discutir, deu muita discussão eu tive muitos problemas com colegas.

Foi assim, foi gratificante foi legal conhecer a realidade do canto infantil de uma escola o projeto em si mas a convivência com os meus colegas foi muito desgastante, muito mesmo então as vezes eu pensava: Ai meu Deus, como queria estar sozinha neste estágio. E na realidade teria sido ideal, trabalhar em grupo mas ter duas partes, a parte do trabalho em grupo da observação de regência, semiregência e observação, que são os três pontos, mas que depois uma parte sozinha que não teve.

Nesse estágio das crianças como poderíamos fazer um recital se fosse dividir pra cada um, se fomos sete? São seis ou sete musicas aí como que num período de quatro meses as vezes menos por causa de feriado sei lá, cada um vai conseguir trabalhar uma musica? Então ficou quem faz? Quem não faz? E eu como me disponho muito, eu me lembrou que sobrou muita coisa pra mim durante todas as aulas. Passa pra X, ela canta, entendeu? As vezes folga de um e o outro sobrecarrega, esse que sobrecarrega fica com uma responsabilidade maior ele quer fazer do jeito dele, vou pegar de mim e aí chega o outro, não, não é assim....é muita tensão. Mas no final deu certo, eu apresentei minha música, acho que teve mais duas ou três músicas, então não foi todo mundo que regeu uma música, eu consegui reger o coro, foi bem legal, mas foram as minha idéias, do meu jeito e a música que eu levei. Que eu lembrei, que reaproveitei do estágio que eu fiz quando cursei educação musical a mais de dez anos, não sei se posso falar que foi sorte, porque eu gostei muito da música que a menina tocou no estágio e eu gravei. Aquelas músicas infantis que gravam , e lembrei, pesquise novamente e usei. Mas repertório, repertório mesmo, partitura de coro infantil eu não tenho, e foi tudo de ouvido mesmo.

Depois eu fui pro Espaço de Ensino Básico, no outro estágio fazer regência de adolescente. Eu participei do estágio espaços alternativos foram crianças, no Espaço de Ensino Básico onde conheci adolescente, onde fiquei super nervosa a princípio porque colegas sempre me falavam que adolescente é difícil. A gente sabe que criança é difícil, mas criança não deixa de ser criança, aquela inocência entendeu? Mas o adolescente não, é um adulto já, eu tomo pelos meus sobrinhos. Mas aí eu ficava pensando que eram adolescentes, já o repertório vem mais pro pop, mais pra coisa atual que eu gosto, então pensei que seria mais interessante. Eu fiquei preocupada com o comportamento deles, mas sobre repertório eu fiquei mais tranquila. Eu realmente fiz um pop, eu chamei...tentei fazer uma banda com os próprios colegas do meu curso, eu não consegui, eu tive que chamar músicos de fora pra tocar comigo e inclusive isso é um ponto, não sei se cabe na pergunta, que também fica a mercê de poder conter dentro do estágio com os alunos do estágio, com a estrutura do estágio pra fazer a coisas que o estágio tem que fazer, que ele requer, que é o recital. A gente não tem que fazer um recital? Com criança no alternativo, com adolescente no regular e depois o Espaço Especializado? Então que ficasse pré-estabelecido as condições pra tal, e não pra eu ter que me virar sozinha pra fazer um recital que eu nunca fiz na minha vida. O bom do ser humano que ele se adapta diante das pressões, diante de todos esses estresses eu acabei que encontrar meus próprios meios de fazer as coisas acontecerem, aí eu tive que chamar dois músicos amigos meus de fora, chorar pra não pagar cachê...e se eu tivesse que pagar? Olha aí, eu teria que pagar dois músicos de fora pra pagar um recital de estágio que é obrigatório pela faculdade que é gratuita? Não tem lógica. Falta estrutura nisso de levar o aluno concluir o que ele tem que fazer por obrigação, se a gente tem obrigação de apresentar então teoricamente a faculdade teria que ter a obrigação de dar a estrutura, até equipamento mesmo, pois os instrumentos foram dos próprios músicos amigos meus que foram pra lá. Por que lá mesmo, se eu for contar com amplificador, microfone, instrumento, não tem...outra coisa fake do estágio.

No Espaço de Ensino Básico começaram as aulas atrasadas, tivemos pouquíssimas aulas, pra distribuir pra quatro estagiários, e eu me senti muito lesada por conta do tempo porque a minha música era em inglês e por mais que a galera adolescente gosta de inglês, não era todo mundo que falava. Precisava de um tempinho na aula ali pra passar a letra da música, porque eu falava pra pegar a letra em casa, mas a gente sabe que ninguém faz isso, mas se fizesse isso me ajudava a cumprir o lado musical do recital. Eu tinha então que passar o inglês e tinha aluno com dificuldade, e o que eu ia fazer com aqueles três alunos que não sabiam falar inglês? Vou falar que eles não iriam apresentar? Tirar o problema da minha frente? Não posso, então tive que tirar um tempo ali, aí minha professora supervisora começou a achar

ruim porque eu estava demorando demais nessas preparações tipo letra, e aquecimento vocal porque eu era a única cantora desses quatro estagiários. Eram dois de sopros e um de teclas e eu era a única cantora e eu me preocupava muito o que era a preparação corporal, que era da minha área mesmo, eu estava aplicando aquilo que era da minha área, que eu faço, eu sou cantora profissional, sou professora então a minha supervisora achou ruim e diz que eu estava perdendo muito tempo com isso.

Já vem outro ponto falho que foi essa questão da supervisão, a supervisão nunca funcionou, nunca. Essa professora supervisora, lembro que quando eu cheguei ela achou bom que eu era da área do canto e reconheceu que ela mesma não tinha conhecimento da área, não sabendo fazer muita coisa. Como que me põe diante de uma supervisora que não sabe, e que eu sei mais que ela e depois ela vem reclamar do que estou fazendo. Se eu estou na regência então eu como professora regente não posso ter minha autoridade de professora subjugada por um professor supervisor que já de cara falou que não sabe fazer as coisas. Fica uma disparidade entre conteúdo, prática, acompanhamento, supervisão, orientação. Eu não tive orientação nenhuma da minha supervisora e aí fica assim, lá no fim do semestre aquela coisa ... “Nossa professora supervisora X parabéns, o recital dos seus alunos foram muito bom!” Não!!! O recital do professor estagiário foi muito bom, porque o trabalho foi todo meu. A gente é jogado lá no estágio, sem estrutura e tem um prazo X. E como eu não tinha experiência de prazos, eu ainda tinha que dividir meu prazo com meus outros estagiários tanto no Espaço de Ensino Básico quanto lá no alternativo a gente fica meio sem noção de cronograma. A gente programa uma coisa e na aula que vem quer aplicar, mas aí a aula começa atrasada, a turma está bagunçando e até você organizar a aula, a supervisora foi na coordenação e você tem que esperar, imprevistos que acontecem que fazem a gente não cumprir aquele plano de aula que a gente realmente fez.

A diferença do Espaço de Ensino Básico para o alternativo foi que realmente eu fiz meus planos de aula baseados na minha música que ia fazer no recital, já no alternativo foi um trabalho todo em conjunto que um dependia do outro, ou um jogava pro outro ficava mais confuso e menos autônomo. No Espaço de Ensino Básico eu já tinha mais autonomia então tive que fazer a música acontecer do meu jeito e no final ainda levei mais uma bronca porque eu não dividi as vozes. “Ah, porque em todo esse tempo você não conseguiu dividir vozes?” me chamaram pra uma reunião pra decidir minha nota, pra me criticar, me julgar diante de um prazo curto, diante de uma pessoa que nunca esteve diante de um coro adolescente e que eu também não tenho repertório de coro adolescente foi algo que eu tirei de ouvido da música. Escrevi tudo sozinho, fiz todo o meu trabalho assim como no alternativo e no final ainda levei bronca. É sempre assim, a gente se mata mas pro supervisor e professores de estágio a gente não está fazendo nada. Porque lá no recital você não dividiu as vozes, como assim você é cantora, professora de música e você não divide vozes.

Dessa reunião eu fiquei muito chateada, minha ficha já tinha caído de que o estágio era uma falsidade, mas nesse Espaço de Ensino Básico eu fiquei realmente; eu já estava decepcionada com o anterior mas nesse Espaço de Ensino Básico, eu realmente comecei a falar pra todo mundo, a denunciar que era uma mentira. E eu escrevi isso num “relatório”, nem sei que tipo de documento que era, falei e justamente por isso me chamaram pra essa reunião porque que só eu estava escrevendo tudo aquilo, porque que só eu estava vendendo o mundo cinza daquela forma. Não é que nem estou vendendo o mundo cinza dessa forma é porque lá as coisas são cinzas sim. E eu não estou preocupada com nota, vocês podem me dar a nota que for desde que eu passe porque eu fiz meu trabalho, agora se os outros não tem coragem de escrever pra ganhar dez aí já é problema deles porque se aqui está falando pra descrever como que foi os aspectos positivos e negativos, claro não foi tudo ruim, mas se eu preciso falar como foi a supervisão, se eu preciso falar das estruturas porque que eu não vou falar. E esse mundo aqui é cinza, eu sei que meu mundo é colorido, meu mundo e a música é colorido, mas

aqui não é. Então não estou vendo o mundo cinza, isso aqui é, é a realidade e se vocês não querem ver não posso fazer nada. E se os outros não estão falando também eu não vou me juntar na maré de ficar com uma nota alta no estágio, e eu acabei ganhando seis ou seis e meio sendo que eu rale pra caramba pra terminar aquilo.

E acabou que o estágio serve pra você aprender a se virar sozinho (risos)
(Você terminou o estágio no espaço de Ensino Específico?)

Terminei no espaço de ensino específico que também não foi diferente. Só que aí a autonomia foi toda minha que eu fiquei muito mais agradecida. Porque foi meu ritmo, eu estava podendo fazer meu cronograma. O Primeiro semestre no espaço de ensino específico eu dividi com uma colega de canto. Mas era só eu e uma menina que era de canto, mas realmente era só eu e essa menina na nossa própria área. E como a gente já era amiga a gente conversava, a gente fazia o plano de aula junto, só eu e mais uma, duas estagiárias pra reger uma turma com quatro mulheres, um quarteto, não era a idéia, virou um quarteto porque não teve mais gente. A gente dividia isso também foi bagunçado, a gente dividia uma turma, depois eu tinha um coro, e ela ia pra outro lugar, tive um coro de 15 pessoas, adultos; então a ordem foi crianças, adolescentes, adultos nisso achei interessante. Aí já me senti mais a vontade com adulto porque é algo que já é mais comum. Mas repertório coral é uma coisa que eu não tenho, porque eu sou cantora solo, ali na faculdade eu faço canto solo então as partituras que eu tenho são as minhas. Não teve no estágio um banco de acesso, algo que disponibilizasse material, que fomentasse, é tipo se vira, cace na internet, pegue com alguém. Só que eu não gosto dessas músicas corais tradicionais, eu gosto de outras coisas então realmente seria algo que ou eu tirasse de ouvido ou eu pagasse alguém pra fazer uma edição pra mim, ou ficasse procurando na internet sei lá, algo depois eu me viro.

Mas o meu curso é pra mim, é contraditório isso, o meu curso é pra mim, eu to lá no canto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, recital final, mas são peças solos, minhas, recitais meus, apresentações públicas minhas e no meu curso está escrito la assim Licenciatura em ensino do Canto, cadê??? Saindo um pouco do estágio e fazendo um link, lá nas aulas de canto tinha que ter alguma coisa que fizesse um link com o estágio, eu acho totalmente, s minhas aulas de canto é o meu universo de cantora solo, a minha performance e o estágio é eu professora são duas vidas que eu vivo.

(Seria como se você tivesse feito um curso de bacharelado com algumas matérias da área de licenciatura?)

Tipo isso, porque as minhas aulas de canto eu estou preparando o meu recital. O que é a aula de canto? Recital. O que é a aula de canto? Repertório e técnica. Técnica vocal e repertório porque a gente sabe que no fim de cada semestre eu vou ter que fazer um recital então a gente já entra na primeira aula de canto do semestre pensando, recital no fim do semestre. E não professora. Aí eu pego das minhas aulas o que eu apreendi e pego pra mim e aplico também. Então fica algo meio que por osmose. Não tem link entre a aula de canto e os estágios é como se fossem duas vidas diferentes.

Voltando para o estágio do ensino específico... Essas experiências contribuíram porque como foi tudo muito difícil deu pra encaixar um pouco com essa realidade que os colegas estão concursando e falam as mesmas coisas. Olha a gente não tem estrutura, olha a direção aqui larga a gente, olha aqui meio que lembra o estágio lá. Então ate parece que o povo faz brincadeira do tipo que aqui é só um treinamento pra você sofrer lá. Você sofre aqui pra quando você for sofrer lá você já acostumou.

Mas eu lembro que no estágio do espaço de ensino específico eu ia praticar o que meu curso fala pra mim, que é ensino no canto, mas qual que é meu canto? O Canto lírico, eu não estou aprendendo canto popular na faculdade, não existe canto popular na faculdade, eu sou cantora popular antes de ser cantora lírica, eu faço esse trabalho conjuntamente. Mas o que todos os cantos que foram em todos os estágios, que foram quais? O popular. Outra coisa fake

da faculdade porque se eu estou sendo formada com árias de opera, com canções antigas, desde a idade média, renascimento, classicismo, Mozart e tal até a música contemporânea eu não apliquei isso. Eu posso falar que apliquei no último estágio, não no penúltimo estágio que eu fiz porque a gente tem que cumprir quatro horas e o ultimo aluno meu ele era o único de canto lírico, único mas acabou que ele faltava muito, não levava o material ele acabou que desistiu e pra mim não valeu nada. E eu estava ansiosa por isso, e meio que nervosa porque ia ser realmente meu primeiro aluno de canto lírico da minha vida. Porque todos os meus alunos tanto particulares quanto no estágio do espaço de ensino específico foi tudo popular. Então falei: Não, nossa agora então vamos ver. E meio que não foi. Também algo fake, se eu faço canto lírico porque estou dando aula de canto popular no estágio? E coral né... se estou fazendo canto lírico solo porque que estou sendo professora de coro, sendo que em disciplina, voltando pra pergunta um, disciplina nenhuma me prepara pra eu ser uma regente, não tem uma disciplina que ensine fundamentos de regência, qualquer coisa que depois vá me ajudar no estágio a reger um coro de criança, depois um coro de adolescente e um coro de adulto com todas as idades né. Porque tinha lá adulto uma menina de 17, depois uma senhora de 50, com um senhor de 60, com uma jovem de 30, não tem nem divisão tipo um coral jovem até 35 vamos dizer, e um coral adulto de 35 até que idade que for. Também não tem essa divisão, junta tudo ali um já sabe cantar o outro não sabe nada e eu planejo a minha aula pra fazer um aquecimento que chegou lá não saiu de jeito nenhum porque metade afinou e a outra metade não afinou. Na hora tenho que mudar meu plano de aula e depois chego lá no plano apago e mudo porque tenho que entregar, então é um mundo paralelo mesmo.

Voltando a pergunta se contribuiu, contribuiu porque eu fui exposta a situações que eu nunca tive e realmente o objetivo do estágio é esse. É um desafio mas que tinha que ter estrutura, tinha que ter um apoio, uma orientação. Os professores do estágio que estão lá nas aulas que a gente é obrigado a ir, aulas expositivas metodológicas antes do campo, então são duas aulas, uma que você vai pra faculdade ler os textos, entregar os trabalhos, discutir e o campo. Então não é só uma aula de estágio tem a teoria e a prática, só que nesta aula teórica já que a gente está indo lá, tinha dia que era 7:30 da manhã que a gente tinha que ir realmente preparado. Olha gente funciona assim, vamos fazer grupos assim. Se agrupasse a gente em áreas, desde o início eu com minhas colegas de canto, sopro com sopro, cordas com cordas, pra gente poder trabalhar dentro da nossa própria área. Não sei se é um objetivo do estágio mesmo, expor a gente a diferenças e fazer com a gente fruições, não sei se está dentro dos objetivos dos professores, também não sei. Mas que ficou muito afobado, corrido, desorganizado. Foi legal porque gostei das crianças, gostei da escola, eu gostei dos adolescentes, eu gostei dos meus adultos e tal, mas focando nos professores da faculdade, na metodologia de cada um, eles foram muito falhos.

4. Como são elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual a importância dos relatórios de estágio para você?

E se eu te falar que isso foi um negócio bagunçado. Eu lembro que eu entreguei o relatório do Espaço de Ensino Básico, tanto que eles leram os dois professores do estágio leram e fizeram uma reunião comigo com a minha supervisora, pra ficar cara a cara mesmo ali. Eu não lembro de ter entregue relatórios nos anteriores, realmente eu não me lembro. Nos anteriores no caso da paróquia com as crianças, e os primeiros que não teve campo, foi só a introdução. Não me lembro, sério mesmo, não me lembro. Inclusive teve uma disciplina que cursei no semestre passado que se chama Currículo, que os alunos do estágio atual para que teve uma diferença sim, que os alunos falam que os relatórios são obrigatórios, na nossa época parece que não era. Eu não lembro disso assim, eu lembro que teve um documento que eu tive que preencher no Espaço de Ensino Básico, desse eu lembro. Agora do anterior eu não me lembro e do espaço de ensino específico de música eu também não lembro. Eu lembro dos planos de aula

desde o alternativo, do Espaço de Ensino Básico, e do espaço de ensino específico de música. Agora relatório do espaço específico de música eu não lembro de ter entregue. Não lembro!!! Ah e outra coisa, voltando pro Espaço Específico, essas três turmas que eu tive, quarteto de mulheres que eu tive que dividir com a estagiária que também ficou bagunçado porque as vezes eu planejava uma aula e ela planejava, não conversava comigo e ficava aquela coisa desconexa. Planejamos algo para quarteto a aluna saiu e ficou trio já vai mudar tudo a gente teve que mudar. Ai a gente planejou, uma musica popular uma música bem antiga e uma música erudita. A minha colega começa uma música erudita que a turma não se adapta e ela entra com um samba não adapta também, eu entro com uma música antiga e adapta, sabe tem que trocar. Uma afina a outra não afina, são três contraltos, como vai fazer? Não tem uma soprano? A gente realmente se vira. E eu não tive supervisão no meu estagio 5, nunca, em nenhum dia que eu e minha colega fomos ministrar aula a supervisora esteve no campo, nunca. E ela no final ainda brigou comigo. É muito complicado isso porque não tem comunicação entre os, estou falando de mim, mas já vi outros alunos falando, não tem comunicação.

Inclusive, tinha uma aula só com a minha Supervisora, a X que eu tinha que estar comparecendo antes de ir pro espaço específico, e eu não fiquei sabendo dessa aula. Eu fiquei sabendo no decorrer do semestre onde minha colega me perguntou porque eu não estava indo nas aulas da X. Eu falei: Que aula? A aula que você precisa ir. Eu não estou sabendo de aula da X. Aí ficou assim, como se eu tivesse errada, sendo que na minha grade ninguém tinha falado pra mim. E eu perguntei pra ela como ela tinha ficado sabendo disso. Olha eu sou aluna do noturno e não estou participando das disciplinas de manha essa colega minha era de manha, ela via os professores e estava dentro do movimento, eu não, eu estou no noturno eu não estou lá, então eu não fiquei sabendo, e acabou que eu fiquei levando falta, eu fiquei mal vista, e eu não tinha direito de reclamar porque não estava indo. E eu quase reprovei, sendo que eu fiz o mesmo suor de trabalho com as três turmas que eu tive que foram esses trios de mulheres, o coral de 15 pessoas e meu aluno individual de canto lírico a noite.

É uma realidade complicada, a gente se estressa, a gente se desgasta, a gente sai de errado, a gente tira nota baixa, eu tirei nota baixa nos três estágios, nos três campos, sendo que eu fiz o máximo de mim. todos os meus alunos estavam de prova, todos os meus colegas que estavam juntos estavam de prova, mas todos os professores me deram nota baixa por causa de alguma coisa que e deixei de fazer, por exemplo. E tudo aquilo que eu fiz? Cadê a consideração, cadê minha nota? A gente vai aprendendo a se virar.

Se eu ficasse esperando a X chegar eu não ia dar aula nenhuma. Se os alunos falassem assim, não vamos esperar a supervisora, a gente ia ficar lá e eles iam falar que a gente estava liberado. Já pensou se eu fizesse isso...não. Acabou que não deu certo da gente fazer o recital com nenhuma das três turmas porque o ultimo aluno de lírico começou a faltar, não teve recital dele, as três mulheres não afinaram não teve o como apresentar, e o coral de 15 foi saindo alunos ficou desfalcado e não teve como fazer recital. Eu estava super animada pra fazer o recital e não teve.

E no estágio 6 que também foi no espaço específico de música cheguei na coordenação e falei assim: olha me passem os horários antes, pra eu ficar sabendo certinho quem que é quem, porque eu também ficava assim em questão de horário, era na sexta então nós éramos obrigados ir na sexta feira, se a gente não pudesse na sexta feira, como eu tinha matéria obrigatória na sexta feira, eu tive que deixar de cursar pra pegar essa matéria daqui a um ano, eu atrasei o curso também por causa disso, e porque era só na sexta, e como meu curso era noturno eu fui obrigada a ficar até 10 horas da noite. Sendo que eu queria ter feito o estágio pela manhã ou a tarde porque moro longe, não tenho carro, condições super inadequadas. No estágio 5 eu fiquei até 10 horas, e tinha dia que eu ficava esperando meu aluno, porque a

gente tem que ficar, se o aluno chega atrasado meia hora atrasado e se eu fui embora o aluno fica solto lá na escola. Então ficava até 10 horas esperando.

No estágio 6 eu fiquei esperando eles me avisarem quanto alunos eram, e eles falavam a gente vai passando, a gente manda e-mail, a gente entra em contato. Eles não entraram em contato comigo, eles, no caso a coordenação e monitores, mandava e-mail, e eu não tinha resposta do e-mail, ligava, atendia e eles falavam que ia me passar. Sabe o que aconteceu? Eu não tive aluno no meu estágio 6, que seria aquele recital maravilhoso que você fica sonhando em fazer, eu passei minhas férias falando o que iria fazer, as músicas e não tive alunos. Eu tive que ir no campo, tinha dia que eu ficava 4 horas porque eu mandava mensagem pra X e falava, X tem aluno hoje? E ela falava: vem pra ca porque se tiver você esta aqui e precisa cumprir suas horas. Aí eu ia....só recapitulando, não tenho carro, a noite, moro longe, ia ficava lá, passava a primeira hora e perguntava tem aluno? Ah a gente ainda está organizando. Quando dava a metade da segunda hora indo pra terceira eu falava, eu vou embora. Não você tem que ficar porque você tem que cumprir suas horas, 4 horas seguidas. Então nas primeiras aulas eu ficava, ai quando chegou mais pra frente que começou a ficar super desrespeitoso da parte deles comigo eu comecei a ir embora mas a X falava você tem que ficar.

Teve um dia que estava preparando pra chover e eu falei com ela que ia embora, e ela falou que eu tinha que ficar, e eu estava sozinha na escola e não tinha ninguém a noite, sexta feira de noite não tem ninguém, só estava eu. E ninguém me falava os nomes se tinha alguém, e eu pensava caramba vai chover, vai cair um pé d'água. Eu fiquei, caiu um pé d'água e eu tive que ir embora da faculdade depois que a chuva passou sozinha. É muito desorganizado, eu fiquei sem fazer, eu fiquei muito preocupada se eles iam me dar reprevação por causa disso porque eu não dei aula. E fiquei o semestre inteiro cobrando e mandando mensagem. Os monitores até brincavam comigo perguntando se eu realmente queria dar aula. Quando chegou no fim do semestre aí eu cheguei e perguntei, com quem eu vou resolver isso aqui pra alguém me dar alguma nota de algo que eu não fiz e como vai ficar aquele recital que tem que ser jogado no site, que precisa ser filmado e anexado no site, eu também nem sei que site e que tipo de anexo é esse, eu nem sei que filmagem é essa, como requisito para finalizar o estágio junto do livrão.

Ai ficavam mandar procurar o fulano, o outro fulano, e eu pensava meu Deus eu não quer fazer isso de novo, fazer de novo o estagio 6, vai atrasar meu curso. E acabou que ficou por isso mesmo, fui conversar com a própria X, e ela falou, eu vi que você veio vou lançar uma nota. Eu tenho uma nota de estágio 6 sem ter dado uma aula. Então gente, passei por tudo nesse estágio.

(E o livrão do estágio 6?)

Eu não entreguei o livrão. Ficou assim bagunçado do inicio ao final. Eu ainda não tenho esse livrão pronto, tenho que achar todas as documentações do estágio dentro de uma caixa que está na EMAC, que estava com a X que depois estava com a professora Y. Eu já fui lá uma vez e parece que eu não encontrei um do estágio 3 se não me engano que eu já nem lembro mais o que foi que teve e que não. Eu consegui pegar do 4 e do 5 o 6 não tem nada. Ai como que eu vou fazer um livrão onde o 6 não tem plano de aula e não tem nada, e perguntaram pra mim, você recebeu nota do estágio 6, eu disse que recebiSem o livrão? Foi ué. Como eu vou entregar uma coisa, que eu vou formar, já terminei os estágios em o 6 com uma nota fictícia, fictícia relativa as minhas presença que eu fui lá esperar aluno e ficar na cola deles e não teve nada. Mas agora vou ter que recolher tudo isso nesse semestre, no 5 que foi junto com a minha amiga teve plano de aula dela que não funcionou que teve que trocar e acabou que eu não sei o que ela tem de plano de aula, e eu também lembro que teve dia que deu tudo errado e depois eu pensava em trocar o plano de aula, não troquei. E é bagunçado e a maioria dos meus colegas falam isso também. Então estou bem preocupada

com esse livrão porque ele é pré-requisito pra formar e eu estou formando agora, vou ter que fazer esse livrão todo incompleto e costurado.

5. Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência. Sendo assim, como o estágio supervisionado contribui para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

A gente aprende lá o seguinte, faça o que eu falo mas não faça o que eu faço. Porque eu tive uma supervisora que era professora de canto na faculdade e que não fez nada. Ainda falou que não ia me passar. E quis me dar um trabalho num período extra, porque já estávamos de férias, eu tive que ligar pra residência dela, com autorização da secretaria pra pedir pra que ela assinasse o documento final que a gente tem que entregar com os planos de aula e umas assinaturas lá, e ela falou, não vou assinar, não vou te passar, entrei em contato com meu coordenador noturno do meu curso, denunciei isso, aí ele foi conversar com ela. Foi ele que resolveu e ela resolveu assinar, mas foi assim, olha só estou assinando porque isso é aquilo, porque você não merece. A gente tem uma necessidade de construção de adaptação da nossa autonomia lá no campo, mas quando a gente sai do campo porque não tem ninguém lá com a gente ou seja, a gente realmente é o professor que está com aquelas pessoas, e temos que fazer o melhor por elas. Pessoas da sociedade, de todas as idades, de todas as classes e as vezes é um amigo seu, então você tem a sua autonomia ali, a sua autoridade mas a partir do momento que você entra em contato acadêmico com o seu supervisor ou com os professores de estágio parece que muda.

Ai você vira um ser-humaninho assim frágil, dependente deles que eles tem que aprovar, que eles tem que mandar em você, que tem que ser do jeito deles, mas eles não estão lá no seu processo. Eu considero valioso o processo diário, nós somos professores e em todos os momentos a gente está fruindo no mundo como Paulo Freire fala, fruindo do mundo as ferramentas que a gente precisa pra atuar como professores humanos, coloca ai CAPS LOCKS, humanos. Essa humanidade ali no espaço específico eu achei totalmente inexistente. Desde a coordenação até os monitores, até os professores de estágio, até os supervisores pra mim eu posso dizer assim categoricamente que o estágio foi em vão. Foi algo falso em termos acadêmicos, em vão. Em termos humanos pra mim o que eu frui dos meus alunos foi muito preciso. O que eu puder pegar como processo de autonomia pra mim foi do contato com os meus alunos e não com quem deveria ser, vamos colocar assim, de cima pra baixo, aqueles que deveriam ter me orientado e me apoiado porque eu não tive...

(Então essa triangulação não foi correta? Relacionamento estagiário, supervisor, campo?)

Foi inversa, e eu no meio. Eu creio que do mesmo jeito que cobram tanto da gente que a gente faça isso, que a gente faça aquilo....é tanto texto que a gente lê em tanta disciplina, desde fundamento filosóficos até metodologia e do próprio estágio que a gente é cobrado, cobrado, cobrado...e a gente tem que engolir todos esses autores, e você tem que ser assim, tem que ser humano, mas ao mesmo tempo aplicar avaliação, ser racional e cadê eles professores vivenciando isso e aplicando isso com a gente? Eles são professores, mas nós também somos, parece que, parece não, eles desconsideram e vou colocar um argumento aqui que prova, eles desconsideram que nós já atuamos na nossa área. A gente está lá na faculdade? A gente é graduando? É. Mas não é só por isso que não sou uma pessoa que não trabalho, e que já vou ter uma bagagem e que vou ter uma experiência extra UFG. Parece que

pra eles só UFG, e o mundo gira em torno da UFG e da forma que tem que ser daqui a UFG. Tudo bem se eu quisesse fazer um mestrado e um doutorado e ficasse somente ali na UFG depois, beleza vou entrar na dança ali, mas gente, eu estou dando aula na periferia com outro tipo de criança, com outro tipo de adolescente, outro tipo de mentalidade, é rock'n roll, é hip hop, que não tem nada haver com o que vocês estão passando aqui pro Espaço Específico. É muita disparidade.

O meu argumento é que a professora X quando ela se negou a assinar a documentação que me aprovaria no estágio 5, foi com tom de deboche, tom de desprezo uma coisa assim, ela falou: eu sé vou te passar se você fizer um trabalho falando sobre as três escolas de canto a alemã, a italiana e a francesa. Eu falei, professora qual o uso disso? Primeiro está fora do prazo, já estamos de férias, eu já fiz todo o meu trabalho que tinha que fazer. Primeiro eu não tive nenhum aluno de canto pra eu aplicar isso aqui, o que eu fiz foi tudo música popular. Qual a valia disso? São mundos completamente distantes. Se eu fosse depender da X pra fazer minhas aulas no espaço específico eu fico realmente pensando, meu Deus o que seria? Porque é uma cabeça lírica em frente de três turmas diferente uma das outras, onde a galera quer cantar música de rádio, quer cantar música brasileira, e aí ela vem me cobrar um trabalho das três escolas de canto alemã, francesa e italiana?

Fico pensando que essa bagunça toda foi até bom porque teria que ter acontecido dessa forma porque eu não sei como reagiria a um controle de supervisão inadequado a meu ver. Tudo bem que sou uma estagiária, uma estudante, estou graduando, meu currículo passa longe do dela, respeito demais, admiro, mas tem coisas que tem limite. Tem que haver respeito, tem que haver diálogo, tem que haver entendimento; como eu comecei o diálogo, não adianta cobrar só da gente, que faça isso ou aquilo, sendo que a gente não tem o feedback, não tem um retorno não tem um investimento deles na nossa parte pra gente poder dar algum fruto.

Os frutos que apareceram foram da minha parte. Talvez tenha sido isso que gerou conflito nos estágios, eu pensando bem hoje, porque não foi o que eles quiseram, não foi o que eles esperavam, foi o que teve que ser, o que apareceu, o que surgiu, foi o que foi adaptado e foi criado, foi o fruto que pra mim o que importa, foi a felicidade dos meus alunos. Porque eu vi na carinha de cada um quando houve recital, e quando não houve, dentro de cada aula as considerações as ligações, as mensagens e os agradecimentos. Isso eu guardo pra mim como processo da criação da minha autonomia como professora e como ser humano, porque acho que não tem como separar, como eles fazem, eles separam lá. Me tratem como coordenador, me trate como professor, me respeita; mas eles não tratam a gente como aluno que precisa de atenção, que precisa de cuidados, que precisa de atenção e acompanhamento. Eu não tive acompanhamento desde o inicio até o final, ferramentas não foram dadas como apoio, mas a falta de ferramentas foi a minha ferramenta pra poder seguir um ritmo, um fluxo de um processo que foi gerado a partir do estágio 1.

Não foi o que eu esperava, quando você se vê no meio de tudo aquilo, você fala: Poxa eu não precisava disso. Podia tanto ser assim, podia tanto ser daquela forma. Eu gostei dos estágios foram experiências gostosas no que eu te falei, no repertório que eu quis usar, como ninguém controlou isso, porque por exemplo se a X falasse é essa música, e se eu não quisesse trabalhar aquela música? Ela ia me reprovar? De um lado o supervisor seria um super auxiliar neste processo de autonomia porque, com a experiência que ele tem, ele ia me dar uma base, uma bagagem e eu adoro, a gente sempre tem que aprender, quem sou eu pra desprezar?! Mas mesmo diante de algo que eu não concordo eu poderia conversar com ela e a gente construir tudo isso junto. Mas não houve. Sempre sobrou pra mim e eu tive notas baixas. A gente vai fazendo nossas reflexões, dos nossos esforços, das nossas falhas, do tempo que a gente tem, do tempo que nos falta e foi importante sim o estagio contribuiu bastante para eu crescer como ser humano tal qual Paulo Freire, adoro, adoro quando ele fala

humanização e isso é o foco do meu processo, comigo como professora, como cantora, como ser humano e como aluna né. Ainda sou graduanda, a gente vai estar sempre aprendendo.

Então foi importante porque na falta de estrutura a gente cria estrutura, na falta de ferramenta a gente cria ferramenta. A gente vai estabelecendo e ampliando os limites trabalhando a paciência a flexibilidade e isso pra um professor é tudo porque quando a gente sai da federal e cai de cara com um concurso, isso são relatos, eu não dou aula estadual, nunca fui pra uma escola com quarenta alunos, mas, pelas experiências próprias que a gente acaba tendo lá a gente fica mais forte, fica mais sábio pra isso. Mas metodologicamente com bases científicas, a gente fica realmente faltando. E eu acho que tanto texto que a gente lê seria bonito se a gente pudesse aplicar na realidade. Porque os estágios na UFG poxa são convênios que teriam as condições ideais pra tudo isso acontecer, lá fora, os professores odeiam quando a gente fala lá fora, lá fora não, é uma outra realidade, nua e crua. Mas poxa, ali na faculdade tudo bonitinho, Espaço de Ensino Básico bonitinho, Espaço Específico, está tudo fechadinho tudo tão ideal e não acontece. Eu estou falando do meu curso, tem colegas que vem me falando de experiências mais gostosas, mais legais, mas pra mim não foi.

Nessa construção da autonomia fica algo bem pessoal, e todos os textos que você leu lá sobre criatividade, psicologia da educação, você vai se virando, você vai catando o que você tem ali e se você não tem nada você corre atrás.

Apêndice H_ Transcrição da entrevista ESTAGIÁRIA: F
Licenciatura Música: Canto.

- 1. Em que aspectos você considera que as disciplinas de estágio supervisionado atendem às suas necessidades como licenciando em música? O que você acha mais interessante nas propostas das disciplinas e na dinâmica de trabalho?**

Eu acho que sim, porque primeiro eu acho que o trabalho em conjunto, muitos professores de canto no caso, tem uns que sabem trabalhar em grupo e tem outros que não e o que acontece, muitos professores de canto tem que saber trabalhar em grupo também. Eu acho que o estágio proporciona você ver as condições do trabalho e de saber trabalhar em grupo, também ter a dinâmica para poder trabalhar porque cada aluno é diferente do outro e o professor de canto deve ter a consciência de que muitas vezes ele não vai ficar só com um aluno individual, ele tem que ter a consciência de que muitas vezes ele vai ter que dar aula em grupo, as vezes ele está ali na formação e ele vai ter que, vamos supor que ele pegue um coral pra poder dar aula, então o professor de canto tem que ter esse direcionamento e ter exatamente isso, a consciência de que ele saindo dali tem N possibilidades de trabalho pra ele, não só individual mas em grupo. É importante que ele saiba trabalhar em grupo, e no estágio isso me ajudou muito, trabalhar juntamente com os colegas. Tem muitos que conseguem trabalhar sozinho, mas quando junta o grupo para poder fazer uma aula juntos não conseguem administrar a dinâmica de como proceder, então é bom no sentido do estagiário conseguir trabalhar em grupo e conseguir como trabalhar com os alunos em sala de aula.

Os campos que frequentei no início foi a EMAC mesmo no Estágio 1 pra conhecer a estrutura do Espaço Específico, a escola municipal de Ensino Formal, e o Espaço de Ensino Formal B a gente foi lá também para poder ver o espaço do ensino público.

(Ah, essas foram as visitas?)

Essas foram as visitas. E o atual campo de estágio que estou é o Espaço Específico, por ser um instrumento específico que é o canto então eu sempre fico nessa área, as áreas que eu atuei, vamos supor em grupo, foram as escolas de ensino regular juntamente com meus colegas da educação musical.

(O estágio 2 você foi para qual campo?)

Fui para Academia de Música também. Eu dava aula para um coral junto com uma outra colega minha no 2 e no 3. Sempre o foco deles no instrumento é o Espaço Específico. No estágio 4 foi observação no Espaço de Ensino Formal A, a gente vai pra lá pra observar. Então no 4 foi assim: "gente vocês vão lá pra observar", só que o problema depois porque foi assim, no final do estágio a professora supervisora reclamou porque eles trabalham em conjunto e falou assim, "olha os alunos do estágio foram muito passivos" ou seja a gente não agiu durante o estágio e foi isso que nós questionamos nossa professora na época porque foi assim "professora você falou assim na época que não era pra fazer nada. Olha a professora vai dar aula e vocês só vão assistir", então tudo bem pra não ser antiético ficamos quietinhos lá e no final do estágio a gente ouviu isso mas assim no tudo foi bom. No geral foi ótimo fazer estágio lá.

- 2. Como se dá o planejamento das aulas que você vai ministrar? Que tipo de orientação você recebe para a elaboração desses planejamentos?**

Olha eu que peguei aluno individual para este semestre a primeira aula deixo pra conhecer o aluno então ele vem com o que ele tem, o que ele contém eu deixo ele livre, converso. Na primeira aula faço assim a partir do resultado dessa primeira aula eu vou fazer

todo o planejamento das outras aulas seguintes. Então na primeira aula identifico algum problema que ele tem ou vícios no caso e aí eu vou fazer o planejamento que ele precisa melhorar pra poder ajudar e tem aula didática a esse respeito da preparação pra poder ver como eu vou trabalhar com o aluno. Uma vez na semana além de ter o Espaço Específico uma vez por semana eu tenho que me encontrar com a professora de canto que não é a minha, uma outra professora de canto que trabalha com o estágio mesmo como orientar o aluno de canto pra poder dar aula, eu não sei se os outros instrumentos são assim mas pelo menos no 5 e no 6 tem um professor de canto específico pra poder me orientar no que fazer. Então trás texto pra eu ler, ela assiste as minhas aulas, ela vai pra sala junto comigo e ela me observa e observa meu aluno e a partir dali ela faz as observações dela e dá o parecer dela ao final das minhas aulas. Eu tenho 4 alunos e ao final da aula ela vai escrevendo e anotando então na sala quando eu dou aula ela está lá só pra me observar então eu tenho toda a liberdade pra poder fazer o meu trabalho, trabalhar com o aluno aí uma coisa que não tá legal ela fala "olha podia fazer assim, ou aquilo outro" e na primeira aula ela faz a mesma coisa, na primeira aula ela me deixa sozinha com o aluno porque o aluno é seu então ele tem que ter um laço com você e não comigo, ela chegar na primeira aula e aí ele já fica acanhado e não consegue desenvolver. Então ela faz assim eu não sei se fossem outros instrumentos e eles fizessem assim daria um ótimo resultado porque é uma orientação, ao meu ver, preciosa.

A primeira vez que eu dei aula na minha vida foi no estágio, então pra mim o estágio tem tido grande importância por causa disso porque eu tinha muito medo de dar aula. Tipo assim eu faço canto eu consigo cantar mas ensinar pra uma pessoa eu acho que é algo grande você ter o que você conhece e passar pra outra pessoa se você vai passar pra outra pessoa que seja da maneira correta e da melhor maneira possível. Porque num instrumento no violão quando quebra a corda você troca, estragou o tampo ou alguma coisa vai lá e concerta, mas e a voz como é que faz? Tinha medo por causa disso voz muitas vezes não tem retorno estragou e aí como é que faz vai concertar? Não tem jeito, então meu medo era esse eu custei a começar a dar aula por medo de acontecer alguma coisa e com o estágio aos poucos eu fui perdendo o medo "ah as vezes não é tão ruim assim eu posso dar um jeito de não acabar prejudicando" então nesse aspecto foi de extrema ajuda pra mim.

(E como ocorria as orientações no coral? Já que era um trabalho em grupo)

No coral não tinha orientação, eu só tenho agora porque é o instrumento específico. No coral era o grupo que decidia assim, "Quem vai orientar?" "Olha não tem ninguém vocês vão lá e vão dar aula" então era eu e uma outra colega pra dar aula. "Olha a aula é de vocês, vocês planejam e vão dar aula". No coral é diferente de você dar uma aula individual ou aula de canto em grupo porque técnica pra coral é uma e pra canto em grupo é outro. Coral você, dependendo das vozes nem todos são afinados e até você encaixar tudo ali, e as vezes não tem, no Espaço Alternativo "B" pelo menos eu não vi tanto desenvolvimento ali do coral porque a gente não sabia como trabalhar, então ficou meio assim... aí no próximo, no outro que eu estava trabalhando, trabalhei com coral 2 semestres seguidos, só que a minha colega foi embora e eu fiquei no coral sozinha e falei "e agora?" agora é achar um jeito de dar aula pro pessoal em grupo o que eu não achei ruim. Eu tomei pra mim como um desafio eu falei "e agora? vou ter que resolver" eu sozinha, não tenho ninguém, não tinha nem um pianista pra poder me acompanhar, então eu tinha que fazer tudo. Tinha que aquecer os meninos, tinha que tocar, e eu nem toco piano, então por causa do estágio isso também foi uma coisa boa, que ironia eu tenho que dar aula e não sei ainda tocar um teclado eu acho que deveria ter uma aula na UFG pelo menos piano pra canto, para os cantores em relação a isso porque nós que temos que dar aula, eu não tenho condição e já tentei muitas vezes fazer aula de piano e teclado e nunca dei conta e eu acho que é uma disciplina que deveria ter que ajudaria muito quem vai dar aula quem não tem condição de pagar aula ou alguma coisa, se tivesse já era uma "mão na roda".

Eu me vi obrigada a aprender outras coisas pra poder chegar num resultado que eu já estava fazendo, no coral eu não vi orientação, a orientação que a gente tinha era na sala junto com o professor de estágio mas dava uma orientação assim prá nós meio por cima, não que não fosse bem feito, era bem feito só que não era específico não resolvia muita coisa.

(Então vocês que decidiam repertório e o que iria ser aprendido?)

Exatamente.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica, considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para sua formação?

Olha igual eu falei. A primeira vez que eu dei aula na vida foi agora no estágio me proporcionou uma oportunidade única de conhecer os espaços que eu não tinha contato. Eu só tinha contato como aluna pra mim era muito bom eu ia lá cantava e estava ótimo. Agora quando passamos a ver as coisas por um outro ângulo, pensa assim realmente...pra mim foi muito bom a experiência que eu tive, alunos de diferentes idades que eu trabalhei e perceber e saber identificar qual a necessidade de cada um que está ali na sala.

Em questão do estágio, até a gente comentou, no estágio 2 eles já colocam a gente na sala pra dar aula aí chega no 4 quer que observa, e deveria ser pela lógica, não deveria ser ao contrário? Vai que quer que a gente tenha experiência, não sei o que que é né. Uma coisa que a gente ficou meio no ar de saber o porquê. Porque que é desse jeito? Porque primeiro eles colocam a gente na sala sem orientação, entre aspas, e depois querem orientar querem falar alguma coisa? E se a gente tiver cometido algum erro lá no inicio? Como é que vai fazer depois pra concertar isso? "Volta gente, estava tudo errado vamos explicar agora" porque agora a gente tem orientação pra ajudar vocês.

(Em questão estrutural o estágio deixa a desejar?)

Sim porque no 1 a gente só observou mas no 2 já vamos dar aula. O que achei interessante no 2 é que no começo vamos dar aula em grupo, porque até então não tem orientação mesmo, deixam a orientação pro 5 e pro 6 mais específico, porque não tem já orientação logo no 2 pra ajudar?

4. Como são elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual a importância dos relatórios de estágio para você?

Eu apanhava muito na elaboração desses relatórios mas é muito bom porque você faz uma revisão de tudo que você fez durante o semestre. É muito importante porque você vai pegando pontos, os mais importantes e os planos de aulas que você é obrigado a colocar tudo também que é um caminho muito bom pra você orientar no que você fez durante o semestre. Se for passando você não consegue lembrar muita coisa, pelos planos de aula consegui me orientar me centralizar no que tinha que fazer e escrever minhas experiências, é bom eu gosto de escrever o que eu aprendi, no início é difícil escrever mas quando você vai pegando as idéias escrever é muito gostoso. Eu escrevo do jeito que eu falo, não sei se minha fala é boa mas eu gosto de escrever do jeito que eu falo, de forma que todo mundo pode entender o meu lado. No estágio 3 se não me engano...tem professor que são mais rígidos, tem professor que não, esse professor achei legal o jeito, a única coisa que ele exigiu muito foi os planos de aula que ele queria mas você vai relatar o que você viveu no estágio, o que você gostou o que não gostou, eu fui colocando tudo que tinha acontecido, com minhas palavras mesmo, que coisa boa, consegui colocar pra fora tudo que eu estava pensando.

A elaboração de relatório e plano de aula eu acho que é muito válido sim especialmente pra isso pra poder ver o que que a gente está fazendo, o que precisa melhorar, porque através do que a gente está escrevendo que a gente vai vendo "poxa devia ter feito

isso". No relatório que você vê foi assim, assim, assim e porque que eu não fiz? Podia ter feito e deixei passar... prá mim é ótimo a elaboração.

(Pelo relatório você pode fazer uma reflexão da sua atuação?)

É exatamente isso.

5. Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência. Sendo assim, como o estágio supervisionado contribui para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

Contribui porque no estágio dá exemplo do que você deve fazer e do que você não deve fazer. Exemplo disso a gente trás do ensino médio, todo mundo tem aquele professor que "se eu fosse professor não faria isso" porque cada um tem um ritmo diferente, tem uns que são mais rápidos, tem uns que são mais lentos então eu pego esses professores vamos dizer ruins, vamos falar a verdade, ruins que fala assim "*Meu Deus do céu!!*"; eu pego como aprendizado, eu gosto dos professores ruins porque eles me dão o exemplo de justamente o que eu não devo fazer como professor entendeu? E os bons são ótimos porque a gente leva pra toda a vida, mas podia melhorar alguma coisinha também. É válido sim nesse aspecto porque a gente acaba pegando exemplo então é muito válido eu gosto disso. Durante os meus anos de estudo eu peguei de exemplo os professores bons e os ruins, porque na época eu não sabia o que até então aprendi na faculdade, uma didática pra poder dar aula. O que não significa que eu não tenha aprendido alguma coisa com eles, de todos eles eu tirei exemplo. Tinha um professor que não tinha uma didática boa pra dar aula, professor de química e as minhas melhores notas por incrível que pareça na escola no ensino médio um dos últimos anos, as minhas melhores notas eram na matéria dele, porque como ele não tinha uma boa didática eu me via super obrigada a estudar, porque senão eu ia tirar zero porque eu não entendia o que ele falava. Não entendi o que ele explicava de um jeito complicado e muita gente tinha a mesma dificuldade. Ou eu estudo em casa com os livros e vou fazendo as atividades e vou perguntando pra ele pessoalmente na sala, porque eu percebia assim que pra explicar assim na turma ele não era muito bom não, então as vezes eu entendi alguma coisa quando ele explicava. A didática dele não contribuía nenhum pouco. No meu caso acabou contribuindo porque como ele explicava direito eu estudava sozinha pra poder entender então tirava nota boa. E disso eu tirei exemplo, quando eu for professora eu vou tentar ser diferente dele porque assim é muito complicado, eu estava no lugar de aluna mas me colocava no lugar de professora. E os professores bons eu tirava exemplos bem bacanas, a gente tem que aprender a olhar os dois lados tanto o que se deve fazer quanto o que não se deve fazer e eu acho que o estágio proporcionou isso porque todo tempo eu tive do lado do aluno e o estágio está me dando a oportunidade de olhar pela primeira vez a olhar as coisas por um outro ângulo na visão do professor . Então é ali que eu posso expor a forma que estou dando aula é ali que estou buscando minha autonomia é ali que estou começando a desenvolver vamos dizer assim a minha carreira na licenciatura porque ali que a gente começa a exercer. Então de todos os professores da minha vida eu tiro exemplo de cada um deles para que eu possa me formar, ter a minha própria formação e conceito do que é dar aula do que é a sala de aula, do que é dar aula pra alguém e isso pra mim é muito válido, porque estou dando aula pela primeira vez no estágio e já fiz nos outros estágios dentro da universidade ali na EMAC mesmo, então é a primeira vez que estou tendo contato com aluno é a primeira vez que os alunos estão me chamando de professora e é uma sensação totalmente

diferente. Quando me chamam pelo nome, é uma coisa, já estou acostumada mas quando me chamam de professora é um sentimento totalmente diferente, nossa estou sendo responsável pela educação vocal de alguém o que é você ensinar e passar pra outra pessoa o que você já aprendeu, que ela está ali e quer aprender alguma coisa e você está ali na posição de professora nossa que emoção, pra mim é bom e eu gosto. A universidade o estágio está me dando isso de conseguir a minha autonomia o meu jeito de dar aula o meu jeito de pensar o que é dar aula pro meu aluno e dar aula na sala de aula.

(Há alguma consideração que queira fazer sobre o estágio?)

Somente que achei equivocado foi a questão da ordem das coisas. Muitos alunos de estágio questionam isso, a maioria fala "gente porque? " Primeiro não tem uma orientação pra gente fazer o negócio certinho, e a gente vai criando N possibilidades na nossa cabeça, talvez seja por isso, as vezes pode ser por tal coisa e a gente vai criando sabe...

(Você passou por alguma greve?)

Passei em 2013/2.

(Ela te prejudicou?)

Teve no estágio 2 se não me engano, na época do coro. E foram aulas relâmpagos por causa da greve. Entramos em campo muito pouco.

Há lembrei que nesse semestre aconteceu algo imprevisto em relação ao estágio 5, primeiro porque não apareceu pra mim no sistema, eu tive que fazer a solicitação depois e com muita dificuldade consegui fazer e quando apareceu foi com o nome da minha professora de canto, nome trocado. Eu fiquei sabendo por uma outra aluna que tinha feito estágio que não era aula de turma como estava ocorrendo nos outros estágios porque até então eu me matriculei no estágio 5 com o professor que estava lá como se fosse aula de turma. Cheguei e conversei com a professora que estava lá na sala e disse que não era ela que tinha que dar aula pra mim porque quem dá aula agora era o professor orientador do meu instrumento, porque essa turma é do pessoal de educação musical. Eu peguei e fui conversar pra saber o que estava acontecendo e com uma colega "não o seu professor é o professor de instrumento" eu fui conversar com a minha professora e até ela mesmo ficou surpresa porque ela não sabia, e eu disse que estava aparecendo o nome dela que era minha orientadora, apareceu no sistema. E aí ela disse que ia ver o que nós íamos trabalhar, se propondo a me orientar é claro. Então fui resolver isso no sistema na secretaria. Comecei a dar aula na academia sem orientação de ninguém porque ainda estava resolvendo o que ia fazer, o semestre já estava correndo e eu ficando pra trás no estágio por falta de informação. Eu fui na secretaria pra poder arrumar a questão da matrícula, conversei com o secretário do noturno, e ele me informou que a professora de estágio de canto era outra. Então falei pra ele que haviam me dito que era minha professora de instrumento, e ele disse que ela era somente minha professora de instrumento mas a professora W é a responsável pelo estágio e ela que orienta os alunos de canto. "Há então agora está explicado" e vai eu correr atrás da professora do contato da mulher pra poder falar que eu era aluna dela nesse semestre. Conversei com ela falei com o secretário, pra arrumar o horário. Tive que arrumar um horário pra condizer com os horários dela que até hoje nossos horários não estão batendo por conta disso porque fiz todo o planejamento dos meus horários e acabou que eu e ela ficamos prejudicadas porque as minhas atividades desse semestre está batendo em cima do horário de estágio. Estou dando aula No Espaço Específico de Música mas assim, aula fora do dia porque lá funciona dia de sexta e como meus alunos os horários estão apertados um aluno ficou pro dia de quinta, por causa desse mal planejamento. Quando descobri isso, que ela que era minha professora do estágio eu fui conversar com o coordenador, que eu tinha falado pra ele antes que a Q que era minha orientadora, cheguei pra ele e disse que na verdade era a W que é a minha orientadora, ele falou "ah, é a W?" "Sim é a W!" "Nossa nem eu sabia disso!" ou seja houve uma falta de comunicação muito grande. No caso eu quase fui prejudicada por conta disso, o coordenador é muito bom, mas só que eu

acho que como ele é o coordenador, o próprio nome já diz ele coordena, tinha que ter sido feita uma reunião com todos os orientadores de estágio seja de turma, aula de turma ou de instrumento específico, eu acho que tinha que ter sido feito uma reunião. Inclusive teve uma reunião mas não sei se foi a respeito disso, porque uma professora foi lá, mas eu digo uma reunião por conta disso de estágio mesmo. Ou no Espaço Específico ou na escola pública pra saber o quê que cada um está fazendo, nem o coordenador estava sabendo qual o professor orientador do meu instrumento, claro que não é obrigado a saber tudo, mas acho que nesse ponto tinha que anotar, saber que vai dar aula de quê, quase perdi o semestre por causa da falta de comunicação, falta de organização também. Minha professora falou assim quando descobriu "Meu Deus do céu quê que aconteceu?" eu falei "Não sei professora, houveram problemas e eu estou correndo atrás pra resolver." Eu comecei a dar aula na academia sem a orientação dela que é essencial. Se eu fiz alguma coisa errada nas primeiras aulas já foi porque eu fiquei sabendo depois.

O que está complicado pra nós duas é o horário da aula de didática porque o estágio não é só no dia do espaço Específico, tem um dia na semana que é reservado prá professora e eu ter um momento de aula que é a exposição teórica. É exatamente isso que os horários não estão batendo, a aula de didática que é o principal não estamos achando um horário bom pras duas. No Espaço Específico ela tem que observar as minhas aulas certo? e nem todas ela está conseguindo ver, porque como é que faz os horários não estão dando. Eu não sei o que vou fazer, vou ter que as vezes deixar de ir numa aula que eu estou fazendo no campus pra poder ter a aula de didática no lugar. Até conversei com a professora da aula, porque algumas vezes ou ter que faltar porque o estágio está complicado pra mim. Como vou ficar na aula e o estágio que é o principal eu vou deixar? A aula de didática não tem como e até agora eu peguei pouco, contando nos dedos duas ou três aulas de didática e o semestre está findando, olha aí o que está acontecendo.

**Apêndice I_ Transcrição da entrevista Professora Licenciada: G
Licenciatura Música: Educação Musical**

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas do estágio Supervisionado atenderam às suas necessidades como licenciando em música? Você achou interessante as propostas das disciplinas e a dinâmica de trabalho?

Eu acho que no meu caso, quando nós começamos ir, eu e minha turma começamos ir ao espaço alternativo que na verdade foi mais no final por uma questão de alguma mudança nós fomos para creche que deveria ir mais pro final então, inclusive lá foi um dos que nós mais aprendemos no meu caso, que nós mais aprendemos e também no espaço propriamente dito no caso da minha habilitação no espaço escolar. Como eu não tinha que fazer o estágio no espaço específico, no nosso caso que era habilitação escolar, era na escola que também foi onde eu mais achei produtivo até por conta da gente estar atuando junto com o aluno.

(O conteúdo lecionado em cada estágio foi proveitoso?)

Ah sim, em relação aos textos claro eles foram muito, assim, eles ajudaram bastante pra gente pode atuar depois no dia a dia, eu acho que o que mais ajuda no estágio é realmente o supervisor a presença do supervisor dando aquela segurança pra gente, ou não, dando toda aquela estrutura que a gente vai ter que montar na verdade, pra quando a gente chegar no final ter aquela avaliação que eu acho que é a parte crucial para o aluno e também pro coordenador de estágio, professor que está auxiliando a gente na sala de aula. Eu acho que o supervisor de estágio, o professor de música no caso na escola eu acho que é, não acho que não é nem cinquenta por cento não, eu acho que é oitenta por cento de importância.

2. Como eram feitos os planejamentos das aulas que você ia ministrar? Que tipo de orientação você recebia para a elaboração desses planejamentos?

No meu caso a ajuda dos professores que estavam junto com a gente dentro da sala de aula desde da creche com as crianças até chegar no estágio mesmo que a gente teria que dar aula é, eu acho que foi muito bem organizado porque eles deram assistência total. Os professores eles deram realmente aquele apoio que a gente precisava e com relação ao conteúdo tinha haver com as faixas etárias, realmente com o dia a dia da música na escola. E até vou fazer uma parte aqui por exemplo sexta feira uma vizinha minha foi procurar minha ajuda porque a filha dela estuda numa escola que a professora deu um conteúdo a princípio que não era pra fazer e nem valer nota, professora de música e depois era pra valer nota. O que que acontece, o conteúdo totalmente de escola técnica, dando para alunos de sexto ano do ensino fundamental, ou seja, a gente sabe que a escola, professor de música não está pra ensinar música propriamente dita e música técnica, então você dar uma análise de Bachianas Brasileiras no caso que eu vi como trabalho valendo ponto eu acho que é o “fim da picada”. No estágio, pelo menos nos estágio que eu fiz o conteúdo foi bem de acordo realmente com a realidade da criança e do aluno em si.

(Essas orientações eram dos professores orientadores ou dos supervisores?)

Mais dos supervisores do campo.

(Então essas referências que você citou eram dos supervisores?)

Sim, sim. Com relação às aulas da EMAC, eu acho muito importantes os textos como foi citado no começo porque isso vai dar uma base pra gente realmente entrar no mundo do ensino musical. Como é que a gente tem que abordar o ensino musical, por nossa parte a partir da gente e a partir dos alunos também.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para a sua atuação?

Contribuíram demais porque a abordagem é diferente em cada um desses espaços então a partir do momento que a gente, do cotidiano dos estágios a gente entra em contato com esses espaços e vê que a música em si, a música é uma só assim música é música mas, o jeito que você vai abordar a música nesses espaços é diferente por isso que a gente tem que participar desses estágios de vários modos diferentes no espaço alternativo, no espaço da Educação Básica, espaço formal etc.

Primeiro foi na creche e a nossa supervisora foi a Violeta que foi maravilhosa eu uso muita coisa que ela passou pra gente, até hoje eu uso e não só com criança eu uso com adolescente e com criança também. Eu que adaptando dá pra usar em diversas faixas etárias. (*Esse seria o estágio 2?*)

Sim. No primeiro a gente fez as visitas, conhecemos os espaços. Fomos...nós demos uma aula conjunta no Novo Mundo, no espaço que tinha lá bem afastado da cidade e que oferecia música para as crianças da periferia foi muito bom essa aula onde todos os alunos puderam fazer essa aula conjunta. Depois nós fomos pra creche onde nós dívamos as aulas espaçadamente num período era um aluno depois outro, depois outro. Mas a gente sempre participava da aula da supervisora mesmo. Depois eu fui pra outro espaço alternativo que era uma casa de cultura onde nós tínhamos uma oficina de violão e eu ajudava no teclado e tinha outro aluno que fazia as aulas de violão e depois a gente foi pra escola mesmo. Como minha habilitação era educação musical na escola eu acho que foi bem proveitoso inclusive na relação professor aluno onde eu acho importantíssimo para que o conteúdo possa ser aplicado. Então não é só chegar na sala de aula e aplicar o conteúdo. A relação que o professor tem com o aluno desde antes de entrar na sala de aula, no período do intervalo e depois dentro da sala de aula acho importantíssimo.

4. Como eram elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual foi a importância dos relatórios de estágio para você?

Os relatórios contribuíram para minha formação porque eu sempre estou voltando nos textos, eu particularmente sempre volto nos registros que são importantes e obrigatórios, então o relatórios em si eles foram muitos importantes porque primeiro a gente está ali gravando na hora dentro da sala de aula o que está se passando depois a gente vai fazer uma releitura e tem a lembrança das atividades que foram feitas, da metodologia e dos recursos que foram usados eu acho que eles ajudam bastante também no decorrer e depois quando a gente vai atuar vai na busca desses relatórios.

5. Considerando que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência, como o estágio supervisionado contribuiu para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

Eu acho que o estágio é importante só que quando você pega a sala de aula é outra conversa a teoria na prática é outra. Eu acho que a gente deveria ter um pouco mais de orientação porque deixou um pouco a desejar as vezes sabe?! Dependendo do momento e da situação tem alguma coisa que fica a desejar claro tem que ter o estágio mas lá no seu dia a dia o negócio é outro. Inclusive ao vir para cá estava pensando a gente no final do estágios tem que dar uma aula, é um momento crucial como já falei pro estagiário o que acontece é só aquele momento praticamente principalmente quando é sala de aula no meu caso é a hora que o estagiário terá que lidar com o nervosismo, com o conteúdo que ele tem que dar com o controle do período digamos da hora, dos minutos que ele tem que dar aula, vai ter que lidar

com a observação e avaliação tanto do professor que esta com a gente dentro da sala de aula lá na EMAC quanto com o professor que é o titular da sala e tem os alunos, controlar os alunos tudo ao mesmo tempo e naquela hora.

Talvez se esse momento fosse repartido, não ficar somente um momento pra isso, nem sei se seria o caso, mas pro aluno poder ir pra sala de aula poder fazer isso antes em doses digamos em conta gotas ou mais de uma vez no semestre eu acho que o aluno sairia do estágio mais seguro pra depois mais pra frente quem sabe dar aula.

(Quer dizer que precisa ter mais experiência dentro as sala de aula?)

É claro que tem coisas que não dá, mas a observação faz com que você possa ter esses momentos. Eu comentei sobre o estágio na creche e ali a gente tinha isso. A Violeta colocava a gente pra dar uma aula, um momento, tinha aquele momento da sala com o professor não era somente aquela única aula no final do semestre. Eu via colegas meus que já tinham o controle de turma, tinham seus alunos em outro espaços, só que pegava sala de aula e você sabe que sala de aula aluno é momento você precisa ter o plano B, as vezes chegava um dia e numa hora que não dava nada certo e talvez se tivesse uma outra oportunidade pra dar essa aula ou outro tipo de aula acho que desse mais segurança pro estagiário mais pra frente assumir sua sala de aula. É o que eu te falei o estágio é importante só que o dia a dia mesmo depois que o professor se forma, depois que o estagiário assume a sala de aula é bem diferente.

(Quanto o estágio contribuiu pra sua autonomia?)

Acho que cinquenta por cento porque vai muito da pessoa do que ele faz fora da EMAC, do que ele busca pedagogicamente falando fora das aulas que ele tem na faculdade. Temos as aulas da faculdade o estágio que a gente assiste as aulas que a gente assiste, aquelas que a gente participa pra observação que é importante demais registros e tal, mas eu acho que pra autonomia mesmo eu acho que precisaria um pouco mais. Talvez até não fosse questão na orientação mas ali no estágio dia a dia no espaço.

(Mais alguma observação que queira ressaltar?)

Eu acho que é isso, um coisa que eu queria ressaltar que eu falei no começo que é a relação professor aluno dentro da sala de aula é uma coisa que parece que, eu não lembro de ter...não questão do conteúdo em si, mas a questão mais da proximidade porque a proximidade do aluno e professor ao meu ver interfere no modo como o aluno aprende, o modo como o aluno assimila eu acho que essa questão que fosse passado pros estagiários em sala de aula naquela parte antes da gente ir pra sala de aula ali com o professor da EMAC, essa questão do jeito de abordar o aluno, do jeito de encarar o aluno mesmo. Porque as vezes o estagiário vai com uma visão que não é aquela do aluno com relação a música, porque a música a gente tem que tirar do aluno o que que ele acha que é a música. Não naquele sentido quadrado entendeu?! Tem que conhecer o aluno primeiro pra saber como você vai passar o conteúdo como você vai ensinar música pra ele.

Apêndice J_ Transcrição da entrevista Professor Licenciado: H
Licenciatura Música: Instrumento Musical

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas do estágio Supervisionado atenderam às suas necessidades como licenciando em música? Você achou interessante as propostas das disciplinas e a dinâmica de trabalho?

O que realmente eu aproveitei foram os dois últimos estágio o cinco e o seis pelo que eu me lembro foi focado no ensino individual de instrumento que é o que eu sempre fiz e que eu sempre tive vontade de fazer. Mas na verdade eu sempre dei aula, antes mesmo de entrar na faculdade eu já tinha experiência mas eu vi muitas coisas interessantes do um ao quatro por exemplo sobre dar aula em grupo, não vou lembrar muita coisa porque tem muito tempo que fiz esses estágios. Mas teve algumas coisas de dinâmicas que eu achei em interessante e a própria experiência do estágio principalmente o quatro que foi na sala de aula de um colégio público, foi bem desafiador porque eu dei aula pra uma turma de 20 a 30 crianças na faixa de quatro a seis anos de idade. Mas se não fosse a matéria teórica na sala de aula lá na faculdade eu acho que não conseguiria ter feito um trabalho razoável que eu fiz lá no campo.

2. Como eram feitos os planejamentos das aulas que você ia ministrar? Que tipo de orientação você recebia para a elaboração desses planejamentos?

Quanto a orientação a gente tinha algumas aula lá na faculdade mesmo, com bastante slides, o professor explicando como a gente fazia certinho tal planejamento, como deveria ser feito e eu fazia, por exemplo no estágio 5 e 6 como é aula individual, primeiramente eu tinha que conhecer o aluno. Antes de fazer um planejamento eu dava pelo menos duas aulas no mínimo pro aluno pra saber quais as limitações dele, o quê que ele queria e aí sim eu planejava alguma coisa baseado na necessidade do aluno. E já na aula de grupo, por exemplo no estágio 4 eu não teria como fazer a mesma coisa né. Eu já pesquisei algumas atividades em grupo e eu lembro que eu reuni a turma e lá tinha 6 xilofones e sabendo desse todo equipamento eu tinha planejado pra essa turma tocar “Brilha, brilha estrelinha”, não sei se esse é o nome dela mas foi o que eu coloquei pra tocar. Então eu fiz todo um planejamento antes no caso da aula em grupo. Já da aula individual eu prefiro conhecer o aluno primeiro pra depois fazer o planejamento.

(Então você recebia algum tipo de orientação?)

Sim, durante as aulas do estágio na faculdade com os professores.

(E os professores supervisores?)

Eu conversava com eles e eles davam...no meu caso foi o ...qual o nome dele?! Foi o Bege, você conhece ele?

(Não)

Ele me ajudou bastante, ele me deu algumas dicas mas foi algo bem informal. As dicas mais formais de esquema de planejamento foram durante as aulas na faculdade os professores orientadores davam as dicas mais formais.

(E nos estágio de espaço alternativo como eram as orientações?)

Foi com a professora X foi parecido, ela dava as orientações durante as aulas que ela ministrava na faculdade e teve um ou dois dias se não me engano uns locais que fazem trabalhos voluntários pra crianças carentes, que não tem condição de ir pra uma escola de música. Quanto a orientação de fazer o plano de curso foi a X que deu uma orientação bastante interessante, na época eu lembro que achei bastante interessante, não vou lembrar os detalhes agora porque tem muito tempo mas na hora que a gente pôs em prática devido a essa orientação dela foi bem fácil.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para a sua atuação?

Sim e contribuiu também pra eu ter certeza para aquilo que eu sempre quis fazer, eu sempre quis ser professor além de ser músico é claro concertista de tocar na noite e essas coisas eu sempre quis ser professor individual de instrumento. E passando por essas experiências de estágio em sala de aula com os alunos eu vi realmente que eu não queria isso e que meu foco era instrumento.

(Então foi determinante pra sua escolha profissional?)

Não, na verdade eu já sabia que eu queria dar aula só de instrumento eu sinto muito mais conforto quando estou só com um aluno ou quando é no caso de uma máster class que é diferente mas eu sempre tive essa noção de ser professor de instrumento individual e essa experiência reforçou essa minha opinião.

4. Como eram elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual foi a importância dos relatórios de estágio para você?

Pra gente que é aluno lá na faculdade, a gente acha meio chato isso na verdade mas depois você vê que realmente isso é importante. Você tem que deixar documentado aquilo que você fez o que você deixou de fazer pra auxiliar como professor no futuro. A maioria acha terrível fazer relatório ainda mais muitos relatórios quando se tem muito alunos mas no final das contas é importante deixar relatado o que você fez.

(Os relatórios acrescentaram algum conhecimento válido pra sua atuação?)

Acrescentou no fato de que o professor realmente tem que relatar e pensar no futuro do aluno, você tem que deixar relatado o que você fez o que você deixou de fazer, qual foi a dificuldade...

(Então cria o hábito de reflexão do que foi proposto?)

Sim. Com toda certeza.

5. Considerando que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência, como o estágio supervisionado contribuiu para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

Eu creio que sim, mas vai depender muito da pessoa também mesmo estudando Paulo Freire e todos esses pensadores, vai depender muito do profissional, do formado que vai estar estudando. No meu caso eu acho que ajudou muito, essa auto-reflexão e autonomia ela é fundamental no meu trabalho hoje em dia e eu creio que a faculdade, a academia me influenciou muito nessa questão de autonomia profissional.

(A academia como um todo ou você acha que o estágio supervisionado tem uma participação maior?)

A academia como um todo, e eu tive sorte de pegar...de ter estudado com excelentes professores que me incentivaram a ter esse tipo de pensamento e outros locais por exemplo eu já teria uma experiência diferente mas ajudou e realmente o estágio e o Paulo Freire influenciam bastante o educador e no caso me influenciou bastante.

(Você gostaria de fazer mais alguma observação referente ao estágio?)

Queria deixar como uma observação que como aluno de instrumento, licenciatura em instrumento seria interessante ter alguma mudança na questão dos estágios para que durante todos os quatro anos de curso ser focado no ensino individual para quem faz licenciatura em instrumento porque é bem diferente a perspectiva de quem faz instrumento do que você quer

fazer no futuro é bem diferente de quem faz educação musical então eu acho que tinha que ser mais bem pensado um pouquinho e reestruturado essa questão.

(Você acha que o curso hoje atende mais o licenciando em educação musical?)

Com certeza. E eu senti muita falta nessa questão. Foi muito bom mas como licenciando em instrumento se todos os estágio fossem focados no ensino individual na minha opinião eu acho que teria sido mais gratificante.

Apêndice L_ Transcrição da entrevista Professora Licenciada: I
Licenciatura Música: Canto

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas do estágio Supervisionado atenderam às suas necessidades como licenciando em música? Você achou interessante as propostas das disciplinas e a dinâmica de trabalho?

Eu acho que o estágio supervisionado da academia deixa um pouco a desejar por conta, de como eu já trabalhava em outros espaços, eu já tinha noção de como era o trabalho fora da instituição de como era o mercado de trabalho, antes de entrar na universidade eu já tinha trabalhado numa escola pública, eu já tinha trabalhado numa escola particular, já estava trabalhando numa escola específica de música, então eu já tinha contato com as realidades né. Eu vi que o estágio supervisionado da universidade ele é um pouco, como posso dizer, ele é um pouco deficiente porque ele não te leva a ver a realidade de como ela é, e quando te leva a ver a realidade, ele te leva a ver a realidade mais como observador, como um observador, e eu acho que ninguém vai sair da academia, da universidade pra observar ninguém dando aula, o estágio precisa ser pra dar aula. Então os primeiros semestres de estágio nos fizemos na academia de musica na EMAC UFG, não tinha estrutura, era uma burocracia tremenda para pegar instrumento, como eu já tinha instrumento eu levava meus próprios instrumentos, xerox, eu trazia já as xerox, a universidade tinha instrumentos mas ela não disponibilizava os instrumentos. Eu dava aula de musicalização se eu não tivesse os meus instrumentos pessoais, os meus alunos iriam ter aulas de musicalização somente com o piano então eu não sentia um respaldo, um apoio total, eu já tinha um pouco mais de experiência na aula de musicalização e meu companheiro quase não tinha experiência no terceiro período e no quarto período desse jeito, observando uma escola municipal. É interessante o estágio mas é aquela coisa no estágio você deveria estar com "a mão na massa". Eu já tinha começado uma graduação antes e nessa outra graduação antes que foi a musicoterapia no primeiro estágio a gente ficou observando e nos outros dois foi atuando como profissional, pra você sair de uma universidade sendo formado, sendo um profissional você precisa atuar enquanto estagiário e ser amparado por professores que estão ali pra te dar apoio e pra te direcionar, que é o que acontecia no curso de musicoterapia e não aconteceu na licenciatura. Os meus dois últimos semestres de estágio aconteceram no Espaço Específico de Música também na UFG, já na minha área do canto, muito interessante e muito importante, gostei muito. Só que assim o estágio Espaço Específico de Música ele demora muito pra começar o semestre começa em agosto ele começa a se estruturar no final de setembro, pra gente fazer o plano no começo de outubro pra ter um recital no final de novembro então você conta com sete a oito aulas no máximo, fora os feriados, fora as paradas obrigatórias da universidade, teve estágio que eu dei quatro aulas pros meus alunos, então acho que com quatro aulas você não tem um direcionamento, você faz uma coisa pra cumprir protocolo, igual eu te falo eu já tinha experiência fora então eu trazia das minhas experiências de fora para mim era mais fácil mas somente em quatro aulas, se foram experiências interessantes?! Sim, mas em um período muito curto.

2. Como eram feitos os planejamentos das aulas que você ia ministrar? Que tipo de orientação você recebia para a elaboração desses planejamentos?

Na verdade como eu já tinha experiência fora eu nunca tive assim... eu mesmo fazia meu planejamento a gente tinha um certo respaldo no pós, no antes e durante a gente fazia o nosso planejamento naquilo que eu acreditava no que era interessante e isso era normal.

(Então você não teve nenhuma orientação de uma visão mais estrutural? Ninguém nunca passou nenhum tipo de orientação relacionado ao plano?)

Teve uma professora da matéria de estágio 1 ou 2 ela passou um cronograma e tudo mas achei assim, vi o cronogramas e tudo mas como eu sou muito prática procurava levar tudo muito na prática então no campo a gente tinha um formato de aula para dar tipo aquecimento, alongamento , exercício de respiração então já tem um formato quase pré estabelecido e é o formato que a gente já tem então é assim já é esse formato que a gente tem que a gente procura seguir e teve esse professor que deu esse respaldo e no estágio também a professora falou um pouco nas matérias de estágio.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para a sua atuação?

Sim, dessa maneira eu olho como se eu não tivesse atuado em vários espaços, se eu não tivesse experiência, eu acho que é muito interessante sim. Esta experiência é interessante para os outros que não possuem experiência, não no meu caso mas pude atuar na aula de canto, atuar na escola acho que no Ensino Formal “B”, acho que só assisti, mas acho importante. Acho importante que você pode estar observando várias áreas de atuação tanto pra notar qual você quer seguir tanto pra ver o que você pode fazer em cada campo então acho que é uma boa. Mas estou tentando olhar com o olhar de quem não tem não tem experiência sabe, eu acho importante. Eu acho que essa parte é a parte mais importante do estágio o de fornecer espaços diferenciados para que o aluno possa vivenciar áreas diferentes e de atuação.

4. Como eram elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual foi a importância dos relatórios de estágio para você?

Eu acho que eles contribuiriam mais se eles fossem corrigidos, os primeiros alguns professores corrigem e devolvem, outros eles não corrigem e o livrão que eu acho que é a parte mais complicada não tem monitoramento então assim, uns entregaram o livrão de qualquer jeito eu acho um absurdo. Sem formatação, sem correção então se você for olhar a encadernação você vai encontrar muito erro. Então, assim, não posso jogar pedra em ninguém e ninguém vai olhar, e pra mim ia ser difícil entregar o livrão depois de tudo; mas eu sei que não tem monitoramento muita gente acaba entregando de qualquer jeito. Eu tentei organizar tudinho né, bonitinho, vai que alguém vai e olha né. A título de pesquisa mesmo. Mas teve gente que não formatou e não se preocupa muito. Então eu sinto que alguns relatórios de estágio alguns professores corrigem outros não corrigem ou então não nos é cobrado para o ultimo estágio; "olha no ultimo estágio vamos compilar todos os últimos textos". Com tem alguns professores que corrigem devia ser cobrado as correções de cada um e chegar no último na hora da compilação observar a correção de todos, como eles estão pois como falei pra você o que eu vi e o que cada um fez da compilação dos seis estágios o professor deu uma olhada e pronto e você tem tanto trabalho para compilar e reunir toda documentação e aí você percebe que não se tem tanto monitoramento assim sabe.

(Então não há uma padronização acadêmica para a entrega do relatório?)

Não ... não. O padrão de nível fica só na capa.

(Mas eles são importantes?)

Sim eles são importantes.

(E nesses relatórios constam uma importante reflexão sobre as aulas?)

Tem sim, no momento que você enxerga a aula que você deu , ou a aula que você vai dar, a estrutura você consegue se organizar mais. E uma reflexão que eu faço é que comecei de um jeito e consegui caminhar com o repertório, consegui caminhar com o conteúdo consegui caminhar, da mesma forma do professor que assiste, consegui caminhar e ter uma evolução.

5. Considerando que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência, como o estágio supervisionado contribuiu para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

Ah com certeza. Porque uma coisa é você entrar no curso achando que é uma realidade e quando você coloca a mão na massa, quando você experiência de âmbitos diferentes, em lugares diferentes você passar ter uma visão diferenciada, você passa a ter contato com as crianças, com realidades diferentes, você passa a ter contato com níveis diferentes criança, adulto, idoso; não sei se tem campo de estágio que tem idoso, eu acho que a gente aprende a ter uma visão mais aguçada e mais diferenciada da situação em diferentes campos de estágio então eu acredito que isso contribua sim para a capacidade crítica, contribua para a formação do futuro professor e contribua sim para a capacidade critica dele.

(Então a partir destas experiências ele consegue adquirir a capacidade de se tornar um profissional autônomo?)

(RISOS) Mais ou menos. Eu vou tirar por base as experiências que eu tive. Você adquire muita experiência em campo de estágio, mas a autonomia você adquire com o patrão te exigindo aí sim isso vai te dar autonomia. Agora o curso não fomenta a autonomia porque nos estágios as experiências são muito rasas você tem contato mas as experiências são um pouco rasas. Eu acho que quando envolve dinheiro, quando envolve você sozinho, seu contrato, você ser contratado aí há uma existência de autonomia, até então é experiência confortável que você tem enquanto estudante amparado por uma universidade mas acho que a autonomia ela só vem depois mesmo.

(Com a experiência profissional mesmo?!)

É... eu acredito que a universidade ela te dá o caminho. Ótimo isso. Te ensina como se você fosse um bebê que sua mãe pegasse pela mão e te levasse pra andar mas um certo momento ela vai te soltar e deixar você caminhar sozinha e você ali cambaleando, cambaleando você suja a testa, rala o joelhinho então é isso que eu acho que universidade faz com a gente caminha com você até certo ponto mas chega a um determinado ponto que é você. Então você vê se consegue sozinho caminhar com as próprias pernas você vai cair vai ralar o joelho entendeu? Esta é mais ou menos nossa experiência como estagiário.

(Você gostaria de pontuar algum assunto que acha importante ser ressaltado sobre o estágio?)

Uma experiência negativa que eu tive foi em relação ao Espaço Específico achei muito desorganizada, o estágio começa tarde e eu acho que pra você ter uma experiência um pouco maior que tenha um pouco mais de relevância que seja mais enfática ele teria que ser um pouco maior pois começa o estágio já no meio do semestre e aí antes de terminar o semestre você precisa parar ou pra apresentar, ou porque a escola quer um apresentação então você começa depois e termina antes eu vejo isso um pouco negativo. Eu acho que o estágio embora como estudante ache ele complicado pois, quanto mais tempo livre melhor, o estágio precisa começar junto com as aulas para que você tenha uma experiência mais aprofundada, ele tinha que começar junto com as aulas.

(Esse atraso se refere as questões burocráticas?)

Sim, burocráticas. E não somente na academia mas nos espaços também agora que estou me lembrando. Acaba que o coordenador de estágio não sei se ele demora pra levar a documentação ou se no espaço eles demoram aprovar não sei te falar se existe uma burocraciazinha aí que atrapalha.

(Acaba que o calendário fica reduzido)

Isso. E acaba atrapalhando a questão do aprendizado.

O ponto positivo que mesmo nesse espaço curto a gente trabalhou pra apresentar no final do semestre e eu acho que as apresentações foram bem interessantes, foram experiências

boas tanto da musicalização quanto no de canto, como da escola que eu assisti e no espaço não convencional onde a gente teve um coral. Então a condecoração em forma de apresentação foi bem válida.

**Apêndice M_ Transcrição da entrevista Professora Licenciada: J
Licenciatura Musica: Educação Musical**

1. Em que aspectos você considera que as disciplinas do estágio Supervisionado atenderam às suas necessidades como licenciando em música? Você achou interessante as propostas das disciplinas e a dinâmica de trabalho?

Bom ficou bastante fragmentada de 1 até o estágio 6 a gente já começa no quarto período de curso a gente começa na observação e acho que neste período de observação a gente visitou 3 campo de estágio. Foi interessante a parte teórica de estar estudando o quê que era cada campo de estágio mas eu acho que a gente poderia visitar mais, conhecer mais espaços porque a gente só conheceu um de cada tipo, e quando a gente vai conhecer na vida profissional é bem diferente de um campo do outro, de um lugar do outro ainda que projetos sociais a gente não vê as realidades. Então ter a possibilidade de visitar mais de ver mais campos de estágio, talvez contribuísse. No espaço alternativo o primeiro que eu fui no estágio 2 era mais observação esse eu acho que foi um tanto monótono porque na observação a gente ficava sentado com o mesmo professor o ponto positivo é você poder acompanhar o trabalho do professor por um semestre e o ponto de melhoria é a questão de você não ter um outro parâmetro. Mas no decorrer dos estágio a gente vai tendo outros supervisores que vão dando esse parâmetro pra gente, mas foi um estágio que eu não gostei muito. Talvez pela questão do campo de estágio mesmo e a proposta que era aquele projeto social e que as vezes não era muito compatível com as minhas ideologias mas eu senti falta de uma grande parte deles de uma proximidade maior do supervisor com a gente de mostrar o quê que era, o propósito, qual era o planejamento dele. A gente só teve acesso a isso quando chegou no Espaço de Ensino Básico que a gente foi saber qual que era o plano de cada um dos professores supervisores e a gente não tinha muito acesso a como se chegou a esse planejamento, o porquê disso, qual que era a proposta da escola pra esse planejamento ser assim. Isto é algo que faz muita falta na estrutura do estágio que seria abordar mais a questão do planejamento; durante todo o curso da faculdade a gente ouve que não existe uma receita pronta só que eu acho que num primeiro momento você ter uma receita de como fazer pode ser o primeiro passo pra você ter um parâmetro e ter uma autonomia posterior pra você poder resolver problemas. O que eu mais senti falta no estágio foi dessa orientação com relação a planejar, tanto planejamento de curso porque no estágio 3 a gente teve a chance de planejar e fazer sozinho, aplicar o estagio e foi muito interessante isso, só que no decorrer do curso a gente tem que meio que se virar então a gente faz ...mesmo esse que a gente aplicou sozinho a gente fez com a nossa própria bagagem, fez com que a gente já acreditava, vendo o que cada um dos colegas acreditava e qual que era a forma de trabalhar mas senti muita falta de um direcionamento maior em relação a planejamento essa foi a parte que eu mais “apanhei” depois que eu saí de lá

2. Como eram feitos os planejamentos das aulas que você ia ministrar? Que tipo de orientação você recebia para a elaboração desses planejamentos?

Olha eu acho que em quase todo o estágio a gente teve no início ter que fazer e mostrar um planejamento de curso e um planejamento da primeira aula foi isso que a gente teve. E de uma forma geral a gente também tinha que mostrar o planejamento da aula que aconteceria, tinha que apresentar essa aula na sala e aí o pessoal ia criticar, criticar no sentido de apontar o que precisava ser melhorado o que poderia funcionar ou não. Esses ponto foram muito bons da gente ver o planejamento dos outros de ver o que funcionou e o que não funcionou. Essa orientação eu achei interessante embora eu conteste aquele idéia de que quê não há receita, não existe receita pronta. Eu entendo essa filosofia mas pra quem está

começando isso é “um morro pra subir”, é complicado porque a gente não vai ter sempre um orientador pra ficar olhando os nossos planejamentos e as vezes a gente se depara com um local de trabalho onde o coordenador, o diretor não entendem absolutamente nada da nossa área, que eu é uma área que recentemente voltou pra escola então eles não entendem nada e não sabem te orientar. Então quem vai orientar a gente? A gente precisava sair um pouco mais maduro em termos de planejamento.

(Até o estágio 3 vocês faziam o planejamento de acordo com a bagagem que vocês tinham, do conhecimento que vocês tinham...e nos demais estágios?)

Eu achei bastante interessante o Espaço de Ensino Básico porque a gente pôde acompanhar um processo já estruturado, uma escola que já possui esta disciplina bem estruturada, uma professora bastante experiente e ela mostrou pra gente o planejamento, qual era a linha dela e ao mesmo tempo deixou livre pra gente poder planejar o que fosse. Então combinamos o que a gente ia fazer, que tema que iria abordar pra poder fazer as aulas no campo de estágio. Essa situação forçou a gente a estudar e se preparar pra algo que provavelmente a gente não tinha feito ainda, foi diferente do estágio 3, onde a gente foi dar um oficina de violão e a gente foi de acordo com a bagagem de cada um, o que cada um já fazia porque a gente não teve orientação sobre como ministrar uma oficina de violão. No 5 e no 6 a gente tinha uma orientação maior da supervisora, da professora do Ensino Básico. A gente tinha uma orientação a mais porque ela prezava por isso, de sentar com a gente, de falar, avaliar, sugerir; eu achei isso mais interessante e ela ponderava também: *“Eu acho que isso não vai funcionar.”* Foi um suporte que eu não tive no estágio 4 que foi no Espaço de Ensino Formal “B” que o professor deixava livre, mas não orientava *“Eu acho que isso não vai funcionar”* e aí quando não funcionou *“Ah mas foi você que propôs”, “Ah muito bom... (risos), que bacana”*.

3. Como você avalia a atuação nos diferentes espaços: alternativo, formal e Educação Básica considerando as particularidades de cada um? Em que essas vivências contribuíram para a sua atuação?

Eu acho que a principal contribuição foi compreender um pouco a especificidade de cada espaço. A gente não passou pelo espaço específico de música, não era nossa habilitação, mas o espaço alternativo e o ensino formal isso a gente passou e conheceu bem. Então hoje que trabalho num projeto social eu comprehendo qual é a função do projeto social e já não crio expectativas que a gente criaria num espaço específico ou numa educação formal que a gente

tem os alunos o ano inteiro. Eu vejo até pelos meus colegas que às vezes parecem meio desavisados nesse sentido sobre as peculiaridades do espaço alternativo que normalmente é projeto social, e projeto social tem algumas características que pra um professor que quer ver o resultado no final do ano, que é o caso do professor de arte, não são interessantes, que são as rotatividades dos alunos isso não acontece em espaço formal e as vezes querem limitar e a gente lembra “Não, isso não é característica de espaço alternativo” a característica é justamente atender a demanda, atender a comunidade. Esse conhecimento de como funciona e algumas condições que a gente tem em um e outro evita que a gente fique “batendo a cabeça” com coisas que poderiam ter sido esclarecidas. Então este ponto foi muito bom.

4. Como eram elaborados seus relatórios parciais e finais de estágio? Qual foi a importância dos relatórios de estágio para você?

Eu percebi que a medida que a gente foi assumindo mais funções na sala de aula a necessidade do relatório semanal foi diminuindo, foi mudando um pouco o critério pra escrita do relatório. A vantagem do relatório semanal é você realmente ter um diário do que aconteceu e poder avaliar depois e de não ter que fazer semanal porque você foca no que você

está fazendo na sala e não ficar escrevendo relatório. Acho que quando a gente faz um relatório do que aconteceu a gente vai retomando as ações, retomando os resultados e registrando e acho que é um ponto de aprendizado muito positivo e mesmo quando chega no final do semestre e a gente vai retomar todos os estágios pra poder revisar tudo e até reescrever alguma coisa vai vendo o quê que a gente aprendeu em cada lugar o amadurecimento que a gente teve. É bem chato pra gente fazer mas quando a gente encara por esse lado, o quê que a gente aprendeu com isso é bastante proveitoso o relatório. A gente realmente acompanha, “*Opa, naquele ano eu pensava assim, nesse aqui eu já resolvi esse problema*” a gente vê o que a gente cresceu neste período.

(Então você acha importante esse registro?)

Acho importante sim, acho esse registro importante. A professora que orientou em relação a produção, como ia desenvolver esse relatório, acho que esses relatórios eles foram melhorando os professores foram exigindo, colocando critérios um pouco diferente a cada estágio no sentido de melhorar e quando chegou no final a gente teve que refazer os primeiros. Porque também nem sabíamos como fazer então teve que refazer. Mas eu acho que foi um bom dispositivo sim, o ruim é quando a gente não faz no inicio e tem que fazer ao final aí perde muita coisa tendo que fazer ao final.

5. Considerando que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência, como o estágio supervisionado contribuiu para o seu pensamento autônomo e reflexivo?

Eu acho que o curso como um todo, não somente o estágio, o estágio ele é uma parte ele gera discussões em outras disciplinas e muitas vezes nestas discussões que a gente acaba pensando e refletindo e tendo outras idéias mas, eu acho que é o curso como um todo. Outras disciplinas que exatamente a gente tem que pensar como a disciplina que trata de currículo, a disciplina que trata de métodos ativos. Eu acho que de uma forma geral, realmente eu percebo uma diferença muito grande a partir do curso, depois de ter concluído o curso a nossa maturidade realmente é outra, a questão da autonomia eu vejo que as disciplinas que trazem a questão psicológica, a questão pedagógica contribuem muito pra essa autonomia. A gente percebeu o que os alunos precisam especialmente no projeto social que o currículo é aberto, a gente percebeu o que é a necessidade daquele grupo ou do aluno individualmente e tentar trabalhar isso. E as vezes passaria despercebido sem essa experiência, essa experiência de estágio ajuda a agente nesse ponto, de ver várias turmas, vários grupos diferentes, como cada grupo funciona, qual era a cultura daquele grupo, se era um grupo habituado com a disciplina de curso ou não estava, se era um grupo que estava numa condição social melhor e todas as famílias estruturadas ou não, outro sistema contrário, sistema oposto, então a gente vai percebendo essas diferenças no estágio. Um exemplo foi perceber a diferença cultura do Espaço de Ensino Formal “B” para o Espaço de Ensino Básico o Espaço de Ensino Formal “B” parecia que era novo, a disciplina de música era nova lá e no Espaço de Ensino Básico a cultura era outra os meninos tinham uma cultura lá em cima, muito além do que vários outros lugares do que várias outras escolas que a gente passa. A gente percebe a diferença disso, percebe a necessidade de trabalho em um lugar e em outro; é claro que muita coisa foi percebendo e comparando depois que eu entrei numa escola pra trabalhar já profissionalmente mas mesmo assim o estágio serve de parâmetro, mesmo que eu não tenha entendido uma porção de coisa lá quando eu vou pro campo profissional mesmo, pra atuar na escola o que eu tive lá é um parâmetro de comparação.

(Deseja fazer mais alguma observação sobre o estágio que não foi contemplado nas questões abordadas?)

Eu acho que o professor orientador, a gente sabe que tem que orientar uma porção de grupos, ou cada aluno individualmente ele tem que orientar mas as vezes ele perde um contexto que seria importante para a avaliação do aluno. Aconteceu por exemplo de um estágio eu planejar pra uma turma, foi no Espaço de Ensino Formal “B”, de planejar uma aula pra uma turma e por conta do horário do professor orientador eu ter que aplicar em uma outra turma e era a turma mais hostil da escola. E aí o professor supervisor entendeu e ponderou isso na avaliação mas, a orientadora não.

(Desculpe não entendi muito bem, a orientadora mudou o horário porque ela não poderia comparecer?)

É ela mudou o horário, ela mudou a aula, ela não podia chegar as nove, chegou as dez . E isso é uma coisa que “pega” né porque o professor não pode simplesmente mudar a aula dele pra atender a nossa aula e... então é uma questão que tem que ser bem cuidadosa especialmente numa escola que não tem essa cultura, porque o estagiário acompanha uma turma se afeniza com ela, não é uma escola que está acostumada com os estagiários; como seria o caso do Espaço de Educação Básica que os alunos já colaboram, então é bem delicada essa questão e as vezes gera um desconforto pro estagiário e demora pra resolver aquilo lá. Prejudica a regência pra mim entrar na sala depois foi difícil porque era uma turma hostil e a gente sente um fracasso e não sente o apoio, isso precisa ser avaliado e digamos controlada, com mais cuidado sabe?! Agora outra questão é; eu sei que já foi e voltou né, é a questão da carga horária muito distribuída porque ela foi distribuída assim pra que o estágio acompanhasse as disciplinas pedagógicas agora por outro lado isso tem os pontos de desvantagem a gente acaba acompanhando uma turma da escola, a gente não acompanha a escola e isto também faz muita diferença. Quando a gente “cai” no nosso local de trabalho a gente vê que não é somente aquela turma é um contexto inteiro que a gente tem que trabalhar então você avalia uma turma, você não compara com outras, não vê como são as outras.

(Você acha que se tivesse por exemplo três estágios com uma carga horaria maior seria mais interessante?)

As vezes seria mais interessante de reduzir a carga horária de outras disciplinas no período de estágio e aumentar a de estágio e consequentemente aumentar a orientação pro estágio também porque aí vai reunir todo aquele conhecimento e ajudar mais nos planejamentos e orientar mais. Nem que tenha que passar uma receita. Porque “Vamos ter autonomia para fazer bolo” mas você não começa a fazer bolo sem uma receita, “Ah eu quero que você faça um arroz do seu jeito” mas você não começa a fazer o arroz sem uma receita, sem alguém te falar que você tem que por um tanto de óleo, um tanto de alho; então eu acho que esse modo de abordar a autonomia no planejar, no criar, no conduzir eu acho que ele está muito utópico ele não está considerando que os alunos estão ali iniciando isso, que como na nossa faculdade muita gente chega lá e já é professor, já dá aula, mas outros não eles estão totalmente crus. Nunca fizeram isso, nunca planejaram, nunca trabalharam em sala de aula, se eu já tive dificuldade já tendo passado pela sala de aula fico pensando os que não passaram.

PROFESSORES ORIENTADORES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Apêndice N_Professora Orientadora DR. X

1. Para você, qual a importância do estágio na formação docente de um professor de música?

Pois é, eu acho que o estágio ele tem ganhado cada vez mais importância no cenário nacional para todos os cursos de graduação e nisso não tem sido diferente com o curso de música da nossa escola, e essa importância tem sido materializada pelo aumento da quantidade de horas da matriz curricular destinado ao estágio supervisionado. Então essa importância, além de nacional ela é uma importância institucional, ou seja, que é materializada na escola de música da UFG, tendo as disciplinas de estágio na matriz curricular. E o que a gente tem acreditado como sendo mais fundamental, mais essencial do estágio é que o aluno aprenda a profissão, e aprender no sentido de que ele precisa lidar com várias questões relacionadas a profissão então, se o objetivo do estágio tem a ver com o aprender ou apreender a profissão; no caso do estágio pra cursos de licenciatura em música, o objetivo maior seria apreender a ser um professor de música.

E no estágio, é..., isso é muito; isso fica muito palpitante porque os alunos além de lidarem com toda aquela carga de leitura que eles já realizaram ao longo do curso, além de lidarem com toda aquela carga de material musical que eles trabalharam ao longo do curso, eles fazem um contato direto com a realidade em que eles estão atuando, futuramente ou muito dos que já atuam no ambiente escolar. Mas o estágio é um momento único, que eles tem de uma forma muito forte a relação entre teoria e prática, e eu acho que essa tem sido uma outra questão central dos professores do curso de música. Tentar fazer com que o estágio promova esta relação entre teoria e prática de modo que os alunos paulatinamente vão aprendendo a ser professores, então é o momento que se articula questões muito importantes que é a formação tanto a formação que ele está tendo na disciplina de estágio quanto à formação pregressa que ele teve ao longo do curso. Nós unimos também questões relacionadas a profissionalização porque que ele está aprendendo a profissão e também de algum modo a construção da identidade profissional do Educador Musical. Então se você me perguntar qual é a importância fundamental do estágio eu diria pra você que é apreender a profissão de ser professor de música e não é um aprendizado diretivo é um aprendizado baseado na troca, então nós temos vários profissionais envolvidos nessa estrutura de modo a possibilitar uma formação que potencializa o diálogo entre a teoria e prática, um pensamento crítico e que o aluno fique cada vez mais à vontade pra lidar com as diversas problemáticas de diversos Campos de estagio que nós oferecemos.

2. Qual o papel desempenhado pelo professor orientador e pelo supervisor nesse processo? Em que consiste a atuação de cada um? É clara a questão da atuação de cada um?

Sim. Se a gente for analisar a legislação que trata de estágio, a figura do professor orientador e a figura do professor supervisor, elas são claras até na legislação de estágio, próprio da Universidade Federal de Goiás.

O professor orientador seria aquele professor vinculado a IES no caso vinculado a Universidade Federal de Goiás e que trabalharia essa inserção do aluno no campo de estágio e, nesse campo de estágio quem coordenaria as relações no campo de estágio, seria o professor supervisor. No caso específico da música o professor orientador é o professor

responsável pelas 6 disciplinas que compõem de um modo geral a nossa matriz curricular e que estabelece o diálogo com os campos estágio, e o professor supervisor é aquele professor que fica no campo e que potencializa a atuação do aluno enquanto profissional, enquanto professor de música.

Nós temos uma clareza enquanto a isso no estágio, só que ao mesmo tempo o curso de música tem as suas especificidades, então por exemplo, é muito comum pelo fato da música ser uma disciplina pouco tradicional no currículo escolar; que alguns campos não contem por exemplo com professor supervisor, então, acontece algumas vezes do professor orientador se transformar no professor supervisor de Campo. Mas isso tem a ver com a especificidade da nossa área, que tem haver por sua vez com as questões próprias da educação musical, e da presença da música no currículo de Educação Básica e da presença da música em espaços alternativos.

3. Pela sua experiência, quais as principais dificuldades enfrentadas pelos licenciandos ao vivenciarem o estágio?

Eu acho que a principal; a primeira; não sei se a principal dificuldade; mas é a primeira que permeia todo o estágio que é, a da gente especialmente no estágio do curso de licenciatura em música com habilitação em educação musical da gente fazer com que os alunos, e deles fazerem com que eles também, tenham vontade de atuar nas escolas de Educação Básica. Então nós sabemos que as escolas de Educação Básica, especialmente as escolas públicas, não necessariamente só elas, mas em muitas escolas públicas, tem passado por diversas dificuldades de ordem política, de ordem econômica, de ordem pedagógica e que essas dificuldades tem feito com que todos os professores tenham como objetivo trabalhar nessas escolas. Então essa é uma primeira dificuldade e eu acho que é uma dificuldade muito importante porque se o aluno entra na disciplina de estágio falando que não que não tem nenhuma pretensão de estar nas Escola de Educação Básica e ele sai do curso falando que tem essa vontade acho que nós já conquistamos muita coisa. Mas é uma dificuldade... de um modo geral os alunos ainda preferem atuar em espaços específicos de música por inúmeras questões, pessoais e profissionais. Então essa é uma primeira dificuldade.

A segunda dificuldade, diz respeito as dificuldades que nós já discutimos, que são as dificuldades de ordem burocrática: preenchimento de documento, adequação de horários de todos os envolvidos nos campos de Estágios, a exigência cumprimento da carga horária. Então são outras dificuldades ordem burocrática; e de ordem pedagógica o que a gente percebe muitas vezes é a relação do aluno com o professor supervisor. É, muitas vezes o aluno não consegue desenvolver com professor supervisor uma relação de empatia e essa relação de empatia é muito importante porque, em alguns estágios como os estágios em espaços formais eles passam por um longo período de observação e essa observação não está voltada apenas para que eles vejam o que os professores estão fazendo. A partir da observação eles podem construirativamente pela via da imitação o próprio modo de ser de cada um como o professor, então muitas vezes essa imitação que acontece num primeiro momento, é muito importante para que o aluno construa o seu próprio modo de ser enquanto professor. Ensinar uma empatia com professor supervisor; esse processo todo se complica então é uma terceira dificuldade. A empatia entre aluno e professor supervisor e às vezes entre alunos e professor orientador.

Essa empatia é muito importante para todos os envolvidos no estágio, então quando a gente vai escolher o campo de estágio para trabalhar conosco essa empatia tem que acontecer primeiramente entre os professores porque essa empatia ela é gatilho para que nós consigamos desenvolver um trabalho respeitoso, rigoroso, e que cada um possa tomar sua decisão num ambiente de diálogo permanente.

Então eu colocaria essas três dificuldades principais Priscilla. As dificuldades de fazer com que os alunos se coloquem enquanto professores da Educação Básica especialmente, primeira dificuldade; a segunda dificuldade relacionada à questão burocrática e a terceira dificuldade relacionada à questão da empatia e das possibilidades ou não da gente conseguir desenvolver um trabalho efetivamente coletivo.

4. Como estrutura organizacional, o estágio supervisionado demanda de uma parte burocrática durante o processo de vinculação (documentações, vinculação e conciliação de horários nos devidos campos, exigência do cumprimento da carga horária). Como o professor orientador lida com todas essas exigências e variáveis?

Pois é...essa é uma questão muito complicada no estágio, porque no estágio Nós temos duas dificuldades muito fortes. Primeiro são as dificuldades de ordem burocrática e também junto... fala primeiro e segundo pra gente organizar um pensamento não significa que seja necessariamente nessa mesma ordem.

A segunda dificuldade é de aspecto pedagógico, do lado pedagógico em si. Então nós temos uma estrutura organizacional que tem um aspecto burocrático muito forte, por exemplo, com relação à documentação nós temos várias dificuldades relacionadas a isso. porque os alunos acham que isso é uma burocracia vazia. De certo modo a gente pode fazer uma crítica de que haja uma burocracia exacerbada, mas como nós já passamos por problemas no estágio quando o aluno sofreu acidente indo a campo de estágio, nós percebemos a importância dessa questão da documentação. Porque se os alunos preenchem devidamente essa documentação eles estão cobertos por um seguro oferecido pela própria Universidade Federal de Goiás, e esse seguro caso aconteça algum tipo de problema e de acidente os alunos podem se valer dele. Então essa questão burocrática relacionada a documentação é uma questão muito importante mas, muito problemática porque os alunos tendem a ser arredios quanto a isso.

Mas de um modo geral a gente tem resolvido isso; com alguns pequenos probleminhas mas; eu não me lembro de ter tido algum aluno que tenha se negado assinar essa documentação ou de algum campo de estágio ter se negado a fazer isso; embora seja um processo relativamente moroso.

Outro problema relacionado a parte burocrática no ponto que você citou, diz respeito a vinculação e a conciliação de horários em cada Campo. Isso é um problema mais complicado de se resolver porque, são várias pessoas, é uma comunidade de atores envolvidos para que o estágio possa funcionar, e essa comunidade de atores envolve atores de muitas instituições, então envolve tanto professores e alunos da escola de Música da UFG, quanto membros da escola e esses membros da escola são desde o professor de música, quando ele existe, até o diretor da Escola e os alunos. Então é muita gente, prá gente poder conciliar essas questões do horário.

Então isso tem sido muito complicado, especialmente quando a greve na Universidade Federal. Porque muitas vezes quando nós temos greves o período letivo é modificado e muitas vezes a gente adota e precisa fazer isso, a gente adota o momento das férias escolares, então esse é um problema muito sério que nós temos enfrentado, e que nós já enfrentamos, que é a questão do horário. Porque nós somos muitos autores e muitos interesses colocados em jogo e que precisam se adequar de alguma forma, embora isso seja um pouco mais complicado, também, que é a questão da documentação que nós já discutimos antes, de todo modo isso tem sido sanado; porque a gente tenta oferecer uma certa disponibilidade de Campos e de horários a cada disciplina de estágio.

Agora isso não significa que seja uma questão fácil, é complicado, mas muitas vezes ela vai sendo encaminhada ao longo do semestre letivo. É, uma outra dificuldade que você pontua é a exigência do cumprimento de carga horária.

Isso é uma exigência que ela é legal, então, ela está para além da vontade do professor orientador ou do professor supervisor ou mesmo das possibilidades do aluno. Essa exigência é uma exigência da matriz curricular do curso de música, que por sua vez está relacionada à exigência da universidade Federal de Goiás, que por sua vez está relacionada à lei nacional do estágio. Então é uma exigência que vem de uma instância muito superior, e que de alguma forma a gente tem que cumprir. Só que é claro, como na relação de estágio vários autores se envolvem a gente precisa lidar com isso com uma certa flexibilidade, de todo modo sem tentar perder a relação de respeito entre aluno, supervisor e orientador. Essa é a nossa vontade de que o respeito, de que o rigor, de que o compromisso com próprio estágio e com a universidade sejam aspectos comuns a todos que estão ali trabalhando juntos.

5. Sabendo das condições sociais e das necessidades educativas próprias de cada espaço (ed. básica, espaço alternativo e específico), como ocorre o diálogo entre o professor orientador e o professor supervisor de forma a viabilizar um trabalho produtivo? (No caso sua experiência maior é vinculada a educação básica correta?)

Essa pergunta é uma pergunta importante, mas ela tem muito a ver com a relação que cada orientador estabelece com supervisor de Campo então, eu vou dar uma resposta de como vem acontecendo na minha experiência o que não significa que seja uma experiência total das questões que estão envolvidas com estágio na escola de música.

É, de um modo geral, o processo funciona da seguinte forma. Ou nós professores orientadores, descobrimos por alguma razão que há um determinado campo que é interessante a nós, e nós vamos até esse campo e conversamos com professor supervisor ou acontece também, muitas vezes, que um determinado representante de um campo de estágio vem até a gente para pedir que a gente atue nesse determinado campo. De um modo geral, quando nós estamos lidando com espaços formais é mais comum que nós tenhamos a iniciativa de ir até o campo para poder conhecê-lo. Quando nós lidamos com espaços alternativos, é muito comum que esses espaços, muitas vezes pela própria carência que eles tem de professores de música, venham até nós para que eles possam oportunizar a aula de música para os estagiários por meio de nossos alunos e com a presença do professor orientador.

Então isso varia muito de acordo com as características do campo, se ele é um campo alternativo, se ele é um campo formal; e também de acordo com as características de cada professor orientador e de cada professor supervisor. Então este diálogo é muito específico tem haver uma relação que cada professor orientador, com cada professor supervisor mas nós estamos desenvolvendo uma política institucional pra isso, para que esse campo fosse selecionado, um determinado campo, e que o diálogo entre professor supervisor e orientador fosse possibilitado.

Bem, então nós seguimos primeiramente o que o manual da UFG sobre estágio porque, existem algumas exigências para que um determinado campo possa ser considerado como campo de estágio. Depois, passa a ver esse momento legal como se fosse um diagnóstico inicial, nós partimos para uma conversa com professor supervisor e é comum agente ir a campo para poder conhecer o campo e é também comum o professor do campo ir até a escola pra saber como se desenvolve o trabalho na escola. Depois desse primeiro diálogo entre professor supervisor e professor orientador é travado, aí nós começamos toda a burocracia relacionada a operacionalização desse acordo entre esses dois estágios, então a partir daí que desenvolve o diálogo entre professor orientador com o professor supervisor.

Existem várias formas sobre as quais esse diálogo pode acontecer. Muitas vezes os professores orientadores convida os professores supervisores para irem até as suas disciplinas é comum também que o professor orientador acompanhe os seus alunos em campo de estágio isso às vezes varia de acordo de proposta para proposta. Mas de todo modo sempre há a presença de um professor orientador no campo para que esse diálogo seja oportunizado então,

além de ter vários recursos para que isso aconteça, e o movimento seja tanto da escola de música ir até ao campo, quanto do campo ir até a escola de música, nós temos também as questões que muitas vezes são trazidas pelos próprios alunos de Estágios para o professor orientador e que são levadas também pelos alunos de estágio para o professor supervisor. Então este diálogo nunca é unívoco entre professor orientador e professor supervisor, sempre tem esferas mais amplas envolvidas, esferas que inclui os alunos, e inclui a estrutura organizacional tanto da escola de música, todos professores e até a direção e coordenação de curso; quanto outros fatores também da escola como diretores coordenadores pedagógicos e por vezes até professores de outras áreas.

Esse diálogo depende de cada orientador e de cada professor embora a gente tenha desenvolvido na escola um certo passo a passo para que esse diálogo se desenvolva e tentando sempre assim manter como valores, como fundamentos éticos dessa relação, o respeito, os saberes de cada um, as diferenças de atuação e as possibilidades que cada um pode oferecer para que esse estágio aconteça e flua da melhor maneira possível.

6. Como o professor orientador promove a articulação entre a teoria e a prática do que é aprendido no curso, com as necessidades dos diferentes campos de estágio? Como esta mediação é feita?

Pois é essa, como eu disse ao responder a primeira questão, é uma das principais questões ligadas ao estágio. Que é a de fazer com que a relação teoria e prática seja oportunizada. É claro que no estágio essa articulação ela é muito palpável por que os alunos semanalmente eles estão tanto no campo de estágio, ou seja, agindo realizando atividades e de alguma forma transformando aquele campo de estágio seja por via da observação, seja por via das atividades de auxílio ao professor supervisor, seja pela ação docente porque eles ministram aulas nos campos, propriamente dita.

Então essa preocupação em articular teoria e prática é uma constante ao longo de todo o estágio e ela é oportunizada pela própria estrutura das disciplinas de estágio porque, elas têm carga horária voltada a atuação prática e carga horária voltada a questões de cunho teórico. Só que embora didaticamente pareça interessante a gente dividir isso, teoria e prática, é claro que existe diferenças entre teoria e prática, no estágio essas fronteiras ficam muito mais diluídas. Porque à medida em que o aluno está realizando as ações docentes ele está processando e trabalhando teoricamente e enquanto ele está na disciplina teórica trabalhando com textos das disciplinas ou com questões mobilizadas por disciplinas anteriores, ele também está a todo tempo pensando em como isso se materializa no campo. Então no estágio essa relação entre teoria e prática ela é muito forte porque na própria estrutura da disciplina já há previsão pra que esses dois momentos aconteçam.

A gente tenta oportunizar essa articulação seja em momento de discussão com os alunos após atuação deles em campo de estágio, seja também por momentos de discussão dessa relação teoria e prática na disciplina teórica que é quando os alunos trazem as diversas experiência dos campos de estágio e essas experiências passam por discussões coletivas tentando manter sempre uma questão ética, um respeito ao professor supervisor de campo. Mas essas discussões, que tem por princípio serem críticas, sem serem desrespeitosas, fazer com que os alunos reflitam sobre aqueles momentos práticos que eles viveram e ao mesmo tempo tragam contribuições da teoria que eles acreditam ser importante para o campo de estágio.

Então a relação da teoria e prática ela é fundamento do estágio e é oportunizada pela própria estrutura organizacional das disciplinas de estágio e também pela relação que sempre se estabelece entre o professor orientador, o professor supervisor, entre a escola de música da UFG e os campos de estágio.

Você pergunta como essa mediação tem sido feita. Aqui a gente utiliza de vários recursos tanto de vários recursos, tanto como eu disse indo a campo e os professores supervisores indo até Federal como também a partir da elaboração que diversos instrumentos escritos por parte dos alunos. Nós acreditamos que, a medida que eles colocam o que eles estão pensando e observando em campo e materializa aquilo sob a forma escrita, aquilo gera memória e a partir daquela memória seja sobre formato de relatório de estágio, seja sobre o formato de relato de experiência, aquilo ali pode gerar vários desdobramentos e várias discussões coletivas

7. Considerando os relatórios dos estagiários quais são as principais críticas observadas nas reflexões descritas por eles?

Eu vou te responder essa pergunta mas, fazendo uma ressalva de que eu fiquei de 2012 até 2016 afastada pro meu doutorado. Então vou falar prá você sobre os relatórios de estágio até o momento em que eu trabalhei, até o ano de 2012. Porque a partir de 2016 nós ainda não temos nenhum relatório entregue até a data de hoje para eu saber quais são as principais críticas... as de hoje, as de 2016.

Então até 2012, nós víamos assim, dois eixos de críticas principais, primeiro de problemáticas relacionadas ao próprio estágio; problemáticas de ordem burocrática mesmo, então, de dificuldades de acesso à escola, da distância da escola campo, ou muitas vezes dos horários que são incompatíveis, certo? Então essas reclamações então aparecem muito nos relatórios de estágio e também aparecem muito nas discussões que nós desenvolvemos na disciplina. Então isso aparece muito nos relatórios.

Uma outra coisa, que aí tem haver mais com aspectos pedagógicos, né, propriamente dito, tem haver com a relação a condutas do professor supervisor na escola campo. Enquanto a isso a gente tem tentando desenvolver uma postura muito rigorosa, porque os professores de campo, supervisores de campo, eles abrem os braços pra receberem os nossos alunos em campo. Eles não são obrigados a fazer isso, eles fazem isso deliberadamente, se eles têm essa atitude de abrir os braços pros nossos alunos, pra nós professores orientadores, pra nossa escola, nós queremos retribuir esse abraço. E como a gente acredita retribuir esse abraço. A partir de uma postura que seja crítica, ou seja, os alunos saibam olhar para aquilo que está acontecendo e saibam elaborar criticamente o que está acontecendo mas sem perder em momento nenhum a importância de respeitar tanto a postura daquele professor, quanto à diversidade de postura dos professores e dos alunos em sala de aula.

Então isso tem sido uma coisa muito...; é um ponto nevrálgico do estágio porque é muito difícil você fazer a crítica sendo respeitoso com aquele professor supervisor, mas isso aparece muito nos relatórios e isso vai sendo trabalhado pelo professor orientador ao longo da disciplina. Então assim, no estágio existe uma ética, que muitas vezes é uma ética; como existe currículo oculto, é uma ética oculta, porque nem sempre ela é verbalizada mas que ela dá substrato a todas atividades que são desenvolvidas ali. Então por exemplo, além da importância de nós sermos rigorosos, há também a importância de nós sermos respeitosos e de nós termos uma postura crítica de modo que todos os atores envolvidos possam tomar decisões, possam lidar com as questões e tomar decisões. Só que essas decisões, a gente tem percebido que passar pelo crivo do diálogo tem sido o efeito mais interessante.

Então é muito importante que o professor orientador e o professor superior esteja em permanente diálogo e que envolvam o aluno permanentemente nesse diálogo e se possível a comunidade acadêmica da escola de música e também a comunidade escolar do campo de estágio. Então esse é um ponto muito colocado nos relatórios de estágio, dos alunos reclamarem em alguma coisa em relação à cultura professor e a gente tem tentado trabalhar com isso incentivando a crítica e junto com a crítica incentivando o respeito à atuação daquele professor à diversidade de possibilidades de atuação de cada professor e fazendo com que o

aluno pense que se aquele professor desenvolveu aquela atividade, e por *n* razões ele não esteja de acordo, seja com a conduta, seja com a atividade em si, como que esse aluno poderia fazer diferente? e como ele fará diferente no momento da ação docente? Ou seja, no momento em que ele assume a sala de aula e se torna o docente daquela turma.

8. Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva no exercício da docência. Sendo assim, como você incentiva no estagiário, o pensamento autônomo e reflexivo?

É... então é importante ter claro que no estágio eu tenho um papel definido, e é um papel definido e por ser definido ele tem possibilidades e tem limitações. Então eu tenho muitas possibilidades de intervir na formação desse aluno, ao mesmo tempo eu tenho algumas limitações enquanto a minha atuação. É... se a gente for pensar na figura do professor orientador tendo em mente as possibilidades de intervenção que ele tem e também os limites da intervenção do professor-orientador, nós estamos desenvolvendo uma via mais propícia para que essa autonomia se desenvolva, e a via principal pra o desenvolvimento da autonomia dos alunos é sempre linha do diálogo. Porque o professor orientador, a medida que ele organiza a disciplina de estágio e a relação do aluno com a escola campo sempre em parceria com professor supervisor, ele organiza o momento de diálogo. É nesse diálogo que autonomia, o desenvolvimento da autonomia e da tomada de decisões é encorajado por esse professor.

É claro que de um modo geral, autonomia ela tem sido um dos motivos da nossa educação. Seja educação básica, seja em outros ambientes educativos como espaço específico, conservatórios de músicas no caso específico da educação musical, então se a gente for pensar especialmente, a educação busca o desenvolvimento da Autonomia dos alunos. A gente tenta ao longo dos estágios fazer com que essa autonomia se desenvolva novamente principalmente pela via do diálogo.

Bem... no diálogo que é travado na disciplina, essa autonomia vai sendo paulatinamente construída, seja pela possibilidade do aluno cada vez mais ir atuando enquanto docente, parceiro do professor supervisor da escola campo e também na medida que nós damos voz a esses alunos. Então é comum nas disciplinas que acontece na escola de música, agente iniciar uma discussão ou intermediar uma discussão pelos relatórios que os alunos trazem e pelos relatos que eles trazem do campo de estágio.

Na medida em que nós damos voz a esses alunos e damos a ele a possibilidade de atuar no campo de estágio, nós acreditamos de estar contribuindo para que eles desenvolvam além de um pensamento autônomo também, atitudes autônomas no campo de estágio. Agora embora essa seja uma possibilidade, uma possibilidade travada tanto na disciplina, nos momentos dialógicos da disciplina, possam também nos momentos da atividade pedagógico da escola campo; sejam nas conversas coletivas, envolvendo orientadores, supervisores, seja na própria atuação docente de todo modo nós temos alguns limites com relação a construção da autonomia do aluno. Porque como acabei de dizer, autonomia é construção, e pra que haja construção é preciso boa vontade de todos que estejam envolvidos com o estágio. Então eu acho que essa autonomia, a gente tem sim por objetivo desenvolver a autonomia do aluno, mas também de ir desenvolvendo cada um, cada vez mais uma autonomia crítico-reflexiva. Então esse valor da Autonomia ele é muito importante para ser desenvolvido com o aluno do estágio mas também com os alunos do campo de estágio, com os professores orientadores e

supervisores. Mas é uma autonomia que é basicamente fomentada pelo diálogo pela atuação prática do estagiário no campo de estágio e também pelas relações entre todos os atores que estão em envolvidos para que o estágio curricular supervisionado tenha de fato um sentido, uma significação pra todos que estão ali trabalhando juntos e acreditando em melhorar de alguma forma a educação em nosso país.

Apêndice O_Professora Orientadora MS. Y

1. Para você, qual a importância do estágio na formação docente de um professor de música?

Bom, pra mim eu sempre falo para os meus alunos de estágio, que, o estágio é aquela disciplina, e a fase, é...o momento durante o curso onde o aluno vai poder pôr em prática todos os conhecimentos até então vistos. Alguns teóricos, outros já vivenciados, práticos, mas ao mesmo tempo ele vai poder colocar todos os conhecimentos até então, vistos na docência, vamos dizer assim, na docência no sentido do exercício da prática docente. Logicamente que ainda são estagiários sempre como acompanhamento de orientador e de supervisor, mas eles estão exercitando a prática docente. Então a gente percebe muito o perfil de cada aluno exatamente, a partir das potencialidades que eles têm, ao mesmo tempo do que eles têm de mais forte na sua formação, então a gente vê que tem alunos que tem um desenvolvimento muito grande de arranjo rapidamente eles começam fazer rapidamente arranjo para seus alunos outros alunos que já tenham uma certa prática docente ou de regência ou uma certa liderança às vezes assumem por si só essa tarefa de posição de regência. A partir, do estágio a gente vai verificando esse profissional em formação, então o estágio ele é bem um raio-X vamos dizer, do processo de formação desse licenciando então como está do meio para o fim, a partir, acho que agora, do quarto, da nossa matriz, esse é o quarto período, é, que começa aquela introdução do estágio para depois começar efetivamente a partir do quinto período, a gente percebe o que pode ser trabalhado nesse profissional até em outros campos de conhecimento.

2. Qual o papel desempenhado pelo professor orientador e pelo supervisor nesse processo? Em que consiste a atuação de cada um?

Bom, o orientador ele primeiro vai, exatamente dar as diretrizes teóricas, vai propiciar a discussão das experiências, fazendo o link com todas teorias, fazendo esse link com as disciplinas do curso; então quando o orientador que é o profissional, que está lotado na UFG, que é o nosso docente, quanto mais ele tem esse conhecimento da matriz curricular quanto mais ele tem o conhecimento dos planos de ensino das disciplinas, ele pode auxiliar o aluno a fazer com que esse conhecimento faça sentido no estágio. Por que nós temos infelizmente ainda uma educação que é muito estanque né. O que é muito, vamos dizer assim, ainda está nos seus nichos, nas suas gavetinhas de uma forma ainda, de uma teoria muito dissociada da prática e a gente percebe que mesmo no ensino superior muito dos nossos alunos tem dificuldade em colocar os métodos ativos em prática no estágio, o que ele aprendeu na teoria musical, o que ele aprendeu no instrumento.

Então assim, ainda a gente percebe que o estágio é essa; como eu disse anteriormente, é esse momento onde ele vai tentar integrar toda essa formação até então trabalhada e ao mesmo tempo, ele já entrar em contato com a realidade de sala de aula onde nós sempre deparamos com novos desafios, novos sujeitos, educandos, cada espaço, cada faixa etária, cada escola, cada objetivo, cada projeto pedagógico de cada escola tem um direcionamento. Então esse aluno tem que estar ali preparado para integrar nesse campo de atuação docente e ao mesmo tempo, o supervisor tem que estar para recepcionar esse aluno então logicamente esse orientador e supervisor tem que estar sempre em contato para ter uma sintonia de

discurso, para ter um planejamento em conjunto o que não é muito fácil em decorrência das agendas; das diversas tarefas dos professores.

Mas é de suma importância este trabalho coletivo, na orientação desse licenciando, então o supervisor é aquele que vai estar comandando a sala de aula. Ele é o professor profissional responsável por aquela atividade e a partir do desenvolvimento do semestre, de acordo com planejamento, ele vai permitindo que o aluno, vamos dizer assim, participe da sua aula, ora como semi regente e depois nas regências, no momento devido, nas regências.

É muito comum, na época que eu estive à frente da coordenação de estágio que foi 2006 a 2009, é... era muito comum a gente perceber que os alunos já iam logo pra semi regência porque é difícil ficar parado numa aula de música, onde as demandas são muito grandes e realmente o professor, às vezes, é... tem dificuldade, às vezes tem dificuldades de conseguir comandar uma turma numerosa. Muitas vezes uma turma de 30 a 40 alunos então geralmente a gente percebe que a atuação dos alunos de música é um pouco menor do que as outras áreas e já começamos como os alunos a trabalhar semi regência e a regência.

Mas é de fundamental importância que esse orientador prepare o planejamento e ao mesmo tempo as discussões, fazendo sentido as discussões teóricas. Assim como as discussões de buscar fazendo com que o aluno reflita é aqueles conhecimento, que até então, ele trabalhou nas outras disciplinas devem ser usados. Então nesse sentido o aluno tem que usar a sua autonomia, ele tem que saber que ele é um formulador e o professor orientador e o professor supervisor de uma certa forma, na medida do possível, tem que valorizar essa capacidade do aluno trazer também as suas contribuições. De acordo exatamente com essas características, eu lembro que tinham alunos que tinham facilidade enorme de fazer arranjo e isso é muito enriquecedor pra aulas né. Outros vinham com outros tipos de abordagem, com jogos musicais e as vezes sugerindo coisas que até mesmo, nós mesmos não tínhamos visualizados. Até professores mais experientes às vezes não tinham visualizado aquela possibilidade com aquele grupo, então, é um ambiente extremamente rico e também exatamente, que propicia essa visão do professor que deve ou que deve pelo menos propiciar... que o professor em sala de aula ele é aquela figura que, vamos dizer assim, formula a condução das atividades, ele que tem que ter em si o espírito de inovação, o espírito de sempre querer pesquisar.

Eu gosto muito do termo professor como intelectual, aquele pesquisador, aquele o famoso professor pesquisador, mas também um professor que é o interventor social. Então ele coloca o professor como intelectual, o professor como interventores sociais. No caso do interventor social é aquele professor que promove atividades, que também extrapolam um pouco o campo da sala de aula e promovendo também alguma atividade com a família, com a comunidade da escola, comentando, provocando também nos alunos das escolas que também pra eles façam sentido aquela aula de música né.

Então é interessante que felizmente aula de música por si só ela já tem esse poder de ser, vamos dizer assim, de impactar o outro de uma forma muito interessante. Então o professor que tem uma autonomia desenvolvida, assim como uma criatividade, uma segurança ele pode realmente transformar o cotidiano da sala de aula e da escola.

3. Pela sua experiência, quais as principais dificuldades enfrentadas pelos licenciandos ao vivenciarem o estágio?

Bom, olha, a gente, então assim, eu entrei em 2006 já como professora do estágio e na coordenação do estágio. Na época não tínhamos ainda o estágio como ele é posto hoje, o curso de licenciatura ele tinha uma outra matriz curricular que não previa espaços alternativos e todo o estágio anterior era feito no Espaço de Ensino Básico. De forma que os alunos, a gente tinha uma turma de 20, 20 poucas pessoas, então tinha pouca oportunidade de regência e semi regência, eram aulas mais de observação né.

E a partir da nova matriz, que agora já está velha, porque depois já tivemos uma outra mudança na nossa matriz de 2004, não me lembro bem; então em 2006 eu já entrei, já com a nova matriz e foi a primeira oportunidade da gente formular, vamos dizer assim, esse novo estágio. Então assumi a cadeira tanto do espaço alternativo e depois a primeira cadeira... didática e prática do ensino musical que foi realmente no Espaço de Ensino Básico e ao mesmo tempo tinha a turma da matriz antiga como a turma da matriz nova. Então eu também acompanhava os meninos no Espaço de Ensino Básico mas também, já comecei o trabalho com os espaços alternativos.

Então nos espaços alternativos a gente já tinha, hoje já felizmente algumas coisas já mudaram, não tenho atualização desses dois últimos anos; mas, quando começamos nós não tínhamos muito a figura do supervisor, porque a gente acabou abrindo muito campo de estágio e campos de atuação profissional. Então eu era a professora orientadora e supervisora, eu ia junto com os alunos e ficava com eles, as vezes eu ministrava as aulas e eles como semi regentes. E depois, eles começaram a dar as aulas, o que foi muito rico pra mim e acho que pra primeiras turmas mas, ao mesmo tempo muito trabalho, enorme; porque a gente viu que, a gente, talvez pela empolgação estava assumindo um trabalho maior do que talvez do que as vezes a gente pudesse assumir naquele momento. Mas foi uma primeira fase bastante produtiva, bastante criativa a partir da surpresa das primeiras turmas dos produtos musicais estarem tão bons; que nós tivemos a ideia de fazer o primeiro seminário, logo em 2008, a turma de 2008, se não me engano a turma de 2008 a gente fez o primeiro recital ocupando a quarta-feira da Emac, que era música na escola de música, que era uma quarta de Gala vamos falar assim. Então a educação musical ela entra nesse espaço e começa a ser um pouco mais valorizada dentro desse ambiente também da performance de ter o que, não dá performance enquanto campo de atuação no sentido que formação de concertistas mas, nas apresentações públicas, que a gente via poucas apresentações do resultado pedagógico da educação musical.

Mas as dificuldades eram imensas, porque a gente tinha no primeiro momento, a gente separou dois alunos por espaço, então a gente tinha no começo 8 espaços em duplas, e fomos percebemos que os alunos; e que alguns tinham supervisores; então fomos percebendo que em dupla era muito pesado ainda, pros alunos assumirem. Alguns por inexperiência outros por quê quando, por exemplo, faltava, já tinha um compromisso profissional ou a vida de músico vezes tinha uma apresentação fora, alguma viagem; aquele que não era tão seguro na regência ele faltava também. Então tinha esse problema de as vezes muitas faltas no semestre dos nossos alunos regentes, ao mesmo tempo também no início, isso no espaço alternativo.

Nós também tínhamos é... os espaços eram muito longe, mas ao mesmo tempo foi uma experiência pra mim, encantadora. De conhecer também a nossa cidade, no sentido de que fui em regiões de que não conhecia e muitos também foram e muitos eram regiões também próprias dos nossos alunos que era a região que eles também moravam. Então foi um momento de muitas descobertas pra todos nós, eu me incluo também. Então tinha o problema da distância, tinha a questão da carga horária do estágio que é uma coisa também que eles tinham essa percepção, por conta da própria dinâmica da matriz curricular.

Mas a partir do momento que eles fazem o estágio no espaço alternativo e eles tinham a total autonomia, porque o espaço alternativo vinha antes; até a professora E falava: "Y o espaço alternativo tinha que vir por último!", porque a gente fazia o projeto pedagógico para o espaço. Então como é que era, a gente diagnosticava qual que era a vocação daquele espaço, então por exemplo, o XXX, o XXX tinha instrumentos de percussão né, e tinha muita criança pititinha, pequenas... então a gente fazia o trabalho de musicalização e coral e o trabalho de percussão. Depois com tempo, era um lugar tão instigante por que também tinha um gestor, tem ainda um gestor extremamente entusiasmado a gente continuou sendo campo durante muitos anos, apesar da distância, era no XXX.

Outro aluno propôs abrir um grupo de flauta doce então abrimos um grupo de flauta doce e fizemos um trabalho interessante mas de acordo com a estrutura daquele espaço; depois oferecemos também violão. Então fomos incindindo; depois do primeiro momento que a gente viu que 8 espaços era muito, a gente preferiu então diminuir os espaços e aumentar a oferta de oficinas naquele espaço de acordo com o interesse da instituição. Porque aí era mais fácil da supervisão, que no caso era eu; supervisionar né, e às vezes também eu era a supervisora e orientadora né. Então acabava que ficava passando de oficina em oficina pra auxiliar os alunos hora pra reger, hora pra observar e os alunos também então sempre iniciavam na semi regência depois já na regência né.

E também tivemos também XXX que era mais violão que já tinham violões assim como o XXX então também lá era violão e lá também tinha instrumentos de metais que fez o trabalho de ensino coletivo de sopro, e tinha também a área da musicalização. Então de acordo com cada espaço a gente ia organizando, assim como aqui na; que eu acredito que ainda seja campo de estágio, que é a XXX. Porque eu falei que como eu comecei a perceber a logística dos alunos era complicada, no sentido de que muitos dos nossos alunos não tinham às vezes nem o tempo de deslocamento mas alguns dificuldade financeiras. E quando a gente começa a perceber que realmente, eu dava carona pra esses meninos. A partir do momento que eu comecei a pegar tantas atribuições dentro da UFG, coordenação de curso, depois a PROEC, que eu entrei em 2009 e continuei dando aula no estágio, então assim, eu percebi que eu não poderia ficar além de supervisionar a também ter que levar todos e buscar todos; que eu fazia isso no começo. Porque eu também era a supervisora, então eu falei não, vamos ter que ter um espaço mais próximo, um espaço que também tenha outros supervisores.

No caso da XXX foi ótimo porque era mais próximo e tinha o professor XXX na época, que era o supervisor imediato, o outro professor que não me recordo o nome que era da banda né. Então eu já não precisava estar todas as tardes lá. Eu ia de acordo com planejamento mais de 15 em 15 dias eu estaria presente no campo mais as orientações semanais na sala de aula, nos planejamentos e nas dinâmicas também de preparação de Regência. E então, assim, eu fui percebendo que essa era uma dificuldade que também não podia ser montado uma estrutura de estágio baseada em um sacrifício pessoal tem que ser condição institucional. Então ao mesmo tempo também a gente ficou só no XXX, na casa de projetos sociais que era ligado na PROEC, isso já em 2009 e 10, numa segunda fase desse estágio espaço alternativo.

E também tínhamos o XXX que foi uma época espaço alternativo e depois uma que foi entendido que era espaço formal porque era dentro do XXX, então também tinha essas discussões entre nós professoras de área. Também a característica do que seria o espaço formal e não formal até que a gente chegou na consciência de que uma banda no contraturno é... de uma escola formal era ensino não formal porque não tinha característica curricular, era um projeto dentro da escola então a gente também começou aceitar esse espaço como alternativo. Então era alternativo porque todas as bandas tinham um supervisor e inclusive grande parte eram nossos alunos. Então já assim nessa fase, nessa segunda, terceira fase nós percebemos que muitos desses supervisores novos eram recém-formados; aluno egresso nossos que já tinha participado de todo esse processo. Então já tinham... já estava acostumado com formulários, já estavam costumados com toda a questão do rigor da documentação de estágio, então foi muito interessante.

Mas nos primeiros momentos do espaço formal havia essa reclamação que acabou que nós dividimos e eu fiquei com espaço alternativo e a professora E ficou com o espaço formal. Então já tinha que... os alunos já tinham que se adequar ao plano de ensino da professora do campo, eles já estava acostumado com essa autonomia vamos dizer assim, com essa liberdade de formulação, de escolha de repertório, de escolha... enfim de todo planejamento de aula eles tinham muita liberdade. Então, essa também era uma dificuldade de inserir, de se inserir

dentro de um contexto escolar que muitas vezes eles não concordavam vamos falar assim, ou às vezes tinha uma visão um pouco diferente do que estava sendo proposto nas discussões em sala de aula. Mas também a gente alertava que era um processo extremamente rico, que quando eles se tornarem futuros professores eles vão ter que, a partir desse desenvolvimento do seu pensamento crítico, a partir do seu conhecimento da sua força e do seu fôlego, sua força de trabalho e seu fôlego de trabalho, ele poderá transformar aquela situação, numa situação mais propícia pra uma educação mais significativa; uma educação é... um modelo em que eles possam ter mais música na escola.

Porque a reclamação era essa; de que alguns momentos essa escola está ali sempre atrás das festas e não da música como objeto principal da aula. Mas de toda forma assim, eu vejo que não havia grandes reclamações, apesar de estar num momento mais distante, mas não haviam grandes reclamações; algumas observações que a gente poderia pontuar para quê até essas observações eram enriquecedoras prá mostrar o desenvolvimento do próprio estágio e também do próprio professor. Bom... se você pensa que é assim, então como você vai implementar essa prática pedagógica na escola? Cabe a você também criar o caminho, criar um processo, uma alternativa diferenciada.

4. Como estrutura organizacional, o estágio supervisionado demanda de uma parte burocrática durante o processo de vinculação (documentações, vinculação e conciliação de horários nos devidos campos, exigência do cumprimento da carga horária). Como o professor orientador lida com todas essas exigências e variáveis?

Então, essa é a parte mais difícil porque na verdade a gente na época, eu não sei como está agora, a gente tinha pouco apoio da secretaria, então o professor de estágio ele sempre fica muito, vamos dizer assim, atribulado de tarefas porque ele tem que orientar os alunos e às vezes a gente tem que dividir grupos menores, mas, assim não eram duplas, mas eram quartetos... mas numa sala de 20 às vezes tinha cinco projetos, e a gente tem que fazer o planejamento com cinco projetos diferentes, cinco campos diferentes por exemplo. Então você tinha que ter toda uma dinâmica de atenção, de agir rapidamente, o que pode ser feito para auxiliar o aluno, então o professor de estágio leva também, como todo professor, muita coisa para casa; como planos pra casa e muita reflexão pra gente tentar fazer com que a aula pudesse render o mais prático possível e ter a orientação adequada.

E ao mesmo tempo como já tinha Campos acontecendo pra gente não perder tempo a gente já começava as aulas e as documentações às vezes atrasava né... o que o certo seria a gente preencher toda essa documentação, entregar e tudo. Então a gente acabou que nesse primeiro momento a gente; até foi um dos motivos que a gente criou a questão da... é... daquela disciplina que é os aspectos éticos profissionais do estágio, onde a gente apresenta o que é o estágio. Até o aluno a se situar no que era o estágio; às vezes demorava até dois meses, a gente tinha pouco tempo pra ir a campo, então a gente começou a ter essa disciplina para introduzir nas questões do regulamento, do regimento do estágio, que foi elaborado nessa época de 2006/2007... Até que uma comissão, grande, formada por pessoas de várias áreas; artes cênicas musicoterapia e todos os cursos 2006 que fizeram o primeiro regimento se não me engano do estágio, porque até então a Prograd não existia o regimento interno de cada escola. Então criamos formulários e tudo. E... então... quando a gente percebeu que havia algumas dificuldades da separação do estágio, uma dificuldade do aluno entender o que era estágio, então foi necessariamente criar essa disciplina pra minimizar essas questões de documentação pra ver se a gente minimiza essas questões do processo também do entendimento do que é espaço formal, do que é espaço não formal. A gente apresentava os campos até tive a oportunidade de trabalhar com você nesta época né, que a gente fazia aquelas aulas de visitas o quanto antes para que a gente pudesse tentar antecipar o semestre que vem; porque é o nosso sonho colocar no sistema, todo mundo certinho nos campos... mas

todo ano muda, então esse é um problema muito difícil para fazer com que o estágio funcione numa matriz diversa, nossas condições de nossas horários peculiares.

Porque tem aluno que fazem aulas individuais, aulas de câmara, depende da habilitação há variantes na matriz, mas já foi um passo porque conseguimos ao longo do semestre, maior rapidez nessa escolha e nesse encaminhamento para campo. E ao mesmo tempo essa disciplina foi pensada para tratar sempre até ao final do curso, porque a gente tem que estar tratando como você mencionou na pergunta, a relação com o aluno na cobrança de facilidade, seriedade, e compromisso ético, ético profissional dentro do ambiente profissional, como ele se portar na escola como estagiário, mas é um futuro profissional, tem que se importar com profissionalismo. Então eu penso assim que é um desafio muito grande pro docente orientador, pro supervisor também, mas pra nós da Escola de Música e artes cênicas está trabalhando institucionalmente o estágio muito importante então, essa cobrança mas não uma cobrança no sentido vamos dizer assim, somente punitivo mas no sentido de trazer uma reflexão porque ele está sendo um profissional. Você já está sendo visto como um profissional apesar de você está sendo estagiário, mas até a gente percebeu isso, que muitos dos nossos Estagiários dos bons Estagiários já saíram da faculdade empregados, porque, exatamente por essa toda essa atitude de entrega, de seriedade, de compromisso com a docência, com o seu aluno, com a instituição EMAC.

Porque quando a gente vai pro campo de estágio não é só o aluno estagiário e não só o professor orientador é a instituição está vai, está indo levando o nome da Emac e da UFG. Então é um compromisso muito sério porque...então a gente levava assim, tinham algumas discussões extremamente pertinentes as vezes no campo no âmbito coletivo mas às vezes a gente precisava na ótica de um ou outro, às vezes não estava cumprindo ali com essa carga horária né; às vezes o aluno por exemplo, podia faltar tantas aulas; ele queria faltar todas que podiam, mas as vezes sem motivo claro e isso não é correto, apesar de estar legal, não é moral no sentido assim se eu não tenho outro compromisso, eu tenho compromisso com o estágio. Mas lógico se trabalho... mas o melhor é não ter falta alguma, a falta é só quando há um impedimento muito grande, motivos de saúde, de viagem, ou de trabalho sério, avisado com antecedência.

Então isso é muito interessante porque o estagiário ele é o futuro profissional e se a gente não alertá-lo, não é que a gente vai ter controle sobre isso, porque a gente não tem controle sobre as pessoas mas, essas boas práticas tem que ser, vamos dizer assim, despertado no curso de graduação então eu teu vejo muitos alunos dizendo “Professora quando eu formar vai ser diferente”, não vai, agente sabe que não vai. Porque o bom aluno ele se torna um bom profissional. Mas também a gente percebe assim que muitos deles depois desse envolvimento, porque o orientador ele precisa ter envolvimento com esse aluno, com esse campo; então depois de algumas conversas e de alguns esclarecimentos a gente percebia que muitos alunos renasciam, vamos falar assim. Mudavam sua postura pelo esclarecimento, porque às vezes também, o aluno não estava despertado pra importância do trabalho dele e também o professor orientador ele, então assim, por isso que eu falo que o professor orientador de estágio não é somente uma pessoa técnica ou no instrumento, técnica em educação por exemplo, ele tem que ter conhecimento técnico musical mas, tem que ter o conhecimento na educação, nos processos educativos e ao mesmo tempo tem que ter uma sensibilidade tanto nessa questão de mediar essa relação entre campo e instituição que é a UFG e mediar também a relação entre aluno e o campo profissional. São várias mediações entre o aluno e a matriz curricular, as questões da educação então, você vê que o professor tem uma gama de aspectos do conhecimento e ao mesmo tempo dos aspectos do campo humano, humanístico pra administrar, vamos falar assim. Então realmente não é uma tarefa muito fácil, mas também é uma tarefa que pode ser aprender que a gente aprende sempre.

Então eu vejo que o estágio ao longo dos anos foi mudando demais então a gente a cada ano modificava certos procedimentos, certas é...até mesmo maneiras de, vamos dizer assim, chamar o aluno para as boas práticas vou usar esse termo né. Porque a gente também enquanto Professor tende muito a... às vezes... ou perdoar muito ou também ser muito severo então tentar abrir esse caminho para o diálogo e perceber. Que o aluno ele está arredio, ele não está se encontrando enquanto educador então você tem que saber como mediar isso e ajuda-lo um pouco mais, por que outro já tem isso naturalmente dependendo da sua história de vida se participou de banda, participou de coral, já é líder ou em igreja ou do seu trabalho, ou também assim, em todo esse processo do aluno em si.

Então o professor saber enxergar as características de cada aluno e a partir daí também em conjunto com eles tentar ver assim, porque neste momento algum deles podem não estar preparado para regência, mas vai estar preparado para ser um excelente assistente e um semi regente e que vai aprender muito porque neste momento ele não tenha nenhuma bagagem. Assim como chega alunos que são professores inclusive, já são professores profissionais mas que ainda não tem a licenciatura. Então a nossa gama também é muito diferenciada, então a gente também tem que saber administrar seus grupos no sentido de que os pequenos grupos, eles também se motivem entre eles, porque o trabalho realmente é desafiante, é desafiante, a cada semana é um desafio diferente

5. Sabendo das condições sociais e das necessidades educativas próprias de cada espaço (ed. básica, espaço alternativo e específico), como ocorre o diálogo entre o professor orientador e o professor supervisor de forma a viabilizar um trabalho produtivo?

A gente trabalhava, geralmente as primeiras aulas, agente acompanhava a campo e quando havia professor supervisor, por que no primeiro momento do estágio não havia; então a gente mesmo que fazia toda esse acompanhamento em sala de aula e já ia pra campo com a coisa planejada e depois voltava para avaliação. Então nos campos que havia supervisor a gente tentava mediar essa atuação desse aluno. Então por exemplo nos casos é...da XXX, do XXX, com alguns a gente começou até fazer, alguns começavam na semi regência e depois assumia turmas, porque no espaço alternativo tem o 1 e 2, então teve uma experiência em que o aluno ficou o primeiro semestre todo na semi regência e no segundo semestre todo na regência, e isso era acordado com professor supervisor.

Em outros campos nem sempre, mas há também uma linha muito tênue por exemplo, eu vejo assim, que às vezes a gente, eu penso, não pode ser muito rígido nessa linha entre observação, semi regência e regência. Lógico que a regência deve ser planejada com antecedência, mas por exemplo, em determinado momento o próprio espaço pede para que o aluno venha a ficar com grupo, porque eu preciso ir atender a outro grupo. Então, também incentivar os alunos a também ocuparem seu espaço, logicamente porque também algumas orientações de outros cursos por exemplo, “Não eu não vou, porque ainda não está no processo da semi regência.”

Mas sabe que numa escola também, muitos imprevistos acontecem, mas a gente precisa se deparar não para assumir a regência mas para auxiliar o professor, nós estamos lá num grupo, num nipe que está ali, separado, estudando na sua parte, então muitas vezes o próprio professor pegar os alunos “Você pode ficar aqui auxiliar eles na leitura? Auxiliar eles no solfejo?” Alguns iam né...e acredito que era positivo. Então assim, eu dava autonomia para o supervisor também, de também, de acordo com a necessidade, de acordo com a maneira como ele viajava o potencial do nosso aluno ele também envolvesse esse aluno ativamente.

Porque eu penso assim, eu penso que apesar deles acharem que é muito grande o período, é um período que não é tão grande assim é relativamente curto. São 16 aulas semestrais, mas em campo mesmo não são nem 10. Geralmente a gente não consegue, 10, 12 no máximo, quando a gente consegue encaminhar rapidamente e quando não há feriado, ou

algum evento que atrapalha a aula naquela semana. Então eu penso que é um momento raro de aprendizagem. Então tinha também todo esse contexto da elaboração em sala de aula das regências, mas também tinham...eu deixava que o supervisor também tivesse autonomia de propor coisas que não estavam planejadas mas, que eram situações que necessitavam naquele momento e também faz parte da escola. A gente não faz tudo que está planejado as vezes a gente precisa ter essa autonomia e essa perspicácia de saber as vezes modificar até o planejamento que não está dando certo aquele momento.

6. Como o professor orientador promove a articulação entre a teoria e a prática do que é aprendido no curso, com as necessidades dos diferentes campos de estágio? Como esta mediação é feita?

É o que eu falei no começo, então assim, na verdade o orientador pra ele fazer essa mediação ele tem que conhecer a matriz curricular e ele tem que conhecer os planos de ensino das disciplinas e tem que conhecer os outros colegas, o trabalho dos outros colegas. Eu penso que quanto mais a área, não só a área de estágio, mas a área de educação musical e também depois, a área conhece trabalha as reuniões pedagógicas e conheça as práticas dos colegas mais fácil de fazer essa mediação. Eu percebo assim, no caso eu até pude ter a experiência de ter uma visão geral por ter sido coordenadora de curso na época. Então eu entrei como coordenadora de estágio então os planos passaram por mim e eu conversava com todo os professores e acabaram que eu tinha condição de fazer essa mediação. E era interessante porque o aluno se surpreende quando você fala assim “Olha aquilo que você aprendeu com fulano! Oh o que você aprendeu com professor, lembra?!” dá uma sensação do aluno de que o professor ele realmente está integrando dentro dum processo maior que é a sua disciplina. A sua disciplina é uma integrante na matriz curricular e tem que fazer sentido então eu penso assim um professor orientador, que é distante da sua área, no sentido de não estar presente nas reuniões pedagógicas, não está presente nas reuniões maiores de área, e não está presente no dia-a-dia da escola, talvez ele teria mais dificuldade de fazer essa mediação. Porque como falei é “um pulo do gato” então se o professor orientador conseguir fazer essa mediação, que bom será para o aluno porque vão ter, vamos dizer assim, um reforço dessa formação no sentido de que, fazer que todos esses conhecimentos da matriz curricular façam sentido.

Então assim, eu sei também que muitas coisas são idealizadas, pensadas no dia-a-dia, por uma série de dificuldades a gente não consegue ter tempo de ter mais reuniões pedagógicas diárias e eu penso que é um dos fatores pra que esse professor orientador tenha condições de fazer essa mediação de todas as disciplinas é ele conhecendo bem para crescer e conhecer. El ele conhecendo bem também não só o PPC em termos de lei, de norma do que está escrito mas, o que está realmente acontecendo na prática de cada colega na sala de aula, o que está acontecendo naquele momento. Então isso é muito interessante, eu lembro que na época quando eu dava aula de oficina de criação era muito interessante, porque eu dei aula no primeiro ano de oficina de criação, peguei os alunos já no 5º período, que eram meus alunos, então eu poderia fazer um diferencial das atividades, assim como eu imagino as professoras que dão métodos ativos, ou á deram e orientam o estágio podem fazer esses links. Assim como se a gente conhecer o que está sendo dado na disciplina de fundamentos da didática e música 1 e 2 e tem também as disciplinas currículo e avaliação enfim, várias disciplinas de ordem didática ajudam o aluno a falar “Nossa é mesmo, foi isso que eu aprendi!” e agora vou planejar eu como professor, como futuro professor eu tenho que pegar todos esses conhecimentos e elaborar minha aula e logicamente, por isso que eu falei no começo, quando a gente vê no estágio o perfil do aluno, o que que ele tem mais facilidade, o que tem ele tem mais desenvolvido naquele momento, ele usa isso a seu favor. E isso é bem notório então por exemplo, os alunos que são instrumentistas eles gostam de tocar mais de se expor tocando, os que têm mais facilidade com Regência já vão pra frente liderar, aqueles que gostam da semi-

regência mas são excelentes arranjadores, compositores às vezes, então assim, a gente vai vendendo de acordo com essa formação do aluno, não só a nossa formação formal; mas vamos ver sim o background desse aluno, o que ele trouxe como ele, a gente percebe claramente nas situações de prática docente desses alunos quando ele vai a campo fazer a regência

7. Considerando os relatórios dos estagiários quais são as principais críticas observadas nas reflexões descritas por eles?

Assim, tinha algumas críticas que eram relacionadas comigo...comigo eu falo assim...eu criticando o relatório deles....relatórios muito sucinto, muitos relatórios, assim, muito descriptivos, rasos. Tinha aluno que fazer duas linhas só, isso todas as aulas e no final um apanhado bem, de uma forma, vamos dizer assim, superficial. Outros já aprofundavam de forma de escrever duas, três páginas as vezes de comentário de cada aula. Então a gente percebe assim, que o aluno com mais maturidade ele consegue fazer uma crítica construtivista para o processo. Muitos nos auxiliavam a diagnosticar o problema, sugerir tanto estruturas, organizações, outros ficavam no campo da crítica mas as vezes uma crítica que as vezes não condizia com o espaço. (*Essas críticas eram mais metodológicas?*) Não, no estágio do espaço alternativo na verdade, a grande parte dos alunos criticava a parte da distância, a distância dos campos isso era notório, e também da falta de estrutura do campo do espaço alternativo. Eu vou me ater mais ao espaço alternativo porque os relatórios 2007/2008 foram pontuais, numa época mais distante, mas que eu me lembro que tinha algo assim, de críticas em relação à pouca participação na aula, até muitos queriam regrer, mas a estrutura é outra, num campo formal você não é o professor responsável, você é o professor assistente, é o semi regente. E as vezes uma ou duas vezes no semestre vai regrer ne...então havia critica também quando a gente é...teve como campo algumas escolas particulares dessa coisa de estar muito envolvido com as questões da festas do calendário a pratica musical vinculada e tal.

Também tinha, no espaço alternativo, também tinha por exemplo o campo às vezes tinha uma visita, um passeio e às vezes desmarcava a ação e às vezes eles se sentiam desvalorizados dentro do processo, e era uma aula por semana, só duas horas né...Porque o campo de espaço alternativo era 48 horas antes agora que é 64. Mas na verdade a gente tinha era 48 horas no começo, a gente até dava um pouco mais de aulas horas, a gente dava 64 na prática. Porque a gente fazia uma aula normal que era de 1:40, duas aulas de planejamento por semana, e mais duas em campo, por que não tinha condição de fazer uma hora de planejamento e ao mesmo tempo 1h em campo ou são duas de planejamento e 1 h de campo... por isso a gente também modificou pra 64 horas no começo da matriz de 2004 era 48 horas. Então também era uma crítica, ou aumenta e tal. Porque a gente está aqui com uma carga maior que a matriz. Mas eu penso quero mais que era mais a estrutura do espaço alternativo e da questão da distância porque até porque nesse primeiro momento eles eram os próprios professores, nós éramos os que formulávamos, planejavávamos e ia a campo. Eu dava as primeiras aulas e logo na terceira aula eles já assumiam. Então não tinha muito tempo para essa ambientação. Também isso era o ponto de crítica. Por isso que a gente que também começou aos pouquinhos de acordo com a críticas dos relatórios também nas aulas buscar espaços mais estruturados.

8. Para Paulo Freire, a autonomia está diretamente ligada à tomada de decisão que o indivíduo exerce sobre sua realidade. A questão da autonomia vai contrária ao pensamento de um ensino tradicional onde o aluno memoriza mecanicamente os conteúdos e os transportam mecanicamente para uma avaliação sistemática. Considerando isso, acreditamos que o ensino superior pode contribuir para a conscientização do pensamento autônomo, desenvolvendo a capacidade crítica-reflexiva

no exercício da docência. Sendo assim, como você incentiva no estagiário, o pensamento autônomo e reflexivo?

Olha isso é uma chave pra vida, isso nunca está, assim como qualquer tipo de conhecimento e de, vamos dizer assim, de competência, habilidade e competência está sempre em construção e desenvolvimento. Mas assim, tenho bastante simpatia pelo pensamento Paulo Freire, participei desde 2003 como associada da carta de Paulo Freire de Recife fundado por ele e participei de vários encontros em Recife promovido por esse grupo e também vi muitos trabalhos do Paulo Freire e de pessoas que estudavam seu pensamento. Assim como participei de vários, eventos vou falar Freirianos. Então o que a gente percebe que a primeira questão que se dá desse pensamento crítico reflexivo, ele se dá na práxis, então, a teoria ela não é dissociada de forma alguma da prática e a prática ela é trabalhada de uma forma com muito comprometimento. Não há de se falar; eu não vejo pensamento crítico reflexivo e ao mesmo tempo no desenvolvimento autonomia, sem entrega. O profissional ele tem que ter consciência de que a tarefa não é fácil, então você ter em mente a educação como um meio para transformação da sociedade, isso significa algo muito, vamos dizer assim, ambicioso. Lógico que a gente sabe que a educação sozinha não transforma, mas que a gente como professor puder provocar esse aluno, esse educando para uma nova visão de mundo, uma nova maneira de viver o mundo, de pronunciará mundo e de viver o mundo. Então na verdade eu penso assim, o Educador Musical ele vai tem que ter esse compromisso com o que ele está fazendo. Acreditar no que ele está fazendo. Então pra ele acreditar no que ele está fazendo ele precisa ser um estudioso no que ele faz, ser uma pessoa comprometida com seu metiê, e sobretudo ser um professor que tenha uma escuta e um olhar diferenciado. Isso não quer dizer algo vamos dizer assim, frouxo, não é isso, é um olhar diferenciado para o seu aluno, para aquele contexto, e mostrando pro aluno para aluno que as coisas não são fixas e também não são frouxas, é um mundo líquido, mas não é mundo totalmente... existem regras, existem práticas constituídas na cultura, constituídas institucionalmente, então já temos várias coisas construídas. Mas isso não significa que temos que ir viver numa eterna reprodução que práticas ou de fórmulas que deram certo.

Você veja que, já faz dois anos que eu não dou aula porque estou afastada por conta das minhas funções da pro reitoria e estou fazendo Doutorado. Mas quando for retornar daqui 2 anos eu vou ter 4 anos afastada do ambiente do estágio e do ambiente também docente, de contato diário com os alunos. Eu penso que já vai ser um outro momento de outras mediações, outros questionamentos, por que de uma certa forma a sociedade ela caminha numa velocidade muito grande e cada dia que passa novas necessidades vão sendo geradas por essa sociedade capitalista, sociedade consumista. Então cabe também ao professor, queira abraçar esse caminho, vou falar assim, e mostrar para o aluno que a sua ação sobre o docente ela tem que ser no mínimo, que desperte nele uma curiosidade, que desperte nele uma mudança de comportamento, que desperte nele uma perturbação, vou falar assim, no sentido positivo de querer criar, formular, fazer diferente. Quando a gente fala assim, parece que “Nossa a gente precisa ser o tempo todo diferente!” mas não é isso, é a gente ter a percepção que cada grupo é um grupo, cada realidade é uma realidade. E as vezes, por exemplo, o meu aluno quando eu estou falando em voltar, eu vou sentir uma diferença, porque cada época também tem uma maneira diferente. Só que as bases do conhecimento, as bases teóricas, as bases do conhecimento mesmo, se você tem, você consegue ter essa autonomia e essa sensibilidade e esse desenvolvimento dessa escuta sensível, desse olhar sensível. Então assim, é um constante aprendizado, não existe forma mas eu pensão assim, pelo que eu conheço os freirianos que são pessoas extremamente engajadas e que vamos dizer assim, comprometidas com a transformação da sociedade então são pessoas muito dispostas e entregues no seu ofício, seja como Educadora da terra, seja como educadora da Saúde, porque Paulo Freire está em vários campos de conhecimento, da música, da arte... mas geralmente são pessoas que acreditam na

educação, acreditam no seu aluno e acredito que aquele trabalho que é feito pode transformar a sociedade.

Nesse sentido mostrando pro aluno que ele é capaz de ser um agente formulador, de criar ideias, de criar práticas novas e de criar modelos novos. Todos nós somos capazes, às vezes, criar algo que vai... o mundo é transformado a cada momento né... as realidades são transformadas a cada momento, nós temos que temos objetivos, temos que ter um objetivo traçado, um planejamento estratégico a médio, curto e longo prazo, às vezes, aquele aluno, às vezes, aquela geração quando trabalho com escola. Pois as vezes, nesse momento ainda falta estrutura, falta professor, falta condições de trabalho, mas eu posso ir aos poucos conquistando meu espaço, ir aos poucos caminhando numa perspectiva positiva. Porque a gente se depara com várias dificuldades, mas se a gente não tiver essa postura de autonomia e de críticas a gente vai estar sempre esperando o outro fazer por nós. E sempre tendo uma postura acrítica no sentido de que a gente não consegue enxergar que a gente faz parte desse processo e que as dificuldades momentâneas ou as questões que se põe hoje são produtos do contexto histórico, do contexto cultural, do contexto social, do contexto econômico, então daí precisamos ter um novo conhecimento.

Então é o círculo virtuoso, por que é aquela história, de que o professor tem que ter, o professor educação musical ele tem que ter esse motivo não só desse conhecimento musical, das práticas musicais, dos instrumentos musicais que a gente se envolve de uma forma mágica com nosso contexto da prática musical. Mas precisamos também conhecer esses outros contextos, outros campos de conhecimento que nos auxiliem também como que o nosso lugar, com que a gente ache o nosso lugar no mundo. Autonomia passa por essa descoberta, então quem sou eu, o que estou fazendo aqui, que é o drama existencialista, quais são as minhas perspectivas para o futuro, pra onde vou porque...porque exatamente, não temos certeza de nada mas podemos ao mesmo tempo, a partir dessa atitude, desse paradigma traçar alguns caminhos que vão sendo trilhados e vão sempre construídos, reconstruídos, reconfigurados, sempre em processo de construção e aprimoramento. Tem que ser por aí, não dá para separar o crítico do autônomo vamos dizer assim, da figura humana nesse contexto amplo. Sobretudo o que eu falei na questão do comprometimento com que se faz, então se o professor ele consegue, se ele tem, Paulo Freire fala muito, a questão do exemplo. Como é que o professor vai exigir pontualidade se ele não é pontual, como é que ele vai exigir certas questões que ele não consegue demandar, então, a gente precisa o diálogo, ele é muito importante... as mediações...o professor precisa também saber os seus limites naquele momento e os limites dos alunos. Você tem expectativa muito grande com aquele aluno e às vezes ele, não é que ele não quer, mas naquele momento ele não tem condição. Então você tem que rever... “Não...então vamos reavaliar esse plano de estágio” e vamos realinhar e reconduzir e reconstruir o processo. E também é um processo extremamente rico porque o professor também tem que estar sempre reconstruindo o seu planejamento, reconstruindo o seu percurso porque também a gente também a gente queria enquanto docente, expectativas em relação aos alunos. Às vezes uma turma extrapolam os nossos planejamentos e vai além das discussões de uma forma com mais textos, e outros mal conseguem trabalhar o que foi planejado, então esse pensamento autônomo e crítico ele vem com todo esse entorno, não é uma coisa estante, é uma atitude complexa que tem haver com uma forma de pensamento. É um paradigma que se segue e às vezes inconscientemente mas com certeza faz parte do *habitus* que é essa história de vida de cada um.

Apêndice P_ Termo de Anuênciâa da Pesquisa_ EMAC/UFG



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Música



TERMO DE ANUÊNCIA

A Escola de Música e Artes Cênicas está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**, pela mestranda Priscilla Harumi Shiozawa, turma 2015, sob a orientação da Profª. Drª. Nilceia Protásio Campos, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Música da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa: Música, Educação e Saúde.

Esta pesquisa visa abordar a importância e as contribuições que o Estágio Supervisionado para a formação docente dos licenciandos em Música na Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Para tanto, serão realizadas entrevistas ao corpo docente e/ou discente desse curso, assim como serão analisados relatórios de estágio arquivados na unidade acadêmica.

Paralelamente a essa solicitação, pedimos autorização para apresentar o nome da EMAC/UFG no relatório final da pesquisa, assim como em demais publicações como artigos científicos e a própria dissertação desta pesquisa. Faz-se necessário dizer que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que regulamenta a pesquisa com seres humanos. Nesse sentido, afirmamos que esses dados serão utilizados apenas para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração desta Instituição, antecipamos nossos agradecimentos pela atenção recebida, estando à disposição para maiores esclarecimentos.

Goiânia, 26 de outubro de 2015.

Drª. Ana Guiomar Rego Souza
Diretora da Escola de Música e Artes Cênicas
EMAC/UFG

Profª. Ana Guiomar Rego Souza
Diretora
Escola de Música Artes Cênicas - UFG

Apêndice Q_ Termo de Compromisso



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Música

**TERMO DE COMPROMISSO**

Declaro que cumprirei os requisitos da *Resolução CNS n.º 466/12*, e suas complementares, como pesquisadora responsável e/ou pesquisadora participante do projeto intitulado **“O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS”**. Comprometo-me a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo da pesquisa acima referido e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

Goiânia, 26 de outubro de 2015.

Pesquisadora responsável Priscilla Harumi Shiozawa

Pesquisadora coparticipante e orientadora: Dr^a. Nilcécia Protásio Campos

Apêndice R_ Termo de Consentimento dos professores Orientadores_ EMAC/UFG



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/CEP**



**COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você, professor/docente está sendo convidado a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico, intitulada: **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**, que tem como objetivo abordar a importância e as contribuições do Estágio Supervisionado para a formação docente dos licenciandos em Música na Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da Universidade Federal de Goiânia (UFG).

Fica esclarecido que, por se tratar de uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o professor entrevistado não terá direito a remuneração, podendo desistir de sua participação a qualquer momento sem penalidade. O preenchimento deste questionário não implicará qualquer risco, sabendo que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em momento algum, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma, preservando o anonimato do participante de forma ética.

Ressalta-se que os registros ficarão de posse do pesquisador pelo período de 5 (cinco) anos, garantindo assim, a utilização dos referidos dados coletados apenas para esta pesquisa e não serão armazenados para estudos futuros, sendo, ao final deste período, incinerados. Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, Priscilla Harumi Shiozawa, nos telefones: (62) 3091 2745 / (62) 9184 7412. As ligações para a pesquisadora poderão ser realizadas a cobrar (90 + 90 + n° do telefone)

A coleta de dados para a pesquisa será desenvolvida através da aplicação de entrevistas, realizadas em dias e horários pré-agendados com cada professor participante, podendo ocorrer de forma presencial ou virtual. As entrevistas serão gravadas em áudio para uma posterior análise; garantindo-se privacidade e confidencialidade das informações; sendo realizada pela mestranda Priscilla Harumi Shiozawa, turma 2015, sob a orientação da Profª. Drª. Nilceia Protásio Campos,

Comitê de Ética em Pesquisa/CEP

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG-UFG, Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1,
Campus Samambaia (Campus II) - CEP:74001-970, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215.
E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* – Mestrado em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, na linha Música, Cultura e Sociedade.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,
RG/CPF. _____ abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa intitulada **O Estágio Supervisionado e a formação de professores de Música na Universidade Federal de Goiás**. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora Priscilla Harumi Shiozawa sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvido, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meus consentimentos a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local: _____ . Data ____ / ____ / ____.

Assinatura do professor participante

Pesquisadora responsável: Priscilla Harumi Shiozawa

Pesquisadora coparticipante e orientadora: Dra. Nilcéia Protásio Campos

Comitê de Ética em Pesquisa/CEP

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG-UFG, Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1,
Campus Samambaia (Campus II) - CEP:74001-970, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215.
E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



**COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)**

Você, estagiário, maior de 18 anos ou emancipado, está sendo convidado a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico, intitulada: **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**, que tem como objetivo abordar a importância e as contribuições do Estágio Supervisionado para a formação docente dos licenciandos em Música na Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da Universidade Federal de Goiânia (UFG).

Fica esclarecido que, por se tratar de uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o estagiário entrevistado não terá direito a remuneração, podendo desistir de sua participação a qualquer momento sem penalidade. Acredita-se que os riscos por participação serão mínimos, pois esta pesquisa não visa adotar nenhum procedimento invasivo ou medicamentoso, portanto, não incorrendo em risco à sua integridade física. Os riscos serão minimizados, pois a pesquisadora autora deste estudo buscará de forma qualificada, ética, sigilosa, preservar o anonimato e a privacidade de cada participante.

Ressalta-se que os registros ficarão de posse do pesquisador pelo período de 5 (cinco) anos, garantindo assim, a utilização dos referidos dados coletados apenas para esta pesquisa e não serão armazenados para estudos futuros, sendo, ao final deste período, incinerados. Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, Priscilla Harumi Shiozawa, nos telefones: (62) 3091 2745 / (62) 9184 7412. As ligações para a pesquisadora poderão ser realizadas a cobrar (90 + 90 + n° do telefone)

A coleta de dados para a pesquisa será desenvolvida através da aplicação de entrevistas, realizadas em dias e horários pré-agendados com cada estagiário participante, podendo ocorrer de forma presencial ou virtual. As entrevistas serão gravadas em áudio para uma posterior análise; garantindo-se privacidade e confidencialidade das informações; sendo realizada pela mestrandra Priscilla Harumi Shiozawa, turma 2015, sob a orientação da Profª. Drª. Nilceia Protásio Campos,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/CEP**



no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* – Mestrado em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, na linha Música, Cultura e Sociedade.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/CPF. _____, maior de 18 anos ou emancipado, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa intitulada **O Estágio Supervisionado e a formação de professores de Música na Universidade Federal de Goiás**. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora Priscilla Harumi Shiozawa sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meus consentimentos a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local:_____ . Data_____/_____/_____.

Assinatura do estagiário participante

Pesquisadora responsável: Priscilla Harumi Shiozawa

Pesquisadora coparticipante e orientadora: Dra. Nilcéia Protásio Campos

Comitê de Ética em Pesquisa/CEP Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG-UFG,
Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1, Campus Samambaia (Campus II) - CEP:74001-970,
Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215.
E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com

ANEXO

Regulamento do Estágio Supervisionado dos Cursos de Música

1

REGULAMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DOS CURSOS DE MÚSICA - LICENCIATURA - HABILITAÇÕES EDUCAÇÃO MUSICAL, ENSINO DO INSTRUMENTO E ENSINO DO CANTO DA ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - UFG

INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Obrigatório, componente dos cursos de graduação no Brasil (Resolução CNE/CP nº 02/2002), configura-se como primeira aproximação formal do licenciando com o seu campo de atuação profissional, visando à interação entre universidade e organizações do mundo do trabalho e pressupõe o diálogo entre teoria e prática.

O futuro educador deve observar o cenário escolar em suas dimensões plurais, levando em consideração a realidade local onde a escola está situada bem como o referencial cultural dos seus alunos, afim de que venham a desenvolver os seus respectivos potenciais no processo de ensino-aprendizagem.

A estrutura de funcionamento do Estágio Curricular Obrigatório requer o envolvimento de todas as partes no processo. Desde a formulação das normatizações das leis que devem regulamentar todas as fases do processo, passando pela escolha dos campos que traduzem a importância do esforço coletivo por parte dos coordenadores, dos professores orientadores e dos professores supervisores para a melhor formação profissional dos estagiários. É por essa perspectiva que o estágio se constitui em componente curricular de caráter teórico-prático, cuja principal finalidade é proporcionar aos alunos a aproximação com a realidade profissional, com vistas à compreensão do social e do cultural, ao aperfeiçoamento técnico e pedagógico, no sentido de preparar o aluno para o exercício da profissão e da cidadania.

Por outro lado, como a formação acadêmica exige uma postura investigativa, o Estágio é uma boa oportunidade para o discente atentar para os acertos e desacertos, dilemas e conflitos, inerentes os campos de atuação profissional, os quais refletem e refratam a própria sociedade. Trata-se de problematizar o campo e sua própria experiência nos espaços de educação; aliar, em outras palavras, a prática pedagógica à pesquisa, contribuindo, sem dúvida, para a construção do perfil profissional que se espera do egresso: um professor ético, crítico, reflexivo e investigador.

A presente proposta de Estágios Curriculares Obrigatórios objetiva dar continuidade e normatizar de forma clara todos os procedimentos necessários ao bom andamento dos estágios na unidade EMAC – UFG e dentro do Curso de Música – Licenciatura - Habilitação Educação Musical, Habilitação Ensino do Instrumento Musical e Habilitação Ensino do Canto, no que diz respeito a uma melhor preparação para o campo, bem como a uma maior interação com a pesquisa, com a extensão e com os conteúdos que integram os eixos de formação musical e pedagógica dos estagiários.

Conforme a Resolução CNE/CP 2 (19/02/2002), o Estágio Curricular Obrigatório é componente obrigatório do currículo de formação de docentes da Educação Básica, devendo ser oferecido em um mínimo de 400 horas.

Na matriz curricular do Curso de Música – Licenciatura proposto pelo Projeto Pedagógico de Curso, Educação Musical, Ensino do Instrumento Musical e Ensino do Canto -

os estágios acontecem a partir do 4º semestre, integralizando 416 horas, distribuídas entre disciplinas de preparação para o campo e atividades em campo.

Estas atividades de estágio nos campos são desenvolvidas em instituições conveniadas com a UFG, em escolas de ensino de Educação Básica, em espaços alternativos de educação e em escolas de ensino específico de música.

Na EMAC/UFG, o Estágio Curricular Obrigatório é regido por este regimento, onde é previsto que a atuação discente ocorra nas formas de observação, de intervenção e de exercício docente, sendo imprescindível o preenchimento dos formulários, bem como a entrega de todos os documentos previstos nas disciplinas.

CAPÍTULO I DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

Seção I

Art. 1º- Os Estágios Curriculares Obrigatórios dos alunos matriculados no Curso Música – Licenciatura - Habilitação Educação Musical, Habilitação Ensino do Instrumento Musical e Habilitação Ensino do Canto da Escola de Música e Artes Cênicas, obedecerão as presentes normas.

Art. 2º - O Estágio Curricular Obrigatório é componente curricular de caráter teórico-prático que tem como objetivo principal proporcionar aos alunos a aproximação com a realidade profissional docente, com vistas ao aperfeiçoamento pedagógico de sua formação acadêmica no sentido de prepará-lo para o exercício da profissão e da cidadania.

Art. 3º- O Estágio Curricular Obrigatório constitui-se de uma atividade que privilegia o diálogo crítico com a realidade profissional e favorece a articulação ensino-pesquisa-extensão.

Art. 4º - O estágio Curricular Obrigatório possui uma normatização legal e institucional que deverá ser seguida na íntegra (*site* da UFG – PROGRAD - ESTÁGIOS). O não cumprimento de quaisquer itens da legislação – DOCUMENTOS e FORMULÁRIOS, bem como os prazos estipulados para a entrega dos mesmos junto a Coordenação de Estágios do referido Curso (**15 dias úteis**), implica diretamente no desligamento do estagiário na respectiva disciplina de estágio.

Art. 5º - O desligamento do estagiário da disciplina de Estágio deverá ser comunicado por escrito ao aluno pela Coordenação de Estágio do curso. É terminantemente proibido que o estagiário frequente os campos de estágio sem que a documentação esteja autorizada pelas partes responsáveis: EMAC e Campo conveniado concedente.

Art. 6º - Todos os campos devem obrigatoriamente ter este deve estar vinculado à instituição conveniada. Somente às disciplinas de Estágio Supervisionado 1, 2 e 3 é possibilitado a supervisão de outra ordem, desde que acordado com o orientador e ou coordenador de estágio da EMAC.

Art. 7º - O estagiário não pode em momento algum desenvolver as atividades de estágio sem a presença do supervisor de estágio.

3

Art. 8º - A frequência e a carga horária desempenhada pelo estagiário deverão ser registradas através do Formulário para Controle de Presença e assinadas pelo supervisor ou orientador.

Art. 9º - As atividades extracurriculares, tais como: planejamentos com supervisores, conselhos de classe, reunião de pais, reuniões de planejamento coletivo, festas ou comemorações, atividades interdisciplinares, dentro ou fora do ambiente escolar, devem ser devidamente autorizadas e assinadas pelo supervisor ou orientador, a fim de contar como atividade de estágio.

Art. 10º - Todas as disciplinas de estágio compreendem as atividades de observação, intervenção e exercício docente.

Art. 11º - Todas as disciplinas de estágios resultam em uma apresentação musical ao final do período, na qual os trabalhos musicais realizados devem ser avaliados e obrigatoriamente deverão ter a presença do orientador, do supervisor e do coordenador de estágio.

Art. 12º - Todos os estagiários devem obrigatoriamente participar dos Seminários de Estágio na EMAC - UFG.

Art. 13º - Os estágios podem acontecer em instituições conveniadas que devem atender diferentes faixas etárias em diversos segmentos educacionais: Educação Infantil, Educação Especial, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino de Jovens e Adultos (EJAs) ou Ensino para a Terceira Idade.

Art. 14º - O aluno deverá cumprir seis semestres de Estágio no curso de Música – Licenciatura. Na habilitação Educação Musical o aluno deve obrigatoriamente passar, no mesmo segmento de ensino, dois semestres consecutivos no CEPAE. É obrigatório que o segmento de ensino cursado no CEPAE seja diferente dos já cursados anteriormente em outras instituições. Nas habilitações Ensino do Instrumento Musical e Ensino do Canto o aluno deverá passar um semestre em Projeto Social, um semestre em Grupos Musicais – Banda, Coral, Conjunto de Instrumentos, dentre outros, na Educação Básica, e dois semestres em instituição de ensino específico de música.

CAPÍTULO II

DAS DISCIPLINAS E CARGAS HORÁRIAS

Seção II

Art. 15º - A carga horária de estágio no campo deverá ser cumprida em sua totalidade. Quando o estagiário, por motivos justificados, precisar faltar, deverá oportunamente repor a carga horária faltosa.

Art. 16º - As disciplinas de Estágio Supervisionado do Curso Música – Licenciatura - Habilitação Educação Musical, Habilitação Ensino do Instrumento Musical e Habilitação Ensino do Canto são ministradas em dois momentos, a saber: Momento 1 - Parte Teórica: encontros presenciais semanais com o professor orientador na EMAC; Momento 2 - Parte Prática: frequência e atuação nos campos de estágio conveniados.

4

I - Estágio Supervisionado 1 é a disciplina que envolve a preparação para o campo e constitui-se de Campos de Estágio e Aspectos Ético-Profissionais (CH 32). Ela visa preparar o discente para a atuação em campo de estágio. Neste momento, o discente dedica-se, principalmente, a visitar campos de estágio e realizar atividades de observação e intervenção em forma de Oficinas. A carga horária de 32 horas é distribuída da seguinte maneira: 16 horas em sala de aula na EMAC e 16 horas em campos de estágio.

II - Estágio Supervisionado 2 e 3 são as disciplinas que envolvem a atuação em Espaços Alternativos de Educação (CH 64 para cada uma delas). Visam preparar o aluno para atuação profissional em espaço não formal de ensino. Por se tratar de espaços onde os processos de educação não se encontram regulamentados por disposição legal, a liberdade de atuação discente é maior que nas disciplinas de Estágio Supervisionado 4, 5, e 6, ampliando-se, por consequência, as possibilidades de inovação. Trata-se de *locus* privilegiado de acesso ao ensino musical e que propicia a inclusão social, caracterizado pela experimentação. Esta particularidade decorre da falta de professores atuantes no setor, não existindo currículos e/ou planos de curso pré-estabelecidos, por causa da sua natureza dinâmica e de pluralidade diversificada. Frente a essa situação, o professor-orientador da EMAC-UFG atua, quando necessário, como supervisor e elabora, em conjunto com os alunos, um projeto de intervenção pedagógico-musical para cada espaço. O projeto baseia-se em diagnose realizada previamente pelo Coordenador e pelo Professor de Estágio. A partir do diálogo com os dirigentes das entidades, estes decidem quais atividades e conteúdos são mais adequados para o espaço em questão: musicalização, violão, teclado, percussão, coral, banda, dentre outros. As disciplinas de Estágio de 64 horas são distribuídas da seguinte maneira: 32 horas em sala de aula na EMAC e 32 no campo de estágio.

III - A disciplina Estágio Supervisionado 4: Espaços Formais (CH 64), dedica-se a preparação do discente para o conhecimento e compreensão da estrutura e funcionamento de espaços formais de ensino. A carga horária de 32 horas é distribuída da seguinte maneira: 16 horas em sala de aula na EMAC e 16 horas em campos de estágio.

IV – As disciplinas de Estágio Supervisionado 5 e 6 (CH 96) na habilitação Educação Musical destinam-se aos discentes que atuarão nas escolas de Educação Básica. As disciplinas de Estágio de 96 horas serão distribuídas da seguinte maneira: 32 horas em sala de aula na EMAC e 64 no campo de estágio. O processo envolve os seguintes passos: observação, intervenção e exercício docente. O estagiário observa o professor supervisor e escreve suas reflexões a partir de todo o processo pedagógico desenvolvido. Prepara seu planejamento e discute com os professores, orientador e supervisor, sua intervenção pautada no projeto de estágio. Nas atividades seguintes, o estagiário atua em sala de aula junto aos professores supervisores, auxiliando-o ou atuando em exercício docente. Desenvolve atividades elaboradas nas disciplinas de estágio da EMAC preparando o seu plano de aula e aplicando-o no campo de estágio.

V– As disciplinas Estágio Supervisionado 5 e 6: Espaço Escolar Específico de Ensino da Música (CH 96) e (CH 96 cada uma delas) nas habilitações Ensino do Instrumento Musical e Ensino do Canto são voltadas para a atuação em Espaços Especializados de Ensino Musical, tais como, Escolas e/ou Conservatórios de Música, Oficinas e Projetos. As disciplinas de Estágio de 96 horas serão distribuídas da seguinte maneira: 32 horas em sala de aula na EMAC e 64 no campo de estágio. O processo envolve os seguintes passos: observação, planejamento, intervenção e exercício docente. O estagiário observa o professor supervisor e

5

escreve suas reflexões a partir da descrição e de comentários. Na descrição, o estagiário relata rigorosamente todos os momentos vivenciados na aula observada, e nos comentários faz reflexões sobre a aula assistida. Nas etapas seguintes, o estagiário atua em sala de aula junto ao professor supervisor, desenvolvendo atividades propostas pelo professor e assessorando-o no que for necessário. Prepara o seu plano de aula com o conteúdo previamente discutido com o supervisor e com o orientador e o aplica em campo de estágio. É importante destacar a especificidade deste campo de estágio: trata-se de aulas de instrumento ou canto, as quais, na maioria dos casos, são ministradas individualmente visando à formação de futuros músicos instrumentistas ou cantores. Não obstante, desde que se tenha à disposição espaços adequados, como laboratórios de teclado, ou que a instituição possa oferecer instrumentos suficientes para atender um grupo de alunos, o estágio pode ser pensado em termos de aula coletiva.

Art. 17º - A carga horária do estágio curricular é de 400 (quatrocentas) horas aulas para alunos que não comprovam experiência profissional em docência (ensino) ou que atuam em disciplina que não seja de Artes ou Teatro.

Art. 18º - Para professores leigos – profissionais que atuam em docência (ensino) em disciplina de Arte ou Teatro sem a formação na área, a carga horária do estágio supervisionado pode ser reduzida em até 200 (duzentas) horas.²⁶

Art. 19º - Alunos que comprovam formação em licenciatura em outra área, não têm o direito de reaproveitamento desta disciplina²⁷. Para professores formados que trabalham em ensino, as regras encontram-se no parágrafo anterior.

Art. 20º - O estágio curricular em instituições de ensino da rede pública não deve interferir nas horas de estudos dos alunos. Não podendo ultrapassar às 40 horas semanais²⁸.

Art. 21º - O cumprimento da carga horária do estágio curricular não poderá coincidir com o horário de trabalho na instituição em que o acadêmico (estagiário) tem vínculo empregatício. O estagiário poderá cumprir suas horas de estágio onde trabalha mediante comprovação (por meio de carta do diretor ou do coordenador) em horários diferentes das horas de trabalho.²⁹

Art. 22º - A identificação de fraude no cumprimento da carga horária das horas atividades para o cumprimento do estágio cabe reprovação. Devendo, após a notificação do ocorrido, o estagiário refazê-lo no semestre em que for oferecido pelo curso.

Seção III UNIDADE CONCEDENTE

²⁶Observar as orientações da coordenação.

²⁷Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG

²⁸Previstas na lei 11.788

²⁹O aluno não poderá desenvolver o estágio curricular nas turmas em que ministra aulas.

6

Art. 23º -Entende-se por Unidade Concedente as Escolas de Educação Básica, as Escolas de Ensino Específico de Música, as Instituições ligadas ao Terceiro Setor – espaços alternativos e Projetos que desenvolvem atividades específicas de música. Para qualificarem-se como Unidade Concedente, as instituições deverão firmar convênio com o Setor de Estágios da UFG, observando as normas da UFG.

Art. 24º - À Concedente do Estágio Supervisionado, compete:

I - Firmar convênio com o Setor de Estágios da UFG.

II - Firmar com o orientador de estágio o Termo de Compromisso de Estágio Supervisionado, com a interveniência obrigatória da EMAC;

III - Designar o Supervisor de Estágio Supervisionado para dar a assistência necessária ao estagiário;

IV - Informar ao estagiário as normas da escola/instituição, seus planejamentos, planos de curso e outras atividades pedagógicas ou artísticas extraclasse, bem como, apresentações públicas e recitais que necessitem da presença do estagiário. Deve-se respeitar o horário definido pelo estagiário para o cumprimento das atividades de estágio nos campos conveniados.

V - Assegurar ao estagiário todas as condições necessárias para a plena realização de seu Estágio Supervisionado incluindo disponibilizar materiais e recursos didáticos, além de permitir filmagens e registros do exercício docente para fins acadêmicos;

VI – Participar das atividades de preparação e avaliação de estágio junto à universidade, a fim de melhorar as condições necessárias ao bom funcionamento das atividades de estágio.

VII - Comunicar à Coordenação do Estágio quaisquer alterações dos horários dos estagiários e do Plano de Estágio apresentado pelo estagiário;

VIII - Comparecer nas atividades de planejamento e de avaliação quando requisitada pela Coordenação do Estágio da EMAC-UFG, bem como participar das atividades de Seminário e de Recital das disciplinas de Estágio na EMAC - UFG.

IX - Comunicar a coordenação de Estágio, qualquer impossibilidade de funcionamento dos estágios, por quaisquer motivos que possam surgir no decorrer do processo.

CAPÍTULO III

DAS ATRIBUIÇÕES DOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Seção I DO COORDENADOR DE ESTÁGIO

Art. 25º - Compete ao Coordenador de Estágio:

I - Acompanhar e/ou providenciar a escolha dos locais de estágio a serem conveniados;

II - Intervir e suspender, sempre que necessário, o convênio com as Instituições conveniadas;

III - Solicitar o cadastramento dos convênios;

IV - Apoiar e programar ações que envolvam planejamento, acompanhamento e a avaliação das atividades de estágio, bem como divulgá-las;

V - Coordenar o desenvolvimento das atividades de Estágio Supervisionado;

VI – Realizar, em conjunto com o professor orientador, a avaliação final do estagiário;

VII - Promover o debate e a troca de experiências no próprio curso e nos locais de estágio;

VIII - Manter registros atualizados sobre o(s) estágio(s) no respectivo curso.

Seção II DO PROFESSOR ORIENTADOR

Art. 26º - Professor Orientador de Estágio – É o professor que responde pelo estagiário na UFG, efetuando sua preparação e a avaliação no decorrer dos exercícios docentes do estágio no campo. As suas principais atribuições compreendem:

I - Visitar e avaliar a Unidade Concedente, conhecendo o local, o tipo de atividade musical desenvolvida, o Supervisor de Campo de Estágio, as correntes pedagógicas e musicais adotadas e verificar questões de segurança do ambiente onde o estagiário irá exercer suas atividades em campo de estágio.

II - Preparar o aluno para a realização do estágio orientando-o quanto às regras de convívio, posturas profissionais, adequação de linguagem, respeito ao trabalho alheio e ao trabalho de equipe, respeitando às hierarquias dentro do ambiente conveniado, contribuindo para uma formação profissional ética, pedagógica e humanística do estagiário.

III - Acompanhar e orientar o estagiário no desenvolvimento das atividades, compreendendo visita(s) ao local de estágio, reuniões com o Supervisor de Estágio, apoio na elaboração do Relatório Final de Estágio, avaliação de relatórios parciais, e até mesmo interferir, quando necessário, no exercício docente do estagiário.

IV - Assegurar a compatibilidade das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado com o plano de curso;

V - Divulgar datas e horários para avaliação dos relatórios e avaliação das atividades desenvolvidas pelo aluno que estiver para concluir o Estágio;

VI - Promover a avaliação final do estágio, compreendendo reunião com o estagiário, relatório final, avaliação individual e ou conjunta com o Supervisor de Campo de Estágio, dentre outros procedimentos estabelecidos pelas Coordenações de Estágio;

VII – Orientar, acompanhar e realizar as atividades relacionadas ao Recital de Estágio e a apresentação dos resultados nos Seminários de Estágio;

VIII - Propor ou pedir a suspensão dos campos de estágio que não estão atendendo as necessidades dos estágios EMAC – UFG.

Seção III DO SUPERVISOR DE ESTÁGIO DE CAMPO (DA CONCEDENTE)

Art. 27º - Supervisor de Campo de Estágio – É o profissional da Unidade Concedente que efetuará todo o acompanhamento do aluno durante o seu período de estágio, cabendo-lhe as seguintes atribuições:

I - Auxiliar e integrar o estagiário no ambiente de estágio, bem como na execução do Plano de Estágio, onde estarão estabelecidas as atividades a serem desenvolvidas, orientadas, supervisionadas e avaliadas no decorrer do estágio;

II - Fornecer os Planos de Curso e os Planejamentos das Atividades onde o estagiário atuará, oferecendo suporte técnico e pedagógico para a execução dos trabalhos de estágio;

III - Assinar a Lista de Frequência do estagiário no dia de realização da atividade. É proibido assiná-la posteriormente;

IV - Avaliar o desempenho do estagiário conjuntamente com o orientador de estágio e/ou com coordenador de estágio da EMAC por meio de instrumento próprio fornecido pela Coordenação de Estágio da EMAC;

8

V - Manter-se em contato com o Professor Orientador de Estágio e/ou Coordenador de Estágio, comunicando, sempre que necessário, alguma dificuldade percebida no estagiário ou do processo de exercício docente durante o período de formação;

VI - Comparecer as reuniões pedagógicas, no Recital de Estágio e também no Seminário de Estágio na EMAC a fim de contribuir, redimensionar e avaliar a parceria estabelecida;

VII - Comunicar ao professor orientador e ou coordenador de estágio da EMAC quando as atividades de estágios não puderem ser desenvolvidas nos dias e horários determinados;

VIII - Nunca deixar o estagiário sozinho para a realização dos estágios.

Seção IV DO ALUNO ESTAGIÁRIO

Art. 28º - Ao aluno, enquanto estagiário, cabem as seguintes atribuições:

I - Participar das disciplinas elencadas, possuindo no mínimo 75% de frequência da disciplina da EMAC;

II - No campo de estágio, a falta justificada terá que ser reposta em outra ocasião, de comum acordo com o supervisor e com a ciência do orientador. A não integralização da carga horária total no campo de estágio acarretará em reprovação automática na disciplina;

III - Participar das orientações de estágio promovida pelo Professor Orientador e pelo Professor Supervisor;

IV - Acatar as sugestões do Professor Orientador e do Professor Supervisor para a atuação no ambiente de Estágio;

V - Providenciar a documentação de estágio devidamente preenchida e assinada pelas partes envolvidas no estágio. Entregar para o professor orientador no prazo máximo de 15 dias úteis;

VI - Firmar o Termo de Compromisso de Estágio com a Unidade Concedente e/ou Agente de Integração, com a interveniência obrigatória da EMAC;

V - Elaborar e apresentar o Plano de Estágio submetendo-o à apreciação do Professor Orientador e/ou Coordenador de Estágio;

VI - Elaborar os Relatórios de Estágio, Planos de Aulas, Projetos de estágio, Relatos de experiências e ou outras atividades solicitadas pelo orientador de estágio, em todas as disciplinas de Estágio;

VII – Comprovar, com as devidas listas de frequência dos campos conveniados, todas as atividades realizadas;

VIII - Apresentar ao Professor Orientador e/ou Coordenador de Estágio, Relatório Final de seu Estágio Profissional Obrigatório encadernado;

IX - Participar dos Recitais de Estágios e dos Seminários de Estágios, apresentando os resultados escritos e os resultados musicais;

X - Descrever e registrar as atividades extras desenvolvidas no campo de estágio, a partir de formulário próprio;

XI - Acatar as normas da instituição em que exerce o estágio;

XII – Solicitar ao professor orientador ou à coordenação de estágio a mudança de local de estágio, mediante justificativa, quando as normas estabelecidas e o planejamento do estágio não estiverem sendo seguidos;

XIII - Ter conduta ética e respeitosa com todas as partes envolvidas no estágio;

XIV - Não entrar em confronto e nem tomar nenhuma atitude que prejudique o bom andamento do estágio, com nenhum aluno do campo, por motivo algum. Sempre recorrer às

instâncias destinadas ao esclarecimento dos fatos: professor supervisor, coordenador pedagógico ou diretor.

XV - Preparar, estudar, elaborar, discutir e atender as solicitações dos orientadores e supervisores de estágio cumprindo os prazos previamente acordados.

XVI - Não faltar aos estágios, às aulas de exercício docente ou às atividades sob sua responsabilidade.

CAPÍTULO IV

DO DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Seção I DO TERMO DE COMPROMISSO

Art. 29º - O Estágio Supervisionado será precedido do convênio com a UFG e da assinatura do Termo de Compromisso entre o aluno-estagiário e a Concedente, antes da assinatura do coordenador de estágio. Cabe ao estagiário coletar as assinaturas e entregar o Termo de compromisso ao Professor Orientador.

Seção II DO PLANO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 30º- O Plano de Estágio Supervisionado, elaborado nos termos deste Regulamento, deverá ser submetido ao Professor Orientador e/ou Coordenador de Estágio para análise e aprovação.

Art. 31º – O Plano de Estágio Curricular Supervisionado consiste no detalhamento de como será realizado o estágio no campo específico, demonstrando os objetivos, a metodologia, o cronograma a ser desenvolvido, especificando claramente quais são as fases que estão sendo realizadas: observação, intervenção e exercício docente. O relatório de Estágio pode ser substituído por um Relato de Experiência publicado em eventos da área, que tratem da temática desenvolvida nos campos de estágio, desde que o co-autor seja o professor orientador de estágio.

Seção III DO RELATÓRIO

Art. 32º - O relatório deve conter:

I. Capa, Folha de Rosto, Índice, Introdução, Desenvolvimento, Conclusão e/ou Considerações Finais, Referências Bibliográficas, Anexos e outros;

II. O relatório deve obedecer a um roteiro previamente aprovado pelo professor orientador e ser fundamentado na redação com os conhecimentos adquiridos e construídos durante o curso, nas vivências e pesquisas nos campos de estágio, nas referências bibliográficas das disciplinas de Estágio ou em bibliografias que vêm motivando as ações pedagógicas e educativas do estágio nos campos conveniados;

10

- III. Os Planos de Aulas devem ser anexados ao Relatório de Estágio;
 IV. O aluno concluinte deverá retirar na Coordenação de Estágio todos os relatórios anteriores e encaderná-los juntos para a versão final - Relatório Final de Estágio.

Seção IV DA AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 33º - Serão consideradas na avaliação das atividades desenvolvidas pelo estagiário:

- I. A compatibilidade das atividades desenvolvidas no estágio com o plano do curso e com o Plano de Estágio das disciplinas de estágio;
- II. A qualidade, eficácia e responsabilidade na realização das atividades pedagógicas de preparação e de realização do exercício docente;
- III. A capacidade inovadora e ou criativa demonstrada através das atividades planejadas, executadas e avaliadas;
- IV. O comprometimento com os horários e com a assiduidade;
- V. A capacidade de adaptar-se socialmente ao ambiente e às pessoas, levando em consideração a diversidade cultural e social de cada espaço de atuação.

Art. 34º – A avaliação do aluno se dará da seguinte forma:

- I. Realização das atividades trabalhadas nas disciplinas de estágio – EMAC;
- II. Avaliação do Relatório escrito das disciplinas de estágio;
- III. Apresentação do relatório em forma de seminário;
- IV. Apresentação do Recital realizado no campo de estágio e/ou na EMAC, em acordado com a coordenação de Estágio da EMAC;
- V. A avaliação será feita pelos responsáveis pelo estágio: professores orientadores e/ ou supervisores e coordenador de estágio da EMAC.

Seção V ESTÁGIO CURRICULAR NÃO OBRIGATÓRIO

Art. 35º – Esta modalidade de estágio não é considerada disciplina da matriz curricular, não complementa horas aulas curriculares e não comprova as 200 (duzentas) horas de atividades complementares para a integralização do curso. Esta modalidade de estágio possibilita a atuação por tempo limitado dos estudantes em trabalhos remunerados, sem ultrapassar a carga horária de 20 (vinte) horas aulas semanais. Os estágios curriculares não obrigatórios são regulamentados pela UFG e se realizam com autorização da coordenação de Estágio. Acontecem nos cursos de Licenciatura a partir do segundo período do Curso.

- I. Em relação ao estágio não obrigatório realizado na UFG via edital, informamos que os estagiários têm direitos e deveres. Dentre os deveres, o de cumprir os horários e assinar diariamente o Controle de Frequência; entregar os Relatórios de Atividades Bimestrais à PROGRAD; justificar faltas. Quanto aos direitos, podem ter férias proporcionais aos dias estagiados e redução da carga horária pela metade nos dias de prova.
- II. A desistência ou desligamento do estagiário que atua no estágio não obrigatório deverá ser comunicado, via formulário de desistência, imediatamente ao DP e à PROGRAD, evitando que seja gerada uma Guia de Recolhimento para a devolução à União de valores recebidos indevidamente.

11

III.O aluno que concluiu o curso e que tenha todas as disciplinas integralizadas deve ser desligado do estágio não obrigatório, via memorando encaminhado à PROGRAD e ao DP. O vínculo do aluno com a UFG acaba com a integralização das disciplinas e não na colação de grau. O novo RGCG, Resolução CEPEC Nº. 1122 prevê no artigo 113 que: “fica vedado ao estudante com currículo integralizado efetuar matrícula no semestre letivo seguinte no mesmo curso.”

IV.O estágio não obrigatório, de acordo com o RGCG (artigo 14 parágrafo 1º), não é considerado atividade complementar.

V.O estágio não obrigatório não equivale ao estágio curricular obrigatório.

VI. O estágio não obrigatório realizados em empresas, órgãos públicos e outras IES, de acordo com o IRCG (artigo quarto parágrafo primeiro) não é considerado atividade complementar e não equivale ao Estágio Curricular Obrigatório.

CAPÍTULO V DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 36º -Nos termos da Lei, o Estágio Curricular Obrigatório não cria vínculo empregatício.

Art. 37º -O estagiário deverá estar segurado contra acidentes pessoais (Documentação e Termo de Compromisso devidamente preenchidos e assinados). (Observar todos os anexos deste caderno).

Art. 38º -Os casos omissos serão resolvidos pelo Diretor da Unidade de Ensino e/ou o Coordenador de Estágio, de acordo com as resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura – CEPEC e/ou ouvidas às orientações da Coordenação de Estágios da PROGRAD-UFG, no que couber.

Goiânia, 19 de fevereiro de 2013.

Comissão de Reformulação do Regulamento de Estágios da EMAC-UFG – 2013

Profa. Ms. Adriana Oliveira Aguiar (Presidente)

Profa.Dra. Fernanda Albernaz do Nascimento

Profa. Ms.Flavia Maria Cruvinel

Professora Dra. Nilceia Protásio

Professor Dr. Robervaldo Linhares

Professora Dra. Marília Álvares